



THRITY UMRIGAR

# A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

R O M A N C E



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





THRITY UMRIGAR

# A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

ROMANCE



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

THRITY UMRIGAR  
A DISTÂNCIA  
ENTRE NÓS

R O M A N C E



PAULO ANDRADE LEMOS

T R A D U Ç Ã O

3ª impressão



Título original: THE SPACE BETWEEN US

Copyright 02005 by Thrity Umrigar. Publicado por acordo com  
Harper Collins

Publishers mc.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDI-

TORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bamhina, 25 — Botafogo — 2225 1-050 Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 2131-1111 — Fax: (21) 2286-6755  
<http://www.novafronteira.com.br>

e-mail: [sac@novafronteira.com.br](mailto:sac@novafronteira.com.br)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

1J43d Umrigar, Thrity N.

A distância entre nós / Thrity Umrigar tradução de Paulo Andrade Lemos. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

Tradução de: The space between us

ISBN 85-209-1953-7

1. Romance indiano (Inglês). 1. Lemos, Paulo Andrade. II. Título.

CDD 828.99353

CDU 821.111(540)-3

*Para a verdadeira Bhima e as milhares de pessoas como ela.*

## **AGRADECIMENTOS**

Como sempre, este livro se tornou possível devido ao amor, incentivo e

apoio de todos os meus amigos e da minha família. Embora numerosos

demais para serem mencionados, espero que todos saibam quem são e co-

mo é vital o papel que desempenham na minha vida.

Também, como sempre, um agradecimento especial para Noshir e

Homai Umrigar pelas constantes orações, pelos votos de sucesso e pelas

palavras gentis. Agradeço a Eustathea Kavouras pelo encorajamento e a-

poio incondicional.

Agradeço a Arkady Lerner pelo restabelecimento de minhas mãos.

Obrigada a Sarah Willis por sua grande generosidade em ler o manuscrito e

pelas sugestões de grande valia. Obrigada, Mary Grimm, pelo seu otimismo

que me ajudou a atravessar períodos difíceis. Marly Rusoff, obrigada por

ter acreditado em mim. Este livro não teria sido possível sem o apoio de

todos vocês.

## **PRÓLOGO**

*A MULHER MAGRA DE SÁRI VERDE estava de pé nas pedras escorregadias e olhava as águas escuras em torno de si. O vento morno soltava do coque al-*

*guns fios do seu cabelo ralo. Atrás dela, os sons da cidade ficavam abafados, silenciados*

*pelo contínuo bater da água em seus pés descalços. A não ser pelos siris que ela ouvia e*

*sentia correrem pelas pedras, estava completamente sozinha ali — sozinha com os mur-*

*múrios do mar e a lua distante, fina como um sorriso no céu noturno. Até suas mãos*

*estavam vazias, agora que as abriu e liberou os balões cheios de gás, observando até que*

*o último deles tivesse sido engolido pela escuridão da noite de Bombaim. Suas mãos esta-*

*vam vazias agora, vazias como seu coração, que era como um coco cuja polpa tivesse sido*

*arrancada.*

*Equilibrando-se com dificuldade nas pedras, sentindo a água que subia lambendo*

*seus pés, a mulher levantou o rosto para o céu negro-retinto procurando uma resposta.*



*Atrás dela, a cidade perdida e uma vida que naquele momento parecia fictícia e irreal.*

*À sua frente, o limite quase imperceptível onde o mar se encontra com o céu. Poderia*

*subir de novo pelas pedras e pelo muro de cimento e reingressar no mundo, participar de*

*novo do ritmo louco, pulsante e imprevisível da cidade. Ou poderia entrar no mar à sua*

*espera e deixar que ele a seduzisse e a envolvesse com seus sussurros íntimos.*

*Olhou de novo para o céu procurando uma resposta. Mas a única coisa que conse-*

*guia ouvir era as batidas habituais de seu coração submisso...*

# LIVRO UM

## 1

EMBORA ESTIVESSE AMANHECENDO, dentro do coração de Bhi-  
ma a escuridão permanecia.

Ela se vira para o lado esquerdo sobre seu fino colchonete de  
algodão

estendido no chão e se senta rapidamente, como faz todos os dias  
de ma-

nhã. Levanta a mão ossuda por cima da cabeça num bocejo, estica o  
corpo,

e um cheiro forte de mofo recente de suas axilas e invade suas  
narinas.

Num instante de preguiça, senta-se na beira do colchão, apóia os  
pés chei-

os de calos no chão de barro, com os joelhos dobrados e a cabeça  
pousada

nos braços cruzados. Naquele momento, está quase tranqüila, a  
cabeça a-

gradavelmente limpa e vazia das dificuldades que a esperam no dia  
de hoje

e de amanhã e de depois de amanhã.. Para prolongar esse estado  
de graça

sem ter que pensar em nada, estende a mão distraidamente para a lata de

fumo de rolo que mantém à beira da cama. Enfia um pedaço na boca e em

seu rosto descarnado surge uma protuberância que lembra uma bola de

críquete.

O idílio de Bhima dura pouco. Na luz suave e delicada do novo dia,

percebe a silhueta de Maya se mexendo no colchonete que fica no canto

esquerdo do casebre. A moça está dormindo e resmungando em seu sono,

emitindo sons suaves como que choramingando e, apesar de tudo, Bhima

sente seu coração se derreter do mesmo modo que acontecia quando a-

mamentava Pooja, a mãe de Maya, muito tempo atrás. Impulsionada por

aqueles sons, que mais pareciam os de um cachorrinho, Bhima se levanta

do colchão com um grunhido e vai até onde sua neta está dormindo. Mas,

no segundo que leva para cruzar o casebre, alguma coisa muda no coração

de Bhima, e o sentimento maternal e carinhoso de um momento atrás é

substituído pela dureza e impiedade que já a acompanham há algumas se-

manas. Ela permanece de pé, olhando do alto para a moça adormecida, que

agora está roncando baixinho, inconsciente das fagulhas de raiva nos olhos

da avó que examina o ligeiro crescimento de sua barriga.

“Um chute rápido”, Bhima diz a si mesma, “um chute rápido na barriga, seguido de outro, e mais outro, e estará tudo acabado. Olha só para

ela dormindo ali como uma prostituta sem-vergonha, sem nenhuma preo-

cupação no mundo. Como se não tivesse virado a minha vida de cabeça

para baixo”. O pé direito de Bhima mexe-se enquanto ela pensa nessa idéi-

a. Os músculos da panturrilha se tencionam enquanto ela levanta o pé do

chão. “Seria tão fácil...” E, comparado com o que uma outra avó faria a

Maya — um rápido empurrão num poço aberto, uma lata de querosene e

um fósforo, a venda para um bordel —, isso seria até bastante humano.

Desse modo, Maya sobreviveria, continuaria indo à universidade e poderia

escolher uma vida diferente da que Bhima sempre viveu. Isso era como

deveria ser, como tinha sido, até que essa vaca estúpida de coração mole, e

agora com um barrigão, saísse por aí e acabasse grávida.

Maya deixa escapar um ronco alto, e Bhima volta a pôr o pé no chão.

Agacha-se perto da garota para sacudi-la pelos ombros e acordá-la. Quan-

do Maya ainda freqüentava a universidade, Bhima deixava-a dormir o mais

que pudesse, fazia *gaajar halwa* para ela todos os domingos, o pudim de ce-

noura com amêndoas e passas de que tanto gostava, e separava para a neta

as melhores porções do jantar todas as noites. Se ganhava alguma coisa de

Serabai — um chocolate Cadbury ou aquele doce branco com pistache que

vinha do Irã —, guardava para dá-lo a Maya, embora, verdade seja dita,

Serabai em geral lhe desse também uma porção para a moça. Mas desde

que Bhima soube da vergonha de sua neta tem feito a garota acordar cedo.

Nos últimos domingos, não teve *gaajar halwa*, e Maya não pediu a sua so-

bremesa favorita. Durante a semana, Bhima até mesmo mandou que a ga-

rota ficasse na fila para encher os dois potes d'água na torneira comunitá-

ria. Maya protestou, alisando inconscientemente a barriga com a mão, mas

Bhima desviou o olhar e disse que, de qualquer maneira, os vizinhos logo

acabariam descobrindo a sua desonra. Então por que esconder?

Maya se vira no colchão, e seu rosto fica a alguns centímetros de dis-

tância de onde Bhima está acocorada. Sua mão jovem e rechonchuda en-

contra a mão magra e enrugada da avó, e a moça se aninha junto dela, se-

gurando-a entre o queixo e o peito. Um fino fio de saliva escorre pela mão

de Bhima. A velha sente o coração amolecer. Maya sempre foi assim, desde

bebê — carente, carinhosa, confiante. Apesar de todo o sofrimento pelo

qual passou ainda jovem em sua vida, Maya não perdeu a suavidade e a

inocência. Com a mão livre, Bhima afaga o cabelo lustroso e sedoso da

menina, tão diferente do seu cabelo ralo.

O som de um rádio tocando baixinho invade o quarto, e Bhima resmungava uns palavrões. Geralmente, na hora em que Jaiprakash liga o rádio,

ela já está na fila da água. Isso quer dizer que está atrasada hoje. Serabai vai

ficar zangada. Essa menina burra e preguiçosa fez com que ela se atrasasse.

Bhima solta bruscamente sua mão das de Maya, sem se importar se o mo-

vimento vai acordá-la. Mas a garota continua dormindo. Bhima fica de pé,

e, ao levantar, seu quadril esquerdo dá um estalo forte. Ela fica parada por

um momento, esperando pela onda de dor que se segue ao estalo, mas hoje

é um dia bom. Nenhuma dor.

Bhima pega os dois potes de cobre e abre a porta baixa. Curva-se para

poder sair e depois a fecha atrás de si. Não quer que aqueles homens safa-

dos que moram na favela, e que passam por ali, fiquem olhando cobiçosa-

mente sua neta que dorme. Um deles deve ser provavelmente o pai da cri-

ança. . Balança a cabeça para afastar esses pensamentos sombrios que ras-

tejam como cobras dentro dela.

O intestino de Bhima faz um movimento, e ela faz uma careta contra-

riada. Agora vai ter que ir ao banheiro comunitário antes de ir para a bica

d"água, e a fila vai estar maior ainda quando chegar lá. Geralmente tenta

controlar o intestino até chegar à casa de Serabai, onde há banheiros de

verdade. Ainda assim, é bastante cedo para que as condições estejam tão

más. Algumas horas mais tarde, vai haver pouco espaço para andar por

entre as consideráveis pilhas de excrementos que os moradores da favela

deixam no chão de barro do banheiro comunitário. Depois de todos esses



anos, as moscas e o fedor ainda fazem o estômago de Bhima revirar, os

moradores pagavam a uma *harijan* que morava do outro lado da favela para

recolher as pilhas de fezes todas as noites, trabalho típico de uma pessoa da

casta dos intocáveis. Bhima a vê algumas vezes, de cócoras no chão, var-

rendo os montes de excrementos para dentro de um cesto de vime forrado

com jornal. Às vezes seus olhos se encontram, e Bhima faz questão de sor-

rir para ela. Ao contrário da maioria dos moradores das favelas, Bhima não

se considera superior àquela pobre mulher.

Bhima faz o que tem que fazer e retorna à bica. Resmunga ao ver a

longa fila serpenteando para além dos barracos desalinhados com seus te-

tos remendados de placas de zinco. A luz da manhã faz com que a miséria

torne-se ainda mais visível. As valas a céu aberto, com seu cheiro forte e

podre, as fileiras escuras de barracos inclinados, os homens esqueléticos e de

boca aberta que perambulam no estupor da embriaguez — tudo isso pare-

ce bem pior na luz clara do novo dia. Involuntariamente, a cabeça de Bhi-

ma volta aos dias do passado, quando morava com o marido Gopal e os

dois filhos num *chawl*, onde a água gorgolejava pela torneira da cozinha e

eles só dividiam o banheiro com duas outras famílias do conjunto habita-

cional.

Bhima estava quase chegando ao fim da fila quando Bibi a vê.

— *Ae, Bhima mausi* — diz ela. — Venha cá, venha! Eu estava guardando o seu lugar aqui.

Bhima sorri agradecida. Bibi é uma mulher gorda e asmática que se mudou para a favela há dois anos e imediatamente adotou Bhima como

uma tia mais velha. Enquanto Bhima é calada e reservada, Bibi fala alto e é

extrovertida. Ninguém consegue ficar zangado com ela por muito tempo

— sua boa vontade em ajudar e uma mistura bem-humorada de velhice e

juventude fizeram dela uma das moradoras mais populares da comunidade.

Bhima se dirige para onde Bibi esta.

— Aqui — diz Bibi, pegando um dos potes de Bhima, apesar de já estar carregando dois dos seus. — Entre aqui.

O homem atrás dela sentiu-se na obrigação de reclamar.

— Ei, Bibi, isso aqui não é o Deccan Express, onde se podem fazer reservas para um lugar na primeira classe — reclama ele. — Ninguém tem

permissão de furar a fila desse jeito.

Bhima sente seu rosto ficar vermelho, mas Bibi estende uma das mãos para contê-la e se vira para encarar seu detrator.

— Pois bem — diz ela bem alto —, o “seu” Deccan Express aqui está preocupado com gente que fura a fila. Mas, daqui a uma ou duas horas,

enquanto dona Bhima vai estar dando duro no trabalho, ele estará a cami-

nho do botequim. E se hoje houver racionamento de bebida, que Deus

nos livre, vamos ver se ele vai querer furar a fila ou não.

As pessoas em volta deles riem.

O homem arrasta os pés.

— Tudo bem, Bibi, não há necessidade de ataques pessoais — resmungava o homem.

A voz de Bibi fica ainda mais alta.

— Ora, *bhaisahib*, meu senhor, que ataques pessoais? Tudo o que es-

tou dizendo é que o senhor pode levar uma boa vida, pois é um homem

com uma grande fortuna pessoal. Se quiser passar os dias no botequim,

isso é problema seu. Mas a pobre da Bhima não tem um bom marido co-

mo o senhor para sustentá-la. Todos sabemos como o senhor trata bem a

sua esposa. Então, como eu ia dizendo, Bhima *mausi* tem que chegar ao

trabalho na hora. E não achei que um cavalheiro como o senhor fosse se

incomodar que ela enchesse os potes na sua frente.

As pessoas ficam animadas com a cena.

— Isso aí, Bibi, você é demais. Você é o máximo, simplesmente o máximo — disse um jovem desocupado.

— Quem é que precisa de armas nucleares? — acrescenta outra pes-

soa. — Ouça o que digo, *yaar*, acho que eles deviam soltar a Bibi lá na Ca-

xemira. A neve ia derreter com o fogo que sai da língua dela.

— Esperem, esperem — diz Mohan, um rapaz de 17 anos que mora no casebre em frente ao de Bibi —, tenho uma música perfeita para a oca-

sião. Lá vai:

*Pra acabar com a questão*

*Diz a Índia ao Paquistão*

*Nossa arma é a Bibi*

*Que é uma baita explosão.*

Um outro homem, que Bhima não conhece, dá um tapinha nas costas

de Mohan.

— Puxa, *ustad*, você é demais, um mestre. Você é o poeta da comuni-

dade. Com esse jeito de artista de cinema, devia estar escrevendo e cantan-

do suas próprias composições. Imagine só, com o físico do Sanjay Dutt e a

voz do Mohammad Rafi! Na noite da entrega dos prêmios da revista *Film-*

*fare* não haveria outros vencedores, pode acreditar.

Involuntariamente, Bhima sorri.

— Ok, seus *altoo-faltoos* — diz Bibi com um risinho. — Deixem a gen-

te em paz agora.

NO MOMENTO EM QUE BHIMA chega em casa, Maya já está de pé e prepara o chá no fogão Primus. Quando a moça adiciona folhas de

hortelã à água fervente, o estômago de Bhima ronca. As duas vão para o

lado de fora do barraco e rapidamente escovam os dentes. Maya usa uma

escova de dentes, mas Bhima simplesmente põe o pó dentifrício no dedo

indicador e o esfrega vigorosamente nos dentes que lhe restam. Cospem na

vala a céu aberto que passa em frente à casa. Rápida e eficientemente,

Bhima mergulha um copo plástico num dos potes de cobre e se lava sem

tirar as roupas. Seu rosto fica vermelho ao ver que um homem no casebre

em frente a observa quando mete a mão debaixo da blusa para lavar as axi-

las.

— Seu safado, *badmaash*, sem-vergonha — resmungava ela. — Até pa-

rece que não tem mãe nem irmã.

Quando Bhima retorna ao casebre, Maya serve o chá em dois copos.

Elas se sentam de cócoras, uma de frente para a outra, soprando o chá

quente e molhando uma fatia de pão na bebida.

— Esse chá está bom — diz Bhima.

Foi a primeira coisa que falou com Maya naquele dia. Depois, como

se o ar de gratidão no rosto da menina fosse mais do que pudesse suportar,

acrescentou:

— Parece que você aprendeu pelo menos alguma coisa do que eu lhe

ensinei.

Maya se encolhe, e o olhar desconfiado e defensivo reaparece em seu

rosto. Ao notar esse olhar, Bhima se arrepende, mas sente também uma

estranha satisfação. Tudo o que quer é cutucar ainda mais a ferida.

— E o que você vai fazer hoje o dia inteiro?

Maya dá de ombros.

Bhima se enfurece com o gesto.

— Ah, é claro, esqueci que *memsahib*, a madame, não vai mais à facul-

dade — diz ela, dirigindo-se às paredes. — Agora ela vai ficar aqui sentada

como uma rainha o dia inteiro, comendo e dando de comer ao seu . . . seu

filho bastardo, enquanto a sua pobre avózinha vai trabalhar como uma es-

crava na casa de alguém. Tudo para poder alimentar o diabinho que está

crescendo dentro de sua barriga.

Se era sangue o que queria, ela o teve. Maya geme ao se levantar do

chão e vai para o outro canto do pequeno cômodo. Inclina-se levemente

contra a parede de zinco com as mãos em volta da barriga, soluçando bai-

xinho.

Bhima quer botar a menina que chora no colo, abraçá-la e acarinhá-la

como fazia quando Maya era criança, quer perdoá-la e lhe pedir perdão.

Mas não pode fazer isso. Se fosse apenas raiva o que estava sentindo, po-



deria ter ido até o canto da parede e estendido os braços para a neta. Mas a

raiva é só o começo de tudo. Por trás dela tem o medo, o medo tão infini-

to, vasto e cinzento como o mar da Arábia; medo por esta garota grávida,

inocente e burra que está ali na frente dela chorando, e por esta criança

ainda não nascida, que virá ao mundo para ter uma mãe que ainda é uma

criança e uma avó que já está velha e exausta, uma avó que está cansada

das privações, de amar e perder, que não pode suportar a idéia de mais

uma perda e nem de mais uma pessoa para amar.

Ela olha insensível para a garota que chora, fazendo força para que seu coração não se deixe atingir por aqueles soluços.

— Até mesmo as lágrimas são um luxo — diz ela, mas não tem certe-

za se diz isso em voz alta ou só para si mesma. — Invejo as suas lágrimas.

Quando volta a falar, ela o faz conscientemente.

— Se estiver se sentindo bem, vá até a casa de Serabai mais tarde. Ela

sempre pergunta por você.

Mas, mesmo em meio às lágrimas, Maya faz que não com a cabeça.

— Já lhe disse, vovó. Não saio de casa o dia inteiro enquanto você es-

tá fora.

Bhima desiste.

— Ok, então, fique em casa enquanto a sua velha avó trabalha o dia todo — diz ela, levantando-se. — Engorde o seu bebê com o meu sangue.

— Vó, por favor — pede Maya, soluçando e tapando os ouvidos, como fazia quando era pequena.

Bhima fecha a porta atrás de si. Quer bater com força, mas se contro-

la. Ninguém da *basti* precisa saber dos problemas das duas. Logo, logo a

favela toda vai ficar sabendo da desgraça que Maya arranjou para si mesma,

e aí então vai atacá-la como abutres. Não há necessidade de apressar esse

dia.

Iniciando sua caminhada em direção à casa de Serabai, Bhima sente a

brisa fresca da manhã e estremece. Pela altura do sol, sabe que está atrasa-

da. Serabai deve estar ansiosa por saber o que aconteceu ontem. Ela apres-

sa o passo.

2

SERA DUBASH OLHA PARA O CESTO de cebolas pendurado perto

da janela e depois para o grande relógio da cozinha. Atrasada de novo.

Bhima está atrasada de novo. Sera vai realmente ter que conversar com ela

sobre esses atrasos diários. Afinal, Sera é responsável por aprontar e emba-

lar o almoço de Dinaz e Viraf toda manhã, e precisa de Bhima para ajudá-

la. Ontem, os dois saíram para o trabalho dez minutos atrasados porque a

comida ainda não estava pronta. Sera teve que implorar a Viraf que não

corresse, que dirigisse com cuidado, lembrando a ele que sua mulher estava

esperando o primeiro bebê.

— Tá bom, tá bom, mamãe — disse Viraf sorrindo, dando um beijo

rápido no rosto de Sera. — Nós todos sabemos que a barriga da Dinaz

tem tatuada a palavra “Cuidado”.

Lembrar a gravidez de sua filha faz Sera pensar em Maya e ela sente uma onda de remorso pela idéia de punir Bhima. “Coitada da Bhima”,

pensa Sera. Como se toda a sua vida não tivesse sido difícil o bastante, ago-

ra até a própria neta é mais uma de suas preocupações. Quem poderia pen-

sar que uma boa menina como a Maya fosse dar esse mau passo? Fica ima-

ginando o que teria acontecido na faculdade de Maya ontem, e a sua impa-

ciência em saber das últimas notícias faz com que ela olhe para o relógio

novamente.

Sera solta um suspiro. Se há uma coisa que odeia é cortar cebola, mas

para as omeletes dos dois ficarem prontas a tempo, é melhor começar a

fazer isso agora. Não dá para saber a que horas Bhima vai aparecer hoje.

Pega uma cebola de tamanho médio e, quando termina de tirar a pele

translúcida, seus olhos começam a lacrimejar. Pega a maior faca da gaveta.

É melhor acabar com isso o mais rápido possível. Anos atrás, Feroz apare-

ceu de repente às suas costas enquanto ela estava trabalhando na cozinha e

disse:

— Meu Deus, Sera, você corta cebola como quem está cortando uma

cabeça. Que veemência!

— Preferiria cortar cabeças a cebolas — retrucou ela. — Talvez chorasse menos.

E Feroz riu. Isso foi nos velhos tempos, antes que ela tivesse perdido a capacidade de fazê-lo rir.

Sera ouve Viraf assobiando desafinado em seu quarto, e o som a faz sorrir. Imagina seu genro jovem e bonito de pé diante do espelho de corpo

inteiro arrumando a gravata, passando a mão displicentemente pelo cabelo

espesso. “Há algo de maravilhoso no som de um homem se aprontando

para enfrentar o dia”, pensa Sera. Diferentemente de Feroz, Viraf é baru-

lhento e faz com que a sua presença seja sentida. Deixa cair a escova de

cabelo e resmunga baixinho "Droga!"; canta antigas canções dos Beatles

no chuveiro; gargareja vigorosamente quando escova os dentes; grita para

Dinaz pedindo um novo vidro de xampu; entra ruidosamente na cozinha

com creme de barbear no rosto e uma toalha em volta da cintura. Feroz

viveu como um ladrão em sua própria casa, vestindo-se completamente no

banheiro e depois saindo do quarto sem sequer dar uma segunda olhada no

espelho.

Sera quebra dois ovos, bate-os numa tigela, adiciona cebola, alho, co-

entro e uma pitada de pimenta na mistura que chia ao tocar no óleo quente

da frigideira. Uma já foi, agora tem a outra omelete para fazer. Ela se per-

gunta se deveria fazer mais duas omeletes, uma para si mesma e outra para

Bhima, mas a idéia de ter que cortar mais cebolas a detém. Talvez faça o-

melete de alho para as duas. Pega a caixa de pão e se lembra: nada de car-

boidratos. A dieta só de proteínas que Viraf e Dinaz estão fazendo faz com

que o planejamento do almoço fique difícil. Olha na geladeira para ver o

que mais poderia embalar para os dois.

— Poxa, mãe, muito obrigada. Era melhor você ter me dito. Eu podia ter cortado as cebolas para você — diz Dinaz, entrando na cozinha.

— E ir para o trabalho cheirando que nem um restaurante parse? — observa Sera sorrindo. — Não, se quiser realmente me ajudar, diga-me o

que mais devo incluir para vocês, *deekra*, minha querida. Um ovo só não

basta. .

— É mais que suficiente, na verdade.

— Ora, Dinaz, um ovo pode ser suficiente para você, mas não para o seu maridinho, querida — diz Sera. — Ele é um homem que trabalha duro

numa atividade em que é muito solicitado.

Dinaz faz uma careta.

— Ah, sei, só o seu querido genro é que trabalha muito, coitadinho.

Sua filha inútil, por outro lado, fica matando mosca o dia inteiro no traba-

lho.

— Calma aí, Dinaz, eu só estava dizendo. .

Sera ouve os passos de Viraf e sente o cheiro de Old Spice antes de vê-lo.

— Absolutamente certo! — diz Viraf entrando na cozinha. — *Mamma* está certíssima! Pelo menos uma pessoa nesta casa sabe me dar valor e

vê o quanto trabalho para sustentar a minha família e o meu filho que vai

nascer.

Dinaz lhe dá um tapinha no braço.

— Cale a boca, *yaar*. Um menino mimado, é isso que a mamãe fez de

ocê. Quando for a hora da promoção, vamos ver quem ganha o maior

aumento — O sorriso dela desmente o tom ferino de suas palavras.

Viraf dá de ombros e revira os olhos.

— Isso é porque ela tem uma vantagem que é injusta, *mamma*. O po-

bre do senhor Dalal está tão encantado com a beleza da minha esposinha



que não poderia lhe recusar nada. Ele se derrete todo sempre que tem que

falar com ela. E, diante desses atributos femininos, que chance tem um

homem simples, pobre e decente como eu, com essa cara-de-mamão-

macho? Que chance tenho eu?

As duas mulheres riem.

— Olhe só para ele, mamãe. Está querendo mais elogios — diz Dinaz.

Sera sorri quando o casal volta para o quarto a fim de terminar de se

vestir. Está contente porque o problema que surgiu entre eles há alguns

meses parece ter desaparecido. Desde o dia em que Viraf e Dinaz vieram

morar com ela, após a morte de Feroz, tinha prometido a si mesma nunca

interferir no casamento deles. Afinal, quem melhor do que ela sabia como

pode ser venenoso para um casamento a interferência de uma sogra? Ainda

assim, foi difícil ficar calada quando notou as pequenas rugas que tinham

se formado no rosto pálido e fino de Dinaz. Tinha que contar até dez quando Viraf dava a sua mulher grávida uma resposta atravessada na mesa

do jantar ou dizia alguma coisa tão sarcástica que Dinaz levava um mo-

mento para levantar a cabeça do prato, precisando de uma pausa para se

recompor, para rearrumar seu rosto numa máscara sem expressão. Sera

conhecia muito bem aquele olhar. Quantas vezes ela mesma ordenou aos

seus olhos que não se enchessem de lágrimas, por ocasião de alguma gros-

seria de Feroz, só para não permitir que sua sogra Banu tivesse a satisfação

de perceber que o filho tinha conseguido magoá-la. Pelo menos Viraf não

batia em Dinaz. Ela se consolava e depois se odiava pela fraqueza daquele

pensamento, por ter baixado tanto os seus padrões que a ausência de vio-

lência física houvesse se tornado a definição de um bom casamento. Que-

ria muito mais do que isso para sua única filha.

Agora, olhando para o jeito recuperado de Dinaz, Sera sorri numa sa-

tisfação calada. Seja lá qual fosse o problema que tivesse acontecido entre

os dois, algo como um vento mau, já tinha sido resolvido. Viraf e Dinaz,

mais uma vez, demonstravam o relacionamento espalhafatoso e competi-

vo que sempre tiveram, o que deixava claro para Sera que, antes de marido

e mulher, os dois eram amigos. Mesmo no início de seu relacionamento

com Feroz, quando ele a olhava como se ela fosse uma estrela caída do

céu, Sera nunca vivenciou a espontaneidade informal e de igual para igual

que sua filha compartilhava com o marido. No início do casamento, Feroz

tinha sido galante, gentil, até amoroso — mas sempre formal. Por exem-

plo, se ela entrasse no banheiro enquanto o marido estava escovando os

dentes ou cortando as unhas do pé, ele a mandava sair.

— Isso é um assunto particular — dizia ele. — Você não precisa ver o pior de mim.

Quando Dinaz grita para ela do outro quarto, Sera leva um minuto para localizar a voz de sua filha.

— As omeletes estão prontas e embaladas, mamãe? — pergunta Dinaz.

— Quase — responde ela, pegando o papel-alumínio que Viraf trouxe de sua última viagem aos Estados Unidos.

A campainha toca e Sera dá um suspiro de alívio. É Bhima.

SERA ABRE A PORTA e basta uma olhada para a fisionomia abatida e encovada de Bhima para ela saber que a missão do dia anterior tinha falha-

do. Ergue a sobrancelha interrogativamente e, em resposta, Bhima balança

devagar a cabeça de um lado para o outro. Isso é o que Sera mais gosta em

Bhima — essa linguagem sem palavras, essa intimidade que se desenvolveu

entre ambas ao longo dos anos. Essa mesma ligação faz agora com que

perceba que Bhima quer esperar até que o casal saia para trabalhar antes de

contar o que aconteceu ontem. E Sera está contente com isso porque, para

falar a verdade, não quer envolver sua filha grávida nos problemas de Ma-

ya, não quer que a sombra da experiência infeliz de Maya se abata sobre a

felicidade da gravidez de Dinaz.

— Desculpe, Serabai — diz Bhima. — A fila na bica d'água hoje estava maior do que o normal.

Involuntariamente, Sera não consegue esconder sua irritação.

— Não causou grandes problemas — diz numa voz que soou severa até para si mesma. — Eu mesma tive que fazer as omeletes dos dois. Eles

não podem chegar atrasados ao trabalho.

Antes que Bhima pudesse responder, elas ouvem Viraf, do outro quarto:

— Dinaz — berra ele. — Viu minha gravata vermelha? Aquela que você me deu de aniversário no ano passado?

— Nossa, você parece uma criança — retruca Dinaz, mas mesmo àquela distância as duas mulheres conseguem perceber o sorriso em sua voz.

— É de admirar que soubesse mastigar a comida antes de me conhecer.

Como será que você se virava?

— Muito mal — respondeu ele prontamente. — Eu usava meias de cores diferentes para ir trabalhar. E quanto a me alimentar, não notou o

babador que eu estava usando quando você me viu pela primeira vez?

Bhima balança a cabeça.

— Esse Viraf *baba* — diz ela — sempre tem alguma coisa para dizer.

Faz a casa ficar alegre só por sua presença, como se todos os dias fossem

feriados, Holi, Diwali ou coisa do gênero.

Sera faz que sim com a cabeça e compreende imediatamente o que

Bhima não disse: não é como nos velhos tempos, quando Feroz estava vi-

vo e ela e Bhima tinham que andar na ponta dos pés, temerosas de seus

silêncios e ataques explosivos. A casa parecia um túmulo, encastelada no

silêncio, um silêncio que a impedia de tocar os outros, de compartilhar seu

mais obscuro segredo mesmo com os amigos mais próximos. Quando

Bhima era a única que sabia, a única que sentia a umidade no travesseiro

molhado após longas noites derramando lágrimas ardentes, a única que

ouvia os sons abafados que provinham do quarto dela e de Feroz..

Sera balança a cabeça com impaciência para limpar as teias de aranha

do passado. “Aqui estou eu chafurdando na história antiga, enquanto a coi-

tada da Bhima está tão atrapalhada com a situação atual”, pensa ela. “Que

mulher egoísta e fútil eu me tornei!”

— Vamos, Bhima — diz ela. — O seu chá está pronto. Beba o chá e pode começar a lavar a louça.

3

BHIMA ESTÁ NA COZINHA LAVANDO A LOUÇA do jantar de ontem. Sera fica observando enquanto as mãos magras e escuras como os

galhos de uma árvore esvoaçam sobre os pratos e as panelas, esfregando-os

até que brilhem como o sol do meio-dia. Por mais que tente, ela nunca

Consegue deixar as panelas brilhando como Bhima faz.

Viraf entra na cozinha arrumando a gravata.

— É isso aí — diz ele sem se dirigir a alguém em particular. — Mês

que vem vou comprar uma máquina de lavar louça. Não faz sentido ver a

coitada da Bhima trabalhando assim.

Bhima levanta os olhos agradecida, mas, antes que possa dizer urna palavra que seja, Sera fala num tom mais alto.

— Que nada — diz ela. — A minha Bhima deixaria qualquer máquina de lavar louça envergonhada. Nem mesmo uma máquina importada

conseguiria fazer com que a louça ficasse tão limpa quanto a de Bhima.

Guarde o seu dinheiro, *deekra*.

“Em vez disso, dê ele para mim”, pensa Bhima consigo mesma. E então, com receio de que pudessem ler seus pensamentos, ela se concentra

numa determinada mancha de comida. E também precisa de alguns segun-

dos para não explodir. Às vezes não consegue entender Serabai direito. Por

um lado, fica corada de orgulho quando Serabai a chama de “minha Bhi-

ma” e fala a seu respeito como se fosse sua dona. Por outro, sempre parece

fazer coisas que contrariam os interesses de Bhima, como recusar a oferta



de Viraf *baba* de comprar uma máquina de lavar louça. Como seria bom

não ter que mergulhar suas mãos com artrite na água o dia inteiro! Curvar-

se sobre a pia para lavar a louça a deixa com dor nas costas e, ao final do

dia, às vezes leva metade do caminho de volta para casa até conseguir se

desempenhar completamente. Mas como falar com Serabai sobre essas

coisas? Ainda mais hoje, que ela a deixou com sentimento de culpa dizem-

do que tinha feito as omeletes para a própria filha e o genro? E qual o pro-

blema se ela odeia cortar cebola? Por acaso ela própria gosta de ficar de

cócoras para defecar num banheiro comunitário? Mas o faz porque não há

outra opção. Comparado com aquela humilhação, cortar cebola parece tão

fácil como cortar um pedaço de bolo.

Com a raiva dissipada, o senso de fair play de Bhima e a sua sólida a-

feição pela família Dubash prevaleceram. "Mulher ingrata", recrimina-se.

“Quem é que cuidou de você quando teve malária? Foi o fantasma do seu

marido? Quem é que lhe deu dinheiro ontem mesmo para você tomar um

táxi até a faculdade de Maya? Foi a sua netinha que abriu as pernas? Não,

foi essa mesma mulher cuja comida você come, e a respeito de quem você

está tendo pensamentos feios. Que vergonha!”

Lembrar o percurso até a faculdade de Maya fez Bhima olhar involun-

tariamente para o relógio da cozinha. Mais alguns minutos e Viraf *baba* e

Dinaz terão saído. Depois, ela e Serabai vão poder tomar uma xícara de

chá e conversar. Ela sabe que Sera está impaciente para ouvir os detalhes

do que aconteceu ontem, e a consciência disso deixa Bhima com um nó na

garganta de emoção e gratidão. Pelo menos alguém mais se importa tanto

quanto ela com aquela garota grávida. Foi a sua generosidade que tornou

possível a educação de Maya e, se Serabai agora se sente traída pelo que

Maya fez, se percebe que seu investimento no futuro da menina não deu

em nada, aí está mais um ponto a seu favor: nunca falou de seu desapon-

tamento com Bhima. Desde o primeiro momento em que Bhima relatou a

notícia terrível e calamitosa, Sera ficou preocupada, ansiosa e disposta a

ajudar.

— É claro que ela vai ter que fazer um aborto — disse Sera imediatamente. — Não há outra saída. Maya é brilhante demais, inteligente de-

mais para arruinar a própria vida sendo mãe aos 17 anos. Vou cuidar dos

detalhes, Bhima, você não tem que se preocupar com nada. Você já tem

muitos problemas, sei disso.

Mas, por razões que ela ainda não entendia, Bhima tinha hesitado.

Talvez sem querer tenha sido influenciada por Maya, que ficou toda tensa

quando Bhima mencionou o aborto pela primeira vez. E, depois, havia ou-

tra coisa: a esperança não revelada, e talvez não reconhecida, de que o pai

da criança aparecesse para assumir sua responsabilidade e fazer o que tinha

que ser feito. Que a cortina do anonimato e do segredo se abrisse para re-

velar um rapaz ansioso, porém honesto, assustado, mas disposto a enfren-

tar esse novo desafio, casando-se e construindo uma vida com a mulher

que geraria o seu primeiro filho. Com 17 anos, Maya é muito nova para ter

um filho, e o casamento certamente iria destruir seus sonhos de conseguir

o diploma em contabilidade e um emprego de contadora num bom escritó-

rio. O caminho luminoso que se abria diante de Maya quando se tornou a

primeira pessoa da família a entrar numa universidade — o bom emprego

que inevitavelmente estaria esperando por ela graças à influência de Dinaz

e Viraf e de seus contatos profissionais, escapando do trabalho braçal e

extenuante que arruinou as vidas de sua mãe e, antes dela, de sua avó —,

esse caminho estaria decerto fechado. Mas — e aqui Bhima se permitiu

uma pitada de esperança — talvez um outro caminho se abrisse, se pelo

menos Maya revelasse a identidade do pai da criança. Podia ver a neta que-

rida gorda e satisfeita, ocupada numa cozinha com as louças e as panelas

brilhando, fritando *puris*, panquecas com massa folhada, para um menino

bagunceiro de cabelos escuros e um pai que chegava em casa todas as noi-

tes voltando de um bom emprego.

Tinha ficado muito animada quando, depois de semanas insistindo, implorando, ameaçando, conseguiu que Maya finalmente revelasse identi-

dade do pai da criança: Ashok Malhotra.

— É um colega da faculdade — disse a moça soluçando. — Ele é da minha turma. Está satisfeita, vó, já que conseguiu arrancar o nome dele?

Agora me deixe em paz, por favor.

Bhima estava satisfeita. Finalmente, podia dar nome à figura sombria

que rondava seus sonhos e pesadelos. Ashok Malhotra, um estudante que

freqüentava a mesma faculdade que Maya. Quis pesquisar ainda mais, des-

cobrir quando é que tiveram a oportunidade de fazer sexo. Mas, nesse pon-

to, Maya se fechou, ignorando teimosamente as outras perguntas de Bhi-

ma, olhando ao longe com aquela nova expressão bovina que tinha adqui-

rido durante a gravidez. E de repente Bhima decidiu que não queria saber

dos detalhes sórdidos. Que diferença fazia o "como" e o "onde" agora?

Pelo menos tinha conseguido que a garota contasse o seu maior segredo,

revelando o nome do rapaz que trouxe tanta preocupação para a vida de

ambas. E sabia onde encontrá-lo. Cabia a ela fazer o resto. Maya era apenas

uma garota boba e imatura que não tinha a menor idéia de como o poço

escancarado do destino iria engoli-la se fosse em frente com aquilo e tives-

se essa criança sem um pai para sustentar os dois. Era Bhima que deveria

agir como sua advogada e fazer o que Maya era incapaz de fazer — con-

vencer esse tal de Ashok Malhotra a assumir a responsabilidade por seus

atos, apelando para o seu sentimento de decência e fazendo-o entender que

Maya seria uma guirlanda de flores em volta do seu pescoço, e não uma

corrente pesada de ferro.

— Pago a corrida do táxi para a universidade — disse Sera quando soube a identidade do pai da criança. — Vá encontrá-lo, Bhima. Veja quais

são as intenções dele. Se esse tal de Ashok é pelo menos digno da nossa

Maya ou se é apenas mais um daqueles vagabundos que só querem se a-

proveitar das garotas. Rezo, pelo seu bem, para que ele seja um bom cará-

ter.

ERA A PRIMEIRA VEZ QUE BHIMA ia à universidade de Maya sozi-

nha. Na única outra vez em que visitou o prédio, Sera e Maya a acompa-

nhavam. As três ficaram na longa fila para efetuar o processo de inscrição,

e foi Sera quem falou com o funcionário grosseiro quando ele vociferou

uma ordem para Maya. Sera se empertigou toda, olhou-o de cima a baixo

com seu nariz parse, comprido, reto, inacessível e disse-lhe com aquele so-

taque de colégio de freiras o mais articuladamente possível para que fizesse

a gentileza de ver bem com quem estava falando, que essa moça que ele

estava tratando tão mal era provavelmente a estudante mais brilhante que

eles teriam a sorte de ter naquela universidade. Diante de seu olhar altivo

de grã-fina, o funcionário murchou e se desmanchou em desculpas.

— Desculpe, madame, não quis ofender. O que é que a gente pode fazer, madame? Temos tanto trabalho que estamos sobrecarregados. Por

favor, me desculpe.

Dessa vez, Bhima foi direto ao escritório. Como era de se esperar, o funcionário estava sentado remexendo em alguns formulários na mesa à

sua frente. Ela se aproximou, hesitante.

— Por favor, com licença...

O homem não levantou os olhos.



— O que é? — perguntou bruscamente.

— Estou procurando um determinado estudante. O senhor poderia me ajudar a encontrá-lo?

Houve um segundo de silêncio enquanto o homem terminava de escrever num pedaço de papel à sua frente. E então perguntou:

— E o que a senhora é dele?

Bhima ficou desconcertada.

— Bem, sou a sua.. quer dizer, não sou parente dele. Estou apenas querendo falar com ele.

O funcionário deve ter percebido sua falta de jeito porque levantou a cabeça e a fitou com seus olhinhos brilhantes que pareciam os de um por-

co.

— A senhora não é parente dele? — indagou em voz alta para que os

outros funcionários ouvissem. — Quem sabe não está querendo ficar ínti-

ma de um jovem universitário?

Os outros funcionários riram debochadamente enquanto Bhima fitava o chão, sem saber o que ia fazer em seguida. Lembrando-se de como

Serabai tinha posto esse descarado em seu devido lugar com poucas pala-

avras bem escolhidas, Bhima desejou, e não pela primeira vez, ter tido uma

educação melhor. Uma fúria abrasadora se acendeu dentro dela. Passou a

noite toda se preparando para o encontro com Ashok Malhotra. Ficou a-

cordada, tensa com toda aquela expectativa. Ensaiou o que ia dizer sem

conseguir decidir se devia ameaçar ou adular, atacar ou fazer um apelo. No

táxi, a caminho da universidade, ela se sentia como uma panela de água

fervendo no novo fogão Bajaj de Serabai, com as emoções prestes a trans-

bordar. E agora esse gorila mal-educado a estava impedindo de se encon-

trar com Ashok, jogando-a para lá e para cá de modo displicente e automá-

tico, simplesmente para se divertir. Estava brincando com ela do mesmo

modo indiferente e entediado como os gatos vira-latas da favela faziam

com os ratos que apanhavam. Bhima sentiu sua resolução e determinação

se esvaírem.

Uma outra funcionária, uma mulher que parecia ter em torno de vinte

anos, veio em sua defesa.

— Ignore esses sujeitos, *mausi* — disse ela, saindo de sua mesa e se aproximando de Bhima. — Eles não têm nada melhor para fazer, é óbvio.

Diga-me, quem a senhora está procurando?

Bhima sorriu para ela, agradecida. Como sempre fazia, cobriu automaticamente a boca ao sorrir para esconder os dois dentes que faltavam.

— Obrigada, minha filha. Estou procurando um tal de Ashok Malhotra.

À menção desse nome, Bhima observou que uma coisa estranha aconteceu.

Todos os quatro funcionários do escritório sorriram.

— Ora, *mausi*, por que a senhora não disse logo que estava procurando-

do pelo nosso príncipe Ashok? — perguntou o funcionário com quem ela

falou inicialmente. — Espere, vamos mandar alguém escoltar a senhora

pessoalmente até ele. Deve estar em seu palácio, entretendo sua corte.

Bhima olhou confusa para ele e para a funcionária. Vendo a expressão em seu rosto, o homem sorriu.

— Na cantina — explicou ele alegremente. — E lá que o príncipe

Ashok tem a sua corte, a sua *darbar*. Ele recebe seus súditos na cantina. A

senhora pode ir lá prestar suas homenagens a ele.

Tocou uma campainha na sua mesa e alguns segundos depois apare-

ceu um servente mal-encarado.

— *Ae*, Suresh — disse o funcionário. — Esta distinta senhora está

aqui para falar com o nosso Ashok. Você poderia conduzi-la à cantina, por

favor?

A cantina cheirava a cigarro e fritura. Era um salão cavernoso e baru-

lhento, cheio de fumaça e da algazarra de estudantes que conversavam e

discutiam uns com os outros. Rapazes morenos de calças cáqui andavam

para lá e para cá anotando pedidos e servindo canecas fumegantes de chá.

Os estudantes de classe média mal davam pela presença dos rapazes que

traziam os pratos de *samosas* e *masala dosas* para suas mesas, a não ser, ex-

cepcionalmente, para reclamar que o chá tinha esfriado enquanto estavam

esperando pelos pastéis de vegetais e pelas panquecas de farinha de arroz,

Os estudantes mais velhos, especialmente se houvesse uma mulher com

eles, muitas vezes acompanhavam a reclamação com um tapinha amigável,

mas nem por isso menos forte, na cabeça dos jovens garçons. Num velho e

eterno ritual, os rapazes sorriam depois de serem estapeados, massageando

a cabeça e protestando discretamente: tinham trazido a comida assim que

ela ficou pronta.

— Fazer o quê, *sahib*? Temos muito movimento hoje.

A recompensa por essa humildade simpática era uma gorjeta um pou-

co maior.

— Lá está ele — disse Suresh, apontando para um homem magro

vestindo uma *kurta* azul-escuro e um *jeans* desbotado. — Aquele ali sentado

à direita é o Ashok.

Apesar de haver outros três rapazes à mesa, e mesmo àquela distân-

cia, Bhima podia garantir que Ashok era o líder do grupo. Ela se virou para

dizer alguma coisa a Suresh, mas ele tinha desaparecido, deixando-a sozi-

nha para ir ao encontro do rapaz.

Os quatro ocupantes da mesa olharam com curiosidade quando ela se

aproximou e ficou ali calada, encarando o pai de seu bisneto.

— Sim? — disse finalmente um dos rapazes. — Em que podemos ajudá-la?

Os outros riram.

Decididamente Bhima simpatizou com o rapaz sentado à sua frente.

Encorajada por essa descoberta, perguntou:

— Você é Ashok? Ashok Mathotra?

O rapaz levantou-se da cadeira.

— *Namaste* — disse ele, fazendo a saudação hindu. — E a senhora é.. ? — Preciso falar com você.

E, olhando para os outros, acrescentou:

— Em particular.

Ashok ficou surpreso.

— É. . claro, claro. — Olhou de modo incisivo para os seus colegas, e eles relutantemente se levantaram para dar lugar à mulher ossuda e de apa-

rência severa que estava em pé diante deles.

— Puxa, Ashok, o seu harém só faz aumentar — disse um deles baixinho, mas Bhima ouviu e estremeceu. Pela primeira vez lhe ocorreu que

esse rapaz bonito e simpático pudesse ter outras namoradas além de Maya.

Sacudiu a cabeça para espantar aquele pensamento traiçoeiro. Vendo

o seu gesto, Ashok sorriu.

— Tem muita mosca nessa cantina — disse ele, se desculpando. A delicadeza de seu sorriso encorajou Bhima, que se animou a falar:

— Sou a avó de Maya Phedke — disse ela.

4

ELAS ESTÃO SENTADAS NA SALA DE JANTAR, tomando chá: Sera na caneca cinza-azulada que Dinaz comprou para ela na Cottage Industries,

Bhima na caneca de aço inoxidável que fica separada para ela na casa dos

Dubash. Como de hábito, Sera se senta à mesa enquanto Bhima fica de

cócoras no chão, a seu lado. Quando Dinaz era mais jovem, implicava com

a mãe por algo que considerava uma injustiça: Bhima não poder sentar-se

no sofá ou numa cadeira e ter que usar utensílios separados, em vez daquele-

les que a família normalmente usava.

— Você diz a todas as suas amigas que Bhima é como um membro da família, e que você não poderia viver sem ela — alegava a adolescente.

— Mesmo assim, ela não é boa o suficiente para se sentar com a gente. E

você e papai estão sempre falando desses hindus de casta superior que

queimam os *harijans*, os intocáveis, e de como isso é errado. Mas na sua

própria casa você impõe essas diferenças de casta. Que hipocrisia, mamãe!

— Olhe, Dinaz — dizia Sera com suavidade. — Acho que há uma pequena diferença entre queimar um *harijan* e não permitir que Bhima use



nossos copos. Além disso, você já notou o cheiro forte do tabaco que ela

masca o dia inteiro? Quer que os lábios dela toquem nossos copos?

— Mas não é só isso, mamãe, e você sabe muito bem. Certo, se é por

causa do tabaco, por que você não deixa ela se sentar no sofá ou nas cadei-

ras? Ou será que Bhima tem tabaco no traseiro também?

— Dinaz — exclamava Sera genuinamente chocada. — Que termos são esses? Você sabe que seu pai teria um ataque se chegasse em casa um

dia e encontrasse Bhima sentada no sofá.

Impossível não rir só de imaginar o olhar de horror no rosto de Feroz. Mas Dinaz não tinha acabado ainda.

— De qualquer modo, talvez seja inútil discutir essa história. Até parece que a pobre da Bhima tem um minuto para se sentar e descansar nessa

casa. .

Sera arqueou a sobrancelha direita.

— Falando nisso, outro dia ouvi você incentivando Bhima a pedir um aumento. Olhe, Dinaz, não importa o que você pense, você pertence a esta

família, não à de Bhima. Acho que, no fim das contas, a família Dubash

trata os seus empregados melhor do que qualquer pessoa que a gente co-

nheça. Dinheiro não cresce em árvore, meu amor. Seu pai trabalha muito

para nos dar o que temos. Não é correto da sua parte tentar fazer Bhima se

voltar contra ele. Lembre-se de que a caridade começa em casa.

Agora, observando Bhima tomando seu chá, Sera se remexe desconfortavelmente na cadeira. Desde a morte de Feroz, de vez em quando pen-

sava em convidar Bhima a sentar-se à mesa com ela. É claro que alguns

amigos iriam com certeza se escandalizar, e da próxima vez que uma em-

pregada do prédio pedisse um aumento à patroa, a mulher iria automati-

camente culpar Sera Dubash por ter dado o mau exemplo.

— Sera fez Bhima se sentar em sua cabeça, não apenas no sofá — di-

ria a vizinha. — O próximo passo vai ser essas empregadas fundarem um

sindicato. Mas é claro que tudo aquilo logo passaria. E, na realidade, que

importância tinha o que os vizinhos diriam? Não são eles que a sustentam,

e agora que Feroz morreu sente-se livre do medo que a atormentou duran-

te anos — de ser motivo de fofocas entre a vizinhança. Ou pior: de que os

mais perspicazes notassem os eventuais machucados que as roupas e a ma-

quiagem não conseguiam esconder e ficassem com pena dela, fazendo tsk-

tsk às suas costas. Agora que Feroz morreu, não tem mais medo da pieda-

de deles.

E, mesmo assim.. a simples idéia de Bhima sentada em suas poltro-

nas a repugna. Só de pensar nisso fica tensa, exatamente como naquele dia

em que pegou a filha, então com 15 anos, dando um abraço carinhoso em

Bhima. Observando aquele abraço, Sera foi tomada por emoções conflitan-

tes: orgulho e espanto pela espontaneidade com que Dinaz quebrou um

tabu não explicitado, mas também um sentimento de repulsa tal que teve

que reprimir a vontade de mandar a filha ir lavar as mãos. “O que é surpre-

endente”, pensa Sera, lembrando o incidente. Ela mesma tinha declarado

em inúmeras ocasiões que Bhima era uma das pessoas mais limpas que co-

nhecia.

— Bhima não saberia distinguir um desodorante de um pauzinho japonês, mas garanto que nunca senti nenhum cheiro ruim nessa mulher —

comentou certa vez com a amiga Mani. — Não sei como ela consegue isso,

haja vista a falta de privacidade e de água corrente na favela onde mora.

Mas ela consegue.

E, desde que Sera a conhecia, Bhima fazia uma pausa de 15 minutos às quatro da tarde para lavar o rosto com o sabonete que guardava na sua

própria saboneteira na cozinha, botar talco Pond"s nas axilas e arrumar o

cabelo que tinha rareado muito nos últimos anos. Aquelas abluções diárias

estimularam Sera, que se tornou então mais consciente do seu próprio mau

cheiro, e agora parava o que quer que estivesse fazendo para se lavar tam-

bém.

Mas, apesar disso tudo, há essa relutância, essa resistência em deixar

Bhima usar os seus móveis. Sentadas naquele silêncio amistoso tomando

chá, Sera tenta justificar seu preconceito. "Parte disso é a porcaria do taba-

co que ela masca o dia inteiro", pensa consigo mesma. "Isso só serve para

me deixar enjoada e sujar qualquer coisa a seu redor. E também, depois de

ter visto onde ela mora, posso imaginar as condições de vida na favela —

que tipo de água ela usa para tomar banho e como é que consegue se lim-

par direito nos „países baixos“".

Perdida em seus pensamentos impulsivos e cheios de culpa, Sera per-

cebe que perdeu um trecho do que Bhima estava dizendo.

— Ah, Bhima, repita a última parte. Desculpe, não ouvi direito o que você falou.

Bhima suspira impaciente. E começa a história outra vez.

— SOU A AVÓ DE MAYA Phedke — declarou Bhima.

Ashok Malhotra a fitava, na expectativa, piscando os olhos rapidamente. Como ela não disse mais nada, o rapaz se inclinou para a frente e

perguntou:

— Sim?

Os dois ficaram se olhando em silêncio, como se cada um estivesse esperando que o outro continuasse a falar. Finalmente, Ashok teve uma reação.

— Desculpe.. será que a senhora acha. . quer dizer, será que conheço

essa tal de Maya?

A voz de Bhima fraquejou.

— Maya — disse ela, como se estivesse descrevendo a neta para um estranho. — Ela está no segundo ano. Cabelo comprido. Alta, com a pele clara.

Ficou paralisada pela incoerência de ter que lembrar a este bruto insensível de que jeito era a mulher que ele tinha engravidado.

Ashok veio em seu socorro.

— Ah, Maya! — exclamou num tom alegre. — É claro que conheço Maya. É que acho que nunca soube o sobrenome dela. Desculpe.

Bhima olhou para o rosto bonito à sua frente. Ela se admirou de não ver ali nenhum sinal de culpa ou de preocupação. O que estava acontecen-

do com esses jovens de hoje? Conviviam uns com os outros sem nem

mesmo saber seus sobrenomes? No seu tempo, saber o nome de família de

alguém era mais importante do que saber seu primeiro nome. Afinal, é o

sobrenome que diz tudo o que precisamos saber — a que casta a pessoa

pertence, de onde vem, quem eram seus antepassados, qual era a profissão

deles e a história da família, seu *khandaan*. E aqui estava este rapaz descara-

damente confessando que não tinha nem se preocupado em saber o sobre-

nome de Maya.

— Aliás, como vai Maya? — prosseguiu Ashok. — Há dias que não a vejo.

Seu rosto rapidamente se entristeceu.

— Ela está bem, não está, tia?

Bhima balançou a cabeça.

— Não, ela não está bem, não. Maya não está nada bem.

— Não diga! — exclamou Ashok. — O que foi, malária ou alguma coisa assim? Dois amigos meus estão com malária. Mas olhe, diga a Maya

que não se preocupe. Depois passo todas as minhas anotações para ela. Na

verdade, isso vai ser um incentivo para que eu pare de matar aula e passe

mais tempo na sala do que nessa estúpida cantina.

E deu aquele seu sorriso radiante.

Pela primeira vez, ocorreu a Bhima que, por trás do rosto barbeado e

bonito de Ashok, havia o cérebro de um imbecil. Será que esse rapaz era

realmente idiota? Ou estava apenas se fazendo de bobo, tentando parecer

inocente e fugir da responsabilidade? Ah, então era isso? Quanto mais

Bhima olhava para o rosto franco e de olhos arregalados de Ashok Malho-



tra, mais entendia o jogo dele.

Bem, não ia deixar que se safasse daquela maneira. Era por isso que estava ali, naquele ambiente estranho e pouco familiar: para enfrentar as

negativas desse rapaz e fazer com que ele assumisse a sua responsabilidade.

Bhima inclinou-se para a frente em sua cadeira.

— Não é malária, *beta* — disse ela, esforçando-se para manter a voz firme. — Você sabe exatamente o que houve com Maya.

Ashok piscou os olhos.

— Eu. . eu sei? — balbuciou.

Mais uma vez, ficaram se olhando em silêncio. Então, Bhima sacudiu a cabeça com impaciência. Esse rapaz não estava facilitando as coisas. Ele

podia se dar ao luxo de passar o dia inteiro nesta cantina jogando seus jo-

guinhos, mas ela não. Estava velha e cansada, tinha o longo percurso de

volta para casa e ainda precisava fazer o jantar quando chegasse lá. Além

do mais, haveria uma cena quando a neta descobrisse sobre a ida dela à

universidade, com lágrimas e recriminações. Maya iria olhar para ela com

seus grandes olhos e diria:

— Como é que você pôde fazer isso, vó? Confiei a você o meu segredo!

Como se uma pilha de livros tivesse caído na sua cabeça, Bhima subitamente sentiu o peso dos seus 65 anos. Cada osso do seu corpo cantava

os seus males, cada fio de cabelo grisalho entoava o seu sofrimento, cada

músculo tremia e latejava de dor. Olhou bem nos olhos do rapaz de pele

fina e cabelo escuro com uma inveja cheia de amargura. Percebeu suas un-

has limpas, sua *kurta* engomada, o cabelo bem cortado. Notou o brilho da

juventude em seu rosto, os dentes brancos e perfeitos, as mãos lisas e sem

manchas. Esse rapaz tinha todo o tempo do mundo. “Príncipe Ashok”, era

como o chamavam, e era verdade. Esse rapaz podia gastar, podia até des-

perdiçar o tempo como se fosse uma moeda sem valor. Enquanto ela,

Bhima, tinha que poupar o tempo, fazer valer cada segundo do seu dia,

esse rapaz podia agitar os braços desordenadamente através do tempo, gas-

tando-o como moedas de dez *paisa*.

Parte da fúria escamoteada que ela estava sentindo deve ter aparecido

em seu rosto, porque Ashok Malhotra a fitava assustado.

— Tia, a senhora está bem? — perguntou ele. — A senhora quer tomar uma Limca ou alguma coisa assim?

— Escute, Ashok, não tenho tempo para isso. Já estou velha e não tenho muitos anos de vida. Pelo menos tenha pena da minha idade e não

fique brincando comigo. Isso também não é fácil para mim, *beta*.

A expressão no rosto do rapaz mudou. Tirando os cotovelos da mesa de fórmica, recostou-se na cadeira de modo a estabelecer o máximo de dis-

tância entre ele e Bhima.

— Eu me chamo Ashok Malhotra — disse cuidadosamente. — A senhora tem certeza de que sou o Ashok que está procurando?

Bhima deixou escapar um suspiro, que pareceu mais um assobio.

— Olhe aqui, *baba*. Já sei de tudo. Não precisa fingir. Maya me con-

tou tudo. Não estou aqui para culpar ninguém. Só quero. .

— O quê? O que Maya disse à senhora?

Finalmente estavam chegando a algum lugar.

— Ashok, Maya está grávida. Não está com malária. Está grá-vida!

Ashok engasgou.

— Grávida? Impossível. Quero dizer, tia, estou chocado.

A voz de Bhima se abrandou.

— Eu sei, *beta*. Todos nós estamos. Essa não é a vida que planejei pa-

ra a minha neta. Ainda assim, quem sabe por que linhas tortas Deus escre-

ve? Talvez..

— Não, quero dizer.. logo Maya. Não a conheço muito bem, mas eu realmente a respeitava. Sempre pensei que fosse uma garota séria, diferente

das outras moças que conheço.

Bhima ficou olhando para ele boquiaberta. O rapaz era algo mais: um

sem-vergonha. Sentado na sua frente, falando sobre as outras garotas que

conhecia. Será que isso queria dizer que engravidou outras garotas tam-

bém? Que havia outros — que Deus nos livre —, outros bebezinhos  
A-

shok Malhotras circulando por aí? Uma onda de desespero e mágoa  
a atin-

giu.

Ainda assim, tinha que tentar. Pelo bem de Maya, tinha que fazer  
esse

rapaz esquecer todas as outras namoradas.

— O que passou passou — disse ela. — A questão é: o que vai aconte-  
tecer agora?

Ashok deu de ombros. Vendo aquilo, Bhima agarrou a borda da  
mesa

rosa para impedir que sua mão voasse na cara dele. Maya estava  
com sérios

problemas e tudo o que esse mulherengo descarado e filho-da-puta  
podia

fazer era dar de ombros?

— Escute aqui — disse ela, nem mesmo esperando que a raiva se dis-

sipasse de sua voz. — Sei de tudo. Maya me contou tudo. Sobre  
vocês. E

se você vai ser pai, pelo menos podia. .

— O quê? O quê? — Ashok ficou de pé e havia um novo tom em

sua voz. — O que a senhora disse?

Então. . ele não sabia. Notando os olhares inquiridores que os outros estudantes lançavam na direção deles, Bhima se amaldiçoou por não ter

escolhido um local mais reservado para lhe dar a notícia.

— Eh, Ashok, está tudo bem aí, *yaar*? — indagou um daqueles rapazes que Bhima tinha afastado da mesa.

O rosto de Ashok estava branco e seu peito arfava. Inexplicavelmente, Bhima sentiu uma vontade incontrolável de rir. O rapaz escandalizado à

sua frente, com aquele ar melodramático de ofendido, parecia até uma da-

quelas atrizes do cinema hindi cuja virtude foi questionada. Mas, depois,

notou que ele a fitava com raiva, e o riso abortou dentro dela.

— *Beta*, sente-se — pediu Bhima. — Sei que isso é difícil, mas. .

— Ela disse isso? — exclamou ele entre dentes. — Disse que sou o pai do filho dela?

Incapaz de fitá-lo nos olhos, Bhima fez que sim com a cabeça.

— Que mentirosa safada! Mentirosa safada, escrota e ordinária! Como é que ela teve a ousadia? Piranha! Puta! Isso só vem provar que não se

pode confiar numa mulher! Nunca!

Bhima levou um segundo para se dar conta de que ele estava falando

de Maya. E, naquele momento, sentiu que não ia querer Ashok Malhotra

como genro nem que ele fosse o último homem da face da Terra. Num

segundo, vislumbrou o futuro, viu as conseqüências daquele pensamento e

enxergou os cacos de um sonho destruído. Para Maya, não ia haver cozi-

nha com louça limpa e panelas areadas, nem marido amoroso para prover

todas as coisas que ela, Bhima, nunca teria podido conseguir. Em vez dis-

so, haveria um aborto e uma vida inteira de vergonha e de segredos furti-

vos. Mas até isso era preferível a obrigar esta criatura de boca suja a se ca-

sar com Maya. Serabai estava sempre lendo em voz alta histórias que saíam

no jornal sobre noivas queimadas e assassinadas por causa de dotes. Bhima

deu de ombros. Tem coisas que alguns homens fazem com suas mulheres

e que você não desejaria para o seu pior inimigo. Pode-se dizer o que qui-

ser sobre Gopal (mesmo quando o álcool o transformou num homem va-

zio), ele nunca a ofendeu com o tipo de linguagem que esse diabo desse

rapaz acabou de usar se referindo a Maya.

Bhima se sentiu livre ao perceber que não queria que Ashok Malhotra

fizesse parte de sua família.

— Cale a boca. Nunca mais fale da minha neta desse jeito. Lembre-se

de que, mesmo estando morta, vou me levantar do túmulo para cortar fora

a sua língua. A minha Maya é uma boa menina, vale dez de você. Foi preci-

so um animal nojento como você para corrompê-la. E quanto a pedir que

se case com ela e faça dela uma mulher honesta eu devia estar. .

— Casar com ela? Fazer dela uma mulher honesta? — Havia um tom histérico na voz de Ashok. — *Arre*, Bhagwan, será que estou ficando lou-

co, ou o quê? Ouça bem, minha senhora, mal conheço a sua neta. Devo ter



falado com ela umas cinco ou seis vezes, e sempre com outros amigos jun-

to comigo. Deus é testemunha.

Bhima estava a ponto de protestar, mas o olhar furioso de Ashok a si-

lenciou.

— Isto é um complô dos meus inimigos, estou sentindo isso — disse

ele, olhando em volta do salão. — São aqueles filhos-da-puta da Progressi-

ve Student Union que fizeram a senhora acreditar nisso. Tenho certeza.

Esquerdistas escrotos e degenerados. Sempre tentando nos desacreditar,

nós do RJS. Todas aquelas putas do PSU com esse papo de secularismo e

outras merdas do gênero. E seus “camaradas” socialistas efeminados que

ficam babando atrás delas que nem cachorros no cio. Mesmo assim, nunca

pensei que eles pudessem chegar a esse ponto.

— *Beta*, eu vim aqui para falar de Maya e nada mais. .

— Nunca teria adivinhado que Maya era uma delas — disse Ashok

num tom de voz tão baixo que Bhima mal pôde ouvi-lo. — Mas não im-

porta. Ela não vai conseguir sujar minha reputação. Todo mundo aqui na

universidade sabe que sou do RJS e que acreditamos na pureza e na casti-

dade antes do casamento. Até mesmo alguns estudantes cristãos me confi-

denciaram que, embora não concordem com o objetivo do RJS de uma

nação hindu, respeitam muitos dos seus ensinamentos. É claro que nunca

admitiriam isso em público. Têm muito medo dos muçulmanos fanáticos,

acho eu. De qualquer modo, no RJS nos ensinaram a respeitar as nossas

mulheres hindus, mesmo as perdidas, como Maya. Mas também acredita-

mos em revanche. Precisamos revidar quando alguém ataca a nossa reputa-

ção.

Seus olhos faiscavam olhando para Bhima.

Um dos integrantes da turma de Ashok veio até a mesa.

— O que houve, cara? — perguntou ele, olhando para Bhima. — Essa senhora está incomodando você? A gente pode resolver esse problema

em dois tempos.

Mas Ashok o afastou com um gesto.

— Não, não, pode deixar, posso cuidar disso sozinho.

— *Ghamcha*, puxa-saco — resmungou Bhima com seus botões, olhando para o outro rapaz que se retirava.

Mas, na verdade, ela já tinha terminado. A defesa veemente que Ashok Malhotra fez de seu caráter, o brilho louco e paranóico em seu olhar,

seu desprezo óbvio por Maya e suas ameaças bem pouco veladas tinham

arrasado Bhima completamente, e ela sentiu que desmoronava como um

castelo de cartas. Não havia mais nada a dizer, não havia nenhum motivo

real para continuar ali. Tinha falhado redondamente em sua missão, e se

questionava sobre o objetivo daquilo tudo.

— Desculpe o incômodo — disse ela com a voz calma. — Espero

que você me perdoe, *beta*. Sou apenas uma mulher boba e burra. E, se não

for o bastante, tenha pena dos meus cabelos brancos e esqueça essa con-

versa. Minha família — e aqui sua voz falhou — nunca mais vai incomodá-

lo. Por favor, me perdoe do fundo do seu coração.

A cantina parecia ter dobrado de tamanho durante o tempo em que ela ficou ali. Bhima caminhou vacilante, mantendo os olhos fixos no chão,

forçando o ouvido a não captar os sussurros e risinhos que a seguiam. Seus

pés doíam nos pontos onde as sandálias de borracha roçavam em sua pele.

O taxista era um rapaz simpático que nitidamente queria conversar, mas Bhima não estava com espírito para isso. Ela olhava para fora da jane-

la enquanto o táxi passava por prédios e conjuntos habitacionais dilapida-

dos. O ar salgado do mar da Arábia não conseguiu reavivá-la quando pas-

saram por ele, nem mesmo a visão de sua água meio pardacenta que geral-

mente fazia o seu coração pular de alegria.

Ela repassou mentalmente a conversa que teve com Ashok, tentando

precisar o exato momento em que esta lhe escapou como uma manada fu-

riosa de elefantes, o exato momento em que seu coração se despedaçou e o

futuro se quebrou diante de seus olhos incrédulos.

E também o exato momento em que começou a acreditar na inocência de Ashok Malhotra. Porque, para ela, não havia dúvida de que o rapaz

tinha dito a verdade. E que tinha sido Maya, a neta que ela salvara das por-

tas da morte, Maya, que viera para ela como uma órfã e que cresceu e se

tornou uma moça inteligente e ambiciosa, Maya, o único membro da família-

lia que tinha por perto, Maya, o único ponto brilhante na sua vida sem bri-

lho, Maya, que deveria compensá-la por todas as esperanças não realizadas

e os sonhos abortados, e que era o ponto focal dourado de todas as suas

fantasias e devaneios, quem mentiu para ela. Foi Maya quem a traiu. (Mas

Bhima não deveria estar acostumada a traições naquela idade?) Foi Maya

quem a envergonhou e humilhou. (Mas já não deveria estar calejada pelas

humilhações nesta altura da vida?) Maya, que parecia ter a intenção de tra-

zer para a sua vida mais um sofrimento e preparar mais um travesseiro de

algodão duro para colocar debaixo da cabeça de Bhima. (E por quê, afinal,

Maya deveria ser diferente do resto da família?)

Bhima desceu do táxi cinco minutos antes de chegar á *basti*. Não que-

ria que os vizinhos ficassem especulando sobre o motivo de ela ter tomado

um táxi para voltar para casa. E hoje também não estava a fim de suportar

os olhares de inveja. Sabia que muitos deles invejavam a sorte que ela tinha

de trabalhar para alguém como Serabai.

— *Ae, Bhima mausi* — dizia-lhe Bibi com freqüência. — Estou ape-

nas esperando que a sua Maya consiga um bom emprego e que você possa

se aposentar. Aí, vou trabalhar lá com a sua Serabai. Também quero voltar

para casa com chocolate Cadbury para as minhas crianças. Aquela *gujarati*

para quem trabalho é tão *kanjoos* que, se num mês me dá um grão de sal

que seja, juro que tenta descontar alguma coisa do meu pagamento no mês

seguinte.

Bhima foi andando rápido, ansiosa para chegar em casa. As tiras das *chappals* de borracha machucavam os seus pés, mas estava perdida demais

nos seus pensamentos para sentir dor. Já que não era Ashok Malhotra,

quem seria o pai da criança? E, para falar a verdade, será que isso tinha im-

portância? Com certeza foi um dos desocupados da favela que engravidou

Maya. Pode ter sido até aquele homem insolente que mora em frente e que

não tem a decência de desviar o olhar quando elas fazem sua toalete diária,

O rosto de Bhima ficou vermelho ao pensar nisso. O aborto era o único

jeito. O confronto com Ashok Malhotra tirou-lhe a vontade de lutar. Não

conseguia imaginar ter que passar por isso com um outro suspeito. E quem

lhe garantia que essa sem-vergonha desse a informação certa dessa vez? O

rosto de Bhima queimava de raiva pelo desgosto que Maya lhe trouxe. Sua

mão direita se contorceu na expectativa dos tapas estalados que queria dar

no rosto de Maya. Apressou o passo.

Mas, ao se aproximar da *basti*, foi tomada por uma estranha relutância

em entrar no seu pobre casebre. Notou mais uma vez como a estrutura de

lata e papelão era precária e desmantelada, mais parecendo um ninho de

um pássaro gigante feito por um bando de corvos bêbados do que um lo-

cal onde seres humanos habitam. Levantou o sári com a mão direita para

impedir que a barra da saia tocasse a água parda, turva e estagnada no chão.

Com a mão esquerda, espantava as moscas que enxameavam ao seu redor.

Como sempre, sentia aquele desespero desamparado que tomava conta

dela quando entrava na favela. Mas hoje aquele desespero tinha marcas de

dentes. Sentiu por Maya um ódio nu e cru. Que garota burra e maluca, que



sem pensar jogou fora seu futuro como se fosse um jornal velho! Ela tam-

bém iria morar nesta favela imunda, condenada a viver seus dias do mesmo

modo que Bhima tinha vivido. E a sombra da criança abortada iria perse-

gui-la para sempre. Esteve por um fio de sair dali e construir uma vida para

si. Mas não escapou à maldição familiar que pairava sobre sua cabeça, co-

mo uma garra. A maldição que fez de Maya uma órfã aos sete anos de ida-

de vai deixá-la sem o seu filho aos 17 anos.

É claro que, se hoje não tivesse feito aquela cena na faculdade de Ma-

ya, talvez houvesse um jeito de ela voltar para lá. Podia fazer o aborto, ficar

em casa descansando durante alguns dias e depois, devagarzinho, ir reto-

mando as aulas. Se algum colega perguntasse, poderia dizer que tinha tido

— o que é que Ashok Malhotra disse que os amigos dele tinham? — malá-

ria. Ninguém precisaria saber. Mas no momento em que sua neta mencio-

nou o nome de Ashok Malhotra um otimismo estranho e irracional tomou

conta de Bhima. A visão da cozinha com as panelas brilhando capturou sua

imaginação. Foi como se o diabo estivesse brincando com ela, como se a

tivesse contaminado com uma esperança perigosa, atraindo-a até a facul-

dade de Maya, dançando à sua frente, indicando o caminho até a mesa de

Ashok Malhotra, onde a vergonha e o ridículo a esperavam como um prato

quente e fumegante de batatas empanadas e apimentadas, as *battatawadas*. A

culpa subiu pelas suas pernas cansadas como uma carga radioativa. Tinha,

sem querer, destruído o futuro da neta. Qualquer que fosse o erro que Ma-

ya pudesse ter cometido poderia ser corrigido. Mas o que Bhima tinha feito

— compartilhado a vergonha da família com um estranho e sujado a honra

de Maya diante de um bobo crente e carola, revelando seu segredo a Deus

sabe quantos ouvidos curiosos e atentos —, aquilo não podia ser desfeito.

Tinha posto sua neta a nu naquela cantina enorme, iluminada e cheia de

gente, exposta às flechas venenosas de suas fofocas e seus comentários

maldosos.

Talvez tenha sido a culpa o que a fez se voltar contra Maya, assim que

esta abriu a porta. Pegando a sandália, que tinha feito um sulco profundo e

sangrento em seu pé direito, Bhima esperou até que Maya fechasse a porta

empenada. E então, antes que Maya pudesse se afastar, Bhima investiu

contra a neta grávida, de quem não podia sequer ver o rosto sem sofrer

terrivelmente.

— Venha cá, sua mentirosa sem-vergonha — disse ela, ofegante. —

Tome isso e mais isso e mais isso. Quero acabar com você, nunca mais

quero ver a sua cara novamente.

Tentando se esquivar dos golpes, as mãos de Maya instintivamente

protegeram o abdome. Ela se virou, e a maioria dos golpes de Bhima lhe

atingiu as costas.

— Não, vovó — disse ela choramingando, mas depois ficou quieta, encolhendo-se em silêncio a cada chinelada da avó.

Seu silêncio enfureceu Bhima. Queria tirar sangue da neta; mais que isso, porém, queria arrancar lágrimas de Maya, como se as lágrimas fossem

batizar a ambas, como se fossem purificá-las e lavá-las desse mal que se

infiltrou feito um verme em suas vidas.

— Diga alguma coisa — exigiu ela.

Depois, no ritmo dos golpes:

— Diga. . alguma coisa.. implore.. perdão. . sua menina diabólica.. você. . é um erro do ventre da sua mãe.

Mas, em vez disso, era Bhima que estava quase chorando, abalada pelos

acontecimentos do dia — a humilhação, a exaustão, a ofensa e a

sensação de impotência de ter sido enganada pela própria neta, e agora também

o horror ao seu próprio comportamento incontrolável. A dor nos

antebraços a fez parar. Maya se agachou no chão, olhando para ela com grandes

olhos assustados. Aquele olhar partiu o coração de Bhima, e ela sentiu von-

tade de tomar nos braços aquele corpo jovem e trêmulo e cobri-lo de bei-

jos com a mesma intensidade com que o cobriu de golpes há um minuto,

mas endureceu o coração. Antes de mais nada, foi essa complacência que

permitiu que Maya se afastasse do bom caminho.

— Ashok Malhotra — esbravejou ela. — O pai do seu filho bastardo, não é? *Arre*, uma perdida como você teria que ter nove vidas para conse-

guir um rapaz decente, religioso e temente a Deus como ele.

Maya a olhou fixamente.

— Como é que você sabe que Ashok é religioso? — perguntou ela.

— Eu me encontrei com ele. Fui até a sua faculdade hoje para lhe fa-

zer uma proposta de casamento.

Bhima riu com amargura, balançando a cabeça pela sua ingenuidade.

— Você fez o quê? — A histeria aumentou o volume da voz de Maya. — Vó, você fez o quê?

Bhima forçou-se a continuar encarando a neta.

— A culpa é sua. Ou você conta tantas mentiras que se esqueceu do que me disse sobre ele? Na verdade, a culpa é minha. Imagine só, acreditar na palavra de uma cachorra.

Maya se encolheu.

— Não seja tão cruel, vovó, eu imploro. Pode me bater com a *chappai*

ou com um pedaço de pau, pode jogar gasolina em mim e me queimar vi-

va, que não me importo. Mas não me agrida com suas palavras.

— Eu, agredir você? *Beta*, espere até ver como esse mundo cruel vai tratá-la quando a notícia da sua gravidez se espalhar. Você sabe que a Yas-

meen, a muçulmana da *basti* vizinha, tem que usar o *pardah* para cobrir a

cabeça, não sabe? Bem, você não vai precisar de um. A sua vergonha vai

funcionar como um véu.

— E agora você espalhou a minha vergonha feito esterco por toda a faculdade — disse Maya amargamente. — Conheço aquele tal de Ashok.

Nunca fui muito com aquele lance Hare Rama dele. Vi como ele adora fo-

focar, especialmente sobre as meninas de quem não gosta. Ele é um falas-

trão, parece que nasceu com um alto-falante na garganta. A universidade

inteira já deve estar sabendo de tudo.

Bhima engoliu em seco a culpa, com gosto de leite azedo.

— Você deveria ter pensado melhor antes de incriminá-lo falsamente. Antes de me olhar nos olhos e me contar uma mentira.

— Você me forçou — disse Maya e, por um segundo, um *flash* da ve-

lha e espirituosa Maya despontou. — Você insistiu, insistiu tanto que eu

disse o primeiro nome que me veio à cabeça.. o mais improvável. Que im-

porta quem é o pai, vovó? O fato é que o neném está crescendo dentro da

*minha* barriga e não na dele. Isso faz com que isso seja a minha maldição e

a minha bênção, e de mais ninguém..

— Bênção? Você se refere a esta, esta coisa que está crescendo dentro

da sua barriga como uma bênção? Você ficou louca, menina? Ou está tra-

mando matar a sua avó para herdar esse palácio no qual vivemos?

Maya pôs uma mão insegura no braço magro de Bhima.

— Não fale em morrer, vovó. Você é tudo o que tenho nesse mundo.

“Então é assim que se parte um coração”, pensou Bhima. A sensação

é assim tão fria, tão delicada e tão excepcional, como uma nota superaguda

de um violino dos discos de música clássica que Serabai ouvia. Bhima que-

ria abraçar Maya e matá-la, salvá-la e destruí-la, tudo num mesmo e explo-

sivo momento.

— Tudo bem — disse ela asperamente. — Não aja como Meena

Kumari em algum filme hindi. Vá acender o fogão. O ronco do meu estô-

mago vai espantar até os ratos.

Maya já ia se afastando quando Bhima a reteve.

— Escute aqui, garota. Amanhã vou falar com Serabai sobre levar você a uma clínica de abortos. Já se passou tempo demais.

5

ENQUANTO SERA ESTÁ ESPERANDO O ELEVADOR, ela se per-

gunta se é seguro deixar Bhima sozinha em casa. Nunca tinha visto Bhima



assim tão envelhecida, tão cansada, tão — qual a palavra certa? — *derrotada*,

como parecia hoje. Nem mesmo quando Gopal foi embora, levando con-

sigo a coisa mais preciosa de sua vida. Bhima tinha ficado assustada naque-

la época, não há dúvida sobre isso, mas ela sabia que ainda era responsável

por Pooja e aquela responsabilidade pela filha a encorajava e impedia que

desmoronasse. Gopal lhe fez muito mal, mas com Maya foi pior ainda. A-

shok Malhotra, puxa vida! Sera tenta sentir raiva de Maya, mas não conse-

gue. Tenta imaginar a Maya de hoje — cautelosa, alterada, defensiva, ma-

nipuladora —, mas só se lembra de uma menina tímida e assustada, de sete

anos de idade, com um vestido vermelho de babados e sandálias douradas,

diante dela e de Feroz, agarrada o tempo todo à mão da avó. Bhima tinha

acabado de voltar de Delhi com a neta, tendo viajado a noite inteira de

trem, e Sera pôde ver as olheiras profundas em torno dos olhos da menina.

Uma órfã dolorosamente magra que Sera conquistou com três pedaços de

chocolate Cadbury por dia. A menina, dois meses depois que Bhima come-

çou a trazê-la para a residência dos Dubash enquanto trabalhava, um dia

surpreendeu e encantou Sera ao dizer em inglês:

— Cadê meu chocolate?

Foi naquele dia, ou logo depois, que Sera decidiu que ela era uma cri-

ança inteligente e merecedora de uma vida diferente daquela que sua avó

poderia lhe proporcionar. E que ela, Sera, assumiria a responsabilidade pe-

los estudos de Maya.

Entra no elevador e vê a senhora Madan, a vizinha do quinto andar.

— Como vai, Sera? — diz a mulher. — Há quanto tempo a gente não se vê, querida.

— Estou bem — responde Sera. — E você?

Ela se arrepende de ter perguntado, assim que acaba de falar.

A senhora Madan suspira.

— *Chalta hai, chalta hai* — diz ela. — A vida continua. A artrite está

cada vez pior. Está vendo esse polegar? Está vendo como está inchado e

vermelho como um tomate enorme? *Baap re*, você não pode imaginar co-

mo dói. Porém, o que não pode ser curado tem que ser aturado, como cos-

tumava dizer meu querido falecido Praful. Mas isso é porque ele nunca te-

ve uma enxaqueca. Às vezes elas são tão fortes que nem consigo abrir os

olhos. Graças a Deus, minha empregada sabe exatamente o que fazer nes-

sas ocasiões. Ela está comigo há muito tempo, sabe? Não tanto quanto a

sua Bhima, é claro. Isso é verdadeiramente excepcional, devo dizer. Não é

de espantar que você a trate como um membro da família, O meu Praful

dizia que você permitiu que aquela mulher tomasse conta da sua cabeça, se

você não se importa de eu dizer isso. Mas esses homens têm o coração du-

ro, não é? Eles não têm o coração mole como o nosso. Eu sempre digo:

Sera vai ser recompensada no céu pelo modo como trata Bhima.

— O céu não tem nada a ver com isso — diz Sera. — Bhima é uma pessoa decente e muito trabalhadora. .

— Eu sei, eu sei. É exatamente isso o que digo para todo mundo.

Você tem um coração bom como o meu, Sera. Todos os dias você vai visi-

tar a sua sogra idosa. Não pense que não observo, mesmo estando quase

cega por causa da catarata. Pode ser que você não vá ao *agyari* tantas vezes

quanto alguns de nós, mas sei que é religiosa a seu próprio modo. Minha

querida, está na hora de eu ir buscar o meu remédio. O médico me disse

que eu deveria andar todos os dias, mas vou lhe dizer uma coisa, as calça-

das estão tão ruins em Bombaim hoje em dia que tenho medo até de sair

do edifício. Em todo lugar há bueiros abertos e buracos.

“Essa Mehru Madan é uma idiota”, pensa Sera quando se afastam.

Teologia confusa, fatos médicos confusos, cérebro confuso. Ela se lembra

de que Feroz se referia a Mehru como a Velha do Miolo Mole, e o pensa-

mento a fez sorrir.

Ainda está sorrindo quando entra no elevador do edifício de Banu Dubash. O ascensorista nota o seu sorriso e sorri de volta.

— *Salaam, memsahib*. Bom dia, madame — diz ele.

Ela retribui o cumprimento levemente com a cabeça, incomodada com o fato de ter sido apanhada desprevenida por um momento.

— Segundo andar — diz ela, embora esteja consciente de que o homem sabe perfeitamente em que andar fica o apartamento de Banu Duba-

sh.

O MONSTRO AINDA ESTÁ DEITADO na cama, o cabelo longo e ralo jogado como uma crina de cavalo por sobre o travesseiro. Está dormindo

quando Sera gira a chave da porta da frente e entra no apartamento. O

cheiro conhecido da água-de-colônia Tata e de álcool canforado invadem

suas narinas assim que passa pela porta. Como sempre, as cortinas pesadas

estão fechadas porque o Monstro gosta que sua toca esteja escura o tempo

todo. O apartamento velho tem cheiro de mofo, e Sera tem uma sensação

de claustrofobia. Luta contra a necessidade de abrir as cortinas desbotadas

e escancarar as janelas para deixar entrar o ar e a luz do sol, tão necessários.

Como sempre, seu olho crítico é atraído pelas paredes desbotadas, encar-

didadas, com a tinta descascando, e pensa o quanto gostaria de trazer uma

equipe de operários e pintar aquelas paredes antigas de uma cor bem clara.

Pelo que lembra, esta casa nunca foi pintada desde que vinha aqui como

uma jovem — bem, não tão jovem assim — noiva, há muito tempo. Es-

tremece involuntariamente com a lembrança daqueles anos infelizes em

que morou na casa do Monstro. Graças a Deus, teve coragem de sair, e a

Providência proporcionou-lhe sua própria casa. Não que viver sozinha

com Feroz fosse um paraíso. Mas, mesmo assim, era melhor. Já teria pula-

do da sacada desse apartamento se tivesse continuado a morar com os so-

gros.

Edna, a enfermeira do dia, está adormecida na grande poltrona no canto direito do quarto onde o Monstro está dormindo, exalando seus ron-

cos ritmados que enchem o espaço com uma música maçante. Sera primei-

ro vê Edna através do reflexo no espelho de corpo inteiro que cobre um

dos painéis do armário de mogno ao lado da cama do Monstro. No segun-

do painel, há uma pintura vertical de uma cena de floresta, com girafas,

elefantes e antílopes. O enorme armário tinha fascinado Sera na primeira

vez em que o viu. A casa dos Dubash era cheia de móveis antigos naquele

tempo. Havia uma mesa de jantar de mogno entalhado de 12 lugares, duas

mesas de centro com tampo de mármore, uma cama de dossel feita de teca

maciça.

Sera pigarreia deliberadamente, e o som surpreende Edna, acordando-

a.

— Oi, madame — gagueja ela, ao ficar de pé. — Não tinha ouvido. .

Tia Banu dormiu depois da sua toailete matinal, então eu. .

— Tudo bem — responde Sera secamente. — E então está tudo direitinho? Correu tudo bem durante a noite?

— A maior parte do tempo, sim, madame. Ela evacuou esta noite, mais ou menos às duas da manhã.

Edna capta a expressão no rosto de Sera e arrepende-se imediatamente

do que disse.

— Eu. . desculpe, madame. É que pensei que a senhora quisesse saber. Algumas famílias querem saber de todos os detalhes sobre o paciente.

Sera observa o rosto escuro, ossudo e cansado, as bordas puídas do chapéu

branco da enfermeira, o contorno desmaiado de uma mancha marrom no

uniforme gasto, e repentinamente sente uma onda de pena e de remorso.

— Não, está tudo bem. Queremos saber o que acontece com ela. E agora, Edna, que tal você fazer um chazinho para a gente? Vou me esticar

um pouco ali enquanto você prepara um bule de Brooke Bond.

A sua recompensa é um sorriso alegre e inesperado, claro como o céu



lá fora.

— Ótima idéia, madame — diz Edna. — Vou fazer um bule de chá. .

como é que vocês parses dizem? *Fattaa-faat*. Rapidinho. Talvez a tia Banu

queira um pouco de chá também.

Como se soubesse que estavam falando dela, a velha se mexe na ca-

ma. Pela enésima vez, Sera fica admirada com a onisciência de sua sogra.

Durante os anos em que viveu nesta casa, acreditou verdadeiramente que

Banu tinha três olhos extras incrustados atrás da cabeça. Não importava o

quão discretamente ela e Feroz tentassem discutir sobre alguma coisa, não

importava quão baixa Sera tentasse manter a voz durante uma dessas bri-

gas, Banu parecia saber exatamente o que tinha ocorrido no quarto deles.

Uma vez, tentou dizer isso a Feroz.

— Você já reparou o jeito como a sua mãe olha para mim sempre que

a gente briga? O que é que ela faz? Fica nos espionando ou algo assim?

Sempre tento esconder os nossos problemas, mas todas as vezes ela parece

saber que há alguma coisa entre nós.

— Você está menstruada?

— O quê?

— Está na época do seu ciclo? — repetiu Feroz. — Porque é quando você fica histérica e paranóica desse jeito, achando que as pessoas a estão

espionando. Daqui a pouco você vai ficar igual àquelas americanas estúpi-

das que acreditam em óvnis e essas coisas.

Encarou o marido em silêncio, mais magoada do que se achava no di-

reito de ficar pelo desprezo demonstrado por suas preocupações.

— Está bem, Feroz — disse ela finalmente. — Continue debochando de mim.

— Bom, se o que você diz fizesse sentido, eu não teria que fazer isso,

minha querida. Agindo como se minha mãe não tivesse mais nada que fa-

zer a não ser perder tempo vigiando você.

Quando Edna sai do quarto, Sera resiste ao impulso de segui-la até a

cozinha. Mesmo depois de todos esses anos, e apesar de Banu estar atual-

mente indefesa e paralisada, ainda fica pouco à vontade quando está sozi-

nha com a sogra. As más recordações fazem algazarra em seu ouvido, co-

mo macacos pulando nas árvores em Khandala. Há muitos fantasmas aqui

e, apesar dos resquícios fantasmagóricos e semimortos da velha paralisada

deitada na cama em frente a Sera, a morta que ela mais lamenta e chora é a

jovem mulher que jaz enterrada nesta casa. Com que esperanças aquela

mulher recém-casada tinha chegado à casa de seus sogros! Com que fervor

tinha sido perseguida e seduzida pelo homem que se tornou seu marido e

que a trouxe para dentro desta casa como se ela fosse um objeto precioso,

uma peça frágil de porcelana fina. Como eram riosos e brilhantes aqueles

dias, como se alguém tivesse pendurado um sol extra no céu de Bombaim.

Ela e Feroz já eram um pouco mais maduros na época, não eram exata-

mente jovens, mas isso tornou seu brilho ainda mais fascinante, porque

tinha sido inesperado e difícil de conseguir. Encontraram um ao outro

quando nenhum dos dois esperava mais por isso.

OUVE A ENFERMEIRA ARRUMANDO as xícaras de chá na bancada da cozinha.

— O chá está quase pronto, madame — diz Edna lá da cozinha. —

Uma xícara bem quente de *chai* saindo.

Sera não responde, com medo de acordar a velha. “É melhor não acordar os cães que estão dormindo”, pensa ela, e depois sente um aperto

de culpa ao comparar a sua sogra com um cão. Ainda assim, aproveita a-

quele seu momento de privacidade e fuga dos olhos observadores de Banu.

Apesar de o derrame ter deixado Banu indefesa e entrevada e do fato de

ela mal conseguir falar, os olhinhos da velha, pequenos como duas contas,

normalmente seguiam a nora pelo quarto, observando cada movimento

seu, como fazia no início do casamento de Sera.

Agora, aproveitando-se do fato de Banu ainda estar dormindo e seus olhos de dardos ainda estarem fechados, Sera vai pé ante pé até a velha.

Banu dorme com a boca aberta, respirando ruidosamente e, a cada três

respirações, solta um ronco gutural. Um fio grosso de baba escorre de sua

boca no travesseiro. Essa visão faz Sera ficar enjoada. Apesar de vir todos

os dias dar uma olhada na sogra, Sera nunca consegue controlar a sensação

de náusea e enclausuramento que a envolve quando está neste apartamen-

to. Olha para Banu, percebe a mulher encolhida e imóvel, deitada numa

cama que parece ter crescido à sua volta, e vai até o fundo de si mesma

buscar um pouco de piedade, mas volta de mãos vazias. Ou melhor, puxa

um fio infundável de uma corda, como aquela usada para fazer baixar os

baldes dentro dos poços nos templos de fogo parses. Na corda, estão en-

treçados a amargura e o ressentimento. A corda está negra e chamuscada

em suas mãos, queimada por sua fúria escaldante. Após todos esses anos,

Sera Dubash, amiga leal, mãe amorosa, patroa benevolente, vizinha presta-

tiva, generosa *patronesse* das artes, não consegue perdoar esse resto de mu-

lher que está deitada diante dela. Fica ao mesmo tempo envergonhada e

animada com o pensamento.

Os olhos de Sera se dirigem para o grande retrato a óleo de seu sogro,

Freddy Dubash, que está pendurado acima da cama de Banu. Freddy está

com uma expressão séria no quadro, o que não era uma característica dele,

mas a visão de seu amado papagaio, Polly, empoleirado em seu ombro di-

reito, a deixa feliz. Se os primeiros dias de seu casamento tinham sido co-

mo uma mina escura de carvão, Freddy era aquele único raio de luz que

brilhava no capacete do mineiro. Ele foi a razão pela qual ela não tinha se

desequilibrado completamente.

Sera sorri involuntariamente, como sempre faz quando se recorda do

sogro. Olhando para a careca de Freddy e o seu rosto familiar, lembra-se

de quando o conheceu e, é claro, do onipresente Polly. Três meses depois

de começarem a namorar, Feroz convidou Sera para ir à casa de seus pais

num domingo à tarde. Freddy Dubash, um dos mais bem-sucedidos advo-

gados de Bombaim, entrou na sala vestindo um *robe de chambre* vermelha

bordada, com um papagaio pousado em seu ombro.

— Sou Farokh Dubash — disse ele. — O pai do Menino Maravilha.

Mas todo mundo me chama de Freddy.

— Prazer em conhecê-lo — murmurou Sera.

— Feroz me contou que você gosta de música clássica. É verdade?

— Meu pai e eu íamos aos concertos em Homi Bhabha desde que eu

tinha sete anos — respondeu Sera com simplicidade. — Ele gosta muito

de música.

Freddy virou-se para o papagaio

— Polly, temos uma nova amiga. Dê o pé para cumprimentar uma companheira amante da música. Vamos lá. Dê o pé.

O pássaro levantou a garra encurvada e a estendeu. Sera virou-se para

Feroz insegura, sem saber o que fazer. Ele parecia distante.

— Vá até lá pegar no pé do bicho — disse entediado. — Aí então sua iniciação nesta família louca estará completa.

Banu estava para lá e para cá, parecendo incomodada.

— Francamente, Freddy. . — começou ela, mas Sera foi em direção a

Freddy com a mão estendida.

— Como vai você? — perguntou Polly quando Sera levou a mão à altura de sua pata.

Notando o olhar de surpresa em seu rosto, os outros começaram a rir.

— É uma brincadeira do meu marido — disse Banu, a voz com uma pitada de vergonha e de orgulho. — Ele levou semanas para ensinar Polly a

fazer isso.

— Que semanas, que nada! — exclamou Freddy. — Ele aprendeu em poucos dias. Isso é porque os papagaios são pássaros de uma inteligência

fora do comum — acrescentou, dirigindo-se a Sera. — Muito mais inteli-



gentes do que os cães, se quiser saber a minha opinião.

— É claro, é claro, papai. Você ensinou esse truque ao Polly em poucas horas — disse Feroz de maneira indulgente. — Em minutos. Afinal,

esse maldito pássaro é mais inteligente do que seu próprio filho. O Polly é

na verdade o filho que meu pai nunca teve — acrescentou, virando-se para

Sera. Ela pensou ter percebido um traço de amargura na voz de Feroz, mas

seu rosto estava sorridente.

Freddy ignorou o filho.

— Polly gosta de você — disse ele para Sera. — Assim como eu, ele reconhece um amante da música a quilômetros de distância.

“Por que é que o *pappa* Freddy tinha que morrer antes do Monstro?”,

pensa Sera, não pela primeira vez. Depois de todos esses anos, ainda pensa

no excêntrico Freddy de bom coração como o seu salvador, o homem que

a salvou desta casa infernal.

Banu resmunga em seu sono, como se estivesse atormentada pelos

seus próprios sonhos e pensamentos. Por um segundo seus olhos se a-

brem, desfocados, e no instante seguinte está roncando novamente. Ainda

assim, Sera sabe que a velha vai acordar a qualquer minuto. Ouve Edna

equilibrando as duas xícaras de chá, preparando-se para entrar no quarto.

Olha em volta rapidamente, sentindo-se culpada. Edna está quase dentro

do quarto quando Sera se inclina em direção á mulher que está dormindo,

como se fosse acariciar sua testa. Lança um último e furtivo olhar ao seu

redor antes de sua mão mudar de trajetória. A palma da sua mão aberta se

fecha, e o polegar e o indicador se juntam como pinças.

No momento em que Edna entra no quarto, Sera pega a bochecha

mole, caída e sem vida de Banu entre os dedos e lhe dá um beliscão. Com

força. Seu coração pula no peito. Fica esperando a velha acordar com um

grito, mesmo sabendo que o rosto paralisado de Banu não sentiu o ataque.

Banu continua dormindo, perdida em seu próprio e fétido mundo de so-

nhos. O remorso e a vergonha por seu comportamento infantil entram nas

veias de Sera como uma fumaça cinza. Ainda assim, sabe que amanhã vai

executar novamente o mesmo ritual. É a única maneira que tem de cons-

truir uma pequena vitória para a garota idealista e cheia de esperança que

jaz enterrada no túmulo que é esta casa.

A culpa faz Sera mexer dentro da bolsa e puxar uma nota de cem rup-

tas.

— Isso é para as suas crianças — diz a Edna. — Compre uns chocolates para eles quando voltar para casa hoje.

6

SHYAM, O VIZINHO COM O ROSTO MARCADO de varíola que mo-

ra do outro lado da vala, interrompe Bhima quando ela está prestes a entrar

em seu casebre.

— *Namaste, mausi* — cumprimenta ele. — Dia comprido hoje, né?

Bhima faz que sim com a cabeça.

— Todo dia é comprido quando se está trabalhando — responde.

Depois, lembrando-se que Shyam tinha perdido o emprego há dois meses,

sorri arrependida para assegurar que ele não veja nenhum traço de censura

na sua resposta.

Mas seu vizinho não parece ofendido.

— *Hahji* — concorda ele. — A senhora está certa. Então, Bhima *mau-*

*si*, a senhora vai comparecer ao nosso encontro com o administrador ama-

nhã à tarde?

— Que encontro? — pergunta Bhima, mas se lembra antes mesmo

de terminar a pergunta. Dias atrás Bibi tinha lhe dito que os habitantes da

comunidade tinham conseguido marcar um encontro com um dos chefões

da municipalidade para vir visitar a favela. Entre as muitas reivindicações,

os residentes da comunidade estavam pedindo à prefeitura que instalasse

mais algumas bicas d'água. — Ah, sim, já me lembrei — diz ela antes que

Shyam possa responder. — Alguém mencionou alguma coisa. Mas o que

fazer, Shyam, se tenho que trabalhar na casa da minha patroa? Se não tra-

balho, não como!

Shyam se encolhe, e Bhima se recrimina por sua falta de sensibilidade.

— Sim, *mausi*, sei o que a senhora está dizendo — diz ele numa voz

cheia de ironia. — Pelo bem deste estômago prostituído, a gente tem que

fazer de tudo e por tudo. Mas o bem-estar desta favela também é uma cau-

sa justa, não é mesmo? Com certeza a sua patroa pode lhe dar algumas ho-

ras de folga.

Bhima se sente acuada. A simpatia inicial que sentia por Shyam trans-

forma-se em ressentimento. Está cansada, abatida, ansiosa para entrar em

seu barraco e fechar a porta para o mundo lá de fora. Sua garganta coça na

expectativa de uma xícara quente de chá com leite e açúcar que espera que

Maya tenha se lembrado de preparar. Não quer mais perder tempo com

esse bobo desempregado.

— Minha patroa precisa de mim — diz rispidamente. — Quanto à favela, é para isso que a gente tem vocês, homens, para cuidar das nossas

necessidades, para conversar e debater com as autoridades. Sou apenas

uma mulher pobre e analfabeta, só sirvo para cortar cebola e usar uma vas-

soura. E, falando em cebola, tenho que fazer o jantar para mim e minha

neta. Então, com a sua permissão, me dê licença, por favor.

Já está com a mão na porta quando o som do nome de Maya na boca

de Shyam a impede de ir adiante.

— Ah, falando nisso — diz ele, e mesmo na luz do crepúsculo ela vê na sua boca um traço de crueldade —, por falar em Maya. . a minha Rehka

foi à sua casa hoje mais cedo. A gente estava precisando de açúcar, e a mi-

nha mulher pediu a Rehka para ir pegar um pouco emprestado. Temos no-

tado que Maya não tem ido à universidade esses dias, então a minha mu-

lher tinha certeza de que havia alguém em casa.

Bhima sente seus músculos do estômago se contorcerem. Alguma coisa está a caminho, e ela tem certeza de que não é nada bom.

— E o que é que isso tem a ver com Maya? — pergunta sem tentar atenuar a rispidez da voz.

— Calma, calma, *mausi*. — A voz de Shyam desliza como uma cobra em meio à escuridão crescente. — Ainda não acabei. O que estou queren-

do dizer é que a minha pequena Rehka foi à sua casa e encontrou Maya

vomitando num canto e segurando a barriga. E quando a minha filha ten-

tou ajudar, Maya se virou contra ela como uma víbora e a mandou embora.

Isso é maneira de tratar alguém que é vizinho na *basti*?

— Vou falar com Maya — disse Bhima. — Ela está gripada há muitos dias, coitadinha.

— Gripe, é? — A voz dele ficou ainda mais macia. — Tipo estranho de gripe para durar tanto tempo assim. Há pessoas aqui na *basti* que dizem

que ela já está vomitando há um mês ou dois. De toda forma, com todas as

moscas e ratos e a água suja dessa favela, imagino que tudo seja possível.

Bhima resiste ao impulso de arranhar aquela cara bexiguenta. Em vez

disso, diz numa voz calma e controlada:

— Mande Rehka vir aqui em casa, Shyam. Vou dar um pouco de açúcar-

car para ela.

O rosto de Shyam se ilumina imediatamente. Sua transformação faz

Bhima se lembrar da cobra no templo Mahalati que abaixa a crista assim

que o alto sacerdote põe uma cuia de prata com leite diante dela.

— Bhima *mausi*, eu sabia que podia contar com a senhora. — Ele dá um sorriso forçado. — Assim que conseguir um emprego, quero pagar

todas as minhas dívidas. A menina vai até aí daqui a pouquinho.

Bhima espera até que Rehka tenha saído com meia xícara de açúcar antes de se virar para Maya. Seus olhos vasculham o quarto. Nota que a

neta não preparou o tão esperado chá.

— O que é que você fez hoje? — pergunta, e a secura de sua voz é um aviso.

— Nada — responde a garota cautelosamente.

— Nada — repete Bhima para o ar. — A princesa barriguda ficou aí



deitada o dia inteiro sem fazer nada.

O rosto de Maya está impassível como uma tábua, no entanto seus olhos transbordam de lágrimas. Mas Bhima não está satisfeita.

— Você ouviu o que aquele *badmaash* estava me falando sobre você?

— indaga ela.

— Me deixe em paz, vó — diz Maya. — Não estou me sentindo bem. — Sua voz era tão frágil quanto um pote de barro.

Bhima abre a boca para responder e depois a fecha. A garota parece realmente doente.

— Está bem — diz, mal-humorada. — Fique deitada uns minutos enquanto preparo o jantar.

Como se tivesse detectado a diferença no tom de voz da avó, surge um brilho nos olhos de Maya.

— Posso ajudar, vovó — diz ela. — Você deve estar cansada.

Bhima se espanta ao perceber que a neta parece um daqueles cachor-

ros loucos para agradar. Um cachorro assustado por estar apanhando, mas

que, assim que pára de apanhar, começa a abanar o rabo novamente.

— Tudo bem, então. Pique duas cebolas — diz ela. — E bote o arroz para cozinhar. Vou fazer um legume para o jantar.

Acocorada perto do fogão junto com a neta, Bhima ouve o estômago de Maya roncar.

— Você comeu hoje? — pergunta ela bruscamente.

— Comi. Não. Quer dizer, tentei. — Maya parece muito mal.

— No almoço, me deu vontade de comer um ovo cozido. Mas como não tinha ovo em casa e eu. . eu não estava com vontade de ir fazer com-

pras na rua, tentei comer um *chappati*. Mas fiquei enjoada e não comi a

panqueca assada.

Lembrando-se da omelete que Serabai tinha feito hoje cedo para ela,

Bhima sente seu coração se contorcer de vergonha.

— Sua boba — diz a avó em tom de repreensão. — Você está ficando preguiçosa. Não pode ir até a esquina para comprar um ovo?

De repente, sem explicação, Maya começa a chorar.

— Ir até a esquina? Às vezes gostaria de poder sair deste quarto e ir andando até que meus pés virassem asas. Ir para algum lugar onde nin-

guém me conheça, onde uma centena de olhos curiosos não estejam me

seguindo. Você não sabe o que é ficar sentada aqui o dia inteiro com a por-

ta fechada, ouvindo os sons do mundo exterior, portas batendo, crianças

brincando, as mulheres da favela conversando e eu imaginando que elas

estão falando de mim. Eu me sinto como uma prisioneira, mas aí então me

pergunto: e quem é o meu carcereiro? *Sou* eu mesma. Não sei o que é pior,

vovó, se é este quarto sem eletricidade ou o véu da vergonha que caiu em

cima da minha cabeça.

Os soluços de sua neta atingem o peito de Bhima como socos, mas,

mesmo assim, está contente. Deixa a menina chorar. Deixa-a se arrepender

pelo que fez. Põe um prato de comida diante da garota que chora, desvian-

do resolutamente o olhar das lágrimas de Maya que caem sobre o arroz.

— Coma — resmungo ela. — Uma moça no seu estado tem que comer.

Depois do jantar, Bhima pega a lata de tabaco e enfia um pouco na boca. Mascando lentamente, olha para a neta.

— Escute — diz ela. — As pessoas estão falando. E você não vai poder esconder a sua vergonha aqui neste quarto para sempre. Logo, logo,

mesmo essa roupa larga, o seu *salwar-khamez*, não vai conseguir esconder a

sua barriga. E já se passou tempo demais. Temos que levar você ao médico

o quanto antes.

Para sua grande surpresa, Maya não faz objeção alguma.

— Eu vou — diz ela. — Só tem uma condição: quero que Serabai vai ao hospital comigo em vez de você.

Bhima se surpreende ao ver como essa rejeição a magoou. Para enco-

brir seus sentimentos, diz, ranzinza:

— Serabai tem várias coisas mais importantes a fazer do que levar uma garota sem-vergonha a uma clínica de abortos. Eu ficaria envergonha-

da de pedir isso a ela. Além do mais, isso é um assunto da nossa família.

Por que é que você quer envolver aquela pobre mulher? Ela já não lhe fez

muitos favores?

Maya parece cansada.

— Pergunte a ela. Sei que não vai dizer não. Eu lhe imploro, vovó.

Depois, vendo o olhar teimoso no rosto de sua avó, acrescenta:

— Você sabe que eles vão cuidar melhor de mim se eu estiver com alguém como ela. Quero que tudo corra da melhor maneira possível.

Bhima fica envergonhada. Ela se lembra do dia em que Gopal, gravemente doente, ficou jogado e abandonado no hospital público. Sera e

Feroz Dubash tinham entrado lá como dois artistas de cinema e fizeram

com que ele tivesse o melhor atendimento. Maya está certa. Rica, confiante

e bem-falante, Serabai tem um jeito de fazer as portas se abrirem como

mágica. Bhima decide falar com ela de manhã.

NAQUELA NOITE, DEITADA em seu fino colchão de algodão, Bhima rememora a conversa com Shyam. Conseguiu tirar o veneno da cobra, por

ora pelo menos. Tinha comprado seu silêncio com meia xícara de açúcar.

Mas por quanto tempo? Shyam não é dos mais inteligentes. Se notou o

mal-estar matinal de Maya, com certeza isso chamou a atenção das mulhe-

res com olhos de águia e dentes manchados de *paan*, cujas folhas mascam

após as refeições, e das línguas fofoqueiras que povoam a favela. Será que

não comentaram nada por respeito a ela, Bhima? Se assim for, por quanto

tempo vai durar esse silêncio? Ou será que simplesmente vai ser a última a

saber? Será que os boatos estão circulando pela favela como pipas negras

no ar, e ela é tão burra e ignorante que não percebe nada? Afinal, não tem

nenhum amigo de verdade nesta *basti*. Depois que se mudou de seu apar-

tamento de dois quartos no *chawl* onde ela e Gopal moravam e teve que

descer a este inferno, adotou uma postura que sugere que não é daqui. Es-

sa é uma das razões pela qual não tem interesse em freqüentar essas estú-

pidas reuniões com esse ou aquele político. Mesmo com mais cinco bicas

d, água, a favela ainda vai continuar sendo uma favela. E já viveu em condi-

ções melhores do que essa. Sabe que esse jeito indiferente faz dela alvo das

recriminações das vizinhas, mas não se importa. Pelo menos pelo bem de

Maya, tem que acreditar que a vida delas ali é temporária. Às vezes, quando

está pulando uma valeta ou espantando moscas, acocorada para defecar, é

difícil acreditar nisso. Mas se agarrou a essa crença, ao menos até o dia em

que voltou para casa e encontrou Maya de cócoras no chão com uma poça

de vômito a seu lado. Como sua neta não tinha parado de vomitar três dias

depois, Bhima a arrastou à clínica do doutor Premchand, pensando que

fosse um caso agudo de gripe estomacal ou intoxicação alimentar. Em vez

disso, ficou sabendo que Maya estava grávida.

Pensar na favela faz Bhima lembrar seu apartamento no *chawl*, seu reino perdido, e sente aquela velha saudade pelo que ficou para trás.

Gopal é engraçado, mas tem pensado mais no marido desde que Ma-

ya ficou grávida do que em todos os anos anteriores. Pensou que tinha se

acostumado com a solidão da própria vida, que tinha aceitado aquele ponto

anestesiado em seu coração, como se um médico lhe tivesse aplicado éter.

Mas talvez o veneno da traição de Maya tenha posto sal na ferida de uma

traição anterior. Talvez seja isso. Agora precisa de um homem para ajudá-la

a navegar nessas águas escuras para onde a neta desmiolada a tinha trazido.

Talvez o tempo não cure as feridas de jeito nenhum, talvez essa seja a mai-

or mentira de todas. Em vez disso, o que acontece é que cada ferida pene-

tra mais e mais fundo no corpo até que um dia você descobre que a pró-

pria geografia dos seus ossos — os traços do seu rosto, a forma dos seus

quadris, o ângulo dos seus ombros, e também o brilho dos seus olhos, a

textura da sua pele, a franqueza do seu sorriso — sucumbiu sob o peso das



mágoas.

Gopal. Se fechar os olhos por um momento, ainda consegue ouvir o trim-trim da campainha de sua bicicleta no dia em que começou a cortejá-

la daquele seu jeito estranho e direto; ela tinha vinte anos e a vida toda pela

frente, como um jardim verdejante.

ELA O VIU PELA PRIMEIRA VEZ no dia anterior, no casamento de sua melhor amiga, Sujata. Agora, estava esperando pelo ônibus número 5,

que a levaria à casa de Dinu Shroff, a patroa para quem trabalhava. Rhima

se apoiou na grade da parada de ônibus e fechou os olhos cansados. Che-

garam em casa tão tarde depois do casamento de Sujata que só conseguiu

dormir umas cinco horas. Tinha cochilado por um segundo quando ouviu

o som de uma campainha de bicicleta.

— Acorde, acorde — disse uma voz que não lhe era familiar. — Ou os monstros do sono vão ficar tentados a raptá-la.

Bhima abriu os olhos e imediatamente os fechou quando viu o rosto

de Gopal diante dela. Aquele idiota descarado era primo de Sujata e ontem

piscou para ela e a tirou para dançar, como se achasse que ela não era uma

moça de família. “Ai, Bhagwan”, rezou ela, “faça com que ele tenha ido

embora quando eu abrir os olhos novamente”.

Suas preces não foram atendidas. Quando abriu os olhos, ele ainda estava sorrindo, montado em sua bicicleta.

— *Namaste* — disse ele. — Fui obrigado a acordá-la. Se dormir ainda

mais o sono da beleza, vai acabar cegando o sol.

Bhima resmungou:

— Por favor, guarde essas brincadeiras idiotas para si mesmo. Não estou com espírito para isso.

— Não está para brincadeira? Bem, que situação lastimável, minha cara Bhima. Acho então que é minha obrigação fazer com que você entre

no espírito da coisa.

Como é que ele sabia seu nome? Antes que pudesse perguntar, o ho-

mem que estava na fila à sua frente virou-se e perguntou:

— Esse malandro aí a está importunando?

Imediatamente Gopal levantou a voz.

— *Ae*, cuide da sua vida, *yaar*. Não se meta entre um homem e sua noiva sem nenhuma razão. Isso é *mammala* particular, entendeu?

O homem recuou diante do olhar sério de Gopal.

— Tudo bem, desculpe, estava só tentando. .

— Tentando morreu um burro.

Gopal tirou vantagem da situação.

— Esse é o problema aqui em Bombaim, tem gente demais interferindo nos assuntos particulares dos outros.

E, quando o homem se virou, Gopal piscou para Bhima.

Ela desviou o olhar e viu um ônibus vermelho BEST se aproximando. Era o número 5. Estaria livre desse chato em menos de um minuto. De

manhã cedo, o ônibus estava meio vazio. Bhima sabia que em uma hora o

ônibus ficaria tão cheio que haveria pessoas penduradas na porta aberta e

seria difícil até pôr o pé para embarcar. Mas nesse horário, ainda podia es-

colher o lugar e sentou-se à janela na parte da frente do ônibus. Desamar-

rou o nó na ponta do sári para pegar as moedas e pagar a passagem.

No instante seguinte, levou um grande susto quando uma mão agarrou a barra de metal que havia na janela, perto da qual estava sentada. Por

um momento, achou que era alguém do lado de fora tentando roubar o

dinheiro da passagem de ônibus. Mas era Gopal, em sua bicicleta, pedalan-

do furiosamente para acompanhar a velocidade do ônibus com uma das

mãos na barra de metal e outra no guidom.

— Seu idiota! — exclamou ela. — Você quer morrer?

Em resposta, Gopal cantou para ela.

— *Mere saponno ke rani kab aayegi tu?* “Rainha dos meus sonhos, quando

é que você vai chegar?”

Ele tinha uma voz forte e profunda, e quanto mais pedalava ao lado do ônibus, mais alta sua voz ficava.

Num esforço para dissuadi-lo desse ciclismo louco, Bhima se afastou da janela e sentou-se perto do corredor. Na parada seguinte, porém, mais

gente entrou, e ela foi forçada a voltar para a janela. Com o rabo do olho,

notou como Gopal sabiamente driblava o trânsito caótico de Bombaim,

sem largar a barra de metal. Se estava preocupado que o ônibus desse uma

parada brusca em algum ponto e o projetasse da bicicleta, não demonstra-

va nada pelo jeito displicente e confiante de segurar a barra de metal.

Gopal ainda cantava a mesma música, e, por fim, o homem atrás dela

disse:

— *Arre, yaar*, não conhece outras músicas, não? Se vai fazer serenata

para a moça, devia ter mais do que uma música no seu repertório.

Gopal seguiu a sugestão e começou a cantarolar outra música, cheia

de duplos sentidos e insinuações. Agora, vários passageiros já tinham em-

barcado na brincadeira, fazendo-lhe pedidos de músicas. Bhima rangeu os

dentes. Esse Gopal realmente estava passando da conta. Estava louca para

ter nas mãos naquele momento a vassoura que usava na casa de Dinubai.

Ia acabar com aquele sorriso imbecil dele se tivesse a *jharoo* ali com ela.

Sua irritação e a vergonha que sentia quase a fizeram passar do ponto

em que ia saltar.

— Espere, espere — berrou Bhima para o motorista. — Essa é a minha parada.

Quando desceu, esperou o ônibus sair para poder enfrentar Gopal e dizer-lhe que tinha que parar com aquelas bobagens. Para seu desaponta-

mento, o viu pedalando, indo embora ao lado do ônibus. E, como se ele

soubesse que ela estava olhando, levantou a mão direita num aceno. “Que

covarde”, pensou Bhima. “Sabia que ia levar uma bronca e se mandou”.

No dia seguinte, lá estava ele de volta. Mas dessa vez esperou sentado

na bicicleta do outro lado da rua, longe demais para ela poder lhe dizer

qualquer impropério. Bhima se esforçou ao máximo para se impedir de

olhar na direção dele, mas cada vez que seus olhos se encontravam, ele a-

pertava dramaticamente o coração. “Que idiota!”, pensou ela.  
“Espero que

tenha um ataque cardíaco e caia da bicicleta da próxima vez que  
apertar o

peito”. No instante seguinte, seu corpo se enrijeceu de remorso  
diante da

perversidade de seus pensamentos.

Ficou aliviada quando o ônibus chegou. Sentou-se no lugar de costu-

me e, cinco segundos depois, havia aquela mão conhecida  
segurando a bar-

ra de metal. Desta vez, não fugiu de seu assento, chocada, mas  
sentiu um

ligeiro tremor de surpresa e irritação por sua audácia. Tinha  
realmente a-

creditado que hoje ele a deixaria em paz. “Rainha dos meus sonhos,  
quan-

do é que você vai chegar?” Aquela música de novo. E, de novo, a  
habilida-

de de esquivar-se, de zanzar em meio ao trânsito. Os outros  
passageiros,

muitos dos quais pegavam o mesmo ônibus todos os dias, davam  
risadi-

nhas.

— *Arre, bhenji* — disse do outro lado do corredor o seu suposto “sal-

vador” de ontem... — Por que a senhorita não diz logo sim ao seu homem

e acaba com esse sofrimento? Ele está arriscando a vida por sua causa.

Bhima lançou-lhe um olhar furioso, e o homem continuou a ler o jornal, resmungando consigo mesmo sobre as astúcias do sexo frágil.

Durante as três semanas seguintes, Gopal repetiu a mesma rotina. Al-

guns dias, esperava por ela do outro lado da rua e depois pedalava furio-

samente, atravessando quatro pistas de trânsito para conseguir acompanhar

o ônibus quando este chegava. Outras vezes, ele a cumprimentava com o

trim-trim da campainha da bicicleta e circulava em volta do ponto de ôni-

bus até Bhima ficar tonta. A única diferença entre o primeiro dia dessa es-

tranha paquera e os dias que se seguiram foi que ele não falou mais com

ela. Mas o sorriso maroto, as manobras arriscadas na bicicleta enquanto

esperavam a chegada do ônibus e a serenata alegre continuaram iguais. E



também o fato de que se afastava junto com o ônibus depois de ter  
deixa-

do Bhima a algumas ruas de distância da casa de sua patroa. Bhima  
queria

falar com ele, pedir alguma explicação sobre aquele comportamento  
malu-

co, mas a presença dos outros passageiros a constrangia.

Um dia, durante essas três semanas, Bhima chegou ao ponto do ôni-  
bus e notou imediatamente que Gopal não estava lá. Seu lado  
racional lhe

disse para suspirar aliviada, mas seu corpo sentiu um  
desapontamento e

uma sensação de frustração. Aparentemente, seus companheiros de  
viagem

sentiram a mesma coisa.

— O rapaz não veio hoje — constatou um senhor mais idoso de *kur-  
ta* branca e *dhoti*, de túnica e pano solto envolto ao corpo. — Me  
pergunto

se estará bem de saúde.

Uma sensação de letargia tomou conta de Bhima ao entrar no  
ônibus.

“As sete paradas até a casa de Dinubai vão durar uma eternidade  
sem a

distração oferecida por Gopal”, pensou, surpreendendo-se. Olhou para a

barra de metal solitária e vazia com uma sensação quase melancólica, sen-

tindo saudade daquela mão morena com pêlos grossos e escuros que ge-

ralmente a segurava. Quando o ônibus arrancou, ela olhou para trás a tem-

po de ver Gopal pedalando furiosamente para acompanhar o ônibus. No

minuto seguinte, sua mão já estava pousada triunfantemente na barra de

metal.

— Oi, minha rainha — disse aquela voz familiar. — Quase me desencontrei de você hoje porque dormi um pouco demais.

— Vejam só o nosso jovem herói — exclamou o senhor idoso, e os poucos passageiros habituais aplaudiram. — De um jeito ou de outro, ele

conseguiu!

Os aplausos deixaram Bhima irritada. “Que idiotas!”, pensou ela.

“Encorajando esse cara a agir como um bobo”. Mas ela não conseguia

conter a ligeira sensação de prazer que a invadiu quando viu Gopal pedala-

lando a seu lado. Depois, ao final de três semanas, Gopal desapareceu. To-

do dia de manhã, Bhima procurava por ele quando chegava ao ponto do

ônibus, temendo ouvir o som da campainha da bicicleta e, ao mesmo tem-

po, esperando por ele, pelo sorriso maroto no rosto do rapaz olhando para

ela e cantando um repertório de músicas cada vez maior. A cada dia que

embarcava no ônibus, embora se odiasse por fazer isso, olhava para trás a

fim de ver a bicicleta que lhe era familiar. Às vezes, quando via alguém pa-

recido com Gopal, seu coração disparava de alegria e, num contraponto

inevitável, quando voltava ao ritmo habitual, ela se recriminava por aquela

bobagem. Outros dias, quando tinha certeza de que ninguém estava olhan-

do, segurava de leve na barra de metal com seus dedos longos, fazendo de

conta que ainda sentia o calor da mão de Gopal.

Mas Gopal tinha sumido. Ela o tinha afastado com seu comporta-

mento rígido, transformando o seu interesse em indiferença. Bhima o ima-

ginava numa outra parte da cidade, cortejando outra moça com outra mú-

sica. Esse pensamento fez Bhima picar as cebolas com tanta força que Di-

nubai olhou para ela com curiosidade e perguntou se estava se sentindo

bem. Bhima levantou a cabeça com os olhos transbordando de lágrimas.

— Está tudo bem, *bai* — disse ela. — Essa cebola é muito forte, só isso. Está me fazendo chorar.

Mas Bhima não precisava ter se preocupado. Sujata e seu marido, Su-

shil, vieram com uma proposta de casamento. Apesar de Gopal ser primo

de Sujata, foi Sushil quem conduziu a maior parte da conversa.

— Gopal não tem parentes imediatos aqui em Bombaim para falar por ele — explicou Sushil para Prithviraj, pai de Bhima. — Sua mãe mora

num vilarejo no interior, e seu pai, que Deus o tenha, é falecido. Assim

sendo, faço essa proposta de casamento em nome do irmão mais velho de

Gopal. Podemos assegurar a firmeza do seu caráter, assim como de sua

capacidade para enfrentar o trabalho pesado. Ele tem um bom emprego

fixo numa fábrica e ganha bem. A sua Bhima não vai passar necessidade.

Ah, e tem mais uma coisa: Gopal me disse expressamente para mencionar

que não espera e nem deseja nenhum dote.

Prithviraj tentou não deixar sua satisfação transparecer.

— Vou consultar minha família e dou a resposta dentro de alguns dias — disse ele. — Mas quero dizer uma coisa: uma proposta de casamento

feita por uma família tão boa quanto esta me agrada muito. Afinal, Sujata

cresceu diante dos nossos olhos. Rezo para que minha Bhima encontre um

marido tão bom quanto você, Sushil.

Casaram-se um mês depois numa cerimônia simples, em franco contraste com o brilho que tinha ornamentado o casamento de Sujata alguns

meses antes. Durante a cerimônia, Gopal parecia tão atordoado e aterrori-

zado quanto Bhima. Não havia nem vestígio daquele rapaz maroto que a

tinha perseguido com tanta intensidade. Mas, assim que ela ficou sozinha

pela primeira vez com o marido, depois que levantou o *pal ov*, o véu, do

sári de seu rosto e os dois se sentaram no leito nupcial, o velho e irreprimí-

vel Gopal voltou a cena. Olhando fixo em seus olhos e com um sorriso

maroto no rosto, começou a assobiar desafinado a música com que tinha

feito a primeira serenata para ela. "Rainha dos meus sonhos, quando é que

youê vai chegar?" Incentivado pelos risos de Bhima, o assobio ficou mais

forte, até que se transformou num cantarolar. Ela riu ainda mais quando

ele segurou seu queixo e fez cócegas na sua barriga.

— Pare com isso — disse ela baixinho, sem se defender. — Youê é maluco.

De um salto, Gopal se pôs de pé em cima da cama. Levantou as mãos

acima da cabeça como um boxeador vitorioso.

— Sim, sou louco, o louco chefe da família — declarou, modulando a voz, para que os parentes que, com toda a certeza, estavam escutando atrás

da porta do quarto não pudessem ouvir. — E você é uma louca por ter se

casado com esse louco. Mas, minha Bhima, vamos nos divertir muito pelo

resto das nossas vidas! Espere só, mulher! Vou tratá-la como a rainha que

você é.

PENSANDO EM SUA NOITE DE NÚPCIAS, na promessa não cum-

prida de Gopal, Bhima se remexe inquieta. Sabe que tem que tentar dor-

mir, mas sua cabeça fervilha ao percorrer os corredores repletos de gente

do passado. Ao seu lado, Maya ronca suavemente e, de vez em quando,

murmura alguma coisa. Instintivamente, Bhima reage com essa nova emo-

ção com a qual se acostumou desde que ficou sabendo da gravidez de Ma-

ya, uma combinação de proteção insuportável e forte irritabilidade. Ouvin-

do os roncos e murmúrios da neta, Bhima sente vontade de sufocá-la com

um travesseiro e também de pegá-la nos braços e niná-la a noite inteira.

Quer preservar a inocência que permite que Maya durma como uma crian-

ça. Quer destruir aquela inocência assim como a criança que cresce no ven-

tre de Maya destruiu sua paz de espírito. Fica assustada às vezes ao perce-

ber como ambos os sentimentos parecem residir sem esforço em seu cora-

ção; como acabou amando e odiando Maya; como o que era só amor é a-

gora uma mescla de amor e medo. Como ela acabou sendo traída por gente

do seu próprio sangue.

“Mas, a essa altura, deveria estar acostumada às traições, sua velha”,

diz consigo mesma. “Você, mais do que todo mundo. Por acaso essa me-

nina fez pior do que o seu marido? Olhe só o que ele fez com você. Rou-

bou a sua vida, não foi? E você o perdoou, não foi? Não, você não o per-



doou, mas fez as pazes com isso, não é mesmo? Então por que não fazer a

mesma coisa com essa pobre garota?"

Forçando os olhos para tentar ver o contorno do corpo de Maya no escuro, Bhima responde à sua própria pergunta. A história com Gopal per-

tence ao passado e, como um sári de casamento usado, pode ser dobrada e

enfiada num canto escuro qualquer. Mas Maya é o presente (antes, era

também o futuro, mas não adianta pensar nisso agora). Um ponto pulsante

vermelho e em brasa está crescendo em sua barriga, latejando de vida e

energia. Sem ter sido sacramentada por um sacerdote, concebida sob o véu

da vergonha, enjeitada pelo mundo, aquela coisa crescendo dentro do cor-

po de Maya tem o poder de destruir as duas. Mas, antes que possa fazer

isso, antes que possa chorar suas mágoas para o mundo, antes que possa

agitar seu pequeno punho para elas, terão que destruí-la.

Um corvo solitário crocita, e Bhima resmunga. São três da manhã.

Daqui a pouco terá de se levantar sem ter conseguido dormir sequer por

uma hora. Logo o dia vai nascer.

7

É SÁBADO DE MANHÃ, e Bhima está novamente atrasada. Mesmo grá-

vida, Dinaz acordou cedo hoje para ajudar Sera a preparar o café. Dinaz

sabe o quanto sua mãe odeia picar cebola e coentro, e já que os dois ingre-

dientes são necessários para preparar o prato preferido de Viraf para o café

da manhã, *akuri* — ovos mexidos com chili em pó, cebola, alho e outros

temperos —, assumiu aquela tarefa desagradável. Sera olha para a filha e,

como sempre, sente admiração ao ver como Dinaz se tornou uma pessoa

maravilhosa. Não se arrepende de ter se casado com Feroz, mesmo que

seja unicamente pelo fruto que o casamento produziu. “É engraçado”,

pensa ela, “Feroz e eu tínhamos tantos defeitos. . E, no entanto, olhe só o

que fizemos juntos: uma das pessoas mais agradáveis que conheço, e eu

pensaria assim mesmo que Dinaz não fosse minha única filha. É isso que

faz alguém acreditar em evolução, em Deus, em milagres ou coisas assim.

Na perseverança do espírito humano, talvez”.

Sera olha para o relógio. Fica preocupada com o fato de que esses a-

trasos estejam se tornando um hábito para Bhima. “Não vou admitir isso”,

diz consigo mesma. “Sei que está sobrecarregada com Maya, mas afinal, ela

tem obrigações aqui também”. Inesperadamente, a voz de Feroz soa em

sua cabeça:

— Você trata essa mulher como se fosse um membro da família. Os empregados têm que ser mantidos em seu devido lugar, ouça o que lhe di-

go. Qualquer dia desses volto para casa e encontro você servindo a Bhima.

Como se lesse os pensamentos da mãe, Dinaz levanta a mão para bloquear a visão do relógio.

— Poxa, mãe, pare de ficar olhando o relógio. Hoje é sábado. Mesmo

que Bhima esteja atrasada um dia, e daí? Ela é um ser humano também,

sabe?

É quase divertido para Sera notar que, quando a questão é Bhima, Dinaz instintivamente desempenha o papel que ela própria desempenhava

com Feroz. E agora, paradoxalmente, assumia o papel dele.

— Se fosse só um dia, tudo bem — disse ela. — Mas isso está demais. Afinal, não faz sentido ter uma empregada se tenho que acabar fa-

zendo todo o serviço.

Se esperava solidariedade, as palavras de Dinaz acabam rapidamente

com aquela ilusão. Ela dá um tapinha nas costas da mãe e diz:

— Serviço doméstico nunca matou ninguém. É bom para a sua artrite

e mantém as juntas mais flexíveis. E, além do mais, Bhima é mais velha e

precisa mais de descanso que você.

Apesar de tudo, Sera sorri. Às vezes esquece que, antes de a filha mu-

dar para o curso de administração de empresas por insistência do pai, esta-

va estudando para ser assistente social. E mesmo que se saísse muito bem

na nova profissão, o velho senso de respeito e a sede de justiça não a a-

bandonaram. Bhima era o ponto fraco de Dinaz. Desde quando era pe-

quena, nunca conseguiu suportar uma crítica a respeito de Bhima.

— Essa mulher está fazendo uma lavagem cerebral na nossa única fi-

lha debaixo dos seus próprios olhos — disse-lhe Feroz certa feita, em tom

de repreensão. — E você é complacente e burra demais até para notar isso.

Dinaz fala mais com Bhima do que com o seu próprio pai.

E Sera mordeu a língua para não declarar o óbvio: Dinaz passava

mais tempo com Bhima do que com ele e era tratada com mais bondade

pela empregada do que pelo próprio pai.

Viraf entra na cozinha, ainda de pijama. Sem que ninguém pedisse, pega três pratos e os coloca em cima da mesa.

— Bhima, Bhima, Bhima é só o que tenho ouvido nesses últimos dias

— resmungando ele. — Juro que não tem nome que se ouça tanto na nossa

casa quanto o dela.

— E o que há de errado nisso? — pergunta Dinaz imediatamente. —

Afinal, a pobre mulher está com problemas.

— Ai. Não pensei que ia ter que comer a minha própria cabeça no ca-

fé da manhã — diz Viraf. — É claro que não há nada de errado em falar

sobre os problemas de Bhima, meu amor. O que acho um problema é que,

depois de todas essas conversas sem fim, nada tenha sido resolvido.

— E o que você propõe que a gente faça, senhor gerente? — pergun-

ta Dinaz, com um sorriso no rosto suavizando as palavras.

Mas Viraf não sorri.

— O que tem que ser feito é óbvio — diz ele. — Maya tem que se submeter a um aborto e, quanto mais cedo, melhor para ela. Na verdade,

só fico surpreso de perceber quanto tempo nós já esperamos.

Embora saiba que o genro não fez por mal e que ele leva a sério o problema de Bhima, algo dentro de Sera se irrita com o tom senhorial que

nota no pronome *nós* e no jeito displicente com que mencionou o aborto.

“É bem típico de homem”, pensa ela. “Como se se livrar de uma criança

fosse tão simples quanto defecar”. Fica ruborizada com a crueza de seus

próprios pensamentos.

Viraf fala no vazio que suas palavras criaram.

— Bem, dá para notar pelo silêncio que assumi uma posição realmen-

te bastante popular — diz sarcasticamente. — Mas acho que o tempo das

amenidades e de ficar rodeando o assunto já passou, minhas senhoras. O-

lhem, temos que ser práticos com relação a isso. Maya deu suas voltinhas e

ficou grávida. E, se ficarmos sentados e não fizermos nada, estaremos ape-

nas prolongando o sofrimento dela. Me parece que um aborto seria a única

coisa prática a se fazer.

— Você está certo — diz Dinaz, tirando a *akuri* da frigideira e pon-do-a nos pratos. — Sei que você está certo, meu amor.

Ela se interrompe.

— Mamãe, devo deixar um pouco disso aqui para Bhima?

— Não se esqueça de que ela faz jejum aos sábados — diz Sera.

E, vendo o olhar interrogativo de Viraf, acrescenta:

— E também num ou noutro dia santo.



— Por falar em Bhima — diz Viraf —, é melhor ela aparecer logo, se quiser uma carona até o mercado. Não vou me atrasar para o jogo de crí-

quete por causa dela.

Dinaz e Sera sorriem. Sabem que Viraf é louco por críquete. Todo sábado ele veste o uniforme branco e vai a um campo, o *maidan*, para jogar

com seus velhos amigos. Ele joga com esse grupo desde o primeiro ano na

faculdade.

— É melhor você dar um aviso prévio aos seus colegas de jogo — observa Dinaz. — Depois que a criança nascer, seus dias de críquete vão

acabar.

Viraf fica tão desanimado que as duas caem na gargalhada.

— Meu Deus, veja só a cara dele — diz Dinaz. — É como se eu tivesse dito que ele nunca mais ia comer ou beber novamente.

— O críquete é o alimento da vida — diz Viraf teatralmente. — Não é um jogo, é um estilo de vida. É o esporte mais gracioso e elegante que

existe. E, além disso, quem sabe? Se for menino, levo-o comigo assim que

começar a andar.

— Ótimo, então vamos ter que aturar outra geração de fanáticos por esporte. Não, obrigada, *baba*. Meu filho vai ser alguém que gosta de ler, um intelectual.

— É melhor você ter cuidado com o que diz, mulher. Não vou deixá-la transformar o meu garoto num maricas — diz Viraf em tom de brinca-

deira. — Se a tecnologia permitisse, pediria aos médicos que implantassem

um *chip* na sua barriga para que meu filho nascesse com uma bola de crí-

quete na mão.

Dinaz vira-se para a mãe.

— Está vendo só como o seu maravilhoso genro é? Ele fala sobre implantar *chips* na minha barriga como se eu fosse uma vaca ou coisa assim.

Sera se levanta da mesa com um sorriso.

— Crianças, crianças — diz ela. — Que bobagem vocês estão dizendo!

— Espere aí, não se levante ainda — diz Dinaz. — A gente tem que resolver esse problema da Bhima ainda hoje.

Ela se vira para Viraf.

— Meu bem, você pode telefonar para o Rusi quando voltar do jogo?

Sei que ele não é ginecologista, mas pode indicar alguém, não é?

— Bhima pode levá-la para o hospital público — diz Sera automaticamente.

— O que é isso, mamãe! Você sabe que os médicos nesses hospitais de atendimento gratuito são uns açougueiros. E vendo uma garota jovem e

solteira que está grávida. . — acrescenta Dinaz, dando de ombros.

Viraf faz uma careta.

— Está bem, vou telefonar para o Rusi e pedir que me recomende al-

guém. E agora vamos mudar de assunto, por favor? Essa conversa está me

fazendo perder o apetite.

As duas mulheres trocam um rápido olhar.

— Viraf está certo — diz Sera. — A mesa do café não é lugar para esse tipo de conversa. — Ela sorri para o genro, apaziguadoramente.

Viraf lhe sorri também.

— Além do mais, é tão deprimente falar sobre aborto e todas essas

coisas quando Dinaz está. . quando nós estamos. . grávidos. Sabe, e que

toda vez que fico feliz pensando na nossa sorte, sou forçado a pensar na

infelicidade de Maya.

Dinaz imediatamente pousa o garfo e se inclina para beijar o marido no rosto.

— Desculpe, *janu*, meu amor — diz ela. — Também sinto a mesma coisa. Desculpe por ter sido tão insensível.

Viraf estende o braço na direção de Dinaz e engata seu dedo indicador direito no indicador esquerdo dela. Ficam de mãos dadas durante todo

o resto do café da manhã. Vendo-os, Sera sente uma felicidade pungente e

que lhe aperta como uma dor no peito.

“Isso vale a pena”, pensa ela. “Todo o sofrimento com Feroz valeu a pena só por ter me proporcionado esse momento. Minha filha tem o ca-

samento que nunca tive. E eu a trouxe até este ponto. Fui eu. Eu. Confusa,

cheia de defeitos e burra — mas fui eu”.

Durante toda a sua vida, Sera ouviu um milhão de histórias sobre

como uma nora atormentada transformou-se numa sogra ainda mais dia-

bólica quando chegou a vez dela. “Como se fosse uma espécie de ritual,

um trote dos veteranos nos calouros”, pensa ela. Mas, mesmo agora, as

cicatrizes do tempo que passou na casa de Banu Dubash ainda estão recen-

tes demais para que ela possa assumir esse papel na vida do jovem casal.

Desde que Viraf e Dinaz se mudaram para a sua casa, depois da morte de

Feroz, tem feito o possível para proporcionar a eles a privacidade de que

precisam. Como é mesmo aquela palavra que os americanos usam? Espa-

ço. Ela tem lhes dado espaço. E tem controlado a língua. Às vezes não é

fácil, especialmente quando Viraf e Dinaz brigam. Nessas horas, a vontade

de intervir para dizer uma palavra reconciliadora é enorme. Às vezes acha

fácil perdoar Viraf, fazendo vista grossa às suas excentricidades. Mas o de-

sejo de chamar Dinaz a um canto — de dizer-lhe que está errada, e que

uma esposa obediente manda no marido, insistindo que volte para o quarto

e faça as pazes com Viraf — é tão forte nessas horas que praticamente tem

que se segurar e tapar a boca, forçando-se a não se meter na vida deles.

Esta foi a sua promessa para Dinaz quando os dois se ofereceram para

morar com ela.

— Vocês podem ter certeza de que não vão ser incomodados por uma sogra intrometida.

— Ai, mamãe, não estamos preocupados com isso — retrucou Dinaz.

Sera abanou a cabeça com impaciência

— Sei o que estou falando, *deekra* — disse ela. — Vocês dois estão casados há pouco tempo. Seu casamento ainda está se desenvolvendo. Sei

que tudo parece fácil e possível agora, mas morar com mais alguém, espe-

cialmente uma pessoa de outra geração, é difícil. acredite. Sei o que estou

falando.

A PRIMEIRA BRIGA COM BANU ocorreu menos de duas semanas depois que Sera e Feroz voltaram da lua-de-mel.

— Feroz, *deekra*, pode vir até o meu quarto um minuto? — pediu Ba-

nu, quando Feroz voltou do trabalho naquela noite.

Ele fez uma careta para Sera, que tinha vindo recebê-lo na porta da frente. Feroz apertou o braço dela e foi ver a mãe.

Quando voltou para o quarto deles, meia hora depois, parecia enca-  
bulado.

— É que a mamãe queria que eu falasse com você sobre uma coisa importante — disse.

— Será que foi a minha comida? — perguntou Sera imediatamente.

— Não pus sal suficiente na galinha? Meu pai sempre reclama que eu..

— Não, não é nada disso. É que mamãe notou que você está no seu período.

— Período? — indagou, sem nenhuma expressão no rosto.

Ele deu um suspiro.

— A sua menstruação, “aqueles dias”. Que você está naqueles dias.

E, na nossa casa, as mulheres que estão menstruadas sentam-se separada-

mente. Elas não tocam na comida na cozinha, usam utensílios separados e

coisas assim.

Ela o olhou fixamente, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Feroz, você está de brincadeira, não é?

Ele parecia aborrecido.

— Sei que isso deve soar antiquado para você, que é uma moça moderna.

Seu tom era estranho e Sera não pôde deixar de sentir que ele estava

repetindo, como um papagaio, as palavras da mãe.

— Mas essas são as regras da casa. As regras da minha mãe. E já que

estamos morando com ela, devemos seguir suas regras.

Ele a fitou com olhar suplicante.

— Então, Sera, para que todo mundo fique em paz, faça o que ela pede. Afinal, é para o seu próprio bem. Quando uma mulher está perden-

do sangue, fica fraca. Essa tradição então é apenas um modo de conservar

sua força.

“Então este é o meu marido moderno, recém-chegado do exterior”,



pensou consigo mesma admirada. “Um executivo do alto escalão no Ta-

ta"s”. De repente, lembrou-se do que uma colega sua costumava dizer:

— Um parse vira um camundongo diante da mãe.

— Feroz, por favor, isso é ridículo — disse ela. — Quero dizer, pensei que só aquelas mulheres pobres e antiquadas de Udwada se sentassem

separadamente durante a menstruação. Estamos em Bombaim, *janu.* E,

afinal, as pessoas mudam com o tempo.

Ele suspirou de novo, dessa vez mais profundamente.

— Olhe, Sera, estou muito cansado hoje. Foi um longo dia de trabalho e tudo o mais. Querida, apenas ceda com relação a esse assunto, está

bem? Mamãe já é idosa e tem o seu jeito, sabe? E para que aborrecê-la com

uma questão tão pequena? Quero muito que nos relacionemos todos aqui

como uma grande família feliz. Por favor, apenas diga que sim.

Foi a visão da grande família feliz que a fez engolir sua relutância e dizer sim.

— E o que exatamente isso acarreta? — perguntou Sera, desconfiada.

— Ai, meu Deus, não sei — respondeu ele, dando-lhe um abraço rápido. — Provavelmente significa que vão servir sua comida no quarto e

algumas outras coisas. Obrigado, Sera, por não me humilhar na frente da

minha família.

Era estranho jantar no quarto, mas Sera forçou-se a vencer a mágoa que cresceu dentro dela quando as vozes dos outros três flutuaram em sua

direção, vindas da sala de jantar. Ligou o rádio no quarto para abafar aque-

las vozes e jantou sem prazer. Feroz veio logo depois para o quarto dizen-

do o quanto lamentava tudo isso e que sentiu muita saudade dela à mesa

do jantar. Naquela noite, ficou abraçado com ela até o dia nascer. Sera se

admirava da fácil familiaridade que seus corpos já tinham um com o outro.

E conhecer o corpo de Feroz tinha lhe permitido conhecer melhor o seu

próprio, seus desejos e necessidades, os músculos que se contraem e a ele-

tricidade dos nervos, as grutas úmidas e os suaves recantos.

— Não vá trabalhar hoje, não — sussurrou ela de manhã. — Vamos passar o dia juntos, só nós dois.

Ele riu e se afastou com relutância dos seus braços.

— Meu Deus, como gostaria de poder fazer isso! Mas já tirei uns dias

para a lua-de-mel, sabe? E tenho uma apresentação importante hoje à tar-

de.

Ela ficou na sacada para lhe dar adeus, ciente do fato de que Banu es-

tava tão afastada dela quanto possível, também acenando para Feroz. Com

seus sentimentos ainda feridos pela conversa da noite anterior, Sera per-

maneceu no terraço, mesmo depois que Feroz saiu com o carro, e Banu

voltou para dentro de casa. Ouviu o grito agudo do vendedor de bananas

puxando sua carrocinha de madeira. Notou os dois adolescentes no terraço

do edifício do outro lado da rua empinando suas pipas. Ali, de pé, pergun-

tava a si mesma se devia falar com Banu sobre a conversa que teve com

Feroz, se valia a pena tentar fazer a sogra mudar de idéia. Muitas parses

idosas têm essa superstição sobre a menstruação, Sera sabia disso, mas, até

então, nenhuma dessas mulheres tinha interferido na sua vida. Sera era fi-

lha de um cientista e se sentia humilhada por ter que ceder a essas idéias

arcaicas. Não foi assim que fui criada, *mamma* Banu, era o que queria dizer.

E, se isso era uma condição, a senhora deveria tê-la mencionado antes de

eu vir para esta casa.

O sol batia em seu rosto e a fazia suar. Da sacada, podia ouvir a mú-

sica que Freddy Dubash pôs para tocar na vitrola e Polly se esganiçando

nas notas agudas. Um enorme ronco no estômago a fez perceber que esta-

va com fome. Será que podia pedir o seu café da manhã ou tinha que vol-

tar para o quarto e esperar ser alimentada como uma criminosa na prisão?

Pensava nisso e a humilhação que sentia fez com que suasse ainda mais.

Decidiu voltar para o quarto.

Banu estava sentada no sofá da sala com um véu, um *mathubanu* bran-

co cobrindo-lhe a cabeça e um livro de orações na mão.

— *Kern na mazda* — rezava, quando Sera passou por ela, atravessando

a sala de estar.

No instante seguinte, ouviu-se um grito ensurdecedor.

— Fora, fora daqui — gritou Banu. — *Acchut*. Intocável. Mulher impura, você sujou a sala inteira enquanto eu estava rezando. Todas as mi-

nhas orações foram arruinadas pela sua presença impura. Será cine seu pa-

pai e sua mamãe não lhe ensinaram nada, sua porca?

Sera ficou olhando para Banu, estupefata, e levou um minuto para perceber que a sogra estava falando daquela maneira histérica com ela. A-

quela mulher agitada à sua frente era completamente diferente da mulher

tímida e louca para agradar que a tinha encorajado a se casar com seu filho

e que a tinha recebido em sua casa há apenas algumas semanas.

— Eu. . eu. . — gaguejou Sera.

Freddy Dubash veio correndo da sala de jantar.

— O que aconteceu? Alguém caiu?

— Ah, Freddy, que bom que você está aqui — disse Banu dramaticamente. — Me ajude, meu querido, me ajude.

Freddy parecia assustado.

— Banu, o que foi, diga por favor! É o coração?

— Não, não é nada disso. É só que agora esta casa inteira vai ter que

ser purificada. Sera cruzou a sala enquanto eu rezava e ela está naqueles

dias, entende? E mesmo assim, sem a menor consideração, interferiu nas

minhas orações.

Sera ficou vermelha. Antes que pudesse falar, Freddy levantou a voz:

— Você e suas superstições e benzeduras! Você é uma maluca, isso sim! Aterrorizando essa pobre moça, assustando-a sem motivo algum.

Depois, acrescentou, ainda mais zangado:

— E o pior de tudo é que você acabou com o meu prazer. Estava

ouvindo um novo disco de Mozart que acabei de comprar e você e seu a-

taque histórico me fizeram perder a melhor parte.

Freddy lançou um olhar de solidariedade a Sera e depois saiu da sala.

Banu apertou os olhos e lançou a Sera um olhar assustador.

— Viu o que você fez; precisava deixar o meu Freddy aborrecido? —

disse ela, baixando cuidadosamente a voz para não ser ouvida da outra sala.

— Foi para isso que entrou na minha casa, para criar atrito entre mim e

meu marido?

Sera ficou tonta, como se tivesse bebido quatro cervejas, uma após a

outra. Deu um passo em direção a Banu e estendeu a mão para tocar na

dela.

— *Mamma* Banu, não sei o que aconteceu. .

— Ela tocou em mim! — gritou Banu. — Deliberadamente, foi de propósito, ela me tocou com essas mãos impuras. Ai, meu Deus, parece

bruxaria, que espécie de *daakan* entrou na minha casa para me fazer sofrer

na velhice?

Dessa vez, Gulab, a empregada dos Dubash, veio até a sala. Avaliou a

situação e empurrou Sera para o quarto.

— Querida, fique no seu quarto um pouquinho — disse ela autoritariamente. — Vá que eu acalmo *mamma* Banu.

Chegando ao quarto, Sera caiu na cama. Se Banu a tivesse agredido fi-

sicamente, não a teria machucado tanto. Havia uma parte dela que conti-

nuava achando que a cena toda só podia ser uma espécie de trote, uma ce-

rimônia de iniciação da família, cruel, mas inofensiva, imaginada por Feroz.

E que, a qualquer momento, Freddy e Banu entrariam no quarto com lar-

gos sorrisos encabulados no rosto e confessariam seus papéis no joguinho

bobo de Feroz. Mas, enquanto esperava, lembrou-se de algo que sua mãe

lhe dissera durante seu noivado.

— Encontrei *Miss Amy Smith* hoje — tinha dito sua mãe, franzindo a testa. — Você se lembra dela, não é, sua professora do sexto grau? Parece



que ela morou no prédio de Feroz até alguns anos atrás. Dei-lhe as boas

notícias e ela ficou feliz em saber que você finalmente vai se casar. Mas

teve uma coisa que ela disse que me incomodou, *beta*. Que Banu Dubash

era meio esquisita. Fiquei com a impressão de que *Miss Smith* não gostava

muito dela.

Naquela época, Sera tinha descartado as palavras da mãe displicente-

mente, como se estivesse removendo um cílio solto do rosto.

— Todos os parses são estranhos e excêntricos, mamãe — disse rindo. — Não há novidade nenhuma nisso.

Sua mãe, porém, não pareceu convencida.

— Talvez devêssemos averiguar discretamente. Você sabe que *Miss Smith* gosta muito de você. Não teria dito isso se não houvesse motivo.

— Por favor mamãe, não me faça passar vergonha. Estou me casando com Feroz e não com a mãe dele. E *mamma* Banu tem sido muito gentil

comigo. Outro dia mesmo, me disse que, desde a primeira vez que nos vi-

mos, soube que eu era a pessoa certa para Feroz.

Jehroo Sethna sorriu.

— Você vai aprender, *deekra*. Nunca nos casamos apenas com uma pessoa. Casamos sempre com a família toda.

Agora que estava completamente chocada com a cena que tinha aca-

bado de ocorrer, as palavras da mãe voltaram à sua mente com a força de

um trem a toda velocidade. Por favor, meu Deus, faça com que Feroz vol-

te para casa cedo hoje, implorava. Por favor, faça com que eu não tenha

cometido um erro me casando com ele.

Uma hora depois, Freddy Dubash bateu na porta de seu quarto e en-

trou com um prato de ovos mexidos.

— Desculpe pelo café ter saído tão tarde hoje, minha querida — disse

ele.

Mas quando ela levantou os olhos chorosos, Freddy desviou o olhar.

— Também peço desculpas por aquilo. . aquilo que aconteceu lá na sala. E esse negócio de menstruação, não sei o que dizer, minha mãe era

assim também. Ela tornou a vida de Banu um inferno. E pensar que agora

ela está agindo do mesmo modo. . É melhor você ficar fora do caminho

dela durante esses períodos, *deekra*.

Sera fez que sim com a cabeça. Ficou o dia inteiro no quarto lendo

um romance e andando para lá e para cá. O tempo nunca passou tão len-

tamente. Houve um momento em que captou seu reflexo no espelho e fi-

cou chocada com o desespero que viu em seus próprios olhos, como o de

um animal apanhado numa armadilha. "Há poucos meses eu tinha um

bom emprego, uma boa vida, e podia ir e vir como e quando quisesse",

pensou ela. "E agora estou com medo de sair deste quarto, tudo por causa

das crenças idiotas de uma velha supersticiosa". Piscou os olhos como se

esse gesto pudesse de algum modo alterar essa estranha realidade na qual

estava inserida.

Sua melhor amiga, Aban, achou um absurdo quando ela disse que ia

se demitir do emprego na Bombay House.

— Não, *yaar*, nos tempos de hoje uma mulher deve ser independente

— aconselhou a amiga.

Naquela época, arrebatada pela declaração de Feroz de que era mais do que capaz de sustentar sua mulher, Sera desconsiderou as palavras de

Aban, tratando-as como um simples caso de inveja. Mas Aban estava certa,

agora percebia. Hoje sentia saudade da simples rotina de decidir que roupa

iria usar para trabalhar, da sensação grandiosa de ser levada pela massa de

funcionários e trabalhadores que os trens despejavam de manhã, da cama-

radagem que vinha da participação nas piadas e nas fofocas que circulavam

no escritório como memorandos não-oficiais, da satisfação de estar fazen-

do um trabalho elogiado pelo sr. Madan. Sentada no quarto, esperando

Feroz voltar para casa, era invadida por uma sensação de peso opressivo

que nunca havia sentido na vida.

Banu abriu a porta para Feroz naquela noite.

— O que houve, mamãe? Onde está Sera? — ela o ouviu perguntar.

Sua mãe soltou um suspiro. Depois, elevando a voz, respondeu:

— Nem me pergunte. Nem me pergunte. Mas, se quer matar a sua velha mãe, devia ter me mandado para a Torre do Silêncio no dia do seu

casamento. Assim eu não teria que sofrer esta morte lenta. Ser bicada pelos

urubus é melhor do que isso.

Sera esperou que Feroz irrompesse numa gargalhada diante do melo-

drama encenado por sua mãe. Queria que ele pusesse a velha no seu devi-

do lugar com algumas palavras bem escolhidas, do jeito como tratava seus

subordinados no trabalho. Ou, caso não fizesse nada disso, queria que ele

entrasse no quarto, a tomasse nos braços e saíssem valsando pela porta da

frente, sob o olhar estupefato de Bano.

— Vamos até seu quarto conversar, mamãe — disse Feroz. — Diga o que a está incomodando.

Quando Feroz entrou no quarto deles uma hora depois, seu rosto era

urna máscara.

— Oi — disse ele. — O que você fez hoje?

Seta estava incrédula. O que é que fiz hoje? Queria dizer: escrevi um novo capítulo do Ramayana; compus uma sinfonia enquanto almoçava;

inventei um dispositivo para mandar sogras intrometidas direto para a Lua.

— Nada — respondeu.

Ele deu um pequeno sorriso.

— Mamãe me disse que houve uma discussão. Foi culpa minha. Esqueci de avisar que não se aproximasse dela enquanto estivesse rezando.

Foi essa falsa humildade de Feroz que despertou a língua de Sera.

— Bom, então vejamos. A minha presença na sala não é permitida quando sua mãe estiver rezando. Não devo me sentar na mesa para jantar.

Nem ficar na cozinha para cozinhar. Devo ficar prisioneira neste quarto

durante a menstruação?

— Não há necessidade de fazer drama, Sera. .

Ela emitiu um som que pareceu como algo entre uma tosse e um soluço.

— Estou sendo dramática? *Eu?* Meu caro Feroz, sua mãe ganharia um prêmio pela *performance* de hoje de manhã.

— Fale baixo, mulher.

— Vamos sair.

— O quê?

— Me leve para dar uma volta de carro. . em Chowpatty, em algum lugar. Vamos sair para comer *bhel*, aquela salada de arroz com molho de

tamarindo. Preciso sair um pouco desta casa, apanhar um pouco de ar fres-

co.

— Sera, seja razoável. Mamãe preparou o jantar. Como é que você acha que ela iria se sentir se nos. .

— Você me levava para comer *bhel* sempre, Feroz. E sua mãe também fazia o jantar naquela época.

— Era diferente.

— Por quê? O que era diferente?

Feroz olhou para ela sem conseguir dizer nada e Sera viu a resposta

nos olhos dele: a diferença era que naquela época ele estava tentando con-

quistá-la, queria fazer com que ela o preferisse a qualquer outro homem, e

agora já sabia que a tinha conquistado e não havia mais nenhum motivo

para impressioná-la. Ela se virou, com receio de que ele visse o desapon-

tamento em seus olhos. Porque não tinha sido desapontada *por ele*; na ver-

dade, estava desapontada *com ele*, com sua banalidade, com essa coisa *comum*

que ele tinha virado.

Ele pegou o seu queixo e a virou para ele.

— Olhe para mim — disse ele.

E insistiu:

— Sera, não fique assim. Já pedi desculpas, não foi? Tente se pôr na minha posição, por favor. Não quero que mamãe pense que me voltei con-

tra ela só porque agora estou casado. Vamos fazer o seguinte: na sexta-

feira, volto para casa mais cedo e vamos sair, só nós dois. Agora, por favor,

controle-se um pouco.



QUATRO DIAS MAIS TARDE, Sera foi se juntar a Banu na cozinha, depois de ter tomado banho.

— Está tudo ok agora, *mamma* Banu — disse, forçando uma leveza na

voz. — Está tudo limpo agora. Deixe-me preparar o almoço de hoje.

Banu olhou para ela e deu um passo atrás.

— Você lavou o cabelo? — perguntou com uma voz estrangulada.

Sera olhou para ela, estupefata.

— O cabelo? Não, vou lavar amanhã..

— Então ainda está suja. Não pode estar pura até que tenha se lavado

dos pés à cabeça. E entrou na minha cozinha limpa nesse estado.

Sera começou a rir até as lágrimas rolarem pelo rosto. Ouviu sons que

emergiam de sua boca, sons que ela mesma não saberia dizer se eram solu-

ços ou gargalhadas. Com o rabo do olho, viu Gulab com as mãos cobertas

de farinha, olhando para ela com uma expressão preocupada no rosto. A-

quele olhar fez Sera rir ainda mais. “Ela deve achar que estou ficando lou-

ca”, pensou. “Ai, meu Deus, *estou* ficando louca”. De algum modo o pen-

samento a fez rir ainda mais.

— Sem-vergonha.

Banu estendeu a mão e lhe deu um tapa no rosto.

— Rindo de sua velha sogra. Em que tipo de casa você foi criada?

Não tem um pingão de vergonha?

O tapa surtiu efeito. O riso histérico que saía da boca de Sera transformou-se em raiva.

— A senhora me deu um tapa — disse chocada, roçando o rosto com

O dedo indicador. — A senhora realmente me agrediu.

A dificuldade de acreditar no que estava acontecendo fez com que sua

voz ficasse mais alta do que tencionava.

— Mentirosa — disse Banu imediatamente. — Apenas a sacudi para cortar essa histeria.

Ela se virou para a empregada e perguntou:

— Gulab, você é testemunha. Eu toquei nessa moça?

Gulab olhou para as duas e depois balançou a cabeça.

— Não estava olhando, *baiji*. Estava ocupada fazendo meus *chappatis*.

— Está vendo? — disse Banu com um ar de triunfo. — Gulab disse que sou inocente. Você é uma mulher má, acusando sua sogra dessa forma.

Não somos favelados para fazer esse tipo de coisa.

Sera deu uns passos para trás, com medo do que estava vendo nos olhos da velha. Os olhos de Banu tinham ficado grandes e brilhantes e ha-

via neles um laivo de loucura que deixou Sera gelada. Depois, um muxoxo

de Banu a alertou para o fato de que, dissesse o que dissesse, fizesse o que

fizesse, a sogra sempre sairia ganhando. Aquela resistência era inútil. Mes-

mo com a marca dos seus dedos ainda queimando no rosto de Sera, Banu a

estava convencendo de que o que ela sentia era apenas uma falsa dor nas-

cida de sua imaginação. Sera sentiu que estava enfrentando alguma coisa

insidiosa, que Banu estava atacando tanto seu corpo quanto sua mente.

“Então isto é o mal”, pensou consigo mesma. Sempre imaginou que o mal

atuava num grande cenário como o das guerras, dos campos de concentra-

ção, das câmaras de gás, dos países que se dividiam em novas fronteiras.

Agora, percebia que o mal tem um lado doméstico e que a sua própria ba-

nalidade o protege da exposição exagerada. Uma rápida olhada para o rosto

impassível de Gulab lhe disse que a empregada já havia aprendido há muito

tempo o que ela própria estava começando a aprender agora.

— Desculpe, *mamma* — balbuciou. — Vou. . vou voltar para o meu quarto.

Quando Gulab veio com seu almoço naquele dia, Sera a mandou de volta.

— Coma, querida — disse Gulab acariciando suas costas. — Por que está se magoando desnecessariamente desse jeito? Numa família sempre há

algum atrito.

Sera quis contar o modo civilizado e carinhoso como foi criada. Meus

pais nunca me bateram, era o que queria dizer, e nunca tive que ficar tran-

cada no meu quarto como agora. Mas seu orgulho se rebelou contra o fato

de ter que fazer confidências a uma empregada.

— Está tudo bem — disse. — Só não estou com fome.

Às quatro horas, Banu saiu para ir ao templo.

— Eu talvez tenha que ficar algum tempo fora de casa, querido —

disse para Freddy, na soleira da porta. — Tenho que falar com Dastur

Homjee sobre benzer a cozinha, já que foi conspurcada por cabelos impu-

ros.

Minutos mais tarde, ouvem-se batidas na porta do quarto.

— Posso entrar? — perguntou Freddy. Polly não estava em seu ombro.

Freddy parou na porta e percebeu o cabelo despenteado e os olhos avermelhados de Sera.

— Venha comigo — disse ele baixinho. — Vamos ouvir música lá na sala.

Seu rosto suplicante não permitiu que Sera recusasse.

— Ok — disse ela. — Espere só eu me arrumar um pouco.

Quando Sera entrou na sala, o som já estava ligado.

— “Sonata ao luar” — disse ele, levantando a cabeça. — Achei que algo bonito e meditativo seria apropriado. Podemos abandonar esta sala e

imaginar que estamos num lugar onde o luar dança sobre a água.

Sera sorriu meio sem graça e sentou-se ao lado dele no sofá. Após al-

guns minutos, sentiu a música entrar em seu corpo, fazendo-o relaxar. Fe-

chou os olhos e se sentiu perdida num mundo laranja-escuro, onde nada

interferia a não ser o som sagrado de um piano solo.

— Quando eu era garota, achava que o piano era o meu instrumento favorito — disse ela, modulando a voz para não ultrapassar o volume da

música.

Seus olhos ainda estavam fechados, mas sentiu Freddy se remexer a seu lado.

— Mas agora — prosseguiu — . . . agora adoro o som grave do Violoncelo. De algum modo ele soa quase como a vida: triste, suave, perdida,

solitária. Acho que, se o coração pudesse cantar, seria como um violoncelo.

Você acha que isso é bobagem?

Freddy emitiu um som engasgado que fez com que ela arregalasse os

olhos. Virou ligeiramente a cabeça e percebeu, espantada, que o velho es-

tava chorando.

— *Pappa* Freddy, o que aconteceu? — exclamou ela. — Eu disse alguma coisa. .

Ele se virou para olhar para ela, e Sera notou pela primeira vez como a pele debaixo de seu queixo despencava e tremia, como seus olhos come-

çavam a formar aquela fina película acinzentada que vem com a idade.

Chocada, notou que ele estava cruzando as mãos num gesto de súplica, e

seus olhos perceberam as rugas e as manchas senis em suas mãos de tom

caramelo.

— Desculpe — disse Freddy, com as lágrimas correndo pelo rosto.

— Perdoe-me, minha querida, por não ter dito nada antes. Ela olhou para

ele, confusa.

— Não, *pappa* Freddy, está tudo bem — disse ela. — Acabei de perguntar sobre o seu instrumento favorito. .

—Estou falando sobre ela — disse ele bruscamente, virando a cabeça

na direção do quarto de Banu. — Quando você veio aqui pela primeira

vez, quando fez planos de se casar com Feroz, eu devia ter lhe falado sobre

ela. . sobre os seus ataques. Devia ter contado como ela pode ser perversa

e desagradável às vezes. E sobre Feroz também. Mas o que fazer, *deekra?*

Gostei de você desde a primeira vez em que nos vimos. Você se lembra da

primeira vez que veio a esse maldito apartamento? Falamos sobre música

clássica e você brincou com Polly. Desde aquele instante, quis que você

fosse minha filha. Queria tanto que alguém novo entrasse nesta casa.. Al-

guém como eu. E você, vinda de uma família tão boa. Seu pai, um amante

da música, um homem culto e inteligente. *Bas*, bem, decidi ficar de boca

calada. De algum modo achei que depois que você viesse para cá, ela iria

melhorar. Mas isso não vai acontecer, agora sei. Gulab me contou o que



aconteceu hoje de manhã. Desculpe-me, *deekra*, por este pecado que come-

ti.

Através do redemoinho de suas palavras, Sera ouviu apenas uma coi-

sa.

— O que tem Feroz? — perguntou. — O senhor disse que deveria ter me avisado sobre ele.

Freddy deu um suspiro.

— Ah, não é nada. Quer dizer, ele é basicamente um bom garoto.

Mas às vezes tem um temperamento como o da mãe. Ou talvez seja como

o da *minha* mãe, não sei. Minha mãe era um terror, que Deus a tenha. Ela

transformou a vida de Banu num inferno. Eu a chamava escondido de

Dona Pimenta, quando menino.

— E.. o senhor disse que Feroz é como ela?

Freddy a olhou fixa e intensamente, com um ar triste e piedoso.

— Feroz é temperamental. Com a graça de Deus, você nunca vai ter que presenciar isso. Quando era garoto, eu lhe dizia sempre que tinha que

controlar sua raiva. Mas o que se pode fazer, *beta*? Sangue é sangue. Se há

alguma coisa no seu sangue, é muito difícil se livrar disso, não é mesmo?

Achei que ele aprenderia a lição quando perdeu Gulnaz. Mas ele é como

Banu: fala primeiro e pensa depois.

— Quem é Gulnaz? — perguntou Sera, querendo e não querendo saber ao mesmo tempo.

Os olhos de Freddy passearam pela sala antes que tornassem a pousar

no rosto cansado de Sera. Subitamente, estendeu a mão e acariciou os ca-

belos dela.

— Não fique tão triste, minha querida — murmurou ele. — Acho que a minha conversa a está envelhecendo uns dez ou quinze anos.

Ele deu um suspiro profundo e prosseguiu.

— Gulnaz era uma namorada dele. Eles estavam noivos e tudo. Os pais dela eram de Jamshedpur, gente boa e simples. Até hoje não sei exa-

tamente o que aconteceu. Mas, num domingo, durante o almoço, ela apa-

receu inesperadamente aqui em casa. Bem na minha frente e de Banu,

Gulnaz tirou a aliança e a jogou na mesa com tanta força que ela ricoche-

teou e caiu dentro do *dhansak* de Feroz, a comida parse à base de espinafre.

Ela disse que não podia agüentar mais o temperamento dele e que já tinha

ouvido histórias demais sobre Banu para convencê-la de que não queria

fazer parte dessa família. Banu imediatamente lhe perguntou o que ela ti-

nha ouvido falar, mas Feroz interrompeu a mãe, disse a Gulnaz que paras-

se de insultar sua família e que saísse desta casa. *Bas*, foi o que aconteceu.

Se ele a viu novamente, não sei.

O disco já tinha acabado há alguns minutos, e Freddy se levantou pa-

ra mudá-lo. Sera continuou sentada no sofá, absolutamente chocada e em

silêncio. Ele escolheu um outro disco.

— Que tal esse? — indagou ele. — A Filarmônica de Nova York regida pelo nosso Zubin Mehta.

Ela assentiu, meio ausente; sua cabeça era um depósito de pensamen-

tos confusos e contraditórios. Feroz com outra mulher. Alguém de quem

ele deve ter gostado o suficiente para pensar em casamento. Alguém a

quem deu uma aliança de noivado. Então era tudo mentira? As declarações

de que nenhuma outra mulher o tinha atraído tanto quanto ela, e de como

nunca soube o que era amor até Sera entrar na sua vida? O que deveria

pensar então sobre o modo constante e ansioso com que ele foi atrás dela?

Aquilo era apenas uma desesperada e última cartada de um homem de

meia-idade que não queria passar a vida sozinho? Será que qualquer mulher

parse com uma aparência razoável poderia ter atraído o seu olhar? Ou ele a

tinha escolhido exatamente por causa dos seus 28 anos e pelo seu jeito de

quem estava desesperada e rejeitada? Ele teria sentido alguma coisa ali?

Algum ponto vulnerável, algum defeito, alguma fraqueza que pudesse ex-

plorar? Será que deliberadamente não quis enxergar os defeitos dele? Será

que se deixou envaidecer pelo desejo óbvio que ele demonstrava?

Como se pudesse ler sua cabeça confusa, Freddy disse:

— De uma coisa eu sei, Sera. O meu Feroz ama você. Aqueles olhares que ele lhe lança durante o jantar, o modo como fica orgulhoso quando

você entra na sala.. Só um pai consegue ver essas coisas. Não havia nada

de errado com Gulnaz, mas Feroz nunca se comportou desse jeito com ela.

Sera sorriu agradecida, mas seus olhos estavam encobertos pela dúvi-

da.

— Obrigada, *pappa* Freddy. — Feroz é um bom..

Engasgou-se com as palavras.

— Feroz é a minha vida agora — exclamou, com a voz embargada pela emoção e pelo desespero.

Banu voltou para casa naquela tarde às seis e meia, trazendo cinzas do

templo dentro de seu lenço bordado. Freddy e Sera ainda estavam senta-

dos no sofá escutando música quando as sombras da noite inundaram a

sala. Girando a chave da porta da frente, Banu entrou e imediatamente a-

cendeu a luz destruindo a atmosfera íntima de penumbra que tinham cria-

do para si mesmos. Eles permaneceram sentados, piscando os olhos por

causa da luz repentina, e Sera viu os olhos de Banu se estreitarem ligeira-

mente ao perceber a cena e sentir a afeição óbvia que um nutria pelo outro.

— Meu Deus, vocês parecem um par de corujas de mau agouro —

disse ela, entrando rapidamente na sala. — Ou seria um par de pombi-

nhos?

Vendo o olhar enfurecido de Freddy, Banu rapidamente acrescentou:

— Apaixonados por Mozart, é claro.

De pé, na frente de Freddy, ela pegou uma pequena pitada das cinzas

e as colocou na testa do marido.

— Dastur Homjee mandou *salaams*, suas saudações, para você. Disse

que faz dois ou três meses que não o vê no *agyari*.

Pegou outra pitada no lenço, e Sera se preparou para receber as cinzas

bentas. Mas Banu deixou as cinzas caírem e desviou-se da nora, que ficou

sentada no sofá, sentindo-se uma idiota.

— Vamos, levantem-se daí — disse Banu sem se virar. — Desliguem essa música de enterro. Feroz já deve estar chegando.

ALGUNS DIAS DEPOIS, SERA esperou estar a sós com Feroz para per-

guntar sobre Gulnaz. Eles tinham ido jantar num novo restaurante chinês

em Colaba e, mais tarde, Sera quis ir ao Gateway of India.

— Você quer tomar chá no Sea Lounge do Taj? — perguntou Feroz prontamente.

— Não, só estava pensando que seria bom dar um passeio à noite na

beira do mar — disse ela. — Para pegar um pouco de ar.

— Ok — disse Feroz, apertando o cotovelo dela. — O que você quiser, minha querida.

Depois das tensões dos últimos dias, era maravilhoso estar a sós Com

Feroz num local público. Naquela noite, enquanto passeavam pelo Apollo

Bunder num silêncio cheio de companheirismo, Sera se sentiu mais próxima-

ma do marido do que tinha estado a semana inteira. E então ficou surpresa

e até desapontada ao se escutar perguntando:

— Por que você não me contou nada sobre Gulnaz?

Ele ficou tenso.

— Quem lhe contou? Mamãe? — perguntou.

— Não. Na verdade, foi seu pai.

Feroz expirou ruidosamente.

— Já devia saber. Foi o “seu” bocão. Claro.

— Seu pai não teve má intenção — disse ela. — De qualquer modo, você deveria ter me contado. Por que não disse nada sobre isso?

Ele parou tão bruscamente que um casal de adolescentes, que vinha na direção contrária, teve de se separar e contorná-los. O rapaz encarou

Feroz ao passar e resmungou:

— Que grosseria, *yaar!*

Feroz o ignorou. Quando se virou para Sera, seu rosto estava impas-



sível e sem expressão.

— Não lhe disse nada, minha querida — respondeu ele cuspiendo as palavras como se estivessem presas entre seus dentes —, porque sincera-

mente você não tem nada a ver com isso.

Sera sentiu uma dor no estômago; o desprezo dele a atingira como um soco.

— Mas sou a sua mulher — disse debilmente.

— É verdade. Você é a minha mulher. Agora. Hoje. Mas não era minha mulher naquela época. E o que fiz naquela época é assunto meu. Não

tem nada a ver com você, está bem?

Ela contemplou o mar escuro, tão grande e imensurável como a máquina que lhe subia em ondas. Tentou reprimir as lágrimas piscando, enquanto

raciocinava, perguntando a si mesma se estava certa, se de algum modo

tinha infringido alguma norma não expressa do protocolo matrimonial.

Será que não era mesmo da sua conta o fato de Feroz ter se apaixonado

por outra mulher antes de a ter conhecido? Será que não cabia a ela per-

guntar?

Depois, lembrou-se de como o marido gritou na noite anterior quando ela entrou no banheiro enquanto ele escovava os dentes e de como ele

sempre apagava a luz para vestir o pijama. Percebeu então que ele estava

marcando os limites do seu passado assim como marcava os do próprio

corpo.

— Venha, vamos embora — disse ele bruscamente. — Está ficando tarde.

A idéia de ter que entrar naquela casa novamente, de ter os olhos in-

cansáveis de Banu acompanhando cada movimento seu, fez a voz de Sera

tremer com a intensidade da sensação.

— Amanhã é sábado. Por favor, preciso caminhar mais um pouco.

Não quero ir para casa ainda.

Ele suspirou impaciente.

— Ok, trabalhei o dia inteiro, mas se a minha esposa quer caminhar, vamos caminhar.

Foi então que ela viu um casal de muçulmanos vindo em sua direção.

O rosto recém-barbeado do homem era jovem e radiante sob a luz da rua.

Sera não conseguia ver o rosto da mulher porque ela usava uma burca ne-

gra que a cobria dos pés á cabeça, e apenas os olhos eram visíveis por trás

da rede. Normalmente, essa visão a teria repugnado. Teria tido pensamen-

tos desagradáveis com relação a esse marido que permitia que a mulher

andasse pela rua com esta roupa que mais parecia uma prisão e que ignora-

va as estatísticas de alta incidência de tuberculose entre as mulheres que

mantinham o rosto coberto o dia inteiro. Mas observou que o dedo indica-

dor da mulher saía do vestido preto e se entrelaçava com o do marido. E

caminhavam assim, os dedos se tocando numa conexão emocionante que

comprovava o logro do véu e sugeria algo de mais profundo e mais eterno

do que as convenções humanas.

Àquela visão encheu o coração de Sera de uma inveja súbita e arden-

te.

— Feroz — disse, querendo explicar-lhe tudo: como certas notas da “Sonata ao luar” tocavam o seu coração como o vento dentro de um saco

de papel; como a sua alma se sentia infindável e profunda como o mar ba-

tendo ao lado deles; como a visão do casal de muçulmanos a encheu de

uma emoção que era alegria e tristeza em partes iguais; e, acima de tudo,

como desejava um casamento que fosse diferente do mar morto de muitos

casamentos que via ao seu redor, como queria algo melhor, mais profundo,

um casamento feito de seda e veludo e não de um pano áspero qualquer;

um casamento feito de nuvens e estrelas, de terra vermelha e espuma do

mar, de luares, sonatas, livros e galerias de arte, de paixão, bondade, mágoa

e êxtase, e de dedos se tocando sob uma burca. Virou-se para ele com um

desejo febril.

— Feroz.. — disse mais uma vez. — Eu. . eu realmente amo você.

Duas coisas aconteceram então. Feroz virou-se para ela com os olhos

úmidos, cheios de afeto.

— Também amo você, Sera — disse ele com a voz embargada de emoção. — Desculpe-me por ter agido como um imbecil.

E, mesmo agradecida por aquelas palavras, sentia um desapontamen-

to por ter se traído. Sabia que tinha tomado o caminho mais fácil para se

livrar da situação, que tinha deixado a pressão escapar do bule fervente de

suas emoções. O que queria dizer não era de jeito nenhum “amo você”. O

que quis dizer foi “amo a vida”, uma autodeclaração tão despojada, tão real

e autêntica quanto uma radiografia. E então uma porta se fechou com es-

trondo nos recônditos de sua mente: se tivesse dito o que tinha a intenção

de dizer, sabia que Feroz não teria entendido. Um sentimento de solidão a

invadiu como um vento gelado e a fez estremecer.

— Você está com frio? — perguntou ele imediatamente, todo solíci-

to. — Venha, vamos ao Taj tomar uma xícara de chá quente.

Feroz pegou sua mão ao atravessar a rua, e ela se odiou pelos pensa-

mentos ambíguos e traidores que batiam as asas em sua cabeça como mor-

cegos. Por que não deveria ter dito “amo você” para Feroz? Sera lutava

consigo mesma. Afinal, é verdade, não é? E, mesmo que não fosse o que

queria dizer naquele exato momento, é verdade, não é? Mas, mesmo assim,

o frio sentimento de autotraição permanecia.

O garçom os acomodou á mesa e Sera ficou olhando através das jane-

las panorâmicas para as águas sombrias do mar da Arábia.

— Acho que vou querer cerveja em vez de chá, *janu* — disse ela.

— Uma Kingfisher e um *sherry* — pediu Feroz. — E me traga uma porção de castanhas de caju.

8

SENTADA AO LADO DE VIRAF no carro com ar-condicionado, Bhi-

ma sorri. Ela adora esse ritual matinal. É tão bom não ter que ir ao bazar

nos ônibus da BEST, superlotados e caindo aos pedaços. . Está ficando

velha demais para lidar com a correria que ocorre inevitavelmente quando

um dos ônibus vermelhos aparece no ponto. Na semana anterior, Serabai

lhe contou a história de uma parente distante, uma mulher franzina de 68

anos que fraturou o pulso quando foi atirada ao chão pela multidão frené-

tica que tentava embarcar no ônibus.

— Tenho certeza de que fazem isso com os parses de propósito —

resmungou Sera. — Todo mundo sabe que os nossos ossos são tão que-

bradiços quanto os biscoitos Britannia.

Antigamente, as mulheres pelo menos eram poupadas das cotovela-

das e dos empurrões que aconteciam sempre que um ônibus aparecia no

ponto como se fosse uma fera mitológica. Mas, na Bombaim de hoje, é

cada um por si, e os delicados, os fracos, os mais novos e os mais velhos

entram nos ônibus superlotados por sua própria conta e risco. Bhima se

sentiu como se mal conhecesse a cidade agora — algo de confuso,  
perver-

so e cruel se desencadeou dentro dela. Via os sinais dessa nova  
perversida-

de em todo lugar. As crianças das favelas amarravam bombinhas nos  
rabos

dos vira-latas e depois riam e batiam palmas ao ver o pobre animal  
corren-

do em círculos, enlouquecido de medo. Universitários ricos ficavam  
loucos

de raiva se um pivete de rua de cinco anos sujasse as janelas de  
seus BMWs

e de seus Hondas faiscentes. Todos os dias, Serabai lia o jornal e lhe  
conta-

va a última desgraça — um representante de um sindicato morto a  
paula-

das por ter ousado exortar os operários da fábrica a organizar um  
movi-

mento reivindicando um aumento de duas rupias; o filho de um  
político

absolvido depois de atropelar três crianças faveladas a caminho de  
uma

festa; um casal de idosos parses assassinado na cama por uma  
empregada

que trabalhou para eles durante quarenta anos; jovens nacionalistas  
hindus



escrevendo com seu próprio sangue notas de congratulações para celebrar

o teste bem-sucedido de uma nova arma nuclear. A cidade parecia ter en-

louquecido de ganância e fome, de poder e impotência, de riqueza e pobre-

za.

Bhima podia sentir a maldade correndo como lodo em suas veias en-

quanto esperava pelo ônibus. Quando a fera vermelha aparecia em meio a

uma nuvem de fumaça, sentia seu coração disparar enquanto observava os

outros passageiros, na tentativa de avaliar quem parecia mais fraco e vulne-

rável, e que, portanto, podia ser empurrado a cotoveladas para fora do seu

caminho. Assim que o ônibus parava, a fila se desintegrava e se transfor-

mava numa multidão amorfa. Outras pessoas chegavam correndo de todas

as direções, tentando entrar no ônibus, antes mesmo de ele parar. Uma

vez, um idoso com um pé no degrau e o outro ainda na calçada foi arrasta-

do durante meio quarteirão até que os gritos dos outros passageiros fize-

ram com que o motorista parasse. Bhima notou que as pernas do homem

estavam tremendo tanto que seria impossível para ele embarcar. O moto-

rista o olhou com impaciência, do alto do seu poleiro imperial.

— Vai entrar ou não vai? — perguntou, mas o pobre homem ficou parado ali, ofegante.

O motorista estalou a língua e tocou o sinal novamente. O ônibus partiu, deixando o passageiro no meio da rua, despejado como um pacote

sem destinatário.

— O ar-condicionado está muito forte? — pergunta Viraf. Embora esteja com um pouco de frio, Bhima balança a cabeça, dizendo que não.

Sabe que Viraf *baba* é muito calorento.

Bhima olha pela janela as ruas que passam correndo. “A cidade pare-

ce tão melhor vista através do vidro fumê de um carro com ar-

condicionado”, pensa. Mesmo a fumaça dos canos de descarga dos ônibus

e caminhões mais próximos não lhe queimam os olhos ou a garganta, e ela

se sente como se tivesse derrotado seu velho adversário, o sol. É melhor

ficar com um pouco de frio do que sentir o sol atacando os olhos e a pele.

O som está ligado e toca uma música em inglês que Bhima não entende, nem gosta. Fica imaginando por que Viraf sempre ouve música em

inglês e não as dos filmes em hindi, tão populares na *basti*. Olha para o

homem sentado ao seu lado com aquele uniforme branco de jogar críquete,

e ele parece tão distante dela como as mulheres brancas que vê quando vai

com Serabai fazer compras em Goiaba. Serabai lhe explicou uma vez por

que aquelas pessoas tinham o cabelo louro e a pele da cor de parede de

hospital; disse que havia alguma coisa faltando em seus corpos e que vi-

nham para locais de clima quente como Bombaim para escurecer a pele.

Sentia pena deles e, vendo seus cabelos compridos e roupas gastas, queria

lhes dar dinheiro, mas Sera se ria disso e dizia que não precisava ter pena,

porque eles na verdade sentiam orgulho de sua pele branca. “Gomo é que

se pode ter orgulho de uma coisa que está faltando no próprio corpo?” Era

o que Bhima queria perguntar, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sera lhe ex-

plicou que eles não precisavam do dinheiro dela; disse também que eles

vinham de lugares muito mais ricos do que ela podia imaginar. Então,

Bhima teve certeza de que Sera estava mentindo, porque bastava ver o ca-

belo sujo deles, suas camisas desbotadas e calças azuis rasgadas para que

qualquer imbecil soubesse que aquelas pessoas descuidadas e sem cor eram

muito pobres.

Viraf está olhando para ela com curiosidade.

— Você ouviu alguma coisa do que acabei de dizer? — perguntou ele.

Bhima tem um sobressalto, sentindo-se culpada.

— Ai, Viraf *baba*. Desculpe. Estava só. .

— Tudo bem.

Ele ri.

— Estava apenas perguntando por Maya.

Ela fica ruborizada, relutando em discutir a situação de Maya com um

homem, mesmo que esse homem seja Viraf. Mas, antes que possa dizer

qualquer coisa, ele vem em seu socorro.

— Olhe, Bhima — diz ele, meio sem jeito. — Esse assunto não é nada agradável, eu sei. Mas precisamos enfrentá-lo. Tenho um amigo que é

médico. Quando eu voltar para casa, depois do jogo, vou telefonar para ele

a fim de conseguir o nome de um médico que faça.. que seja. . um que e..

você sabe, alguém que possa ajudar Maya a se livrar da criança. Já está na

hora de se fazer alguma coisa quanto a isso, não é?

Em vez da gratidão que sabe que deveria sentir, Bhima fica chocada com o profundo ressentimento que as palavras de Viraf despertam nela.

“É fácil para ele falar de se livrar do bebê de Maya”, pensa ela.  
“Afinal, ele

e Dinaz vão ter um filho, uma criança que nunca vai saber o que é ter adul-

tos planejando a sua morte. Uma criança que será bem recebida nesse

mundo. Que nunca vai causar vergonha ou desgosto aos seus pais". Sente

por um momento uma fúria cega que é tão vasta que abrange Maya, Dinaz

e Viraf, todos esses jovens, todas essas crianças que estão para nascer. Está

cansada de tudo, cansada desse ciclo incessante de nascimento e morte,

cansada de investir qualquer esperança na próxima geração, cansada e as-

sustada por ter mais pessoas para amar, pessoas que um dia vão magoá-la,

feri-la, irão partir seu coração com enganos, traições e erros, graças à pró-

pria condição humana. Bhima se sente esgotada, vazia e enrugada como

uma casca de noz. Não tem mais nada para dar, nem amor para partilhar.

Por essa razão, se recusa a dar as sobras de comida aos vira-latas da favela,

que abanam o rabo e abrem a boca, ansiosos, todas as vezes que a vêem

saindo de seu barraco. Não consegue agüentar a visão do pêlo maltratado,

dos corpos sarnentos e aleijados, da fome de amor em seus olhos; tudo

isso é de cortar o coração. Gopal. Seus dois filhos, Amit e Pooja. E depois

o genro, Raju. Bhima os amou a todos e cada um deles a abandonou, deli-

beradamente ou porque foram derrotados na sua batalha contra a morte.

Mas o resultado era o mesmo. Ela ficava para trás enquanto os outros via-

javam para o que imaginava que seriam campos mais verdejantes.

Pisca os olhos e se força a voltar para o presente. Está envergonhada

por sentir inveja da boa sorte de Dinaz e Viraf. Dinaz cresceu sob seus o-

lhos e ainda se lembra da criança maravilhosa que ela era, toda abraços e

sorrisos. Era um milagre que uma criança como aquela pudesse florescer

debaixo da sombra projetada pela montanha escura que era seu pai. Assim

que começou a ganhar o próprio salário, Dinaz sempre dava uma nota de

dez ou vinte rupias a Bhima. E Viraf *baba*, tão solar, tão cheio de malan-

dragem e de animação. Para se punir por seus maus pensamentos, Bhima

enfia o polegar direito na palma da mão esquerda até a dor fazer com que

se enrijeça.

— O senhor está certo, Viraf *baba* — diz, meio atordoada. — Estava dizendo a mesma coisa a Maya ontem à noite.

Viraf a olha rapidamente. Sua mão flutua no espaço entre eles como se quisesse consolá-la, mas acaba pousando novamente no volante.

— Vou falar com o meu amigo hoje mesmo — diz num tom tranqüilizador.

Quando ele a deixa no mercado, Bhima nota que Viraf fica esperando

até que ela atravesse a rua sã e salva. Bhima sorri. “Que rapaz atencioso,

esse Viraf *baba*”, diz consigo mesma. Alguns de seus gestos a fazem lem-

brar-se de Amit. . A mesma amabilidade, a mesma cortesia. Amit. Seu úni-

co filho. Onde estaria agora? Será que pensava nela, será que sentia vanta-



de de vê-la, será que sentia saudade dela como ela sentia dele?

Perdida em seus pensamentos, quase tropeça no *hathgadi* de madeira

parado no meio da calçada. Bhima solta um xingamento quando a longa

vara de madeira entra no seu quadril esquerdo, provocando urna pontada

de dor na coxa magra. Um homem de vinte e poucos anos está escarrapa-

chado no carrinho, dormindo profundamente. Bhima fica abismada de ver

como ele consegue dormir em meio ao barulho da multidão que se acoto-

vela em torno deles. Desde que Maya engravidou, seu próprio sono ficou

tão perturbado que até os ruídos dos camundongos correndo pelo casebre

a impedem de dormir. Bhima esfrega o quadril enquanto pensa se deve

chacoalhar o rapaz adormecido para pedir que tire o seu *hathgadi* dali. En-

tão, nota o volume por baixo da calça branca e larga.

— *Saala badmaash*. Safado — murmura para si mesma, rapidamente

desviando os olhos. — Bêbado vagabundo. , dormindo aqui a céu aberto

como se fosse o dono da cidade. Sem-vergonha, isso é uma sem-vergonhice!

Uma voz conhecida atravessa seus pensamentos mal-humorados.

— *Arre, mausi*, venha aqui — chama a voz. — Estava guardando meus melhores legumes especialmente para a senhora.

Bhima acena, despachando-o.

— Vou passar aí depois — diz —, mas antes tenho que encontrar aquele imprestável do Rajeev.

— Ele estava aqui um ou dois minutos atrás. Estava procurando pela senhora, *mausi*.

Como se tivesse captado a deixa, Rajeev aparece, equilibrando o enorme cesto de vime sobre a cabeça. Ele é alto e encurvado, tem uns cin-

qüenta anos e usa um bigode que parece um guidom de bicicleta. Ele faz

Bhima se lembrar dos carregadores do Rajastão que transitavam pela Esta-

ção Terminal Victoria antigamente, quando ela e Gopal tomavam o trem

para a aldeia dos avós dele. Embora Gopal insistisse em levar ele mesmo as

malas, os carregadores os seguiam como uma matilha de cães famintos,

implorando por uma chance de trabalhar, diminuindo o preço a cada passo

que davam.

— Onde é que você estava, Rajeev? — pergunta Bhima, em tom de bronca, como sempre fazia. — Você acha que tenho tempo a perder como

uns e outros? Estou com pressa.

— *Ae, Bhima mausi*, calma, calma — diz Rajeev com um sorriso apaziguador que mostra as marcas vermelhas do *paan* que ele tinha acabado de

pôr na boca. — Por que você tem que correr tanto? A sua patroa é boa,

não vai se importar se você chegar uns minutos mais tarde.

Mas Bhima já está andando em direção ao vendedor que a chamou antes. No caminho, passa por Parvati, a velha que vem ao mercado todos

os dias de manhã e só sai depois de ter vendido seu estoque de seis couves-

flores pequenas e mirradas. A frágil mulher se senta no meio-fio em cima

de um pano de algodão imundo e fica chamando os fregueses com a voz

fina e anasalada. Desde que Bhima a conheceu, a velha desenvolveu um

nódulo do tamanho de uma laranja na garganta. Um dia, quando Parvati

adormeceu ali sentada, Bhima notou que a mulher ficava alisando o nódulo

com o dedo durante o sono.

E, como faz todos os sábados, Bhima desvia o rosto. A visão de Parvati e de seus legumes de péssima aparência enchem-na de uma tristeza

insuportável. Bhima sabe, pelas fofocas dos outros vendedores, que Parvati

não tem marido nem filhos. Sabe também que os outros vendedores aju-

dam a pobre mulher, mandando para ela todas as noites as frutas maduras

demais e os legumes machucados que não conseguiram vender. Ainda as-

sim, Bhima se pergunta como aquela mulher consegue se manter viva com

uma renda tão escassa. E por que Parvati não aumenta o seu estoque? Por

que não consegue couves-flores de melhor qualidade? Assim, poderia

comprar algumas. . Os legumes são tão pequenos e mirrados que, mesmo

comprando todo o lote, não seria o suficiente para a família Dubash. Nem

bem se perguntou isso, e já sabia a resposta: aquela mulher mal tinha o su-

ficiente para comer. Nunca lhe sobrava nada para comprar mais suprimen-

tos.

Quando Amit e Pooja eram pequenos, Gopal e ela os levavam à beira-mar todo sábado. Lá, ela insistia em comprar para as crianças os balões

em forma de animais vendidos por um *pathan* do Afeganistão alto e maci-

lento. Havia alguma coisa na calma dignidade daquele homem, o jeito cui-

dadoso e sem ostentação com que torcia e enroscava os balões em forma-

tos diferentes tocou o coração de Bhima. Quando os outros vendedores de

balões tentavam seduzir as crianças com suas contorções cheias de trejei-

tos, com dedos ágeis torcendo a borracha, fazendo elefantes e cachorros,

ela os despachava e esperava o *pathan* chegar. Enquanto ele trabalhava em

suas criações com um leve sorriso distante no rosto, Bhima sentia vontade

de perguntar por que o velho saiu de sua terra árida que parecia esculpida

no seu rosto marcado e castigado pelo vento; se foi difícil se acostumar

com as ruas poluídas e barulhentas da cidade; se sentia falta do ar suave das

montanhas de sua terra natal. Mais do que tudo, queria saber como ele se

sustentava apenas com a venda daquelas peças vermelhas e brancas de bor-

racha e ar. Aquilo não parecia ser o suficiente para sustentar um *pathan* alto

e magro, que dirá uma família. Porém, sua timidez e falta de jeito fizeram-

na segurar a língua, de modo que o maior mistério de Bombaim — como

toda uma classe de habitantes de Bombaim (os vendedores de balões, os

tiradores de cera de ouvido e os coletores de papel) se aferrava com unhas

e dentes à promessa dessa grande metrópole, como conseguia se alimentar

apesar desses trabalhos patéticos — permanecia sem solução.

Agora, Bhima pula por cima de uma casca de banana e pára diante de

sua quitandeira preferida, com Rajeev alguns passos atrás de si. O homem

se abaixa, tira o cesto de vime da cabeça e o põe na calçada. Ignorando os

gritos da vendedora que dizia: “„*Ae mausi*”, já separei os melhores legumes

para a senhora”, Bhima começa a escolher em meio à seleção colorida e

magnificamente arrumada à sua frente. Compra seis quilos de quiabo, esco-

lhendo cuidadosamente as peças menores e mais macias. Passa os olhos

pelas berinjelas arroxeadas e enfia o nariz em seus machucados até que a

vendedora, resmungando por entre os dentes, estende a mão por trás dela

e traz quatro berinjelas lustrosas. Bhima segura as cabeças de alho na mão,

escolhendo as melhores. Apalpa o coentro, arranca as folhas mortas de um

dos molhos. Pede à mulher que corte um novo pedaço da abóbora verme-

lha porque o pedaço já cortado está cheio de moscas em cima. A  
vendedor-

ra pesa os legumes na velha balança de metal, com os pesos  
hexagonais de

um lado, os legumes do outro, e os coloca dentro de sacos plásticos  
cor-

de-rosa. Rajeev pega os sacos e os põe no cesto.

Bhima se levanta e pega uma nota na barra do sári. Espera pelo  
troco,

mas a mulher fica imóvel, encarando-a.

— Esta é a quantia certa, *mausi* — diz finalmente. — Fiz para a se-  
nhora um precinho bom hoje. Qualquer um teria cobrado mais por  
esses

produtos tão fresquinhos que a senhora está levando.

Se fosse qualquer outro sábado, Bhima teria discutido, defenderia  
sua

posição até conseguir algum dinheiro de volta da vendedora. Afinal,  
pe-

chincar é uma tradição antiga neste bazar. E também,  
diferentemente das

empregadas que fazem compras para as patroas,

Bhima nunca desperdiça um *paisa* sequer do dinheiro de Serabai.  
Para



ela, é uma questão de confiança. Serabai confia nela o suficiente para man-

dá-la fazer as compras sozinha. Então, o procedimento correto é proteger

o dinheiro da patroa tão zelosamente como se fosse o seu próprio.

Mas hoje está cansada e tem outras coisas na cabeça. E, além disso, seu próprio sofrimento fez com que ficasse mais vulnerável ao dos outros.

Pela primeira vez, Bhima percebe as olheiras escuras em volta dos olhos da

mulher, os sinais prematuros de cabelos grisalhos, o pequeno buraco na

manga da blusa de seu sári. Hoje não consegue pensar nessa mulher como

sua adversária, alguém com quem ela tenha que se envolver num bate-

boca. As poucas rupias que economizaria discutindo perderam repentina-

mente o sentido.

— Tudo bem — diz abruptamente.

Depois, dirigindo-se a Rajeev:

— Vamos, preciso comprar batata e cebola.

Quando Bhima sai, sente o olhar estarecido da vendedora às suas

costas.

Não é tão simpática com o homem com quem compra as batatas e cebolas. Ele é um *baniya* baixinho e de óculos, fica numa lojinha estreita e

pequena e a trata com menos respeito do que os outros vendedores. E,

desde que o viu uma vez botando a mão na balança para aumentar o peso,

Bhima passou a desconfiar dele. Por ela, não seria mais sua freguesa, mas

Serabai gosta dos produtos do homem e insiste para que Bhima compre lá.

Bhima o olha de modo arrevesado e diz, secamente:

— Cinco quilos de batata. E, por favor, que nenhuma esteja podre.

Na semana passada, duas delas estavam tão ruins que não puderam ser a-

proveitadas.

Em vez de afetar um ar de desculpas, o comerciante faz uma careta.

— Tudo está podre em Mumbai — diz ele em voz alta. — O ar está podre, os políticos são podres, o sistema de transporte público é podre.

Por que algumas das minhas batatas não poderiam estar podres? — Ele dá

um sorriso debochado, mostrando os dentes manchados de marrom. O adolescente de ar doentio e braços longos e finos que trabalha na loja balança a cabeça, admirado.

— Isso mesmo, patrão, isso mesmo — diz, lançando um olhar hostil para Bhima.

— Está ouvindo isso? — pergunta Bhima a Rajeev, alto o bastante para que o dono da loja a ouça. — Que tipo de *badmaashi*, de safadeza te-

mos que aturar, mesmo quando estamos gastando o nosso dinheiro tão

difícil de ganhar! Acho que vou comprar em outro lugar.

O vendedor se torna repentinamente grosseiro e diz:

— A senhora não está gastando o seu dinheiro, esse dinheiro é da sua

patroa. A senhora nunca teria dinheiro para comprar os meus produtos e

pagar os meus preços. Agora, pare de me fazer perder tempo.

Bhima se encolhe com a verdade contida nas palavras do quitandeiro.

Mas, antes que possa reagir, Rajeev dá um passo na direção do quitandeiro,

ameaçadoramente.

— Ei, cuidado com a língua. Tem várias lojas aqui que vendem batata

e cebola. E posso fazer com que nenhum dos meus fregueses ponha os pés

na sua loja novamente.

De repente, Bhima não quer mais nada a não ser acabar com aquilo.

Ainda tem que ir ao mercado de peixe e estremece só de pensar que terá

que andar naquele chão fedido, sujo, escorregadio e molhado, prestando

atenção para não deixar nenhuma espinha de peixe entrar entre o seu pé e

as *chappais* de borracha. Detesta o barulho do mercado fechado, os gritos

agudos e insistentes dos vendedores tentando atrair os fregueses para seus

estandes. Odeia as expressões vidradas e mudas nas caras dos peixes mor-

tos e derrotados e a sensação escorregadia das moedas quando o vendedor

lhe dá o troco. Enquanto Rajeev e o quitandeiro estão rosnando um para o

outro, Bhima tira o dinheiro do sári e o põe em cima das batatas amontoa-

das.

— Pronto — diz apressadamente. — Aqui está o dinheiro. Agora me dê o troco e me deixe ir embora.

Observa Rajeev ajeitar as sacolas no cesto. Geralmente, o adolescente

auxilia Rajeev, que se agacha no chão para levantar o cesto e botá-lo na

cabeça, mas hoje o rapaz cruza as mãos e assiste impassível a Rajeev fazen-

do grande esforço para ficar de pé. O cesto já está cheio e Rajeev camba-

leia por um momento sob o peso, antes de se aprumar. Bhima percebe seu

passo em falso e sente pena dele. Desvia o olhar, aborrecida consigo mes-

ma por esse sentimentalismo que lhe é pouco característico. Já tem pro-

blemas suficientes sem ter que arcar com o peso dos problemas do mundo,

sem sentir a dor de cada quitandeiro e de cada carregador que encontra.

Gopal sempre dizia que ela tinha o coração mole demais, que o mundo ia

se aproveitar daquela moleza. E não é que o tempo provou que seu marido

era um gênio? Pois não é que ele estava absolutamente certo? E a ironia

disso tudo é que o próprio Gopal foi um dos que acabaram com a moleza

de seu coração, tornando-o duro e frio como cimento.

— Para onde vamos agora, *mausi*? — pergunta Rajeev, e ela aponta para o mercado de peixe.

QUANDO ACABAM DE FAZER AS COMPRAS, Rajeev põe o cesto

repleto perto dos pés de Bhima e diz que vai chamar um táxi. Este é seu

ritual semanal, mas hoje a lembrança de Rajeev vindo em sua defesa ainda

mexe com o coração de Bhima.

— *Chalo*. Vamos — diz ela. — Mas, antes disso, que tal tomarmos uma xícara de chá quente? Você vai ter uma carga bem pesada para carregar hoje.

Rajeev olha para ela com curiosidade e faz que sim com a cabeça.

— Seria ótimo, *mausi*. Muito obrigado.

Eles ficam de pé do lado de fora de um pequeno bar e bebem o líquido-

do marrom-claro nas pequenas canecas. O proprietário, um homem avan-

tajado com uma enorme barriga, está sentado à entrada do bar, fritando

batatas empanadas e apimentadas num enorme *wok* com óleo borbulhante.

O cheiro das *battatawadas* deixa Bhima com a boca cheia de água. Faz as

contas para saber quanto vai sobrar do dinheiro de Serabai depois de pagar

o táxi, e rapidamente calcula, concluindo que pode se dar ao luxo de com-

prar um lanche para os dois.

— Duas *battatawadas* no pão, com *chutney* — pede ao dono do bar.

Quando o lanche é servido num pedaço de jornal, sem dizer uma palavra,

Bhima entrega um dos sanduíches a Rajeev. O carregador fica encantado.

— Muito obrigado — diz ele, engolindo a comida.

Bhima tem vontade de comprar-lhe um segundo sanduíche, mas sua consciência está pesada por estar gastando o dinheiro de Serabai. Em vez

disso, se força a parar de comer o seu sanduíche, fingindo estar satisfeita.

— Essas *battatawadas* são muito grandes — diz. — Não vou conseguir terminar isso. Você quer, Rajeev?

Antes que tivesse terminado de falar, o sanduíche já estava nas mãos

dele.

No táxi, Rajeev vai na frente com o motorista, e Bhima se senta no banco de trás com o cesto alojado a seu lado. A comida deixou Rajeev de

bom humor, querendo conversar, por isso se vira toda hora para fazer al-

gum comentário. Mas ela não está com muita vontade de bater papo e lo-

go, logo Rajeev se vira para a frente e entabula conversa com o motorista.

Sob o escudo protetor das duas vozes masculinas, Bhima se sente livre pa-

ra se perder em seus pensamentos e ficar olhando pela janela. Inclina-se

por sobre o cesto e fecha o vidro da direita para se proteger da fumaça que

sai do ônibus da pista ao lado. Já tinha fechado a janela da esquerda assim

que entrou no táxi. As janelas fechadas tornavam o carro insuportavelmen-

te quente, mas até o calor era preferível às violentas convulsões sofridas

por seus pulmões quando invadidos pela fumaça. Sente falta do ar-



refrigerado do carro de Viraf, sente falta de olhar para o mundo lá fora

com a pele sendo acariciada por aquele frescor suave e marcante.

Bombaim passa deslizando pela janela, silenciosa e rapidamente, como aconteceu com a maior parte de sua vida.

9

SERA ACORDA COM UM GRUNHIDO. Olha para o despertador e

tem a sensação de alívio quando vê que o mostrador marca quatro da ma-

anhã. Ainda pode dormir pelo menos mais uma hora. Por um instante, se

sente incomodada por ter que acordar tão cedo hoje. Dentro de algumas

horas, vai pegar Bhima e Maya na parada de ônibus perto da casa delas. A

idéia é Bhima seguir para o trabalho enquanto Sera leva Maya à clínica de

abortos. Três dias atrás, ficou lisonjeada quando Bhima lhe disse que Maya

pediu que ela a acompanhasse ao médico. Agora, deitada e acordada, o-

lhando para a escuridão do quarto, fica irritada. Não tinha pensado em na-

da disso quando se prontificou a pagar pela universidade de Maya.  
Pagar a

quantia correspondente a cada período letivo era uma coisa,  
acompanhar a

garota a um médico para tirar seu filho bastardo era outra bem  
diferente.

“Mas você não está fazendo isso por Maya”, pensa. “Está fazendo is-  
so pela velha Bhima”. O pensamento é imediatamente acompanhado  
por

uma dor surda debaixo do ombro. É uma dor que não existe, sabe  
disso,

uma dor psicossomática, mas mesmo assim sente doer. Afinal, já  
tinham se

passado muitos anos desde o golpe que fez seu braço inchar e doer  
durante

muitos dias. Por outro lado — quem sabe? —, talvez o corpo tenha a  
sua

própria memória, como as linhas invisíveis dos meridianos de que os  
acu-

punturistas chineses sempre falam. Talvez o corpo não perdoe,  
talvez cada

célula, cada músculo e cada fragmento de osso se lembrem de cada  
golpe e

de cada ataque sofrido. Talvez a dor da memória esteja codificada  
na nossa

medula, e cada sofrimento rememorado navegue na nossa corrente sanguí-

nea como um seixo duro e negro. Afinal, o corpo, como Deus, anda por

caminhos misteriosos.

Na adolescência, Sera tinha ficado fascinada com este paradoxo: o

corpo que habitamos e que usamos como um casaco desde o nascimento

(e mesmo antes do nascimento) continua sendo um estranho para nós. No

fim das contas, quase tudo o que fazemos na vida é para o bem-estar do

corpo: tomamos banho todos os dias, escovamos os dentes, penteamos o

cabelo, cortamos as unhas; trabalhamos em empregos desinteressantes para

podermos comer e nos vestir; nos esforçamos para protegê-lo da dor, da

violência e do dano. E, no entanto, o corpo permanece um mistério, um

livro que nunca lemos. Sera brinca com essa ironia como se fosse um que-

bra-cabeça: como é que, apesar da dedicação de uma vida inteira ao nosso

corpo, nunca nos vimos cara a cara com nossos rins, como reconheceria-

mos nosso próprio fígado se o víssemos misturado a outros, e como podí-

amos nunca ter visto nosso coração ou nosso cérebro? Sabemos mais so-

bre as profundezas do oceano, estamos mais familiarizados com locais re-

motos do espaço sideral do que com nossos órgãos, músculos e ossos. En-

tão, talvez não existam dores imaginárias. Talvez todas as dores sejam re-

ais, talvez cada golpe de muito tempo atrás sobreviva pela eternidade sob

alguma forma ou numa permutação diferente. Talvez o corpo seja essa en-

tidade hipersensível e vingativa, um livro de contabilidade, um inventário

de indelicadezas e crueldades.

Mas, se isso é verdade, talvez o corpo também se lembre de cada ges-

to de bondade, de cada beijo, de cada ato de compaixão. Certamente essa é

a nossa salvação, nossa única esperança, a de que a alegria e o amor estejam

também entremeados no tecido do corpo, no vigor de cada músculo,  
no

cerne de cada célula pulsante.

Vindo da névoa azul do tempo, Sera se lembra do golpe e do bálsamo, do algoz e do curandeiro: Feroz e Bhima.

NAQUELA ÉPOCA, ELA E FERROZ tinham se mudado do apartamento de Banu para um só deles. Quando o primeiro golpe a atingiu, já tinha até

se esquecido de como a briga havia começado. Tudo o que conseguia foca-

lizar era o rosto de Feroz, a veia pulsando raivosamente em sua testa, seus

olhos esbugalhados de fúria, sua pele de uma cor marrom-ferrugem. E en-

ção, com o rabo do olho, viu o castiçal de latão na mão dele e os golpes

rápidos e furiosos no ar antes de atingirem o braço que ela tinha levantado

num esforço para se proteger daquela rajada de raiva. Uma dor aguda e

amarga invadiu seu corpo, e um grito animal escapou de seus lábios antes

de forçar sua boca a ficar calada. Sera caiu ao lado da cama segurando o

braço machucado, mas Feroz não parou, desferiu uma enxurrada de socos

nas suas costas, dessa vez só com as mãos. Ela achou que fosse desmaiar

de dor, mas a violência terminou tão repentinamente quanto tinha come-

ço, como se alguém tivesse desligado o interruptor que fez as mãos dele

executarem aquele ato violento.

No passado, depois que o jorro torrencial de sua raiva terminava, ele

olhava para ela com um ar de quem não compreendia o que havia aconte-

cido. Depois, vinham as lágrimas, as desculpas e a autorecriminação. Feroz

soluçava e implorava por seu perdão. Estapeava com força o próprio rosto

ou se dava golpes na nuca. Mas dessa vez Feroz simplesmente ficou o-

lhando Sera, e, quando finalmente conseguiu olhar para ele e ver seu rosto

através das lentes distorcidas das lágrimas, o olhar de repugnância do mari-

do fez seu coração parar. Ele estava olhando para ela como se a odiasse,

como se a visão de seu corpo machucado e encolhido lhe desse náuseas.

— Hoje você foi longe demais — disse ele. — Hoje você mereceu o que recebeu. Esse seu maldito orgulho, sua arrogância. Você não é uma

mulher de verdade, você é uma castradora, sabia disso?

Já estavam casados há tempo suficiente para que Sera soubesse que era melhor não responder. Feroz ficava como que possuído quando estava

num de seus ataques violentos, e a mais leve provocação poderia fazer a

fúria girar dentro dele e se movimentar ainda mais rápido, como uma nu-

vem que junta poeira. Então, ela olhou para o outro lado, agradecida por

Dinaz estar no parque com Bhima, agradecida pela filha ter sido poupada

de ouvir os ruídos do desmoronamento do casamento de seus pais. E, en-

quanto pensava nisso, deveria provavelmente dar graças por ter um tipo de

pele que cicatrizava rapidamente, de modo que se poupava da humilhação

de ser uma daquelas mulheres que ostentam no corpo as marcas da violên-

cia dos maridos, expostas como numa vitrine.

Mas dessa vez as contusões não sararam. Três dias depois, seu braço

ainda estava negro e azulado, e ela mal conseguia levantá-lo acima da cabe-

ça para botar seu *sadra* pela manhã. Mesmo amarrar seu *kasti* — o tradicio-

nal cordão parse trançado com 72 fios de lã e usado em torno da cintura

— fazia com que o braço doesse. Havia também um hematoma no lábio

superior, que foi ferido quando ela bateu na cama ao cair de joelhos. Mas,

naquele momento, não estava se incomodando. Queria ficar na cama o dia

inteiro, entorpecendo a mente, do mesmo modo que seu corpo era invadi-

do pela dor. De manhã, conseguia ficar de pé tempo suficiente para apron-

tar Dinaz para a escola antes de voltar para a cama, onde ficava até a hora

de a filha voltar para casa.



No dia seguinte à agressão, Feroz entrou no quarto e anunciou que i-

ria a Pune numa viagem de negócios. Ela sabia que ele tinha inventado essa

viagem como um modo de sair de casa, mas não se importava. Sentia-se

agradecida por ele ficar fora. Deste modo, não haveria ninguém para olhá-

la com desprezo quando voltasse para a cama às nove da manhã; ninguém

para dizer-lhe que, se não tomasse cuidado e saísse daquele estado de espí-

rito, acabaria como uma daquelas velhas parses malucas da Grant Road;

ninguém para criticar a sua aparência, seu modo de andar ou seu cheiro;

ninguém para dizer que as marcas em seu corpo eram fingidas, e que estava

deliberadamente se apegando a elas como um modo de fazê-lo sentir-se

culpado. Ainda assim, apesar do alívio de ficar sozinha em casa, seu cora-

ção pulava todas as vezes que ouvia o telefone ou que o carteiro batia na

porta. Continuava esperando que Feroz se desculpasse por carta ou por

telefone, que reconhecesse o seu sofrimento, que perguntasse sobre seu

corpo machucado. Mas quando Feroz telefonava à noite era apenas para

dar boa-noite a Dinaz. Dessa vez não haveria desculpas. O padrão habitual

de violência desenfreada seguida pelo rio de lágrimas, desculpas, palavras

carinhosas, beijos e promessas não aconteceria dessa vez. Dessa vez, só

haveria a secura do silêncio e da distância. Sera sentiu agudamente a falta

do ciclo habitual de brigas e reconciliações. Era como se outra fase de seu

casamento tivesse terminado e agora não contava mais nem com a espe-

rança de ser reconquistada. A indiferença de Feroz doía tanto quanto os

hematomas em seu braço.

No quarto dia, Bhima veio trabalhar trazendo uma pequena trouxa.

Sera olhou desinteressadamente quando abriu a porta para Bhima entrar e

voltou para o seu quarto. Pouco depois, Bhima veio a seu quarto trazendo

um prato com duas torradas.

— Vamos, *bai*, levante-se — disse ela. — A senhora assim vai ficar ainda mais doente. Hoje a Bhima aqui vai dar um jeito na senhora. Todas

essas marcas escuras nos seus braços vão desaparecer até o sol se pôr,

prometo.

Sera sorriu levemente. Estava cansada demais para prestar muita atenção em Bhima. Mesmo quando a ouviu batendo alguma coisa na cozi-

nha, não prestou muita atenção. Mas levantou a cabeça quando Bhima

trouxe o fogareiro Primus para dentro do quarto.

— Bhima, o que está fazendo com isso aqui? — exclamou.

— Shh, shh. *Bai*, deixe-me fazer o que tenho que fazer. Essa receita é

da mãe do Gopal. Uma vez, quando estávamos de visita lá na terra dela,

uma das moças do vilarejo foi estuprada e espancada por uma gangue de

*goondas*, um bando de malfeitores. Quando fomos vê-la, *hai*, a pobre moça

estava tão pálida que não se podia dizer qual era a verdadeira cor de sua

pele. Nem o doutor *sahib* sabia o que fazer com ela. Minha sogra foi para

casa e voltou com essas folhas secas e um pouco de óleo quente e aplicou

sobre o corpo todo da moça. Acredite ou não, no dia seguinte de manhã, a

pele da moça estava como a de um recém-nascido.

Sera quis protestar, mas estava cansada demais. Então, recostou-se e

observou Bhima pegar uma pitada do pó marrom-escuro e misturá-lo no

óleo. Ela pôs o fogo bem baixinho e aqueceu a mistura durante alguns se-

gundos. Depois, verteu o óleo nas mãos ásperas e calejadas e começou a

massagear os braços de Sera.

Sera se enrijeceu. Bhima nunca a tinha tocado antes. Tentou opor al-

guma resistência, mas percebeu que não poderia inventar nenhuma boa

razão para impedir que as mãos de Bhima a tocassem. O óleo quente fez

Sera despertar. Apesar de os braços finos e fortes de Bhima estarem mas-

sageando apenas seu braço, Sera sentiu o corpo todo relaxar. Sentiu a vida

começando a se movimentar em suas veias e não soube dizer se essa nova

e bem-vinda sensação era por causa do óleo ou pelo simples conforto de

ter outro ser humano tocando-a com carinho e cuidado. Mesmo nos mo-

mentos mais suaves, quando fazia amor com Feroz, nunca sentiu aquele

ato como algo generoso e altruísta, coisa que sentia com esta massagem.

Afinal, fazer amor tem sempre outras implicações — as necessidades do

outro precisam ser satisfeitas; e, mesmo quando Feroz se concentrava em

lhe dar prazer, Sera sentia o corpo dele pulsar; sentia também que ele fica-

va observando, esperando para ver seu próprio desempenho refletido nas

reações dela. O ato sexual é, em última análise, um ato egoísta, são as ex-

pectativas de um corpo intrinsecamente entremeado nas necessidades do

outro. Mas aqui com Bhima não havia nada disso. Aqui ouvia apenas o

som do seu corpo relaxando, observando como a dor e o mal iam abando-

nando as marcas em sua carne até que se tornassem inofensivas borboletas

negras em seu braço.

Quase grunhiu de frustração quando Bhima parou por um segundo

para preparar mais um pouco da mistura. Agora, Bhima estava delicada-

mente virando-a de barriga para baixo e desabotoando seu vestido nas cos-

tas.

— Coitada de Serabai — murmurou. — Quanta carga esse pobre corpo está carregando! Quanta infelicidade! Mande isso para o diabo, lar-

gue isso, não fique carregando esse peso!

Enquanto suas mãos faziam círculos nas costas macias de Sera, belis-

cavam os músculos tensos e davam pancadinhas nos pontos doloridos,

com os dedos se movendo para cima e para baixo nas vértebras, como se

elas fossem teclas de piano, Bhima continuou falando numa língua que Se-

ra não entendia direito. À medida que seu corpo relaxava com as mãos ex-

perientes de Bhima, Sera se sentiu numa espécie de regressão, retroceden-

do no tempo e, por um momento, ela era uma jovem noiva sentada no co-

lo do marido enquanto ele a movimentava para a frente e para trás num

ritmo sexual; e depois, no momento seguinte, era uma criança sentada nos

joelhos da mãe, sendo ninada para dormir depois de uma noite quente e

inquieta; depois era ainda mais velha e mais nova do que aquelas duas, era

um peixinho flutuando num mundo tépido de escuridão e fluidos, um ser

tão informe, transparente e líquido, exatamente como sentia seus ossos

naquele momento. E Bhima continuava falando com ela, as palavras voan-

do de sua boca, tão rápidas quanto os pardais ao crepúsculo, sua língua

trabalhando tão ágil quanto suas mãos, de modo que tudo era uma mistura

de palavras e ritmos, de fala e movimento. E agora Sera está se deixando

levar pela corrente de uma memória antiga, primitiva, afogando-se num

lago de sensação e sentimento, velhos machucados e novas feridas sendo

exorcizados de seu corpo, fazendo com que se sinta tão nova e brilhante

como no dia em que nasceu. Paradoxalmente, à medida que a dor abando-

nava o seu corpo, Sera começou a chorar, como se, agora que a dor deixou

de ocupar espaço, houvesse finalmente lugar para as lágrimas. As lágrimas

correram pelo seu rosto e foram colhidas pelo travesseiro, mas se Bhima

notou as costas de Sera arfando, não comentou nada. Bhima parecia estar

em transe. Os estranhos murmúrios continuaram por sobre o choro silen-

cioso de Sera, o que a fez sentir-se agradecida.

A última coisa de que ela se lembrava antes de adormecer era o cheiro

do óleo no quarto. Aquilo a fez lembrar-se do cheiro do apartamento de

sua avó, e o fato de pensar nela, uma mulher corpulenta e resmungona



com um peito grande como um travesseiro contra o qual apertava a cabeça

da neta, a fez sorrir.

Quando acordou, algumas horas depois, as marcas em seus braços ti-

nham diminuído. Se antes pareciam o mapa-múndi, agora estavam do ta-

manho do mapa do Brasil. Em qualquer outra situação ficaria surpresa,

mas, depois da estranheza onírica da massagem de Bhima, tudo era possí-

vel. Levantou-se da cama, enfiou os pés nos chinelos de borracha e foi até

a cozinha. De repente, sentiu-se inacreditavelmente tímida diante da mu-

lher que estava inclinada sobre a pia, lavando a louça com a mesma inten-

sidade com que tinha massageado suas costas algumas horas antes. Queria

agradecer a Bhima por sua bondade, queria explicar como a vida parece

mais quente e maravilhosa quando volta a fluir nas veias de alguém, queria

dizer-lhe como seu coração se sentiu frio depois do último encontro com

Feroz e como Bhima o tinha aquecido novamente, como se tivesse segura-

do nas mãos morenas seu coração frio e cinzento, esfregando-o até que o

sangue voltasse a circular por ele. Mas uma nuvem de timidez se abateu

sobre Sera quando Bhima ergueu a cabeça e olhou para ela. Já tinha aceita-

do há muito tempo o fato de Bhima ser a única pessoa a saber que os pu-

nhos de Feroz, de vez em quando, voavam como abutres negros sobre o

deserto de seu corpo; que Bhima conhecesse melhor a estranheza de seu

casamento do que qualquer amiga ou membro da família. Mas agora Sera

sentia que Bhima também tinha acesso à sua alma, e que, de algum modo,

penetrou em seu corpo mais fundo do que Feroz jamais fizera.

— Melhor? — perguntou Bhima sem sorrir.

Em resposta, Sera levantou o braço para que Bhima pudesse ver a

diminuição das marcas em sua pele. A velha assentiu energicamente:

— Amanhã de manhã não vai haver mais nenhum sinal de.. nenhum

sinal.. de nada.

Sera sentiu que corava com o que Bhima não tinha dito. Nenhum sinal da brutalidade de Feroz, isso era o que queria dizer. A humilhação fez

Sera desviar o rosto e, por isso, não percebeu que Bhima tinha se afastado

da pia da cozinha e dado alguns passos em sua direção, secando as mãos

no sári enquanto andava.

— Serabai — disse suavemente —, a senhora é muito mais sabida do

que eu, uma mulher instruída, e eu, uma analfabeta. Mas, *bai*, ouça o que

lhe digo: a senhora não pode mais tolerar o que ele está fazendo. Conte

para alguém. Conte para seu pai, que ele vai entrar aqui e quebrar a cara

dele. A senhora está tentando encobrir a sua vergonha, *bai*, eu sei, mas a

vergonha não é sua. A vergonha é de Feroz *seth* e não sua.

Os olhos de Sera encheram-se de lágrimas. Ela se sentiu nua sob a vi-

são de raios X dos olhos de Bhima, mas era imenso o alívio de ter outro

ser humano reconhecendo em voz alta o que Feroz estava fazendo com

ela.

— Gopal.. Gopal nunca bateu em você?

Bhima bufou.

— Bater em mim? *Arre*, se aquele idiota tocasse em mim uma única

vez, eu faria um *jadoo*, um feitiço, para transformar as mãos dele em toras

de madeira.

Depois, vendo o rosto chocado de Sera, ela sorriu.

— Não, *bai*. Com a graça de Deus, o meu Gopal não é como os outros homens. Ele preferiria cortar as próprias mãos a me bater.

DEITADA NA CAMA, SERA se recorda da declaração confiante de

Bhima sobre Gopal — “ele preferiria cortar as próprias mãos a me bater”

— e sorri com amargura. O tempo provou que Bhima estava errada, des-

gastando sua confiança no marido e deixando uma mulher rude e cheia de

farpas em seu lugar. Elas eram parecidas em muitos aspectos.

Apesar das

diferentes trajetórias de vida — circunstâncias que agora acha que foram

determinadas pelos acidentes de seus nascimentos —, ambas conheceram a

dor de ver murchar a flor de seus casamentos. Gopal tinha sido um bom

homem, mas atingiu Bhima como uma víbora e roubou o objeto mais bo-

nito e brilhante de sua vida.

“Bom, não adianta ficar lamentando o passado”, pensa Sera ao levan-

tar-se da cama e desligar o despertador. É melhor tentar consertar o futuro,

que é o que está fazendo ao ajudar Maya na questão do aborto. Ela se senta

na beira da cama e reza cinco Yatha Abu Vahirivos. Depois, beija o peque-

no retrato do Senhor Zoroastro que tem numa moldura de plástico na ca-

beceira da cama. Dirige-se ao banheiro, andando em silêncio para não des-

pertar o casal, que está dormindo no outro quarto. Ao pensar em Dinaz,

Sera se lembra de como Bhima a mimava quando ela era criança. “Bhima

fez muitos favores para essa família”, pensa ela. “Se Maya precisa de ajuda

agora, como eu poderia recusar?”

10

“PELO MENOS NÃO VAI TER QUE PEGÁ-LAS na favela”, pen-

sa Sera, ao entrar no táxi. Graças a Deus teve a presença de espírito de pe-

dir que a esperassem no ponto do ônibus. Desse modo, ela e Maya pode-

rão continuar no táxi em direção à clínica do doutor Mehta. Apesar de já

terem se passado muitos anos, Sera ainda estremece a simples lembrança

de sua visita à favela.

Bhima estava com tifo. Incapacitada de vir trabalhar, mandou notícia por um dos vizinhos, e Sera imediatamente soube que o caso era grave.

Tifo era uma doença séria, sabia disso. E então decidiu visitar Bhima e Ma-

ya.

Embora seu prédio ficasse a menos de 15 minutos a pé da *basti*, Sera

teve a sensação de estar entrando em outro universo. Uma coisa era passar

de carro pelas favelas que brotaram em todos os cantos da cidade.  
Outra

coisa era andar pelas vielas estreitas que conduziam à comunidade  
cada vez

maior da favela, ver seus sapatos de verniz se sujarem com a água  
turva e

lamacenta que se juntava em poças no chão, engasgar com o cheiro  
fétido

de excrementos e de sabe-se lá o que mais, ter de desviar o olhar  
para não

dar de cara com homens urinando nas valas abertas que passavam  
em fren-

te de suas casas. E as nuvens de moscas, espessas como a culpa. E  
os cães

vadios com cicatrizes e feridas pelo corpo. E as crianças cacarejando  
como

galinhas com suas mães lhes batendo com as mãos espalmadas.  
Sera quis

voltar atrás para fugir desse mundo horrível e retornar para a sua  
vida sau-

dável. Mas a preocupação com Bhima a impulsionou a ir adiante.

À medida que andava, um grupo de moradores da favela — crianças  
animadas pulando num pé só, mulheres curiosas e alguns homens  
mais

ousados — começou a segui-la, fazendo com que se sentisse ainda mais

alienígena ali, uma invasora espacial que tinha vindo parar num planeta di-

ferente. A multidão às suas costas era festiva e cheia de animação; o zum-

bido constante de suas conversas a acompanhava como um enxame de

abelhas. Mas ninguém falava com ela, a não ser para indicar o caminho até

o barraco de Bhima: “Pegue aqui à esquerda, madame” e “Não, *bai*, por

ali”. Sabia que o pessoal da favela encontrava gente rica e bem-vestida to-

dos os dias nas ruas e que muitas dessas pessoas deviam trabalhar na casa

de gente como ela. Seu mundo era familiar para eles. A novidade era al-

guém do seu mundo entrar no mundo deles.

Mas a pior parte da visita — a lembrança que ainda faz o rosto de Se-

ra ficar afogueado — foi a recepção que a aguardava quando chegou à casa

de Bhima. Bastou dar uma olhada em Bhima para saber que ela estava gra-



vemente doente. Seu rosto anguloso parecia uma caveira, e os olhos bri-

lhavam com a febre alta que a afligia diariamente. Mesmo assim, Bhima se

esforçou para ficar de pé e receber Sera em sua humilde morada. Vascu-

lhando suas coisas, pegou uma nota de cinco rupias e pediu a Maya para

buscar uma Mangola para a visita — sabia que esse era o refrigerante favo-

rito de Sera. Sem que ninguém pedisse, os vizinhos de Bhima rapidamente

arranjaram uma cadeira de madeira, na qual todos insistiram para que Sera

se sentasse. Quando protestou dizendo que poderia se sentar no chão, eles

riram como se ela tivesse contado uma ótima piada. Maya voltou com a

Mangola. Quando Sera lhe ofereceu um gole, a menina recusou, embora

tenha lambido os lábios e desviado o olhar.

Sentada na única cadeira da casa, rodeada de pessoas acoradas e bebendo a Mangola enquanto as crianças da favela a olhavam com seus

olhos grandes e pidões, Sera se sentiu tomada pela culpa e pela dor. A cada

gole do refrigerante de manga, espesso e adocicado, tinha a sensação de

estar engolindo um coágulo de sangue. Várias vezes fez um gesto de quem

já estava satisfeito e não queria beber mais, porém toda vez que isso acon-

tecia, Bhima parecia ficar desolada. “Ah, a generosidade dos pobres”, pen-

sava Sera admirada. “É de nos deixar com vergonha, a nós da classe média.

Na verdade, eles deveriam nos odiar. Em vez disso, nos tratam como se

fôssemos a realeza”. Só de pensar em como tratava Bhima — não permi-

tindo que se sentasse nas cadeiras e poltronas, fazendo com que comesse

com louça e talheres separados — ficou cheia de culpa. Entretanto, sabia

que, se tentasse mudar qualquer ritual desses, Feroz teria um ataque. Mes-

mo assim, o rosto febril e doentio de Bhima e a sua generosidade espontâ-

nea fizeram-na tomar uma decisão.

— Você vai para casa comigo, vai ficar conosco até melhorar — disse. — Nem tente discutir, Bhima, você não está em condições de cuidar de si mesma, muito menos de Maya. Qualquer um pode ver isso. Pegue as coisas de que precisa e vamos embora.

Mantendo a palavra, cuidou da saúde de Bhima, levando-a no dia se-

guinte para ver o bondoso médico da família, o doutor Porus.

Mas agora que tudo isso lhe passava pela cabeça com a velocidade do

táxi, Sera não sente nenhum conforto ou orgulho por ter feito o que fez.

Lembra-se de que, mesmo doente daquele jeito, Bhima tinha dormido num

colchão fino na sacada. A idéia de vê-la dormindo em uma das camas re-

pugnava Sera. A pequena Maya dormiu num lençol, perto da avó. Na épo-

ca, pôs a culpa em Feroz, dizendo a si mesma que ele não toleraria nada

além disso. Mas a verdade é que ela própria teria se sentido desconfortável

com qualquer outra solução. Os cheiros que sentiu e as visões que teve na

favela ainda estavam muito frescos em sua memória, como que impregna-

dos na sua pele e no seu cabelo. Cada vez que pensava na favela, encolhia-

se diante de Bhima, como se aquela mulher personificasse tudo de repulsi-

vo que havia naquele lugar. Durante muitos anos, Sera se maravilhou com

a limpeza e arrumação de Bhima. Agora, na hora de lhe dar os remédios,

Sera fazia questão de deixar cair as pílulas na palma da mão de Bhima sem

encostar nela. Durante as semanas seguintes, manteve Dinaz cuidadosa-

mente afastada de Bhima. Disse a si mesma que era por causa da febre,

mas, na verdade, queria também proteger a filha daquela pátina de sujeira

que via cada vez que olhava para a empregada.

Soltou um suspiro tão alto que o motorista do táxi olhou para ela pelo

retrovisor. "Por mais que tentasse, não conseguia transcender a sua condi-

ção de uma mulher de classe média", pensava ela. Mesmo assim, fez o me-

lhor que pôde por Bhima e sua família. E agora tem que acompanhar Maya

nessa situação. Mas, para o bem de todos, vai ficar contente quando todo

esse assunto sórdido acabar. Essa situação desagradável afetou Bhima ter-

rivelmente. Ontem mesmo, teve que segurar a língua em pelo menos cinco

ocasiões, em que Bhima cometeu erros bobos e descuidados.

QUANDO SERA CHEGA À PARADA de ônibus, as duas já estão esperando. Ela as vê antes que a vejam, duas figuras com quase cinqüenta anos

de diferença e, no entanto, indiscutivelmente ligadas pelo sangue e pelo

destino. Embora não estejam conversando, seus corpos estão apoiados um

no outro num gesto inconsciente de familiaridade e intimidade. A garganta

de Sera se aperta ao sentir o afeto e o calor humano que Maya lhe desperta.

Já faz algum tempo que não a vê porque há alguns meses — mais ou me-

nos na época em que andou dormindo com o namorado, especula Sera —

Maya parou de aparecer para trabalhar na casa de Banu. Naquela época, a

enfermeira diurna saía às três da tarde, e Sera contratou Maya para cuidar

de sua sogra até que a enfermeira da noite chegasse, às oito. Era um traba-

lho fácil — tudo que Maya tinha a fazer era ir até o apartamento de Banu

depois da faculdade para dar o chá da tarde e o jantar da velha. Sabia que

podia conseguir outra pessoa pagando bem menos, mas Maya era prática-

mente um membro da família, e Sera não lamentava o dinheiro extra que

dava a ela. Ficou imaginando que a jovem devia se sentir deslocada no

meio de seus colegas mais abonados. Afinal, não havia entre eles muitos

órfãos cujo único parente vivo trabalhasse como empregada doméstica na

casa de alguém. Se algumas rupias extras ajudassem a diminuir seu descon-

forto, se ajudassem na compra de uma roupa que aumentasse sua autocon-

fiança, então valia a pena.

— Pare um pouquinho além do ponto de ônibus — disse, direcionando o motorista. — *Bas*, aqui está bom. Pode parar aqui.

Quando saiu do táxi, as duas a viram e caminharam em sua direção.

Sera ficou desapontada ao notar que Maya não olhou para ela, mantendo a

cabeça baixa o tempo todo. De algum modo, a falta de entusiasmo da mo-

ça ao vê-la a incomodou, fazendo murchar a onda de afeição que havia

sentido há poucos minutos.

— Oi, Maya — diz friamente. — Como vai você?

— Vou bem — responde Maya, com voz morta.

Sentindo o olhar crítico, Maya finalmente levanta a cabeça e olha para

Sera. Mas sua expressão é tão morta quanto a voz, como se seu rosto tives-

se repentinamente se transformado em pedra.

Bhima olha para uma e para a outra, preocupada.

— Ela está indisposta hoje, Serabai — diz. — Acordou deprimida. . e isso.

Seus olhos cinzentos e gastos imploraram que Sera entendesse e per-

doasse.

Sera repentinamente sente que gostaria que Bhima as acompanhasse à

clínica. Não queria ter que lidar com essa nova Maya de cara emburrada. A

moça que conhece e que ajudou a alimentar e educar é mais leve e mais

nova do que essa carregada e deprimida que tem diante de si. Sera reprime

a vontade de lembrar-lhe que foi ela própria que pediu sua companhia para

ir á clínica, e não o contrário. Também sente culpa por um momento. Será

que ela, Viraf e Bhima conspiraram para forçar Maya a fazer um aborto

contra sua vontade? Afinal, nunca tinha conversado diretamente com Maya

para saber seu desejo. Então, olha para o rosto velho e cansado de Bhima e

sente um frio na espinha. Essa menina é muito nova e muito ingênua para

saber o que a espera se tiver um filho fora do casamento, a selvageria com

que o mundo cairia sobre ela como um bando de abutres a faria em peda-



ços. Não, é melhor se livrar da criança, e depois de algumas semanas talvez

pudesse se sentar com Maya e explicar-lhe a importância de retomar os

estudos. Talvez possa até ajudá-la a se matricular em outra faculdade, num

outro lugar onde possa começar de novo. Dessa vez sem namorados, sem

relacionamentos, quer dizer a Maya. Apenas os estudos. Lembre-se, sem

instrução não se é ninguém. Nesta cidade há gente formada em direito e

Ph.D.s mortos de fome. Um diploma de segundo grau não é suficiente pa-

ra conseguir sequer um emprego como *channawal a*, vendedor de lentilha

frita. Foi o mesmo sermão que aplicou em Dinaz anos atrás. Mas com Ma-

ya vai fazer mais uma ameaça. Sem ter o diploma universitário, pelo me-

nos, você vai passar o resto da vida varrendo o chão da casa de outras pes-

soas e lavando suas roupas sujas. É isso o que quer para você, a mesma

vida que a sua mãe e sua avó tiveram?

Pensar na falecida mãe de Maya suaviza os sentimentos de Sera com relação á moça que está ao seu lado. Olha para Maya, mas o rosto da jovem

está inexpressivo como uma parede. Sera suspira. Fica tentada a dizer a

Bhima que mudou de idéia, que quer que ela as acompanhe à clínica, mas

resiste ao impulso. Há muito trabalho a ser feito em casa, e Bhima não po-

deria tirar uma folga para ir com elas. Apesar da intervenção do médico

amigo de Viraf, só Deus sabe quanto tempo terão que aguardar. A última

coisa que quer no fim de um dia como esse é voltar e encontrar a casa suja

e desarrumada.

— Deixei a chave de casa com os vizinhos — diz a Bhima. — Eles vão abrir a porta para você.

Maya olha para Sera de um jeito cortante e um riso amargo como fel escapa-lhe da boca.

— Ela podia ter trazido as chaves — diz para a avó, como se Sera não estivesse ali. — Podia ter confiado em você. Mas confia mais na vizi-

nha.

Sera fica chocada com a insolência. Mas isso ainda é o de menos.  
Foi

a hostilidade na voz de Maya que a chocou. Isso e a ingratidão,  
verdade

seja dita. Mas antes que possa responder, Bhima o faz.

— Garota estúpida e ignorante — diz, ralhando com a neta. — Me-

tendo o nariz onde não é chamada. O que você tem a ver com o que  
Sera-

bai faz com as chaves de casa? É a casa dela, não é? Se você  
conseguir ter

uma casa só sua, pode decidir o que vai fazer com as chaves, mas  
por en-

quanto feche a matraca, entendeu?

Que coisa feia, tão cedo de manhã. Sera não sabe o que pode ter  
de-

sencadeado aquilo. “Deve ser a gravidez”, pensa, “a criança  
indesejada

crescendo dentro de Maya na expectativa da morte iminente e não  
queren-

do deixar este mundo antes de marcá-lo com a sua presença”.  
Pensar numa

criança morta a faz estremecer. “Quanto mais cedo esse dia  
terminar, me-

lhor para todos os envolvidos”. Nunca tinha visto Maya tão mal-

humorada, tão na defensiva, tão grosseira, tão. . tão “gentinha”, na realida-

de. E, desde que soube da gravidez da neta, Bhima tem estado meio louca

— lenta e distraída numa hora, agitada e tensa em outras. A gravidez inde-

sejada tinha também cobrado seu pedágio na casa da família Dubash, pois

a criança, crescendo como uma erva daninha dentro de Maya, estava sufo-

cando a felicidade que eles deveriam estar sentindo quando pensavam na

criança florescendo na barriga de Dinaz. A própria Dinaz estava provavel-

mente reprimindo sua grande alegria em respeito ao sofrimento de Bhima.

Pensando nisso agora, Sera detectou uma certa discricção em Dinaz nas úl-

timas semanas. E não havia razão para isso. O primeiro trimestre foi um

inferno. Dinaz ficava enjoada, cansada, irritada; ela e Viraf implicavam um

com o outro como corvos bicando um animal atropelado na estrada. Mas,

a cada dia que passava, e á medida que o cansaço e os enjôos diminuíram,

Dinaz começou a voltar a ser como antes. Ainda assim, o bebê de Maya

lançava uma sombra sobre a felicidade deles. Era difícil voltar para casa

cheia de roupinhas novas para o neném, pensar na cor que iam usar para

pintar o bercinho de madeira que já tinha sido de Dinaz, escolher o obste-

tra e o hospital, tudo diante do rosto impassível, mas atento, de Bhima. Era

como tentar organizar uma recepção de casamento numa agência funerária.

Bem, se tiver que haver um enterro, se a criança vivendo na barriga de Maya tem que ser morta — Sera se encolhe ao pensar nessa palavra —,

então não há tempo a perder. É melhor começar logo.

— Deixamos você na próxima esquina, Bhima — diz secamente, entrando no táxi. — Depois, você pode ir a pé. Maya e eu vamos seguir para

a clínica. Agora ande. Vamos indo.

Maya hesita um segundo antes de entrar no táxi. Mas Sera finge não notar nada.

O DOUTOR MEHTA É UM HOMEM ALTO e encurvado, com olhos caídos e tristes, e tem o hábito desconcertante de não olhar para Maya

quando fala sobre ela. Sempre dirige as perguntas a Sera.

— E então, como é que ela está se sentindo? — pergunta ele. Sera se

vira para Maya, que olha continuamente para um determinado ponto em

seus pés.

— Está bem — responde finalmente. — Quero dizer, todos vamos nos sentir melhor quando. .

— Eu sei, eu sei — interrompe o médico apressadamente.

Ele se levanta.

— Não se preocupe, senhora Dubash. Vamos resolver esse problema num instante.

Ele se dirige a Maya pela primeira vez desde que elas entraram seu consultório.

— Hum.. siga-me, por favor — diz o médico, afastando-se de sua cadeira. — A clínica é por aqui.

A garota também se levanta e olha para Sera. Pela primeira vez, hoje,

Maya parece apavorada. Seus olhos estão muito arregalados e há uma pe-

quena linha de suor em cima de seu lábio superior, O coração de Sera se

comove em solidariedade. Estende a mão para confortar a moça, mas Ma-

ya pega a mão de Sera e a segura com força, murmurando assustada:

— Venha comigo, não quero ficar lá sozinha.

Sera olha para ela horrorizada. Estar presente quando o feto for removido é a última coisa que quer. Sente a repulsa que lhe sobe até a gargan-

ta. “Não me ponha nessa situação”, pensa ela. “Isso é muito mais do

que eu estava pretendendo fazer”.

Antes que possa falar, o doutor Mehta vem em seu socorro.

— Deixe de bobagem, menina — diz ele. — Ninguém pode entrar lá, a não ser o pessoal que trabalha na clínica e a paciente. Os parentes têm

que aguardar na sala de espera. E você está inutilmente apavorada com o

quê? Vamos tirar essa criança daí mais rápido do que se extrai um dente.

Tanto Maya quanto Sera sentem um arrepio com essa comparação.

As duas trocam um olhar, e Sera dá uns tapinhas carinhosos no braço di-

reito de Maya.

— Não fique com medo — diz ela. — Vou ficar esperando por você bem aqui.

Sera se senta na sala de espera e pega para ler um antigo exemplar de

*Eve's Weekly*. Só há mais duas mulheres na sala, e nenhuma delas olha para

Sera. Ambas aparentam estar na casa dos quarenta e seus sáris finos e jóias

de ouro revelam que têm dinheiro. Sera fica imaginando quais seriam suas

histórias. Provavelmente estão aqui acompanhando filhas universitárias.

“Não há limite para o que o dinheiro pode comprar”, pensa. “Desde len-

çóis de seda até uru aborto numa clínica particular bonita e ensolarada”.

Depois, se dá conta de sua própria condição. “Você também está aqui



porque tem dinheiro”, diz consigo mesma. E fica feliz porque o amigo de

Viraf conseguiu marcar essa consulta. As coisas teriam sido muito diferen-

tes se Maya tivesse que ir a um hospital público. Sera já ouviu histórias de

médicos que fazem piadas grosseiras sobre mulheres caídas em desgraça,

que passam a mão nas partes íntimas das pacientes para se satisfazer, ale-

gando estar fazendo um exame médico. E a maioria dessas mulheres é ig-

norante demais para saber o que está acontecendo e pobre demais para

protestar, mesmo que soubesse. Sente um arrepio só de pensar em Maya

num desses lugares.

Sera olha para o relógio e percebe que se esqueceu de ver a que horas

Maya entrou no centro cirúrgico. Não tem idéia de quanto tempo o proce-

dimento vai levar ou (e isso a faz ter um sobressalto de apreensão) em que

condições Maya vai estar quando tiverem terminado. “Eu devia ter feito

mais perguntas”, pensa, recriminando-se. Mas logo se lembra do rosto

comprido e triste do doutor Mehta. Não é o tipo de homem com quem se

possa ficar batendo papo.

Lembrar-se do doutor Mehta fez com que se lembrasse também da expressão no rosto de Maya quando foram para os fundos da clínica. Co-

mo parecia pequena e apavorada! Não muito diferente da órfã que chegou

com Bhima na sua casa, há quase dez anos. Ai, as crianças de hoje. . Maya

era uma criança ainda e estava aqui, grávida de outra criança. Bom, pelo

menos aquilo ia acabar logo. Apesar do desconforto em estar ali, Sera não

tinha dúvida de que estavam fazendo a coisa certa. Para Maya ter uma

chance na vida, essa história de neném tinha que terminar aqui nesta clínica

elegante.

SERA DEVE TER COCHILADO, porque a enfermeira de uniforme engomado diante dela diz seu nome suavemente.

— Madame Dubash? A paciente está pronta para vê-la agora.

Maya parece pálida e pequena no leito da clínica. Seus olhos estão bri-

lhantes e cheios de lágrimas quando Sera se aproxima.

— Bom — diz Maya, antes que Sera possa dizer qualquer coisa —, todos vocês podem ficar satisfeitos agora. Meu neném está morto.

Sera estremece. Sente o sangue subir à cabeça, mas conta até dez an-

tes que a raiva se transforme em palavras das quais vai se arrepender. “A

moça acabou de passar por um trauma”, ela diz a si

“Seja gentil com ela”. Quando fala, não há vestígio de raiva em sua voz.

— Infelizmente não havia outra opção, Maya. Mas imagino que você esteja triste. Como se sente fisicamente, menina?

Maya começa a soluçar.

— Não sei — responde. — Está doendo muito. A enfermeira me disse que vão me dar um remédio para a dor. Disse que vai ficar tudo bem

daqui a dois ou três dias.

O doutor Mehta aproxima-se do leito e faz um sinal para que Sera o acompanhe. Seus olhos parecem ainda mais tristes e caídos do que antes.

— Houve muita perda de sangue — diz ele. — Isso acontece às vezes. Talvez ela sinta cólicas. Pode se sentir fraca por alguns dias. Se a se-

nhora achar que a família pode pagar, eu receitaria um tônico fortificante.

— Por favor, doutor — diz Sera prontamente. — Não se preocupe com a despesa. Quero que esta menina tenha o melhor.

O doutor Mehta sorri levemente, e Sera fica surpresa ao ver o quanto

isso transforma o seu rosto.

— Ótimo — diz ele. — Ótimo, ouça, senhora Dubash, vou manter a menina aqui por mais algumas horas antes de lhe dar alta. Se a senhora qui-

ser, quer dizer, se a senhora tiver que fazer compras ou algo assim, pode

voltar para buscá-la dentro de algumas horas. A senhora também poderia ir

almoçar e voltar mais tarde.

Quando Sera voltou, algumas horas depois, trouxe para Maya um no-

vo *salwar-khamez*. Comprou o fortificante que o doutor Mehta tinha recei-

tado e trouxe também um abacaxi, umas bananas e umas laranjas. A meni-

na vai ter que se alimentar bem nos próximos dias. Vai dar dinheiro a

Bhima para que ela compre água-de-coco diariamente para ajudar a cicatri-

zar as entranhas de Maya.

Maya está sentada na cama, esperando por Sera. Com o cabelo pente-

ado, encarapitada na cama de hospital, Maya parece um pacote de papel

pardo bem embalado esperando que alguém venha recolhê-lo.

— Está pronta? — pergunta, e Maya desce da cama com um leve gemido.

Lá fora, Sera nota como a moça está andando com dificuldade e sente

uma pontada de compaixão.

— Como é que vai a dor? — pergunta, mas a garota apenas dá de ombros, com o rosto impassível.

Elas olham em torno, procurando um táxi.

—Vamos para minha casa, esta bem? — diz Sera. —Vou deixar Bhima sair mais cedo hoje para poder levar você para casa.

O rosto impassível de Maya subitamente se anima.

— Não, Serabai — diz ela. — Prefiro. . eu. . quer dizer, a senhora

pode me deixar na parada de ônibus perto da *basti*. Estou cansada.  
Prefiro

ir para casa e esperar por vovó lá mesmo.

— Maya, pense bem. Como você vai andar do ponto de ônibus até sua casa? Dá para ver que você está com dor. — “Por favor, não me peça

para acompanhá-la até a favela”, pensa Sera.

— Vai dar tudo certo, Serabai. De verdade. Eu. . . estou apenas louca para chegar em casa e me deitar. Por favor.

Sera sente a tensão dentro de si se afrouxar. Expira. Está cansada de

assumir responsabilidades por essa garota teimosa. Está cansada de lutar,

de se defender contra as teimosias e grosserias de Maya. Render-se a isso

lhe dá uma sensação de leveza, é tão mais agradável. .

— Ok — diz. — Se é isso o que quer. . Vou mandar Bhima de volta assim que chegar em casa.

Um táxi passa por elas diminuindo a velocidade, e Sera faz sinal.  
Maya

fica encostada na porta e olha resolutamente pela janela. Fazem o resto do

percurso em completo silêncio.



## LIVRO DOIS

### 12

“DOIS MESES SE PASSARAM E A GAROTA ainda não voltou à vida”,

pensa Bhima. Maya fica sentada em seu barraco de pau-a-pique dia após

dia, como se fosse uma grande estátua de pedra de um deus. Mas, diferen-

temente de um deus, Maya não tem um ar raivoso, nem vingativo, nem

alegre. Não ri sarcasticamente como Kali, nem suavemente como Krishna.

Fica sentada com seu rosto de pedra, como se o médico que fez o aborto

tivesse matado mais do que o bebê, como se tivesse limpado as suas entra-

nhas, como se tivesse retirado seu coração pulsante exatamente como

Bhima retira o interior fibroso da abóbora vermelha que Serabai põe no

seu *daal*, na sua lentilha. Maya tinha perdido aquilo que faz com que os se-

res humanos riam, dancem, tenham esperança e amor, rezem, aquilo que



separa a juventude da velhice, a vida da morte. E Bhima, incapaz de rou-

bar, ar ou pedir isso emprestado para a neta, sente fortemente o peso da

pobreza, da idade e da ignorância. "Se eu tivesse instrução", pensa, "sabe-

ria o que fazer. Encontraria a cura num livro, saberia a quem consultar: um

médico, um padre ou um professor. Mas como posso curar uma doença da

qual nem sei o nome?"

Logo depois do aborto, Bhima insistiu para que Maya retornasse aos estudos, mas a garota respondeu com tal ferocidade que as palavras de

Bhima secaram em sua boca. A mesma coisa aconteceu quando sugeriu

que Maya arranjasse um emprego de meio expediente. E, verdade seja dita,

Bhima não falou isso com o mesmo ímpeto com que pediu à neta que vol-

tasse à faculdade. De qualquer modo, era tarde demais para voltar a traba-

lhar na casa de Banubai. A nova enfermeira do turno diurno, Edna, podia

trabalhar mais horas do que a anterior, e Serabai a contratou logo depois

que Maya parou de aparecer no trabalho. E, só de pensar em Maya traba-

lhando na casa de estranhos, os músculos do estômago de Bhima se con-

traíam. No caso de Serabai, era fácil fazer de conta que estavam simples-

mente ajudando um membro necessitado da família. Mas pensar na neta

fazendo o trabalho pesado que ela própria fazia era doloroso para Bhima.

Esse tinha sido o motivo principal de mandar Maya para a faculdade —

ajudar a neta a construir um destino diferente para si.

Hoje, a atmosfera na casa escura, que a presença de Maya tornava a-

inda mais opressiva, era insuportável.

— Você tomou banho hoje? — pergunta Bhima, e fica feliz por ver o ar ofendido no rosto da neta ao dizer que sim.

“Há esperança, então”, pensa ela. “A menina não está tão mal assim a

ponto de acabar com a própria vaidade”.

A fraca esperança a impele à ação. Apaga o fogão que tinha acendido

há apenas um segundo.

— Vista uma roupa. Vamos até a praia comer *panipuri* ou *bhel*. O pão-

zinho recheado com batata e ervilha ou a salada de arroz. Não tem jantar

em casa hoje.

Maya fica olhando para ela por um segundo e depois uma luz brilha em seus olhos. Observando a neta se esforçar para levantar, Bhima sente

um aperto de culpa. Deveria ter pensado nisso há mais tempo. Ficar senta-

da o dia inteiro nesse lugar miserável. . não é de espantar que Maya tivesse

virado uma estátua de pedra. Bhima se culpa por ser tão velha e por se es-

quecer das necessidades de uma adolescente: ar fresco, mudança de ares,

companhia de outras pessoas, oportunidade de usar roupas novas e botar

*kaajal* nos olhos. Ela mesma tinha virado uma máquina, que só existia para

trabalhar e ganhar o seu salário; precisava apenas de água e comida para

manter suas peças lubrificadas e funcionando. “E como uma máquina po-

de saber as necessidades de uma moça?”, pensa, recriando-se.

“Como

pode saber o que sente um coração jovem, pulsando de vida e desejo? Não

é de espantar que a pobre garota fique sentada em casa como uma passa

seca o dia inteiro”.

Andam até a beira da praia num silêncio amistoso. Quando chegam

perto da água, ouvem o mar batendo nas pedras, e a névoa leve se levanta e

beija seus rostos, dando-lhes as boas-vindas. Maya sorri, um riso espontâ-

neo e sem esforço, que faz Bhima se lembrar da menina de sete anos que

trouxe de Delhi.

— O mar está falando — diz Maya. Observando o rosto feliz e sem

maldade da neta, Bhima sente sua esperança crescer como a maresia que

sobe.

— Seu avô dizia isso sempre — responde. — Adorávamos vir aqui

com a sua mãe e o seu tio Amit quando eles eram crianças.

O rosto de Maya fica triste todas as vezes que Bhima menciona um membro da família desaparecido.

— Me conte — pede ela. — Me conte sobre aquele tempo.

Bhima franze a testa num reflexo condicionado como sempre faz quando se lembra do passado. Remexe nas suas lembranças como se esti-

vesse escolhendo o arroz na casa de Serabai, separando as pedras e os

grãos duros, deixando só o que é bom e brilhante.

— Vínhamos aqui todo sábado — diz. — Nós quatro. Quando sua mãe era pequena, Gopal a carregava. Ele não era como os outros homens,

que sempre esperam que as mulheres façam todo o trabalho. Seu avô não

era assim.

— Como a mamãe era? Quando era pequena, quero dizer.

A voz de Maya estava ofegante e, percebendo a sua ansiedade, o co-

ração de Bhima vacila um pouco.

— Sua mãe?

Ela ri.

— Sua mãe era como você quando pequena: um palito de tão magra,

mas forte como uma tora. Era inteligente também. Percebi isso no mo-

mento em que nasceu. Eu me lembro: depois de amamentá-la, se não a

tirasse logo do meu seio, ela me mordia. Mesmo sem dentes, só com aque-

las gengivinhas, ai, Bhagwan, ela me mordia. Aquela ali sempre foi uma

batalhadora.

Elas riem. Mas Bhima nota que a moça está um pouco ofegante com

a caminhada, por isso a conduz até a mureta de cimento que margeia o

mar.

— Vamos nos sentar um minuto — diz. — Minhas pernas estão ficando cansadas.

Mas, no fundo, está preocupada com Maya. Não é normal uma moça

de 17 anos ficar ofegante depois de uma caminhada tão curta. É sinal de

que as coisas não vão bem com Maya, e Bhima decide perguntar a Serabai

o nome de um bom fortificante para dar à menina. Mesmo que seja caro,

vai dá-lo a Maya pelo menos por um mês. “Nada é caro demais para essa

menina”, pensa Bhima, e a onda de amor que sente naquele momento é

forte o bastante para arrancá-la dessa mureta de cimento e arrastá-la para o

mar.

Repentinamente, quer compartilhar o passado com Maya. Esta é sua

herança, afinal, essa moeda corrente de memórias que Bhima carrega con-

sigo por aí, numa sacola invisível. Talvez tenha chegado o momento de

dividir essa herança com a menina, antes que a passagem do tempo a des-

valorize completamente.

— Tinha um vendedor de balões aqui — diz. — Um velho afegão, um *pathan*. Era um homem alto e tinha um certo ar de dignidade. As crian-

ças gostavam dele. Ele lhes fazia as formas mais lindas de balões. Gopal

gostava de conversar com ele, perguntava como iam as vendas, onde mo-

rava em Bombaim e essas coisas, mas eu nunca lhe perguntei nada. Não sei

por que nunca falei com ele, mas o fato é que nunca falei. Agora, adoraria

ter falado. Queria tanto ter-lhe perguntado umas coisas. .

— Que coisas? — pergunta Maya num sussurro.

Seu rosto brilha na expectativa, como todas as vezes que Bhima lhe atira nacos de lembranças.

— Como agüentava ficar tão longe da sua terra, se sentia falta da fa-

mília, onde estava sua mulher. Eu sabia que ele estava sozinho aqui em

Bombaim. Estava estampado em seus olhos, sabe? Eles tinham um ar soli-

tário como esse mar daqui. Eu podia ver isso naqueles olhos, mas mesmo

assim não dizia nada.

Maya não entendeu direito. Pôs o braço em torno da avó.

— Tudo bem, vó — diz ela. — Tenho certeza de que aquele *pathani* devia estar bem.

Bhima balança a cabeça com impaciência.

—Não. Não é essa a razão. Quer dizer, eu me preocupava com ele, mas não é por isso que me arrependo de não ter perguntado nada.

Ela abaixa a voz e fala, quase num sussurro:



— Sabe, acho que ele poderia ter me ajudado. . a enfrentar o que es-

tava por vir em minha vida. Ele conhecia o segredo, sabe? O segredo da

solidão. Como viver com ela, como enrolá-la no próprio corpo e ainda as-

sim ser capaz de fazer coisas bonitas e coloridas como aqueles balões. E

podia ter me ensinado, se eu tivesse pedido.

Elas se olham por um momento, com a expressão desprotegida e ca-

rente. E então Maya começa a chorar.

— Desculpe, vó — diz ela. — Desculpe por eu ser mais um peso na sua vida. Sei como foi a sua vida e nunca quis. .

As outras pessoas sentadas na amurada olham para elas, nitidamente

curiosas, descaradamente prestando atenção no que diziam. Bhima encara

um rapaz sentado perto de Maya e faz a neta se levantar.

— Vamos caminhar — resmungo. — Tem muita orelha de elefante por aqui.

Quando começam a caminhar, Bhima segura a mão de Maya. A maci-

ez da mão da neta nunca deixa de maravilhá-la. Aquela mão lhe dava uma

espécie de orgulho, porque pagou por essa maciez com seu próprio suor.

Bhima se lembra de suas próprias mãos aos 17 anos já duras e calejadas,

pois desde criança trabalhava como empregada doméstica. Mãos estragadas

por uma vida inteira lidando com cerdas duras e pontiagudas da vassoura;

mãos que mergulhavam cinzas para arear e limpar louças e panelas até fica-

rem brilhando. Maya escapou desse destino. Até agora. Bhima esfrega seu

polegar nas costas da mão de Maya como se estivesse acariciando um pe-

daço de veludo.

— Vó, não faz isso.

Maya ri através das lágrimas.

— Faz cócegas.

— Você sempre sentiu cócegas.

Bhima sorri.

— Sempre sentiu. Bastava eu olhar para você começar a se contorcer

como um peixinho. Quando a trouxe de Delhi, a levava para ficar comigo

na casa de Serabai enquanto eu trabalhava. Como você era muito tímida e

assustada, essa era a única maneira de fazê-la sorrir. Serabai fazia cócegas, e

você ria.

— Vó — interrompe Maya de repente. — Você nunca me contou. O que aconteceu quando você chegou a Delhi?

Bhima fica tensa. Seu rosto se fecha como um alcapão.

— Não faz sentido relembrar o passado — diz com a voz engasgada.

— Já foi ruim o suficiente passar por isso, não vale a pena relembrar. De

qualquer modo, não é nada que uma moça como você precise saber.

— Você não vai poder me proteger para sempre, vovó — responde

Maya. — Preciso saber. Afinal, isso tudo me diz respeito. Eles eram meus

pais.

Vendo o olhar teimoso no rosto da avó, Maya acrescenta:

— Isso não é só propriedade sua, vó. Isso também me pertence. Você pode ser a única que sabe, mas isso não quer dizer que essa história seja

só sua. Se não me contar, vai estar me roubando algo.

O rosto de Bhima parece de pedra. Vendo isso, Maya assume um ar de quem sabe de alguma coisa.

— Sei como é que eles morreram, vovó — diz baixinho. — Sei que morreram de *aids*.

Bhima sente que deveriam ter ficado em casa hoje. O ar da noite, o sussurro do mar, esse anonimato enquanto caminham entre milhares de

estranhos, tudo isso está fazendo com que Maya pergunte coisas que nor-

malmente não perguntaria Procura algum vendedor de comida, esperando

que a menina se distraia com o cheiro de amendoim torrado ou de *battata-*

*wadas* sendo fritas.

— Está com fome? — pergunta, mas Maya não responde. O queixo da moça está projetado para frente, e ela está do jeito que ficava quando

trabalhava num problema difícil de contabilidade.

— Por que o pai e a mãe deixaram você aqui e se mudaram para De-

lhi? — pergunta ela, de repente.

— Porque o seu pai era o melhor caminhoneiro da firma em que trabalhava. Quando o patrão dele se mudou para Delhi, levou seu pai para ser

seu motorista particular.

Maya pensa sobre o assunto.

— Talvez, se não tivessem se mudado para Delhi, não tivessem ficado. . doentes.

Bhima não sabe ao certo o que dizer.

— Foi a vontade de Deus — diz, com a voz fraca.

Depois, sentindo necessidade de defender seu genro, acrescenta:

— Raju era um bom homem. Amava muito você e Pooja.

Maya não se dá por satisfeita.

— Fico feliz por ter nascido em Bombaim — declara repentinamente. — Sou uma garota de Bombaim convicta. A mãe também sentia falta

daqui, eu me lembro.

Bhima assente, cautelosa, preparando-se para mais perguntas. E não

precisa esperar muito.

— O vovô e o Amit vieram para o casamento? — pergunta Maya.

Bhima balança a cabeça, dizendo que não.

— Por que não?

— Porque sua mãe não os convidou — diz Bhima bruscamente.

Omite da neta a discussão que teve com Pooja:

— Não é como se o seu pai já tivesse morrido — disse, na época. —

Você pode imaginar o que as pessoas vão dizer? Uma garota cujo pai ainda

é vivo e que prefere se casar sem que ele esteja presente ao casamento?

Mas Pooja não se demoveu.

— Pois que essas mesmas pessoas pensem em como ele nos prejudi-

cou — exclamou ela. — Você se esquece, mãe, não fomos nós que o a-

bandonamos, foi ele que nos abandonou. Por que ele deveria voltar agora,

jogando o seu *herogiri*, aquele charme todo, por um dia, fazendo COM que

todo mundo se encantasse por ele? O que ele vai fazer por nós, além de se

vestir como um artista de cinema e comer a nossa comida? E não foi você

mesma quem disse que agora é minha mãe e meu pai?

Lembrando-se disso, Bhima aperta o passo, e Maya se esforça para

acompanhá-la. Bhima sente os olhos da garota fixos nela, avaliando-a, me-

dindo seu humor. Ela se esforça para engolir o gosto azedo que repenti-

namente enche a sua boca.

— Pois deveria — diz Maya. — A mãe deveria ter convidado o vovô

para o casamento dela. Se eu me casar, vou convidar o vovô. E também o

tio Amit — acrescenta, em tom de conciliação.

Bhima percebe esse tom e sabe que a menina tem a melhor das inten-

ções. Mas essa referência a casamento fez Bhima se lembrar de que Maya já

era uma mercadoria danificada.

— Esqueça essa história de casamento — diz rispidamente, não conseguindo disfarçar a irritação na voz. — Pense apenas na universidade.

Maya se encolhe. Bhima se odeia por magoar a menina dessa maneira,

mas ao mesmo tempo fica aliviada por suas palavras terem acabado com as

perguntas da neta. Elas caminham em silêncio absoluto por alguns minu-

tos.

— Vamos comer um *bhel* — diz Bhima finalmente. — Você precisa comer. — As duas sabem que isso significa uma trégua.

A mão macia de Maya se estende e pega a de Bhima.

— Fico feliz que você tenha tomado conta de mim quando o pai e a mãe morreram — diz inesperadamente. — Não sei o que faria sem você.

“Ela é como o avô”, pensa Bhima. “Consegue trespassar meu coração

com palavras do tamanho de um mosquito”. Para disfarçar a emoção, Bhi-

ma dá uma pancadinha leve no braço de Maya.

— Garota boba — diz, meio mal-humorada. É claro que eu ia cuidar de você. Você é sangue do meu sangue, não é? O que achou que eu ia fa-

zer? Vendê-la para o sucateiro? Entregá-la para o pessoal do circo?

Maya sorri.

— Posso imaginar quanto o sucateiro ia pagar por mim.

— Cinco *paisa*. E mesmo isso seria muito para uma garota tão boba.

Seguem pelo caminho apinhado de gente, de mãos dadas. Após alguns minutos, Maya inclina a cabeça e a pousa no ombro da avó.

— Vó — diz, num tom de voz dos mais cativantes, e Bhima fica ten-



sa, preparando-se para mais uma rodada de perguntas.

Porém Maya apenas diz:

— Vó, estou com fome. Mas vamos comer *panipuri* em vez de *bhel*?

13

O TELEGRAMA QUE VEIO DE DELHI dizia apenas: POOJA E RA-  
JU DOENTES PT VENHA IMEDIATAMENTE PT

Bhima viajou para Delhi na manhã seguinte. Serabai ajudou a pagar as

passagens de trem.

*AIDs.*

De pé no saguão sujo e lotado do hospital público onde Pooja estava  
deitada numa maca comida de traças, Bhima recebeu a notícia da  
boca de

um médico jovem e com ar cansado.

— A sua filha está com *aids* — disse ele rispidamente. — Transmitida  
pelo seu genro. A senhora está entendendo? Ele não deve passar de ama-

nhã ou depois. Quanto a. . — consultou uma prancheta — . .Pooja, é difí-

cil dizer por quanto tempo ainda vai ficar entre nós.

— Aides? — perguntou Bhima baixinho. — Isso é como uma intoxi-

cação alimentar? — Era a única coisa que poderia explicar por que Pooja e

Raju estavam tão abatidos.

O médico estalou a língua e a encarou.

— A senhora não sabe o que é *aids*?

Quando Bhima sacudiu a cabeça dizendo que não, ele nem tentou es-

conder sua irritação.

— Vocês!. . — disse ele. — Sabe Deus por que o governo gasta *lakhs*

de rupias tentando educar o povo sobre planejamento familiar e coisas do

gênero. É uma causa perdida. É o mesmo que jogar milhares de rupias no

lixo.

Ele olhou para ela por mais um minuto e depois se virou.

— Não tenho tempo para lhe dar aula de medicina. Tenho centenas de pacientes para examinar. Além do mais, sou médico e não professor.

Ele começou a se afastar e depois parou.

— Se a senhora quiser um conselho, melhor se despedir de sua filha.

Em seguida, vendo o olhar chocado no rosto de Bhima, acrescentou:

— Sinto muito.

Bhima permaneceu no saguão do hospital, incapaz de se mover.  
Poo-

ja e Raju estão morrendo? Será que ouviu direito o que o médico disse? Ou

será que, em sua ignorância habitual, compreendeu mal? E por que ele fi-

cou tão zangado com ela? Olhou em volta e viu centenas de pessoas va-

gando pelo enorme corredor, com a aparência tão confusa e aterrorizada

quanto a sua. Havia centenas de pessoas a seu redor e, no entanto, nunca

se sentiu tão sozinha. Se estivesse em Bombaim, saberia o que fazer. Pode-

ria ligar para Serabai e pedir que ela falasse com o médico. Mesmo um vi-

zinho da *basti* teria ajudado numa situação como essa. Ela engoliria o orgu-

lho e pediria ajuda. Por Pooja, teria ficado nua e caminhado de joelhos.

Faria qualquer coisa que pudesse para salvá-la dessa doença feia que come

as carnes e que a estava matando. De repente, os joelhos de Bhima falsea-

ram, e lá teve que se escorar na parede suja e manchada de *paan*.

— Ei, por favor, alguém ajude aquela mulher! — disse uma voz, e um

par de braços a segurou pelos cotovelos.

— Cuidado, *didi*, cuidado — disse outra voz. — Venha, sente aqui nesse banco um instantinho.

Sua cabeça estava vazia como uma melancia oca. Sentou-se com os olhos fechados até que o enjôo e a tonteira passassem e depois os abriu,

porque o rosto magro e moribundo de Pooja estava pairando diante de

seus olhos. Virou-se para agradecer à pessoa que a tinha socorrido e viu

que era um rapaz de uns vinte anos com a barba rala.

— Deus o abençoe, *beta* — disse ela.

— Meu nome é Hyder — disse ele, ficando de pé. — Deixe-me pegar um pouco d"água para a senhora — acrescentou. — Tenho uma caneca.

E antes que ela pudesse responder, ele já tinha ido.

Ela o observou se esgueirando com esforço em meio à multidão quando fez o caminho de volta.

— Tome, *didi* — disse ele. — Água fresquinha, fresquinha.

Ela hesitou por uma fração de segundo. Nunca tinha dividido um utensílio com um muçulmano, e uma vida inteira de ensinamentos e precei-

tos começou a girar em sua cabeça. Depois, olhou para o local infernal on-

de estava, observando as caras encovadas e desgastadas dos pacientes mo-

ribundos, as expressões desoladas e envelhecidas de seus parentes, o cheiro

desagradável de urina e tabaco barato que pairava no ar como o laço de

uma forca. Observou o rosto curioso e gentil de Hyder e se deu conta de

que, naquele lugar apinhado de gente, ele foi o único que veio em seu so-

corro.

Bebeu. A água desceu fresca por sua garganta ressecada.

Hyder ficou observando-a.

— A senhora não é de Delhi, *didi* — disse ele num tom que era mais de afirmação do que de pergunta.

Ela fez que não com a cabeça.

— Sou de Bombaim — disse entre um gole e outro. — Mas minha fi-

Iha e o marido moram aqui. Peguei o trem para Delhi e cheguei ontem.

Hyder assentiu com a cabeça.

— Sei. E.. a sua filha está aqui?

As lágrimas vieram-lhe aos olhos, inesperadamente.

— Minha filha e meu genro, os dois. Ele está na ala masculina.

Ficou admirada ao ver que Hyder não se surpreendera.

— Isso acontece o tempo todo — disse ele. — O marido pega e passa para a mulher.

Subitamente, Bhima sentiu uma onda de raiva. Então Raju era responsável por isso? O que ele tinha feito? Trouxe comida estragada para

casa? Ou era como uma dessas febres ou malária, que passa de uma pessoa

para outra?

— Como isso acontece? — perguntou ela. — Como o marido passa para a mulher?

Hyder ficou vermelho. Olhou para Bhima tentando decidir o que e o quanto contar a ela. Ela continuou a fitá-lo, implorando uma resposta.

— *Beta*, para eu poder curar a minha filha, preciso saber o que é essa

tal de aides — disse. — Sou analfabeta, não conheço essa doença. E  
o

doutor *sahib* estava ocupado demais para me explicar.

— Não tem cura — disse Hyder, e ela se enrijeceu diante da dura  
crueldade daquelas palavras. — Essa é a primeira coisa a ser  
entendida, *didi*.

Ninguém sobrevive a essa maldita doença.

O rapaz tentou tornar sua voz mais suave quando percebeu a devas-  
tação que suas palavras tinham causado.

— Segundo dizem, é uma doença do sangue. Os homens pegam  
das. .

a senhora sabe.. — disse e piscou os olhos rapidamente tentando  
disfarçar

o embaraço.. — ao ter relações com as mulheres da vida. Prostitutas  
e coi-

sas assim — acrescentou, para ter certeza de que Bhima entenderia.  
—

Depois, eles voltam para casa e passam a doença para suas  
mulheres.

E acrescentou, baixando a voz:

— Dizem que as ruas de Delhi estão cheias de casos assim. Em  
Bombaim também, provavelmente.

Bhima estava chocada.

— Mas Raju não é desse jeito — disse ela. — Ele e a minha Pooja felizes em..

Hyder mordeu o lábio inferior.

— Não estou falando mal do seu Raju, *didi*.

Depois, seu rosto se iluminou.

— Dizem que a doença pode ficar no corpo da pessoa durante anos e

anos até que apareçam os sinais. Então, mesmo que Raju tivesse... a senho-

ra sabe.. antes do casamento. , a coisa já poderia estar dentro dele.

Bhima olhava fixamente para o rapaz, estupefata.

— Como uma praga — sussurrou ela.

E quando percebeu que ele não tinha entendido, disse:

— Alguém faz um *jadoo* para você, pondo unhas cortadas debaixo do

seu colchão ou enrolando pimenta e limão num trapo velho e botando no

seu caminho; os anos passam e você pensa que está a salvo. Então, um dia,

alguma coisa de ruim acontece, e você percebe que a mandinga estava com

você aqueles anos todos. Só que você não sabia.



— Exatamente — exclamou Hyder. — É exatamente como uma mandinga, *didi*.

— Só que nesse caso a mandinga foi o meu genro — disse Bhima com amargura.

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, Bhima apoiou-se em Hyder como numa bengala. Na terra dos doentes, sua boa saúde e seu vigor escoraram a

saúde de Bhima, que vacilava. Hyder corria de lá para cá, cuidando do ami-

go que estava morrendo — um rapaz de 23 anos cujos pais o tinham de-

serdado — e ao mesmo tempo de Bhima e Pooja.

Estava com elas no dia em que Pooja foi visitar o marido. Apesar do péssimo estado da moça, ela insistiu em andar pelo longo corredor até a

enfermaria masculina para ver Raju pela última vez. Como sempre, Bhima

não conseguiu conter a determinação de Pooja. Era como se aquela força

de vontade fosse a única coisa que restasse em sua filha, a única parte que

Bhima ainda podia reconhecer naquele trapo que a moça tinha se tornado.

E, assim, Pooja foi andando, com as mãos esqueléticas agarradas no punho

de Bhima e no braço de Hyder. Para Bhima, aquela caminhada lenta e irre-

gular pareceu um cortejo fúnebre, e o era na verdade, porque quando se

aproximaram da cama de Raju, não era possível distinguir os vivos dos

mortos. Bhima sentiu que uma parte de si morria durante a caminhada,

como se uma peça daquela máquina velha que rangia, o seu coração, tives-

se caído no chão e se perdido para sempre. Hyder, tenso do cansaço de ter

que cuidar do amigo, também parecia tão solene e impassível como um

preso condenado à morte. Quanto a Pooja. . Bhima estremeceu ao notar o

quanto era doloroso para sua filha abaixar-se para se sentar na cadeira do-

brável que um dos serventes pôs ao lado da cama de Raju.

“Perdoe-me, Bhagwan”, disse consigo mesma. “Devo ter cometido

muitos pecados graves na minha última vida para ser tão castigada nesta

*janam* de agora. Assistir assim ao sofrimento da própria filha deve ser um

castigo reservado apenas aos assassinos e a outros casos especiais”.

Pooja se inclinou na cadeira.

— Raju — sussurrou. — Raju, abra os olhos. Veja, é a sua Pooja.

Cumpri as duas promessas que lhe fiz, meu marido. Disse que você não ia

morrer sozinho e que não o deixaria sozinho nesta terra de sofrimento.

Você vai primeiro, *janu*, eu vou em seguida.

Os olhos de Raju estavam abertos. Ele olhava para Pooja, mas Bhima

não sabia dizer se ele conseguia vê-las. Sua mão direita, que estava pou-

sada no peito, levantou-se alguns centímetros e estremeceu. Imediatamen-

te, Pooja a pegou, contorcendo-se pelo esforço que isso lhe custava. Afa-

gou a mão de Raju antes de gentilmente a pôr de volta em seu peito. Os

olhos de Raju ficaram abertos por mais um minuto. Depois, ele os fechou

e aquela respiração terrível, difícil, arquejante começou novamente.  
Pooja

virou-se para a mãe com os olhos opacos de medo.

— Mãe — exclamou. — Vamos pegar o nosso Raju e voltar para casa. Estou apavorada com o que vai acontecer se ficarmos neste lugar infernal.

Bhima olhou para Hyder pedindo ajuda, sem saber como reagir. Uma parte dela gostaria de pegar os dois doentes, botá-los num táxi levá-los para

casa, onde poderia fazer uma comida boa para lhes força, onde poderia

cuidar deles até que se restabelecessem. Mas palavras enfáticas de Hyder,

dizendo-lhe que ninguém sobrevivia a essa doença monstruosa, manti-

nham-na imobilizadas. Antes que pudesse pensar no que dizer, Pooja falou

novamente:

— Não, é a vontade de Deus; temos que morrer aqui, neste local de estranhos — disse num sussurro. — Nossos destinos são decididos antes

de nascermos. Assim é que é, e assim será.

Pooja insistiu em se sentar na cadeira dobrável de madeira na  
passa-

gem estreita entre o leito de seu marido e o do vizinho. Bhima  
tentou al-

gumas vezes convencer a filha a voltar para a cama, mas desistiu.  
Era óbvio

que Raju não passaria dessa noite e era importante para Pooja  
manter a

promessa feita ao marido. Então, Bhima se acocorou no chão ao  
lado da

filha, e a noite se encheu de sons de homens tossindo, grunhindo e  
ge-

mendo. Mas eram os cheiros que a incomodavam mais — o cheiro  
enjoa-

do do fenol com que os faxineiros da enfermaria lavavam o chão de  
pedra;

o cheiro forte do Flit para matar os mosquitos que enxameavam em  
volta

das camas úmidas e, acima de tudo, o cheiro da morte que pairava  
como

uma promessa sombria. De vez em quando, conseguia reunir  
alguma cora-

gem e tomava a mão fina de Pooja na sua, lutando contra a repulsa  
que

sentia quando encontrava ossos em vez de carne. Como trabalhou e  
lutou

anos para engordar aquela mão! E para quê? Para que um homem viesse

injetar na filha uma doença que a transformaria num esqueleto. Olhou com

amargura para o leito onde Raju travava uma batalha silenciosa com a mor-

te e descobriu que não ia conseguir reunir a energia necessária que o ódio

demandava. Tudo o que sentiu foi pena, uma pena por aquele homem mo-

ribundo que doía nos ossos, e também por sua Pooja, por ela própria, por

Hyder, e por todos que estavam presos ali naquele hospital.

Sentiu Pooja se mexendo.

— Por que não me mandou o telegrama antes? — sussurrou, mas logo

se arrependeu de ter perguntado, quando viu o olhar dolorido passar

como uma nuvem pelo rosto da filha.

— Não sei, mãe. Raju não queria que ninguém soubesse. Especialmente você. Estava tão envergonhado, sabe? E também, durante muito

tempo, só ele estava doente. Seus resfriados duravam semanas, pareciam

feridas na boca que nunca cicatrizavam e também tinha dores de estômago.

*Arre, Bhagwan, que dores de estômago horríveis ele tinha!*

Ela estremeceu. Engoliu a saliva com dificuldade e passou a língua nos lábios secos e rachados.

— Mas eu não me importava, eu era forte. Podia tomar conta dele e de Maya. Não havia necessidade de alarmar você. Mas há mais ou menos

seis meses comecei a ficar doente também. Então eu. .

— Seis meses?

Bhima não conseguiu disfarçar a indignação na voz.

— Você está doente há seis meses e não me disse nada? Minha filha,

eu poderia ter vindo ajudá-la. .

— Eu sei, mãe, eu sei. De qualquer maneira, o que está feito está fei-

to. Foi o plano de Deus para a sua filha desventurada.

Fez uma longa pausa. O esforço para falar exauriu Pooja completamente e Bhima ficou com remorso.

— Está bem — disse, dando tapinhas na mão ossuda. — Não faz sentido ficar remoendo o passado. Bom, de qualquer modo, você vai des-

cansar agora.

Ficaram em silêncio por um bom tempo. E então, como se não tivessem interrompido a conversa, Pooja voltou a falar. Falava tão baixo que

Bhima teve que se esforçar para entender.

— Não sabíamos que doença era essa até eu ficar muito doente há três meses. Nanavatsahib, o patrão de Raju, insistiu para que fizéssemos

um exame de sangue. Raju lhe disse que eu não estava conseguindo dormir

à noite, que acordava tremendo e suando. Foi então que Nanavatsahib teve

essa idéia. Foi a primeira vez que viemos a este maldito hospital. Mas, na-

quela época, não sabíamos que, alguns meses depois, íamos ficar conhe-

cendo muito bem este lugar. E agora, é claro, eu o vejo até nos meus so-

nhos.

Bhima sabia que não deveria fazê-lo, mas não conseguiu evitar.

— E.. como é que Raju pegou esse *daaku*, esse diabo dessa doença?

O rosto de Pooja ficou branco como papel.



— Não faz sentido fazer esse tipo de pergunta agora, mãe. O que está

feito está feito. Ele é o meu marido. E até tudo isso acontecer sempre me

tratou como uma rainha dentro de casa.

Como se tivesse ouvido seu nome, Raju soltou um gemido. Bhima le-

vantou e acariciou sua mão.

— Raju, *beta* — disse carinhosamente. — Está tudo bem. Estamos aqui com você, *beta*. Durma agora.

Mas Raju gemeu ainda mais alto, um som tão terrível e solitário que deixou Bhima arrepiada. Era o som de um homem absolutamente sozinho

nas margens de um rio além do alcance dos seus semelhantes, os seres hu-

manos. O que restava de sua resistência desmoronou com aquele gemido.

— Raju! — exclamou Bhima. — Olhe, a sua Pooja está aqui com você. Estou aqui também. Vou cuidar de Pooja, prometo. E de Maya — prosseguiu, enfaticamente. — Vou criar Maya como se fosse minha pró-

pria filha. Você não tem com o que se preocupar, Raju *beta*. Pode ir agora.

Vá em paz.

O maxilar de Raju se moveu algumas vezes. Sua boca se abria e fechava. Uma respiração ruidosa e áspera fez seu corpo todo estremecer. Sua

mão pairou algumas vezes sobre o peito. E depois ele se foi.

Bhima e Pooja olharam uma para a outra, abaladas demais para dizer

qualquer coisa. Bhima percebeu que Hyder tinha voltado correndo para o

leito de Raju e estava dizendo alguma coisa a ela. Mas não conseguia ouvi-

lo. Sua mente ainda via as pegadas da morte no corpo arrasado de Raju.

Ainda estava chocada de ver como a morte era uma força invasora e brutal,

e de como o seu hálito sombrio tinha feito o corpo frágil de Raju estreme-

cer sob seu peso opressivo.

Pooja desviou a cabeça lentamente do marido morto em direção à mãe, e, com lágrimas rolando pelo rosto, disse suavemente:

— Agora é a minha vez.

VIERAM BUSCAR O CORPO DE RAJU uma hora depois. Sem dizer

uma pa-lavra, dois homens embrulharam o corpo moreno e quebradiço

como um pote de barro num lençol e o levaram pelo corredor. Faziam o

seu trabalho de uma maneira brutalmente eficiente. Bhima percebeu o

cheiro de álcool no hálito deles e se sentiu insultada por isso. Quis protes-

tar por esse desrespeito, mas notou que os parentes dos pacientes espalha-

dos pelo corredor do hospital nem saíam ou paravam de conversar en-

quanto os homens abriam caminho com o cadáver encolhido de Raju. To-

cavam na testa em sinal de respeito quando a pequena procissão passava,

mas Bhima podia perceber que aquele gesto mecânico e automático era

mais hábito e superstição do que um lamento genuíno pela morte de outro

ser humano. E, assim que os carregadores passavam, a conversa nos corre-

dores recomeçava, como se o corpo de Raju fosse apenas uma pedra atira-

da num lago que criava uma pequena marola antes que a calma das águas

retornasse à superfície. Era como se essa indiferença pela morte estivesse

por toda parte naquele hospital. Ou talvez não fosse indiferença, mas o

cansaço dos derrotados. Como se toda a energia existente tivesse que ser

direcionada para a preservação dos vivos, e não sobrasse nada para lamen-

tar os mortos.

Eram seis da manhã quando chegaram ao campo aberto atrás do

hospital onde uma dezena de piras funerárias ardia simultaneamente. A

fumaça negra como o desespero subia das piras. Às vezes o fogo estalava

quando atingia os ossos. Bhima ficou olhando, enquanto o corpo de Raju

era depositado em cima dos blocos de madeira cuidadosamente arrumados.

Hyder deixou seu amigo moribundo por um tempo e as acompanhou até o

local. A fumaça das outras piras fez os olhos de Bhima arderem, mas ainda

assim ela ficou assistindo ao corpo de Raju ser devorado pelas chamas que

subiam, contra o céu avermelhado do Oriente. Um cheiro terrível, enjoati-

vo e embolorado, um cheiro de algodão molhado misturado à naftalina

subiu no ar e a fez engasgar. Mesmo assim, ficou olhando o corpo de Raju

se transformar em cinzas. Bhima se concentrou nas chamas que pulavam e

lambiam o corpo de Raju como uma língua de fogo. "Está certo", disse a si

mesma, sem convicção. "Esse pobre rapaz já sofreu muito! Esta morte é

uma libertação, não uma punição. Você tem que se lembrar disso".

Mas então lembrou-se de Pooja e de Maya, por quem logo seria responsável, e todo o seu corpo se rebelou contra o que estava acontecendo.

Sentiu vontade de pular na pira e ordenar às chamas que parassem de de-

vorar aquele corpo; exigir que Raju se levantasse de sua morada final de

madeira e cinzas e assumisse suas responsabilidades marchando de volta

para Pooja e ordenando que sua carne crescesse por cima dos ossos e que

ela voltasse para a casa deles, para permanecer ao lado do marido saudável

e da filha. Queria voltar ao indo aniversário de Maya, quando Pooja e Raju

a convidaram para jantar e ela comprou uma roupa nova para sua linda

netinha: um par de sapatos vermelho e branco, um vestido cor-de-rosa e

uni laço de fita, também cor-de-rosa, para o cabelo. Queria lembrar a

conversa que tiveram depois do jantar, quando Raju lhe contou sobre a

oferta de trabalho que lhe pagaria muito mais, e ela ficou contente até ele

mencionar que eles teriam que se mudar para Delhi. Naquele momento,

forçou-se a dar um sorriso, calou seu coração que protestava e disse a Raju

que fizesse o que fosse melhor para sua família, e disse a Pooja, que estava

de olhos baixos, que seu lugar como unia mulher casada era ao lado do

marido e não ao lado de sua velha mãe. Mas agora não. Agora tinha vontade

de de voltar àquele dia e manifestar o seu descontentamento, agora queria

dizer a Raju que a família é mais importante do que o dinheiro, que arran-

jaria um trabalho extra para compensar a diferença de salário que ele deixa-

ria de ganhar se ficasse em Bombaim. Agora não teria vergonha nem pie-

dade. Lembraria a Pooja que ela era tudo o que tinha no mundo, e que le-

var a sua única neta para longe seria uma espécie de assassinato, diria que já

tinha uma certa idade, e que depois de sua morte eles poderiam se mudar

para onde quisessem, para Delhi, para Calcutá, para a Lua, mas que não o

fizessem enquanto estava viva.

Bhima emitiu um ruído, e Hyder pôs uma das mãos carinhosamente em seu ombro.

— *Didi*, tenha coragem — disse ele numa voz que parecia de um homem mais velho. — Pelo bem de sua filha, tenha coragem.

Bhima quis dizer: Por minha filha, posso ser qualquer coisa; posso ser

corajosa, forte, destemida. Por ela posso até caminhar em cacos de vidro,

me deitar em carvões em brasa e andar por águas frias como o gelo.  
Mas a

minha filha só tem mais alguns dias aqui na Terra, sei disso. Logo  
vão a-

cender outra pira funerária como esta. Só que, dessa vez, vai ser o  
corpo da

criança que dei à luz, a criança que mordida meu peito a cada vez  
que eu a

amamentava, a menina de seis anos que vomitou depois de ter  
comido seis

bananas de uma só vez, a menina de 11 anos que voltou para casa  
choran-

do depois do trabalho na casa de Benifer Sodabottleopenerwalla  
porque

ficou menstruada pela primeira vez e achou que fosse sangrar até  
morrer, a

moça de 16 anos que se tornou calada e séria depois que seu pai  
nos dei-

xou como um par de sapatos que se joga fora. E, depois desse  
segundo

funeral, depois que Pooja se transformar em cinzas diante dos meus  
maldi-

tos olhos, depois que eu tiver testemunhado o horror da minha  
própria

filha morrendo diante de mim, vou querer derreter como gelo, vou  
querer



desmoronar como um castelo de areia, vou querer me dissolver  
como açúcar-

car num copo d'água. Vou querer parar de existir, entende? Hyder,  
tente

entender, já tive dois filhos e agora não tenho nenhum. Uma morreu  
e o

outro desapareceu, sumiu, foi roubado de mim pelo nojento do meu  
mari-

do. E uma mãe sem filhos não é mãe de jeito nenhum. E, se não sou  
mãe,

então não sou nada. Nada. Sou como o açúcar dissolvido num copo

d,água. Ou como o sal, que desaparece quando cozinhamos. Sou  
como o

sal. Sem meus filhos, deixo de existir.

Hyder, para uma mulher como eu, a morte seria um luxo. Eu a rece-

beria de bom grado, como um dia recebi o amor. Mas os deuses são  
cruéis,

Hyder. Você está aprendendo essa lição também, ainda tão jovem.  
Então,

essa Bhima aqui, essa Bhima feia, infeliz, ignorante, analfabeta, vai  
ser um

brinquedo nas mãos dos deuses porque eles sabem que ela não é  
esperta o

suficiente para revidar. E também tem Maya. Carne da minha carne.  
O que

aconteceria com ela se eu pulasse na pira funerária de Pooja, como gostaria

de fazer? O que acontece a uma órfã nas ruas de Delhi? Você e eu sabe-

mos a resposta, Hyder. Vira mendiga, ou pior, prostituta, não uma Indira

Gandhi, pode ter certeza. Por isso, tenho que viver. Embora já esteja mor-

ta, sei que tenho que viver. Porque não vivemos apenas para nós mesmos,

não é, *beta*? A maior parte do tempo, vivemos para os outros, pondo um pé

na frente do outro — esquerdo, direito, esquerdo, direito —, de modo que

o andar se torna um hábito, como respirar. Para dentro e para fora, es-

querdo, direito. Perdoe-me, *beta*, sei que o estou deixando confuso. Sinto

que eu mesma estou confusa. . Não tem uma brisa neste local, parece que o

fogo comeu toda a brisa, está tudo tão quente e tão apertado, como a en-

trada da floresta de Ravan, e esse cheiro, *beta*, esse cheiro de flor morta, de

teia de aranha, de naftalina de putrefação, esse cheiro que já está dentro da

minha cabeça e que nunca vai me abandonar, esse cheiro que vai me a-

companhar pelo resto dos meus dias, dá para senti-lo entrando nos meus

ossos, acomodando-se como poeira no meu sangue..

Hyder a amparou quando ela caiu.

BHIMA TROUXE MAYA CONSIGO para o hospital no dia seguinte, e sua recompensa foi um débil sorriso no rosto de Pooja.

— *Ae, chokri* — disse ela carinhosamente à filha, que estava encostada

no quadril de Bhima. — Venha aqui. Esqueceu da sua mãe depois de al-

gumas semanas?

Maya foi até ela cautelosamente.

— Fiz uma coisa para você na escola — disse, entregando à mãe o desenho de uma flor.

Pooja sorriu debilmente, mal olhando para o desenho.

— Que bom que está indo à escola. Você tem que ser a melhor aluna

da escola, *achcha*, ok?

Maya sorriu timidamente.

— Já sou.

Pooja fechou os olhos, exausta. Maya se virou para a avó e disse num

tom acusatório:

— Ela já vai dormir. E ainda nem contei o que a professora me disse.

Olhou para a mãe por um minuto.

— Vó, por que a mãe está tão feia?

— *Chup re*, cale a boca, sua malcriada — disse Bhima, zangada. —

Sua mãe está bonita como sempre. Você apenas tem que olhar mais fundo

para ver a beleza.

Maya deu um passo à frente e ficou olhando para o rosto da mãe que

dormia.

— Estou olhando bem fundo — disse. — Mas para mim ela ainda parece feia. — E então começou a chorar.

Bhima se aproximou e apertou a criança contra o peito. Foi então que

a irmã de uma mulher que estava a dois leitos dali começou a gemer e se

lamentar com um som muito agudo, de arrepiar os cabelos.

— Ai, Bhagwan, minha irmã morreu! — gritava ela. — Responda, fa-

le comigo, irmã! Ai, meu Deus, me leve também, por que me deixou sozi-

nha nesta terra de solidão?

Ao ouvir os gemidos e uivos da mulher, Maya começou a tremer.

—Vó, estou com medo — disse a menina. — Quero ir para casa.

Antes que a mulher pudesse se controlar, Bhima virou-se para ela e disse, aos berros:

— Cale a boca! Pare de assustar as pessoas desse jeito. O que está a-

chando? Que é a única que está sofrendo aqui dentro? Que nós todos so-

mos de pedra?

Ver a mulher boquiaberta e amedrontada só fez com que Bhima ficasse com mais raiva. Tinha um gosto amargo na boca, como se tivesse

engolido as cinzas da pira de Raju, e as palavras cruéis que proferiu esta-

vam marcadas por aquela amargura.

— Mulher sem-vergonha — prosseguiu, parcialmente consciente de que todos à sua volta, parentes e pacientes, a observavam, horrorizados. —

Guarde essas lágrimas para você mesma. Mesmo que viva 102 anos, você

não vai passar pelos sofrimentos por que muitos de nós já passamos. Fica

aí chorando pela sua irmã, enquanto tenho que cuidar da minha única fi-

lha. .

— Silêncio! — disse uma voz masculina encobrindo as palavras de Bhima. — A senhora não tem vergonha?

Era o mesmo médico que tinha encontrado no corredor alguns dias antes, mas ele não deu o menor sinal de que a havia reconhecido.

— O que são vocês? Animais? Não têm respeito pelos mortos ou pelo sofrimento das outras pessoas? Ficam aí brigando uns com os outros

feito cães?

O médico foi até Bhima, que apertava a cabeça de Maya contra o pei-

to, como se quisesse que a menina não ouvisse a bronca que estava levan-

do.

— Isso aqui é um hospital, não o barraco onde vivem — vociferou o médico. — Se não sabem respeitar as regras de um hospital, então peguem

seu paciente e o levem para casa.

Bhima sentiu um fio de suor descendo pelas costas. Seus olhos se en-

cheram de lágrimas, e ela olhou rapidamente para Pooja a fim de ver se a

filha havia presenciado aquela humilhação. Mas Pooja estava deitada com

os olhos fechados. Lentamente, Bhima levantou a cabeça e olhou para o

colarinho do jaleco branco do médico.

— Desculpe, doutor *sahib* — murmurou. — *Maaf karo*. Por favor, me desculpe.

O médico parecia querer dizer mais coisas, mas, ao notar Maya escondida atrás da avó, virou-se, não sem antes fitar Bhima por mais um mi-

nuto.

— Isso não tem solução — disse para si mesmo, mas alto o suficiente

para que Bhima o escutasse. — Este hospital inteiro, tudo, tudo é sem so-

lução. Eu devia ter ido para a América quando tive oportunidade. Pelo

menos lá eles têm respeito pela vida humana.

E saiu, deixando atrás de si um longo silêncio. Alguns dos parentes e

visitantes ficaram olhando para Bhima, nitidamente satisfeitos com a re-

primenda que ela tinha recebido. Outros desviaram o olhar, desconfortá-

veis com a vergonha pela qual ela tinha passado. A jovem que estava dois

leitos depois do de Pooja começou a soluçar baixinho, com a cabeça pou-

sada nas pernas da irmã morta. Maya choramingou e puxou o sári da avó.

— Vamos embora, vó — pediu a menina. — Quero ir para casa.

— Espere, *beta* — disse. — Vá se sentar ao lado da sua mãe mais um

minutinho.

— Não quero.

— Então, espere aqui. Volto já, já.

Bhima abriu caminho até o leito da mulher morta. Ao ouvir os passos, a irmã da morta levantou a cabeça, amedrontada. Sua expressão cons-

ternada fez o coração de Bhima se contorcer num sentimento de culpa.

— Sinto muito por sua perda. E peço que me perdoe pelas palavras duras. Por favor, me perdoe. Não sei o que.. Ontem foi a cremação do



meu genro. E aquela ali é minha filha. De qualquer modo, minhas palavras

duras eram..

— Não precisa pedir perdão — disse a mulher brandamente. — Não há perdão neste lugar. E suas palavras são verdadeiras. Aqui, todos ganha-

mos a loteria do sofrimento.

Maya veio até Bhima bem devagar.

— Vó, vamos embora — disse chorando. — Detesto este lugar.

Bhima fez uma expressão compreensiva e disse:

— Está na hora de levar essa mocinha para casa.

E acrescentou baixinho.

— Ela não entende ainda.

Bhima estendeu a mão direita e tocou de leve a cabeça da moça sen-

tada na cama.

— Que Deus cuide de você, *beti*. E lembre-se, aqueles que não têm ninguém têm a Deus.

AO LONGO DAS DUAS SEMANAS seguintes, Bhima mais parecia um dos pacientes do hospital. Todos os dias acordava cedo, vestia Maya e a

levava para a casa da vizinha. Depois, ia para o hospital. Na maioria das

vezes, comia uma banana no almoço. De vez em quando, apoiava-se na

janela do ônibus e via seu próprio reflexo no vidro. Notava então as olhei-

ras escuras que tinham aparecido em volta dos seus olhos, e percebia que

seu rosto estava ficando tão encovado e exausto quanto o de Pooja. Mas

eram constatações displicentes, como se quase não reconhecesse o rosto

refletido na vidraça. Estava distraída. Mil coisas, até contraditórias, lhe pas-

savam pela cabeça, zumbindo como abelhas. Sabia que tinha que dizer a

Gopal que a filha deles estava morrendo. Por mais que o álcool o tenha

afetado, sabia que Gopal faria o que fosse preciso para vir a Delhi ainda a

tempo de ver Pooja. Mas como entrar em contato com ele? Só o que tinha

enfiado em algum lugar do barraco, na mala velha que Serabai lhe deu, era

o endereço de seu irmão mais velho. A quem poderia pedir que desenca-

vasse aquele endereço? Não tinha cabimento fazer com que Serabai fosse à

favela e pedisse isso a algum dos vizinhos. Aliás, desde que chegou a Delhi,

não conseguiu um tempinho para encontrar alguém que pudesse escrever

uma carta para Serabai contando o que tinha acontecido. Sabia que Serabai

devia estar preocupada, mas, de algum modo, assim que entrava no mundo

onde o tempo pára, o hospital, o resto de sua vida se dissolvia. Era como

se apenas naquele lugar de doença e morte se sentisse viva e vital. Tudo o

mais se tornava uma vaga lembrança, uma sombra indistinta.

Talvez a doença de Pooja seja um castigo por ela não ter convidado

Gopal para o casamento. Afinal, Bhima sabia muito bem que casar uma

filha sem a presença do pai para entregá-la ao noivo dava azar. Não é de

espantar que essa doença tenha vindo tomar sua filha como presa. Era de

sua natureza atacar os fracos, os vulneráveis. Não deveria ter dado ouvidos

á opinião de Pooja com relação ao pai ausente. Pooja era uma moça jovem

e inexperiente, o que poderia saber sobre os joguinhos dos deuses, sobre

como o destino podia ser vingativo? Mas ela, Bhima, tinha mais sabedoria.

Lembrou-se do caso de Seema, a mulher que tinha se mudado para o apar-

tamento térreo do edifício onde morava com seus pais. Foi na época do

Diwali, quando Bhima tinha 12 anos, e todos os moradores do prédio es-

tavam reunidos no pátio do edifício soltando fogos e oferecendo doces uns

aos outros. Todos, menos Seema e seu marido. Os outros moradores ouvi-

am os dois brigando em meio aos chiados e estouros dos fogos. As pala-

bras de Seema saíam tão incandescentes pela janela de seu apartamento

térreo quanto os foguetes que estavam sendo disparados no ar.

— Vagabundo, inútil. . Você não serve para nada.. Só fica deitado o

dia inteiro. . Seria melhor que estivesse morto, tão morto como essa coisa

que tem aí entre as pernas.

Naquele dia, alguns dos moradores, zangados, bateram na porta de Seema para pedir que falasse mais baixo. Isso a fez calar a boca. Mas o si-

lêncio real veio quatro meses mais tarde, quando Seema chegou uma noite

do trabalho, foi direto para a cama e nunca mais acordou. Todos os vizi-

nhos, lembrando-se de seus xingamentos naquele dia de Diwali, balança-

ram a cabeça, falando da vingança dos deuses.

— Eles pegaram suas palavras, viraram-nas de cabeça para baixo e mandaram de volta para ela — disse a mãe de Bhima.

Hyder estava sentado perto do leito de Pooja quando Bhima chegou.

— Como é que ela está? — perguntou Bhima, e Hyder lhe abriu o maior sorriso.

— Bem — disse ele. — O doutor deu uma passada aqui e disse que Pooja *didi* estava com ótima aparência hoje.

Bhima olhou para Pooja, aliviada ao ver que a presença de Hyder tinha animado a filha.

— Você dormiu essa noite, *beti*? — perguntou com meiguice.

Pooja sorriu.

— Está tudo melhor agora que você e Hyder estão aqui — disse ela.

— Como vai a minha menininha? Está com saudade da mãe?

— Ela está com muita saudade — mentiu Bhima. — Fica o tempo todo perguntando por você. É só: quando é que a mamãe vai voltar para

casa? Quando vamos poder ir ao *meia*, ao festival, juntas?

Bhima percebeu pelo sofrimento no rosto de Pooja que não deveria ter dito isso.

— Conte a ela, mãe — sussurrou Pooja. — Ela tem que entender.

Diga que não vou voltar para casa.

Hyder pigarreou e disse:

— Volto mais tarde.

As duas ficaram olhando o rapaz sair da enfermaria. Pooja pegou a mão de Bhima e prosseguiu:

— Fico contente por ele a ajudar, mãe. Estou tão envergonhada por lhe dar todo esse trabalho. .

— Trabalho? Escute, *chokri*, quem você pensa que sou? Não sou uma

feirante qualquer. . Sou sua mãe, carreguei você na minha barriga durante

nove meses.

Apesar de tudo, Bhima sorriu.

— Mesmo ali, você já era um galo de briga, dando pontapés na minha

barriga o tempo todo. *Baap re*, pensei que fosse parir um lutador como o

Dara Singh.

Pooja desviou o olhar, mas Bhima viu as lágrimas rolarem em seu ros-

to. “Para onde iam todas essas lágrimas derramadas no mundo?”, ficou

imaginando. “Se pudessem ser coletadas, poderiam irrigar os campos secos

e esturricados da aldeia de Gopal, e outros tantos. Com isso, talvez essas

lágrimas tivessem algum valor e todo esse sofrimento tivesse algum signifi-

cado. Caso contrário, era tudo um desperdício, apenas um ciclo infundável

de nascimento e morte, de amor e perda.”

Pooja estava bem falante naquele dia. Diante dos olhos incrédulos de

Bhima, sua filha parecia retornar à vida e, apesar do rosto encovado e dos

olhos com um brilho irreal, conseguia ver ali alguns traços da antiga Pooja.

De tarde, pediu à filha que dormisse algumas horas, mas Pooja insistiu que

queria falar. Ficou se lembrando de quando conheceu Raju e do dia em que

Maya nasceu, e lamentou o fato de ter deixado Bhima para trás em Bomba-

im.

Devíamos ter trazido você para morar conosco, mãe. Desse jeito, esses anos todos de separação não iam doer tanto agora. Raju era órfão. O

que podia saber sobre o amor familiar? Eu nunca deveria ter deixado você

para trás. — O rosto magro estava corado, quase luminoso, como se ilu-

minado por uma luz interior.

Observando o rosto de Pooja, Bhima sentiu um momento de desconforto.

— *Beti*, você está se cansando muito com toda essa falação. Descanse,

*na.*

Mas Pooja estava acesa como uma vela.

— Logo, não vai haver mais nada além de descanso, mãe. Hoje é um



bom dia. Estou me sentindo forte. Me deixe falar. Também preciso  
lhe

contar tudo sobre Maya. Mãe, essa menina é muito sensível. Ela se  
magoa

com muita facilidade. Também aprende muito rápido. Já sabe  
escrever.

Ficou calada por um minuto, até retomar o fôlego. Seu rosto estava  
vermelho e febril.

— Outra coisa. Tem um dinheiro no banco. A nossa *katha*, a nossa  
poupança, é do State Bank. Guardamos a caderneta no cofre dentro  
do

armário de metal. Você se lembra do armário metálico que Serabai  
nos deu

como presente de casamento? É aquele. Tire todo o dinheiro. Deixe  
uns

cheques ao portador já preenchidos antes de vir para o hospital.

— *Beti, beti*, isso não é hora de ficarmos falando de dinheiro. Vou  
dar

um jeito, prometo. Vou fazer de tudo para que nem um fio de cabelo  
de

sua filha seja prejudicado enquanto eu estiver viva.

Os olhos de Pooja brilharam com as lágrimas.

— Eu sei, mãe. Essa é a única razão pela qual posso morrer em paz.

Sem você, eu teria que voltar como um fantasma para cuidar da  
minha

menina.

— *Achcha*, agora durma, *beti*. Guarde suas forças. Durma. Vou estar  
aqui quando você acordar.

POOJA NÃO ACORDOU. Mas também não se entregou sem lutar.

Quando os dois homens vieram pegá-la, sua fisionomia mostrava  
sinais de

uma grande luta, como se seu rosto tivesse sido pisoteado pelas  
patas da

morte.

Mais uma vez, Bhima e Hyder presenciaram os funerais, e Bhima as-  
sistiu às labaredas executarem sua dança diabólica sobre o corpo de sua

filha. O tempo todo, Bhima dizia consigo mesma: “Lembre-se de que  
você

é tudo o que a menina tem. Tenha coragem, minha velha, pelo bem  
da

menina.”

Três dias depois, Hyder foi até a estação ferroviária se despedir das  
duas, que voltavam para Bombaim. Sob a luz brilhante do dia, Bhima  
no-

tou as rugas naquele rosto jovem, coisa que não tinha visto antes,  
no hos-

pital.

— Mesmo que eu chegue aos cem anos. . — disse ela.

Com um abraço, ele a impediu de falar.

— *Didi* — disse ele. — Por favor. Vão em paz e tentem esquecer toda essa coisa ruim.

Ficaram olhando um para o outro por um minuto enquanto Maya puxava impacientemente a mão de Bhima.

Elas entraram no trem e encontraram o leito. Olhando para a cabecinha de Maya, com seu cabelo arrumado e repartido ao meio, Bhima suspirou.

— Não sei como vou fazer — disse baixinho para Hyder, que estava de pé na plataforma, perto da janela.

O que queria dizer era que não conhecia aquela criança como conhe-

cia Pooja. Não sabia como Maya era por dentro, não sabia quais eram as

suas preferências; não sabia se gostava mais de doce ou de salgado, ou co-

mo gostava de ser acarinhada quando estava doente.

— Vai dar tudo certo — disse Hyder. — Mantenha a fé, *didi*, mantenha a fé.

Essas foram as últimas palavras que Hyder lhe disse antes de o trem sair da estação. Ela ficou olhando para o rosto meigo e pensativo do rapaz,

que ia ficando cada vez menor, até que não conseguiu mais vê-lo.

14

— SERA! DINU!, BEM-VINDAS À NOSSA HUMILDE CASA — exclama Aban Driver ao recebê-las na porta de seu apartamento. — Onde

está Viraf? Foi estacionar o carro ou coisa do gênero?

Dinaz sorri, ao passarem pelo corredor que leva à sala de estar. Sem-

pre teve um carinho especial por aquela mulher em cuja casa seus pais ha-

viam se conhecido.

— Que bom ver você, tia Ahan! — diz. — Viraf vem mais tarde. Está preso no escritório e vai chegar um pouquinho atrasado.

— Claro, claro — diz Aban. — Coitado desse rapaz, trabalha tanto!

Mas é claro — acrescenta, vendo a barriga de Dinaz — que ele tem que

fazer isso, agora que vai ter mais uma pessoinha para sustentar.

Ela e Sera trocam um olhar cúmplice.

Ao entrarem na sala cheia de gente, Pervez Driver vem cumprimentá-

las. Sera fica abismada ao ver o quanto ele envelheceu, desde que o encon-

trou no casamento de uma amiga, um ano antes.

— Boa noite, Sera, boa noite, Dinaz — diz ele do jeito tímido e cuidadoso com que sempre tratou Sera.

“Talvez seja assim com todo mundo”, pensa Sera.

— Por favor, fiquem à vontade.

Ele manda alguns meninos que estão sentados no sofá saírem para lhes dar lugar.

— Onde está Toxy? — pergunta Sera.

Afinal, a comemoração do noivado da mais nova dos três filhos de Aban e Pervez é o motivo de estarem ali.

— Está na outra sala com as amigas — responde Aban com um ar displicente. — Você sabe como são essas moças. Não querem ficar com os

coroas aqui. E olhe, minha Dinu, você já está incluída nesse time de “ve-

lhinhos enxutos” — acrescenta, com um risinho. — Afinal, agora é uma

mulher casada, esperando o primeiro filho.

Dinaz fica de pé, num salto.

— Bobagem — diz com um sorriso. — Vou até lá falar com a Toxy e as outras meninas.

Pervez pigarreia, e as duas mulheres levantam o rosto e se dão conta

de sua presença.

— Sera, o que você vai beber?

E, antes que ela possa responder, ele acrescenta:

— Uma Kingfisher, se não me falha a memória.

Todos riem.

— Viu como ele é atencioso? — diz Aban. — Todo mundo pensa que Pervez é um marido dominador e *bhola-bhala*, forte e saudável, mas, se

quer saber, ele é muito sedutor.

Um homem que Sera encontrou em outras reuniões, mas de cujo nome não consegue se lembrar, dirige-se a Aban.

— Então, diga a verdade, Aban, você ainda ama esse seu pobre mari-

do?

Quando ele ri, Sera nota que suas gengivas aparecem.

— Perdidamente — diz Aban, pondo a mão de Pervez em seu rosto.

— *Arre wah*, que tipo de pergunta idiota é essa? Meu maridinho é o melhor do mundo.

— Ai, meu Deus — diz Meena Patel, uma das poucas na festa que não é parse. — Olhem só o Pervez, está vermelho como uma noivinha.

Assim fica difícil saber se é ele ou Toxy quem vai se casar.

Outra convidada, que Sera não conhece, dá uma palmadinha no próprio joelho quando ri e diz:

— Essa foi boa, Meena.

Sera bebe a cerveja Kingfisher que Pervez lhe serviu e olha em volta,

discretamente. Apesar de uma nova demão de tinta, é impressionante co-

mo a sala parece não ter mudado nada desde que conheceu Feroz ali, no

dia da festa de seu aniversário de 28 anos.

Sera olha o rosto redondo de Aban, com bochechas carnudas despencando e queixo duplo, e fica admirada de ver como o tempo usou sua

garra naquele rosto, puxando-o para baixo com sua mão cruel. Sem o me-

nor sinal de vaidade, Sera olha para a sua própria imagem no espelho do

aparador Godrej que fica do outro lado da sala e percebe que, de algum

modo, foi poupada dos estragos do tempo. Seu rosto de meia-idade con-

servou um vigor fresco e jovial, sua pele é tão lisa e firme como quando

conheceu Feroz. Em compensação, o rosto de Ahan ficou pelancudo e

mole como um pudim. Sua aparência é tão gasta quanto a desta sala, com

essa mobília antiga onde uma peça não combina com as outras, as *jaalas* de

poeira debaixo das cadeiras, o ventilador de teto que range e parece não

ver uma limpeza há uns vinte anos. Já sua sala brilhava como uma jóia,

com as paredes recém-pintadas de cor clara, o ruído quase imperceptível

do ar-condicionado, o caro jogo de sofá e poltronas que Feroz tinha man-

dato fazer especialmente para o apartamento e a mesa de centro de pau-

rosa que Bhima lustrava todos os dias. Sera tenta se lembrar se Aban era



assim tão relaxada quando elas eram mais jovens. Mesmo agora, vestida

especialmente para essa ocasião, a alça do sutiã de Ahan fica o tempo todo

aparecendo por baixo da blusa sem mangas do sári, e se vê uma mancha

marrom no seu peito, onde deve ter caído um pouco de *chutney* ou molho.

Mas se Pervez nota essas coisas, parece não se incomodar. Sera percebe que ele nunca se afasta muito da mulher; percebe também que, mes-

mo quando o casal está separado na sala, os dois se olham continuamente.

Houve um momento em que Aban mandou um beijo para o marido e,

com um rápido movimento da mão, Pervez o apanhou no ar. Sera sorriu

ao ver a cena e, ao notá-lo, Pervez sorriu também, encabulado, e levantou

os ombros, lentamente.

“Meus velhos amigos Aban e Pervez”, pensa Sera. “Casados há tantos

anos e ainda agindo como namorados.” Nota em si mesma uma mágoa

aguda e repentina que reconhece como inveja. Para reprimi-la, toma mais

um gole de cerveja, depois levanta o rosto e vê Aban dirigindo-se a ela.

— O que é isso, Sera, por que essa cara tão séria? A cerveja está quente, ou aconteceu alguma coisa?

— A cerveja está ótima — diz. — Está tudo bem, e estou me divertindo, é que estava aqui sentada pensando. .

— Ah, claro, claro — diz Aban, com um ar compungido que a faz parecer um palhaço triste. — Sou tão insensível às vezes, *baap re baap*, que

devia sumir. Que grandíssima *bafaat* sou eu, uma trapalhona grande e

gorda. Você deve estar sentindo saudade do seu querido Feroz, não é

mesmo? Afinal, foi aqui que vocês se conheceram, não é?

Sera olha para sua amiga mais antiga, sem saber o que dizer. Como

inveja a inocência de Aban, o seu jeito simples de dividir o mundo em "a-

mor e desamor", em "bom e ruim". Mas o que sente é bem mais compli-

cado do que isso. Desde a morte de Feroz, teve que se defrontar com essa

complicada equação, esse *bhelpuri* de arrependimento e ressentimento, de

amor e amargura, de perdão e culpa, de solidão e alívio. Será que sente

saudade de Feroz? Não saberia responder. Não sente saudade das surras

humilhantes, da raiva contida, de seu próprio servilismo covarde e da hipo-

crisia de ter que fingir que tudo ia bem no seu casamento. Não, não sente

falta disso. Na verdade, sente saudade do sonho do casamento e não do

casamento em si. Mesmo agora, depois de todos esses anos, sente saudade

do homem com quem imaginou que estava se casando. Sente falta daquele

jeito ousado que ele tinha de cortejá-la, dos galanteios incessantes. Sente

falta de nunca ter podido saber o que é um casamento como o de Ahan e

Pervez. Estar casados há anos e anos e continuar mandando beijos um pa-

ra o outro.

Aban não lhe dá chance de responder.

— Ei, Sera, você se lembra da viagem para Matheran? Como nos di-

vertimos lá, não foi? Eu e o Pervez ainda falamos sobre isso com os meni-

nos. Meu Deus! Éramos tão jovens naquela época. .

Dessa vez, Sera sorri com um prazer genuíno. Aquela foi realmente uma viagem divertida. Feroz e ela estavam casados há apenas três meses

quando Aban implorou para que saíssem de férias juntos, os dois casais.

— Venham conosco, *yaar*, nosso prazer será redobrado se vocês vierem — disse. — Vamos, venham conosco, digam que sim, vocês dois. .

E Feroz, sorridente, concordou.

— Você se lembra daqueles macacos *badmaash*? — pergunta Aban. —

Lembra que nunca conseguíamos relaxar totalmente no café da manhã

com aqueles brincalhões na varanda?

Ela se vira para os outros convidados e conta:

Se você deixasse uma banana ali por um segundo, eles fugiam com ela

num piscar de olhos. Uma vez, um deles quis tirar a fruta da minha mão.

Eu gritei tão alto que acho que não só o macaco ficou surdo, mas também

os filhos dos filhos dele.

Todos riram.

— Você está esquecendo a melhor parte — diz Pervez. — Um dia, meus óculos estavam em cima da mesa, e um daqueles macacos de bunda

vermelha desceu balançando da árvore e saiu com eles. E o cúmulo foi que

ele se sentou num galho, numa árvore próxima, e imaginem o que fez? Ele

botou os meus óculos. Ficou sentado, fora do meu alcance, falando aquela

sua língua de macaco. Fiquei tão irritado que quis trepar na árvore para dar

uns tapas na cara daquele ladrãozinho.

— E aí? — perguntou um convidado. — Como você se virou no resto da viagem?

— *Arre*, o que você quer dizer com isso? — diz Pervez.

Pela maneira incisiva com que Pervez disse aquela frase, Sera percebe

que aquele não era o seu primeiro drinque.

— Afinal, estávamos com o nosso brilhante Feroz Dubash. E então, querem saber o que ele fez? Ficou ali observando o macaco. Em poucos

minutos, percebeu que o animal estava fazendo tudo o que fazíamos. Na-

quele momento, Feroz foi lá dentro e trouxe os seus próprios óculos. Pri-

meiro, os pôs no rosto, como o macaco. Depois, os tirou e os pôs na cabe-

ça. O macaco fez a mesma coisa. Então, Feroz pôs a ponta da armação na

boca e começou a mordiscá-la. O macaco o imitou. Naquela altura, eu já

estava ficando agitado, *yaar*. Mas a minha Aban me disse para confiar em

Feroz. Então, ele jogou os óculos no chão. E sabem de uma coisa? O es-

túpido do macaco atirou os meus no chão também. Mais rápido que um

ladrão, me estiquei e recuperei meus óculos. E o idiota do macaco ficou

sentado na árvore, mostrando os dentes amarelos e fazendo ruídos engra-

çados.

— Mas isso foi brilhante, brilhante, *yaar* — disse Meena Patel, como se o incidente houvesse acabado de ocorrer. — Seu marido foi inteligente,

madame Dubash.

Sera agradece o elogio com um leve sorriso que parece forçado e ten-

so (mesmo para ela), porque a lembrança de Pervez tinha desencadeado

uma outra recordação. Tinha se esquecido do incidente ocorrido no final

de sua estada em Matheran, mas agora se lembrava do fato com toda a ni-

tidez.

Eles voltaram para o hotel, depois de um jantar tardio no melhor res-

taurante de Matheran. Mais cedo, naquela noite, Feroz estava expansivo e

animado.

— Vocês são meus convidados — disse a Pervez assim que entraram no restaurante. — Não quero que você pegue na carteira hoje.

Sera lhe lançou um olhar de aprovação. Sabia muito bem que Aban e

Pervez não tinham muito dinheiro, embora, a julgar por sua generosidade,

ninguém pudesse imaginar que sua situação financeira fosse precária. Feroz

fez um sinal para o garçom. Era um rapaz bonito de uns vinte anos com

grandes dentes brancos e uma atitude de quem estava cheio de vontade de

agradar.

— Escute aqui — disse Feroz ao rapaz. — Me disseram que vocês ainda não têm um setor onde se possa servir bebida. Mas somos de Bom-

baim e estamos acostumados a tomar drinques junto com a comida. En-

tendeu? Então, veja o que pode fazer por nós, está bem, *achcha?*

Ele lhe passou discretamente uma nota de vinte rupias e acrescentou:

— Tome uma gorjeta.

O garçom se inclinou e disse:

— Me dê só alguns minutos, *sahib*. Vamos ver o que posso fazer.

Como sempre acontecia, Sera ficava envergonhada com essa ostenta-

ção escancarada de poder. E, dada a situação humilde de Aban e Pervez, o

gesto de Feroz parecia ainda mais deselegante. Mas bastou uma olhada nos

rostos admirados de seus amigos para entender que tinha interpretado mal

a situação. Feroz piscou para Pervez.



— Olhe só para ela — disse apontando o queixo em direção a Sera.

— Ela odeia quando faço essas coisas, mas quando não se tem o que se

quer, é preciso pagar.

Aban assentiu, dizendo:

— O dinheiro é que faz o mundo girar.

Foi então que o garçom voltou com três garrafas de Kingfisher geladas.

— Da reserva especial do patrão, *sahib* — disse ele.

Feroz abriu um largo sorriso.

— Ótimo.

As duas mulheres fizeram seus pedidos.

— Querida, por favor, escolha um prato de carne, ok? — disse Pervez à sua mulher. — Nada de plantas ou folhas, por favor. Somos seres

humanos e não cabras e bodes.

Ele riu, satisfeito com a própria piada.

À medida que o jantar prosseguia, Sera notou que Feroz ficava cada vez mais calado. Quis se virar para ele e perguntar se estava com dor de

cabeça, mas, motivado pela cerveja, Pervez emendava uma história na ou-

tra, contando sobre seus dias de colégio interno, e ela tinha que se concen-

trar para sorrir adequadamente nas horas apropriadas. Se os outros dois

notaram que Feroz tinha se retirado da conversa, não disseram nada.

— Vamos pedir outra porção de *biryani*? — disse Pervez num dado momento, olhando cautelosamente para Aban.

Antes que ela pudesse responder, Feroz fez sinal para o garçom.

— Mais desse arroz condimentado e mais duas garrafas de Kingfisher

— pediu.

Depois que o rapaz saiu, Feroz se virou ligeiramente para Sera e lhe

lançou um olhar que ela não conseguiu interpretar. Quando a cerveja che-

gou, ele encheu um copo para si mesmo. Sera quis protestar por ele estar

bebendo demais, mas ele agiu como se estivesse envolto numa camada fina

e fria de gelo. Quando ela lhe sorriu, ele a fitou friamente, com uma ex-

pressão distante, como se estivesse na Lua.

— *Su che*, Feroz — disse finalmente Aban. — Você está tão calado agora. .

Ele sorriu para Aban, mas Sera pôde ver que não era um sorriso de verdade.

— Só estou ouvindo vocês — disse ele, de modo pouco convincente.

Aban olhou para Pervez.

— *Chalo*, talvez seja hora de ir embora — disse ela carinhosamente.

— O dia foi longo hoje, não?

No caminho de volta para o hotel, Feroz participou da conversa com os outros lamentando o fato de terem que sair daquela localidade verdejan-

te nas montanhas e voltar para Bombaim, quente e repleta de gente. No

hotel, ele e Pervez discutiram sobre quem pagaria o táxi.

— Deixe disso, *yaar*, sejamos justos — protestou Pervez. — Você já pagou o jantar e tudo o mais.

Feroz lançou um olhar ao motorista e disse num tom de voz que encerrava qualquer discussão:

— Não aceite dinheiro deste cavalheiro.

O motorista aceitou a nota que Feroz lhe entregou.

— Esses homens. . — disse Aban para Sera, revirando os olhos.

— Sempre discutindo por alguma coisa, quando todo mundo sabe que na verdade eles discutem é para ver quem tem o pau maior.

— Aban! — exclamou Sera. — Você diz cada coisa!

— Deixe disso, *yaar* — retrucou Aban. — Pare de agir como uma donzela. Essa é uma das vantagens de sermos mulheres casadas e respeitá-

veis, não é mesmo?

— Boa noite, Aban — disse Sera com um sorriso. — Às vezes você é demais para mim.

Ela e Feroz foram pelo corredor até o quarto em silêncio. Sera sabia que havia uma tensão não mencionada entre eles. Notou que Feroz manti-

nha uma postura rígida e andava perto da parede evitando tocá-la.

— Você está bem, *janu*? — perguntou quando entraram no quarto — Está com dor de cabeça ou alguma coisa assim?

— Estou ótimo — disse ele secamente.

Ele se dirigiu ao banheiro e, quando saiu de lá, já estava de pijama.

Também estava de um jeito diferente. Seu rosto estava vermelho, e uma

veia latejava na sua testa. Sera ficou estupefata, olhando-o fixamente, con-

vencida de que ele estava doente. Nunca tinha visto Feroz assim antes.

— Pelo amor de Deus, Feroz, o que está acontecendo? — perguntou, tentando pegar em seu braço.

Ele a rechaçou com rispidez.

— Não me toque — disse ele com os dentes cerrados, e só então Se-

ra percebeu que seu marido não estava doente, mas furiosamente enraive-

cido. Tentou lembrar da conversa durante o jantar. Será que Pervez tinha

dito alguma coisa que deixou Feroz aborrecido? Será que o comportamen-

to de Aban o irritou?

— O que é.. O que há de errado? — perguntou novamente.

E então ele se voltou contra ela.

— É você. Você é o que há de errado.

Ignorando seu sobressalto de surpresa, ele prosseguiu:

— Não pense que não percebi o seu *nataak* durante o jantar. Você me

envergonhou com a sua atuação, na frente dos nossos amigos, flertando

com um garçom que poderia ser seu filho. Sorrindo para ele, agradecendo

a cada vez que ele enchia o seu copo de água. Não pense que não vejo tu-

do o que acontece. Você deve pensar que sou um *chootia* total, um idiota,

para flertar com um outro homem, que além de tudo era um menino, bem

ali na minha frente.

“Ele estava brincando. Só podia estar brincando. A coisa toda era tão absurda, tão surreal”, pensou Sera. “Mal tinha prestado atenção no garçom,

e não seria capaz de reconhecê-lo se o visse na rua amanhã.” Tentou for-

mular sua ofensa e surpresa numa frase, mas descobriu que não conseguia.

A acusação absurda do marido a tinha deixado sem palavras.

Além disso, aquele homem á sua frente, com os olhos esbugalhados e

o maxilar se mexendo convulsivamente, era alguém que não conhecia. Um

completo estranho. E uma parte dela se ressentia até de ter que se defender

do ridículo de suas acusações. Já era tarde, e tinham que acordar cedo no

dia seguinte para fazer uma excursão que ia durar o dia inteiro.  
Nunca nin-

guém tinha falado com ela naquele tom antes. Era uma pessoa séria  
e aten-

ciosa, todos os seus amigos sabiam disso.

Não era uma daquelas mulheres vulgares com maquiagem  
carregada

que flertavam com qualquer um que usasse calças. Será que Feroz  
não sa-

bia disso? E, nesse caso, o que mais não sabia a seu respeito?  
Afinal, era o

seu caráter que ele estava atacando..

Ela piscou, tentando refrear as lágrimas que estavam começando  
formar em seus olhos.

— Suas observações não são dignas de você — disse ela, com toda  
dignidade que pôde expressar.

Repentinamente, Sera sentiu um rompante de raiva, como um  
fósforo

aceso no escuro.

— Nem olhei para o garçom. Como você ousa me acusar de..

— Abaix a voz — disse ele. — Você está num hotel, não na sua ca-  
sa.

— A minha voz *está* baixa. E você deveria ter pensado melhor antes de começar tudo isso. .

Uma onda de remorso a invadiu.

— Escute, Feroz, já está tarde. Talvez você tenha bebido demais hoje.

Não vamos estragar nossa viagem com uma briga boba.

Ela estendeu a mão para tocar em seu braço.

Não percebeu o que estava para acontecer. Um soco acertou em o seu braço direito, e a dor pareceu atravessar a fina camada de músculo e

chegar até os ossos, onde ficou vibrando como os gongos de prata que os

sacerdotes tocavam nos templos de fogo. A dor era tão aguda que chegou

a lhe dar náuseas. Amparando o braço com a mão esquerda, ela o puxou

para cima do estômago para controlar o enjôo.

Feroz estava de pé em cima dela, descansando num pé e no outro

como um boxeador que espera para ver se o adversário vai ficar caído du-

rante toda a contagem.

— Eu disse para você não me tocar. Eu avisei. .



Sera tinha consciência do próprio medo, um medo mais forte até do que a náusea. "Tenho que fugir dele, tenho que pedir socorro", pensou ela,

mas outro pensamento a imobilizou. Aquele homem não era um estranho

de quem estava tentando escapar, aquele não era um homem perigoso es-

condido no meio do mato que tinha pulado em cima dela. Aquele era o seu

marido, o homem com quem tinha se casado há apenas três meses, o ho-

mem a quem tinha confiado o seu futuro. Olhou a seu redor, num medo

pânico, sem saber o que fazer em seguida. A última vez que apanhou de

alguém estava na terceira série, foi numa briga com uma colega de turma

por causa de uma borracha. Criada por pais que eram radicalmente contra

castigos corporais, escapou da violência física a que muitas de suas amigas

já estavam acostumadas. Sera agora se dava conta de que não tinha defesas,

de que não tinha nenhuma estratégia para se proteger de Feroz, que ainda

tinha a respiração pesada e um olhar louco e descontrolado no rosto.

Deu alguns passos vacilantes para trás, até que seus joelhos atingiram

a beira da cama e ela se deixou cair. Então, vieram as lágrimas, rolando pe-

lo seu rosto e caindo em cima da mão que ainda apertava o estômago. À

medida que a dor no braço diminuía, a dor em seu coração aumentava.

Chorava pela rápida brutalidade do gesto violento de Feroz. Soluçava pela

injustiça de sua falsa acusação e, acima de tudo, por pensar em passar ano

após ano na companhia de um homem que a julgava tão mal que podia

descaradamente acusá-la de flertar com um simples garçom. Ela, que recu-

sou propostas de casamento de homens que vinham de famílias de três

gerações de médicos. Ela, que passava os sábados à noite no Homi Bhabha

Auditorium na companhia de homens que tinham dignidade e cultura. Ela,

cujo pai, um dos mais famosos cientistas de Bombaim, nunca sequer levan-

tou a voz para a mulher.

Seu coração se sentia ofendido e, apesar do medo, deu asas às suas palavras.

— Nunca ninguém me tratou assim, em toda a minha vida. Nunca fui

acusada de um comportamento inadequado desse jeito. E nunca me bate-

ram. Se meu pai souber o que você fez hoje, ele vai..

Sua voz falhou, e ela não conseguiu terminar a frase.

De repente, tão abruptamente quanto o soco que tinha atingido seu braço alguns minutos atrás, Feroz estava de joelhos diante dela, esfregando

seu braço e pedindo perdão, com os olhos brilhando de lágrimas.

— Ai, meu Deus, Sera, estou tão envergonhado. Me desculpe, querida. Não sei o que aconteceu. . É que a amo tanto que eu não suporto a i-

déia de perdê-la. E sou tão mais velho que você, isso me deixa nervoso. .

Sera conseguia sentir o gelo se derretendo em seu coração com as pa-

lavras dele, e, mesmo involuntariamente, ficava feliz com isso. As lágrimas

de Feroz caíam-lhe no colo, uma marca de sua vergonha derretendo o sen-

timento gelado que tinha tomado conta dela. Sera afagou a cabeça do ma-

rido com o braço machucado, ignorando a dor que o atravessou quando

tentou erguê-lo. Ouvindo suas desculpas ardorosas e suas promessas de

que aquilo nunca iria acontecer novamente, foi assaltada por um milhão de

emoções conflitantes — dúvida, medo, apreensão, esperança, vergonha e,

acima de tudo, alívio. Alívio por Feroz ter sido resgatado por suas lágrimas,

por ele ter sido trazido de volta à vida por meio de suas palavras.

— Não era minha intenção bater em você, querida — dizia ele. — O

que aconteceu foi que levantei a mão, e naquela hora você estava me to-

cando, não sei o que aconteceu. . Acho que você estava na trajetória da

minha mão. .

Por um rápido segundo, a lembrança do soco bem dado passou pela

cabeça de Sera, mas estava com vontade de acreditar no marido, assim co-

mo ele estava com vontade de convencê-la. Sera rechaçou aquela lembrança e deixou Feroz escondê-la no saco de gatos de suas palavras confortadoras.

doras.

— Feroz, sei que você não ia me machucar deliberadamente — disse ela. — E, *janu*, por que eu prestaria atenção num garçom desclassificado quando tenho você?

— Eu sei, sei que você é uma mulher direita, Sera. Você tem razão, deve ter sido a cerveja que falou mais alto. Venha aqui, deixe passar um pouco de Iodex no lugar onde dói. Me desculpe muito. Sou tão desajeitado e você estava no meu caminho. .

Sera faz uma careta ao se lembrar disso. “Você devia tê-lo abandonado ali mesmo naquela hora”, diz a si mesma. “Deveria ter ido embora da primeira vez em que ele bateu em você. E nunca deveria ter encoberto o que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

que ele fez, nunca deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a

sua.” Ela se lembra da blusa de bolinhas de manga comprida que usou na

manhã seguinte para esconder o braço machucado.

— Puxa, Sera — disse então Aban. — Por que essa roupa de manga comprida de solteirona? Não está tão frio assim, está?

E, lembrando-se de sua resposta sem energia, pouco convincente até

mesmo para os seus próprios ouvidos, Sera sentiu uma nova onda de raiva.

“Você merece o que recebeu”, diz a si mesma. “Deveria ter humilhado Fe-

roz na frente de Aban e Pervez naquela época. Isso teria evitado a violência

desde então.”

Dinaz está de volta à sala e olha para ela com uma expressão curiosa

no rosto.

— Você está bem, mãe? — pergunta suavemente. — A cerveja lhe subiu à cabeça?

Por um instante, Sera sente que Dinaz pôde ler todos os pensamentos

sombrios que pingavam na sua cabeça como gotas de tinta. Não era a pri-

meira vez, mas se perguntava o quanto Dinaz sabia sobre as agressões es-

porádicas que sofrera. Depois que Dinaz nasceu, fez o possível para abafar

o choro quando Feroz a cobria de socos, para esconder as marcas que apa-

reciam em seu corpo e em seus olhos. Sera não quis que a sombra da vio-

lência do pai eclipsasse a infância da menina.

Sera afasta a teia de aranha de raiva e se esforça para sorrir para a fi-

lha.

— Teria que ter bebido bem mais para que isso acontecesse — diz.

— Como vai a Toxy? Você a viu?

— Vi. Ela vai sair num minuto — responde Dinaz. — Todas as meninas estão lá no quarto conversando. . aquelas conversas de mulher.

Ela se inclina para Sera e abaixa a voz.

— O que houve, mamãe? Você parece tão triste...

Aban ouve Dinaz falar e acrescenta:

— Acabei de dizer as mesmíssimas palavras para sua mãe, Dinu. Sera

não é mais a mesma depois da morte do seu querido Feroz.

Mãe e filha trocam um rápido olhar. Dinaz levanta ligeiramente a so-  
brancelha direita num gesto que faz lembrar o pai. E, naquele  
momento,

Sera tem a certeza de que Dinaz sabe de tudo. Não sabe direito  
como se

sente em relação a isso. Por um lado, o gesto de Dinaz implica uma  
solida-

riedade que deixa Sera feliz. Por outro, se sente culpada por não ter  
conse-

guido poupar a filha de ficar sabendo como era o casamento de seus  
pais.

Dinaz passa o braço nos ombros de Sera.

— Mamãe está bem, tia Aban — diz ela. — Só está um pouco cansa-  
da. . A nossa Bhima anda um pouco.. atrapalhada ultimamente. E,  
por

causa disso, a mamãe tem tido que fazer um pouco mais dos  
trabalhos de

casa.

— É isso que acontece quando se trata a empregada como patroa —  
diz Aban prontamente. — Me perdoe por dizer isso, Sera, mas tenho  
lhe

dito todos esses anos que Bhima ia acabar se aproveitando de você.  
Digam



o que disserem, mas esses *ghatis* são sempre *ghatis*. Nós, parses, somos os

únicos que tratam as empregadas como rainhas. E sempre recebemos o

troco.

Sera gostaria que Dinaz não tivesse tocado no nome de Bhima. Para

falar a verdade, está um pouco cansada de se preocupar com Bhima. Desde

o problema com Maya, tem pensado mais nela do que em sua própria fa-

mília. E a maneira fria e distante com que a garota a tratou no dia do abor-

to ainda a incomodava. Queria passar uma noite despreocupada, mas Di-

naz sem querer lançou Aban em seu assunto favorito.

Sera se vira para a filha com um olhar de aviso, mas já é tarde demais.

— Não disse que tinha nada de errado com a Bhima — interrompe

Dinaz. — Ela apenas tem seus problemas como todos nós.

Aban olha fixamente para Dinaz por um segundo e depois explode

numa gargalhada. Puxa a moça para si e cobre seu rosto com uma chuva de

beijos.

— Ha, ha, ha, essa é demais — diz, com uma gargalhada. — Tal mãe,

tal filha, é o que se diz. Ai, meu Deus, olhe para essa cara zangada! Está

igualzinha à mãe. Meu Deus, sua preciosa Bhima, vocês tratam como se ela

fosse o diamante Kohinoor, ou coisa assim.

Uma outra convidada que mora no prédio de Aban se intrometeu.

— Acho que Aban está certa. Não se pode tratar essa gente bem demais. É melhor manter uma certa distância. Se não, eles acabam se aprovei-

tando de você, com toda a certeza.

— *Arre*, vocês viram a matéria no *Times of India* da semana passada?

— pergunta outra pessoa. — O caso da senhora pare assassinada? Ela foi

professora do Elphinston College durante quarenta anos. Coitada, morreu

esfaqueada na cama pela própria empregada. Os vizinhos dizem que a mu-

lher trabalhava para ela há muitos anos. Mas a professora guardava as jóias

em casa. E é claro que a empregada sabia disso. São umas cobras essas mu-

Iheres. Acho que conseguem enxergar no escuro. A fulana matou a velha

com 1 facadas e fugiu com as jóias. O jornal diz que foi o namorado que a

encorajou a fazer isso.

— Mas, na verdade, os parses também são loucos, se quer saber a minha opinião — diz Pervez. — Sendo ela uma professora e tudo o mais,

deveria saber que não se deve guardar jóias em casa. É para isso que existe

o Central Bank. Ela deveria ter um cofre lá.

— Mas, *janu*, é isso que está errado conosco, os parses — retruca Aban. — Confiamos demais em todo mundo. E somos gente honesta tam-

bém. E então, naturalmente, acreditamos que todos os outros *jaats*, todas

as outras castas, vão ser honestos como nós.

Aban se vira para Meena Patel.

— Incluindo os *gujaratis*, é claro. Eles também são honestos. Mas es-

ses maharashtrianos, não. Esses são trambiqueiros de primeira categoria.

A campainha toca e Pervez vai atender. Um segundo depois, volta

com Viraf. Aban se levanta com um gritinho.

— Ah, meu Príncipe Encantado chegou. Como vai, meu querido?

Trabalhando demais, a Dinu me disse. Bom, mas o que fazer? Um futuro

papai tem que trabalhar bastante. E ainda por cima você está muito magro,

meu querido — diz ela, beliscando o rosto do rapaz.

Viraf sorri.

— Oi, tia Aban. Você está ótima, como sempre. E, por falar nisso, engordei cinco quilos nos últimos meses. Só que está tudo indo para a mi-

nha *dimchu* — acrescenta ele, batendo na barriga.

Aban dá um largo sorriso, como sempre faz quando está na companhia de homens bonitos.

— *Achcha*, Viraf, você vai ser o juiz. Estávamos dizendo que não se pode confiar nesses empregados que não são parses, não importa o quanto

você faça por eles. Então, o que você me diz? Sera e Dinaz estão fazendo

com que Bhima comande as coisas, ou não?

Viraf olha em volta.

— Ora, tia Aban — diz ele. — Isso não são boas maneiras. Você a-

inda nem me apresentou ao futuro maridinho da Toxy. Onde ele está?

— Muito esperto. . Muito inteligente, mudando de assunto.

Aban ri, bem-humorada.

— Grande diplomata, o nosso Viraf. Acho que vão mandá-lo para o Paquistão para negociar com o General Musharraf, que eu só de General

Xerife, sobre a questão da Caxemira.

Seu rosto demonstra uma expressão de enfado.

— O Darius e sua família não vão poder estar aqui. A mãe dele acha que dá azar a noiva e o noivo se verem poucos dias antes do casamento.

Sabe Deus de onde é que essas nossas mulheres parses tiram essas idéias.

Dinaz pega Viraf pela mão.

— Venha. Vou levá-lo até a Toxy — diz ela. — Pelo menos você vai poder cumprimentá-la.

“Me leve com você”, era o que Sera gostaria de dizer, ao ver a filha se

afastando. “Não quero ficar aqui com essa gente ignorante.”

— Diga a Toxy para vir dar um oi aqui para os coroas — pede, e Dinaz acena em sinal de assentimento.

Aban parece estar prestes a retomar o assunto, mas sua empregada,

Jaya, aparece na porta da cozinha.

— *Bai* — chama ela. — Venha aqui um instantinho. As costeletas estão prontas.

Aban resmunga ao se levantar.

— Ela não consegue ficar dez segundos sem mim.

Sera está conversando com Meena Patel sobre os feios edifícios que andam brotando por toda Bombaim quando Aban volta. Atrás dela, uma

moça espevitada de vinte e poucos anos está com uma grande bandeja

cheia de costeletas de carneiro.

— *Ghalo*, venha logo — diz Aban. — Vamos servir os convidados enquanto as costeletas estão quentinha!

Enquanto Aban vai distribuindo pequenos pratos de papel, Jaya a segue oferecendo as costeletas aos convidados.

— Deixe a bandeja em cima da mesa — ordena Aban quando ela termina.

E revira os olhos assim que a moça lhe dá as costas para pôr a bande-

ja na mesa.

— Vocês viram como ela anda, requebrando as cadeiras? — comenta

Aban, depois que a empregada volta para a cozinha. — Nem  
queiram sa-

ber as bobagens que essa menina faz. Mesmo quando lhe digo para  
ir lá

embaixo, na padaria, ela não sai de casa sem passar *kaajal* nos  
olhos. E

quer uma roupa nova a cada Diwali. Eu a trato melhor do que a  
meus pró-

prios filhos.

— Bem, Aban, ela ainda é uma criança — diz Sera. — O que você  
esperava?

Aban solta uma grande gargalhada.

— O que foi que eu disse? — exclama ela. — Ah, Sera, você é de-  
mais. Juro, acho que você é comunista ou alguma coisa assim.

— Falando em comunistas e outros malfeitores, escutem só isso —  
diz um outro convidado. — Aconteceu com uma senhora que mora  
no

meu prédio, um mês atrás. Alguém tocou a campainha, e a pobre  
coitada

abriu a porta. Três *goondas*, grandes e brutos, empurraram na para  
o lado e

entraram no apartamento. E isso às três da tarde, imaginem só.  
Antes que

ela pudesse dizer qualquer coisa, eles lhe fizeram uma única  
pergunta: On-

de está a “bolacha”? Então, a pobre mulher achou que eles estavam  
com

fome e os levou até a cozinha. Lá, subiu num banquinho e pegou  
um paco-

te de bolachas. Mas, por alguma razão, isso fez os bandidos ficarem  
ainda

mais irritados. Eles bateram nela algumas vezes (imaginem bater  
numa se-

nhora de oitenta anos?) e amarraram-na numa cadeira. Depois,  
reviraram a

casa toda, de cima a baixo, procurando alguma coisa. Como não  
encontra-

ram nada, eles a espancaram mais duas ou três vezes e foram  
embora.

As perguntas se amontoam:

— O que aconteceu com a senhora? — indaga alguém.

— O que estavam procurando?

— E a pobre mulher sobreviveu?

— Esperem, esperem, vou acabar de contar — diz o homem.

— Bem, acontece que eles trocaram o número do prédio. Parece que



um contrabandista enganou alguém numa questão de moedas grandes de

ouro, sabe, moedas de ouro que, na gíria deles, são chamadas de "bolacha".

E então esse mafioso contratou aqueles *goondas* para irem à casa do contra-

bandista recuperar as tais moedas. E a pobre mulher se viu envolvida na-

quela situação. A única razão de ter sobrevivido foi que uma vizinha, que

toda noite lhe trazia o jantar, bateu na porta muitas vezes e finalmente

acabou entrando na casa e encontrou a pobre mulher amarrada na cadeira.

A velha se borrou de medo, literalmente, tinha até feito *soo-soo* nas calças. .

— Esses miseráveis safados deviam ser enforcados por atos como es-

se — diz outro convidado.

— Eles têm deliberadamente os parses como alvo — acrescenta alguém. — Sabem que somos minoria, então pegam no nosso pé.

— Bom, mas nesse caso não foi uma coisa deliberada — murmura

— Tudo bem, mas, de um modo geral, isso é uma verdade — diz ou-

tra mulher, com veemência. — Eles sabem que somos uma comunidade

pacífica, e por isso nos têm como alvo. Queria ver se fizessem uma boba-

gem dessas com os muçulmanos! Eles não ousariam..

— *Arre, yaar*, devíamos fundar nossa própria organização, como um Shiv Sena.

Aban dá um risinho.

— E quem vai ser o nosso Bal Thackeray? — pergunta ela, referindo-se ao aguerrido líder da organização hindu de direita. — Esse é o nosso

problema. Meu pai sempre dizia que o problema dos parses era que do

mundo queria ser general, mas ninguém queria ser soldado.

Sera suspira. A vida inteira ouviu essa mesma conversa, só com algu-

mas variações. Ao mesmo tempo se diverte e se aborrece com as pessoas à

sua volta, ficando mesmo abismada com aquele chauvinismo todo, mas

sentindo apreço por suas idéias elevadas e sonhos bombásticos. “Além do

mais”, pensa, “eles são basicamente gente boa, sabemos disso. Meio malu-

cos, com todos aqueles casamentos entre famílias e coisas assim, mas ado-

ráveis em seu jeito de ser.”

Um dos convidados mais jovens, que Sera sabe que é casado com uma moça católica, intervem:

— É, mas o que vem ao caso, afinal? Dizem que existem menos de cem mil de nós. E todos estaremos extintos em algumas gerações. E pron-

to!

Há um silêncio repentino e incômodo na sala. A mensagem não dita e

que paira no ar é: “Rapazes como você que se casam fora da comunidade

apressam o dia da extinção dos parses.” Sera se mexe no sofá, sentindo o

enorme desconforto do rapaz. Para quebrar aquela pausa incômoda, ela

fala com uma alegria que não lhe é própria:

— Bem, mas, enquanto estamos aqui, isso é mais uma razão para vi-

vermos a vida plenamente, não é mesmo?

— Bem falado — diz Pervez erguendo o copo. — Muito bem falado, Sera.

Viraf está de volta à sala.

— Um brinde à extinção — diz ele. — Mas, antes disso, um brinde ao casamento longo e feliz de Toxy e Darius, e que Aban e Pervez sejam

logo avós.

Ele ergue seu copo ainda mais alto, balançando-se ligeiramente num pé e no outro.

— Na verdade, esse é um brinde a muitos e muitos bebês parses, es-

forço para o qual minha esposa e eu logo estaremos dando nossa pequena

contribuição.

Um homem alto e de barba, que estava perto de Viraf, lhe dá uns tapinhas efusivos nas costas.

— Meus parabéns — diz. — É exatamente disso que a nossa comunidade parse precisa, homens jovens e saudáveis como você.

Viraf sorri.

— E de mulheres como a minha esposa — acrescenta ele, delicadamente. — Não vamos esquecer as mulheres.

— Mas é claro, claro — diz o homem alto virando-se apressadamente

para Dinaz. — Não tive qualquer intenção de ofendê-la, minha cara.

Dinaz lança um olhar penetrante para Viraf.

— Não ligue para o meu marido — diz-lhe a moça. — Ele só está querendo ser engraçado, como sempre.

No outro lado da sala, Aban aperta a mão de Sera.

— Eles são tão bonitinhos, a Dinu e o Viraf — diz com um suspiro.

Você poderia imaginar, Sera? Quero dizer, quando começamos a trabalhar na Bombay House, quem poderia imaginar que um dia teríamos tu-

do isso?

Sera sente uma onda de afeto por Aban. Ela e Pervez tiveram uma vida difícil, sabe bem disso. Não deve ter sido fácil criar três crianças com

o que ganhavam. Além do mais, Sera se lembra de que Pervez vinha de

uma família pobre e também ajudava a sustentar seus pais enquanto eles

eram vivos. Depois, houve a mastectomia de Aban alguns anos atrás. Mas,

apesar de um padrão de vida modesto, Aban e Pervez tinham conseguido

construir uma vida juntos. Seu apartamento é antigo e malcuidado, mas os

três filhos terminaram a faculdade e agora têm bons empregos. De repente,

Sera percebe que teria trocado de bom grado sua vida pela de Aban. Teria

trocado o prestígio e o dinheiro que vinham do fato de ser mulher de Fe-

roz para ter a dedicação e o amor que Pervez sentia por Aban. Teria prefe-

rido se esfalfar num emprego, andar em trens lotados todos os dias e voltar

para casa exausta e suada ao fim de um dia de trabalho a viver no esplêndi-

do isolamento que Feroz lhe impôs.

Até onde Sera sabia, não existiam segredos na vida de Aban. Olhando

para sua velha amiga agora, vê uma pureza infantil e um brilho nos olhos

que ela sabe que se deve ao fato de a amiga não ter vivido metade de sua

vida nas sombras. Aban reclamou algumas vezes com Sera sobre a injustiça

de ter que sustentar os pais idosos de Pervez. Mas, ao mesmo tempo, con-

tava como estava feliz com seus sogros, como eles a tratavam bem e toma-

vam conta das crianças quando ela estava no trabalho. Naquelas ocasiões,

Sera se continha para evitar revelar como Banu tinha sido má e perversa.

Ou então elogiava entusiasticamente o sogro e esperava que Aban não no-

tasse seu silêncio com relação à sogra.

Sera toma a mão da amiga entre as suas e diz:

— Você tem razão, Aban. Éramos tão jovens naquela época! Como podíamos imaginar tudo isso? Quero dizer, a Toxy se casando. . Meu Deus,

como me lembro do dia em que ela nasceu. .

Aban abaixa a voz.

— Você sempre fez parte da minha vida, nos momentos tristes ou alegres. . Não pense que vou me esquecer de tudo que fez por minha famí-

lia. Não sei o que teria feito sem você.

Sera fica meio abalada. Elas eram amigas há décadas, mas nunca tinha

se sentido tão próxima de Aban. Ainda assim, aquelas palavras a deixam

tremendamente emocionada.

— Eu digo o mesmo a você — afirma Sera, esperando que Aban não

perceba a falta de sinceridade em sua voz. — Sinto a mesma coisa, minha

querida.

Jaya se aproxima de Aban e avisa:

— *Bai*, o jantar está pronto.

Aban se levanta e diz:

— Atenção, atenção todos!

Quando a conversa no salão diminui, ela emite aquele famoso grito que anuncia o jantar nos casamentos parses.

—*Jamva chaloji* — diz com um sorriso. — Venham, vamos comer. É estilo jantar americano. A comida os espera lá na cozinha.

— FOI UMA NOITE DIVERTIDA — diz Viraf, na volta para casa.

Suas mãos estão firmes no volante, e ele dirige velozmente pelas ruas

estranhamente desertas a essa hora da noite.

— Uma noite repleta de chauvinismo parse, das bobagens de sempre

ditas por cavalheiros parses bêbados e, é claro, não nos esqueçamos, da

comida gordurosa e agressivamente não-vegetariana, excelente para a nossa

dieta.



— Fico imaginando que convidado vai cair duro de um ataque do coração hoje — acrescenta Dinaz.

— Que é isso, minha querida? Isso não vai acontecer antes da come-

moração do casamento, quando eles servem aquele jantar de cinco pratos

repletos de colesterol — retruca Viraf prontamente.

Dinaz e Sera riem.

— Crianças, crianças — protesta Sera, sem muita convicção.

— Não sejam tão maledicentes. A Aban é a amiga mais antiga que te-

nho.

— Isso não tem nada a ver com a tia Aban — diz Viraf. — Ela é uma gracinha, um amor, uma jóia. Na verdade, estamos planejando fugir para a

Suíça amanhã de manhã bem cedinho. Ela vai me esperar na V.T. Station.

Vamos pegar um trem para a Suíça.

Dinaz dá um tapinha na coxa de Viraf e diz:

— Chega dessas piadas *koila, yaar*. Fique sabendo que o seu senso de

humor vai de mal a pior.

Mas Viraf não consegue se refrear e prossegue:

— Ela prometeu que ia me dar uma aula completa sobre a superioridade da cultura parse durante a viagem. Vocês sabiam que foram os parses

que inventaram a honestidade?

Olhando para Dinaz, que está fazendo um grande esforço para não rir, ele diz:

— É verdade, pergunte a qualquer pessoa. No dia 16 de julho do século IV antes de Cristo, os parses ou, deveria dizer, os zoroastrianos, in-

ventaram a honestidade. No dia seguinte, inventaram a bondade e a cari-

dade.

Sera resmungo.

— Chega, Viraf, chega. .

— Esperem, ainda não acabei. Tia Aban quer discutir comigo a possibilidade de iniciar um movimento para conduzir os parses de volta à terra

ancestral no Irã. O grande império persa vai se erguer novamente. Se os

judeus podem disputar Israel, por que não podemos fazer o mesmo com o

Irã? E, então, quem sabe? Talvez possamos desistir da Suíça e ir direto para

o Irã. Hoje, Bombaim. Amanhã, o Irã. Repitam comigo: Amanhã, o Irã!

Dinaz se volta para trás a fim de olhar para Sera.

— Juro que, se esse *gadhera*, esse imbecil, voltar a beber na minha frente, vou acabar com ele. Só espero que o nosso filho não herde o ridícu-

lo senso de humor do pai.

Viraf sorri satisfeito.

— Pode debochar o quanto quiser, meu amor. Vou lhe mandar um postal lá do Irã.

Sera fecha os olhos. Foi um longo dia, está exausta e se surpreende ao

perceber o quanto se sente esgotada. “Ou estou ficando resfriada ou não

estou mais acostumada a essas festanças”, pensa ela. Dinaz lhe disse muitas

vezes que estava se enclausurando desde a morte de Feroz, mas, na verda-

de, até essa noite, Sera não tinha pensado muito sobre o assunto. Sabe que

esta é uma das razões de Dinaz ter insistido para que ela e Viraf se mudas-

sem para sua casa. Durante os seis meses depois da morte de Feroz e que

antecederam a mudança dos dois para sua casa, Sera encontrava poucos

motivos para sair, a não ser para ir ver como andava Banu. Por fim, Dinaz

e Viraf vieram uma noite a sua casa e fizeram a seguinte proposta:

— O nosso apartamento é muito longe do trabalho, mamãe — disse

Dinaz. — O transporte na hora do *rush* está ficando insuportável a cada

dia. E você parece tão solitária neste apartamento enorme, desde que papai

se foi.. Então pensamos que. . O que você acharia se viéssemos morar

com você?

Sera controlou cuidadosamente o seu primeiro impulso, que foi uma

imensa alegria. Ter Viraf e Dinaz morando aqui neste apartamento! Ter sua

presença jovial para enxotar os fantasmas do passado! Não ter que passar

os dias inconscientemente à espera dos passos de Feroz e depois sentindo

aquela estranha mistura de culpa e alívio ao se dar conta de que ele não ia

voltar para casa. Seria ótimo ter o que esperar no final do dia, preparar as

comidinhas favoritas do jovem casal e observar com satisfação os dois co-

mendo com ela na sala de jantar.

Mas a recordação daqueles dias terríveis na casa de Banu Dubash im-

pediram-na de exultar de alegria com aquela proposta.

— Não é fácil conviver com outras pessoas — disse ela. — Vocês

sabem que sua avó fez da minha vida um verdadeiro inferno quando fui

morar com ela. Eu me odiaria se me pegasse alguma vez agindo como ela.

Vocês são jovens e estão casados há pouco. Precisam de tempo para cons-

truir o casamento de vocês. Se alguma coisa der errado entre nós, nunca

iria me perdoar.

— *Mamma Sera*, deixe disso — disse Viraf, rindo. — Por favor, você

não é nem um pouquinho parecida com vó Banu. Mesmo vendo-a agora,

posso imaginar que tipo de tirana ela deve ter sido. E, de todo modo, Di-

naz se preocupa muito com você. Além do mais, estaria nos fazendo um

favor, já que o transporte para o trabalho está sendo demais para nós

dois. . De verdade! Ainda assim, é a sua *casa*, então você. .

— Aqui não é a minha casa — atalhou ela. — Tudo o que é meu pertence a vocês dois, você sabe disso, Viraf. Não é como se eu tivesse mais

seis filhos. Essa casa é sua, Viraf, nunca sinta que..

— Bom, nesse caso, então está resolvido — disse Dinaz. — Vamos nos mudar de volta para a nossa própria casa.

— Pense no que eu disse — argumentou Sera. Ela suspirou.

— É claro que seria ótimo ter vocês dois morando aqui comigo.

Mesmo assim, não é uma decisão fácil. Pense um pouquinho no assunto,

*deekra.*

Afundando-se no banco de trás, Sera olha sonolenta para Dinaz e Viraf, no banco da frente. “Obrigada, meu Deus”, murmura ela. “A alegria

que esses dois têm me dado é a minha recompensa por ter ficado com Fe-

roz durante todos esses anos.”

O carro entra na rua de Banu Dubash e, como sempre, Viraf diminui a velocidade.

— A luz está acesa no apartamento — diz ele. — A enfermeira da noite ainda está acordada.

— Vovó deve estar dando um de seus ataques — diz Dinaz. — Coitada da enfermeira. . não sei como alguém pode agüentar a velha. “Disse-o bem”, pensa Sera. “Eu, com certeza, não agüentaria.”

15

AOS QUATRO ANOS DE CASADA, Sera acordou um dia de manhã sentindo uma coisa viscosa e quente no fundo da garganta. Por um mo-

mento, pensou que fosse o início de mais uma infecção, mas, após engolir

a saliva com muito cuidado, não sentiu a garganta doer.

Aquilo era ódio, um ódio que mais parecia um osso atravessado na garganta. Um ódio que a fazia se sentir enjoada e dava à sua boca um gosto

seco e amargo. Um ódio que invadia o seu coração como uma febre e fazia

seus lábios se curvarem para baixo como uma colher torta.

Era um lindo dia de dezembro. Um pombo pousou no parapeito da

janela de Sera arrulhando sua melodia despreocupada. Havia uma friagem

no ar, um descanso bem-vindo do sol quente de Bombaim. Mas, deitada

ali, Sera não podia participar da beleza do dia. Estava triste e desanimada,

como se o ódio corresse o seu corpo. Ficou na cama, exausta. Não con-

seguia se lembrar de nenhuma outra época de sua vida em que tivesse odi-

ado alguém. Mas agora o ódio pingava na sua garganta, espesso e horrível,

fazendo-a se sentir doente.

Afastou o lençol de algodão do corpo e pulou da cama. Pegando a

roupa num gesto rápido, foi até o berço onde Dinaz dormia e balançou o

corpinho da menina até que os olhos da filha finalmente se abriram e sua

boquinha se abriu num bocejo.

— Ande, acorde, Dinu — disse Sera baixinho. — Você e eu vamos embarcar numa aventura hoje.

Foi ao banheiro, abriu a torneira de água quente e colocou o balde de



plástico debaixo da água corrente, antes de levar rapidamente consigo a

criança para o banheiro.

— Vamos tomar banho juntas hoje — disse.

As duas estavam completamente vestidas quando saíram do quarto.

Deixando Dinaz na sala, Sera foi à cozinha para falar com a sogra.

— Hoje vou passar o dia inteiro fora com Dinaz — disse, evitando o olhar penetrante de Banu. — Voltaremos mais tarde.

— Vão sair de casa a essa hora da manhã? E a menina vai sair sem comer? E o almoço que estamos preparando? Você não pode ficar desper-

diçando assim o dinheiro suado do meu Feroz..

Sera sentiu aquela coisa espessa no fundo da garganta. Receava enca-

rar Banu, com medo de que sua expressão refletisse o ódio que sentia pela

sogra.

— Pode deixar que eu mesma explico tudo ao Feroz — disse. — Agora tenho que ir. Estarei de volta à noite. Até logo mais!

Ignorando decididamente os resmungos venenosos de Banu e armando-se de coragem contra a avalanche de palavras ríspidas que questio-

navam os motivos da sua saída, sua educação e também sua moral,  
Sera

agarrou o braço fino de Dinaz como se fosse uma asa de galinha e a  
puxou

em direção à porta da frente. Suspirou alto, assim que a porta se  
fechou às

suas costas. Mesmo assim, manteve o passo rápido enquanto iam  
pelo cor-

redor até o elevador. No último momento, mudou de direção. Em vez  
de

esperar pelo elevador, desceriam pelas escadas. Forçou-se a não  
olhar para

trás, temendo estarem sendo seguidas por Banu.

“Ela é apenas uma velha ridícula”, repetia para si mesma, mas a sen-  
sação que tinha no estômago era igual à que sentia quando estava  
assistin-

do a um filme de terror na sala escura de um cinema.

Quando chegou à rua, Sera percebeu que eram apenas nove e meia  
da

manhã e que não tinha a menor idéia de onde ir. Pensou  
rapidamente em

dar uma passadinha no escritório para visitar Feroz, mas ficou  
chocada ao

perceber o peso que sentiu quando teve essa idéia. Pensou em  
passar na

casa de Aban, mas sentiu claustrofobia só de pensar nas conversas inter-

mináveis da amiga. E também, com certeza, Aban iria perceber alguma coi-

sa em seu rosto, e certamente iria se intrometer para saber o que estava

acontecendo.

Não, Sera ia levar Dinaz para visitar seus pais. Eles iam ficar contentes em vê-las e não ficariam fazendo perguntas. Sentiu de repente uma i-

mensa saudade do santuário limpo e fresco que era o seu antigo quarto. E,

além disso, já fazia várias semanas que não os visitava, e sabia que eles fi-

cavam sentidos com sua ausência, embora fossem sempre muito discretos

e jamais mencionassem o fato. Isso, ia visitar seus pais. Depois de tomar

essa decisão, mudou abruptamente de direção e foi até o ponto de táxi,

puxando Dinaz pela mão.

— Devagar, mamãe — disse a menina e, com uma sensação de culpa,

Sera diminuiu o passo.

Sentiu seu coração se aquietar assim que entrou no táxi e informou o

endereço ao motorista. Olhava as ruas que passavam voando pela janela do

carro e se perguntava por que não tinha feito isso antes. Estava subitamen-

te tão ansiosa para chegar à casa de seus pais que quase insistiu para que o

motorista atravessasse um cruzamento com o sinal amarelo. Seu corpo to-

do se inclinava para a frente, impulsionado por um desejo intenso de velo-

cidade. Queria continuar se movimentando, continuar correndo, pondo a

maior distância possível entre ela e o apartamento escuro e triste de Banu

que lhe sugava a vida. Mas o táxi parou no sinal. Quase que imediatamente,

um enxame de pedintes apareceu na janela do carro. Sera desviou o olhar

com receio de que, se a vissem olhando, eles não fossem embora.

Dinaz puxou sua blusa e disse:

— Manhê, dinheiro.

Sera soltou um suspiro. Dinaz era uma criança tão sensível.. Já sabia

que não adiantava ficar pedindo ao pai que desse esmolas aos mendigos.

Feroz dizia sempre que não acreditava em estimular a mendicância e a pro-

ibia de dar qualquer moeda a um pedinte quando saíam juntos.

— *Saala*, seus vagabundos preguiçosos — insultava ele. — Também

gostaria de fazer o que vocês fazem, vagabundear o dia inteiro e ganhar

dinheiro fácil.

Procurando as moedas dentro da bolsa, Sera de repente riu, lembran-

do o último aniversário de Feroz. Dinaz ficou observando enquanto seus

avós fizeram Feroz ficar de frente para o leste e puseram uma *tilla* verme-

lha na sua cabeça e uma guirlanda de flores em seu pescoço. Depois, Banu

foi até a mesa de centro e voltou trazendo um envelope com dinheiro.

— Feliz aniversário, meu menino querido — disse ela, abraçando-o.

Subitamente, Dinaz, que estava estendida no sofá, se levantou e ber-

rou:

— *Saala*, seu vagabundo preguiçoso. Ganhando dinheiro fácil!

Sua imitação da entonação do pai era tão perfeita que, por um segun-

do, Sera achou que as palavras tinham vindo do onipresente Polly.

As bochechas de Feroz se inflaram, e ele parecia prestes a repreender

Dinaz por aquele palavreado. Sera começou a emitir um som muito estra-

nho e levou quase um minuto até todos perceberem que ela estava quase

engasgando de tanto rir. Os lábios de Feroz tremiam, e ele parecia não sa-

ber se ralhava com a filha ou se também caía na gargalhada. Sera o ajudou

a se decidir. Com lágrimas rolando pelo rosto, foi até Dinaz e a abraçou.

— Que menina levada! — disse, puxando a filha para perto de si. —

Você não devia falar desse jeito, entendeu?

A essa altura, todos estavam rindo.

— Essa menina vai seguir os passos do avô e se tornar uma advogada, vocês vão ver — disse Freddy. — Essa daí vai botar o Supremo Tribu-

nal de joelhos.

O sorriso permaneceu no rosto de Sera depois de o táxi dar a partida.

Olhou para Dinaz e seu coração pulou de tanto amor. “Ela é a única luz da

minha vida agora”, pensou. “Dinaz e, até certo ponto, *pappa* Freddy. Já Fe-

roz e sua mãe arruinaram a minha vida.”

Às seis da tarde, Jehroo, a mãe de Sera, deu uma olhada para o mari-

do e depois se virou para a filha.

— Meu amor, temos um jantar hoje à noite. Devemos cancelá-lo? Ou você já vai voltar para casa?

Sera estava quase dizendo que fizessem o que tinham planejado, quando percebeu que não ia sair dali. Não ia voltar para a casa de Feroz.

Perceber isso lhe tirou a respiração, como se só agora estivesse entendendo

uma coisa da qual seu corpo já sabia. Olhou fixamente para a mãe, imagi-

nando como poderia pôr aquilo em palavras que revelassem apenas o sufi-

ciente, palavras que omitissem toda a extensão do pavor que sentia de ter

que retornar à casa de Banu.

— Estava pensando. . — principiou ela. — Quer dizer, pensei em fi-

car aqui hoje à noite, eu e Dinaz. Quer dizer, você e papai podem ir ao tal

jantar. Mas acho, mamãe, que vamos estar aqui quando vocês voltarem.

Jehangir Sethna olhou como se fosse dizer alguma coisa, mas sua mu-

lher o conteve com o olhar.

— Claro, Sera — disse Jehroo amavelmente. — Você sabe que esta casa é sua, meu amor. Será sempre bem-vinda aqui. Mas tem certeza de

que o Feroz não vai se incomodar de dividir a sua linda esposa conosco?

De novo, aquele pingo quente na garganta. Sera engoliu com dificuldade antes de responder.

— Acho que ele vai ficar bem, mamãe. Mas você e papai têm que se preparar para o jantar.

— Ora, se a minha querida filha e a minha querida neta vão ficar aqui

em casa, não quero ir a esse jantar — disse Jehangir prontamente.

— Tenho certeza de que os Pundole vão entender.

— Não, nada disso, papai, não mude sua programação, por favor.

E, vendo aquele olhar teimoso conhecido aparecer no rosto do pai,



Sera acrescentou:

— Na verdade, eu. . . preciso de um pouco de privacidade para. . .  
pen-

sar um pouco nas coisas.

Jehroo deu uma cutucada no marido e piscou para ele várias vezes, evitando que a filha percebesse.

—Vamos, Jehangu. Vamos ao nosso jantar. Podemos voltar para casa um pouco mais cedo, se quiser. Depois, você pode ficar acordado e con-

versar com sua filha até cansar.

Quando eles saíram, Sera telefonou para a casa dos Dubash. “Ai, Feroz, por favor, atenda o telefone”, implorava ela. “Por favor, por favor.”

— Alô? — A voz ríspida de Feroz soou tão forte e nítida ao telefone que, por um segundo, Sera esqueceu o discurso que tinha preparado.

— Feroz? Sou eu. Escute, estou ligando para dizer. . .

— Onde diabos você está? O jantar já está pronto há uma hora, espe-

rando você voltar para casa.

— Estou na casa dos meus pais. Feroz, escute. Acho que vou ficar aqui por alguns dias.

Ouviu então o ruído da respiração do marido, mas ele ficou calado.

“Diga alguma coisa”, implorava ela silenciosamente. “Diga alguma coisa e

tire esse gosto de naftalina da minha boca.”

O silêncio continuava.

— Alô — disse Sera finalmente.

— Estou ouvindo.

— Você não vai dizer nada?

Dessa vez pôde ouvi-lo ranger os dentes.

— O que há para dizer? Você saiu de casa sem avisar de manhã cedo, não volta para casa à noite; enquanto isso, ficamos aqui sentados como

*chootias*, esperando por você enquanto a comida esfria. E agora você diz

que está na casa da sua mãe, sem mais nem menos. O que eu deveria fazer?

Ir até aí de joelhos e implorar que volte para casa? Você escolheu o ho-

mem errado para isso, Sera.

Por um segundo quase conseguiu ver as coisas pelo ângulo dele. Ima-

ginou Feroz voltando para casa do trabalho, cansado, e perguntando por

ela e Dinaz. Imaginou a expressão de satisfação no rosto de Banu ao dizer-

lhe que sua esposa tinha saído de manhã e que tinha levado a menina jun-

to.

— Você. . você quer dar boa-noite à Dinaz? — perguntou Sera caute-

losamente.

— Por quanto tempo você vai manter a minha filha longe de mim?

— retrucou ele. — E isso quer dizer então que seus pais a encorajaram a

abandonar as suas obrigações?

— Feroz, não é bem assim. Não planejei nada disso. Só tenho comi-

go a roupa do corpo e um *sadra*. Não sei por quanto tempo vou precisar

ficar aqui. É que no momento as coisas aí em casa estão muito tensas entre

mim e sua mãe..

— Bobagem.

A palavra veio pelo telefone como um soco e deixou seus ouvidos zumbindo.

— Não culpe a minha mãe ou qualquer outra pessoa da minha família

pela sua histeria. Você fez a cama, agora deite-se nela.

Ela olhou para o telefone sem acreditar, sem registrar o fato de que

Feroz tinha desligado na sua cara. Ainda segurando o aparelho, sentou-se

pesadamente no sofá. Será que a ligação tinha caído por causa do serviço

deficiente da companhia telefônica de Bombaim? Mas, mesmo admitindo

essa possibilidade, seu coração lhe dizia que Feroz bateu deliberadamente o

telefone na sua cara. Ela se questionou se devia ligar de volta, mas sabia

que o orgulho de Feroz não o deixaria atender. E se Banu atendesse sua

humilhação seria completa.

Passaram-se duas semanas sem nenhuma comunicação com Feroz.

No começo, Dinaz perguntava pelo pai e pelo avô, mas as perguntas logo

cessaram e ela parecia ter se ajustado à nova vida que estavam levando.

Mas aquilo era uma nova vida? Ou era apenas uma trégua temporária da

vida de antes? Jehroo Sethna praticamente fez essa pergunta a sua filha um

dia. As duas tinham ido fazer compras em GoIaba, deixando Dinaz em

casa com o avô.

— Vamos comprar umas calcinhas para a menina? — propôs Jehroo, ao passarem por uma lojinha que vendia roupas de criança. Depois, parou

e olhou para sua filha. — Ou não precisa? — acrescentou delicadamente.

— E tão difícil saber o que fazer com as roupas dela e tudo o mais, sem

saber. . qual vai ser o futuro.

Sera entendeu imediatamente o que sua mãe estava perguntando.

Desviou o olhar, incapaz de agüentar a delicada piedade que via nos olhos

dela. Sem se dar conta, elas pararam de caminhar, e as outras pessoas lan-

çavam-lhes olhares desagradáveis, ao desviarem-se delas. As duas mulheres

como freguesas potenciais, os vendedores das barracas ergueram a voz e

seus gritos anasalados atingiram proporções frenéticas, as vozes abafando

umas às outras.

— Olá, senhoras, o que procuram? Cassetes, perfumes, sabonetes,

Kraft enlatado recém-chegado da Austrália? Temos chocolates também:

Nestlé, Toblerone. Por favor, pegue um *dekho*, esse é *aasli maal*, madame,

coisa fina, genuína. Tudo mercadoria importada. Olhe, faço um precinho

camarada para a senhora.

Perdidas na sua comunicação particular, Sera e Jehroo ignoravam os movimentos inquietos dos vendedores, desesperados com sua presença imóvel.

— Venha — disse Jehroo, puxando Sera pela mão. — Vamos ao restaurante iraniano tomar um refresco. Lá podemos conversar.

No restaurante, as duas pediram Thums Up e sanduíches de frango.

Ficaram sentadas num silêncio amistoso durante um minuto.

Depois, Jehroo virou-se para Sera e disse:

— Fiquei duas semanas sem dizer uma palavra. Que duas semanas, nada, tenho ficado de boca fechada há dois anos! O quê? Você pensa que

nunca percebi as *chakars* escuras em torno dos seus olhos, e que você não

sorri mais? Sou sua mãe, *deekra*, carreguei você na barriga durante nove

meses. Conheço cada pedaço da sua pele. Se um mosquito a morder, sinto

a picada.

Sera sorriu e disse:

— Sinto a mesma coisa com relação a Dinaz.

— Exatamente. Os homens não enxergam o que está debaixo do nariz, mas nós, mulheres, vemos tudo. E então eu lhe pergunto, Sera, o que

está acontecendo com o seu casamento? Durante todos esses meses não

me meti em nada, dizia a mim mesma que agora você pertence ao seu ma-

rido, não mais a nós. Mas não consigo mais ver a minha única filha com

essa cara tão triste. Então, eu lhe pergunto: Por que está na nossa casa? E

por que Feroz não telefonou nem uma vez e nem veio aqui para levá-las de

volta?

Ele bate em mim, queria dizer. E sua mãe faz da minha vida um inferno. As palavras se formaram em seus lábios como espuma na beira da

praia e depois se desfizeram. Não podia sobrecarregar a mãe com isso.

Não queria transferir as olheiras do seu rosto para o de sua mãe.  
Não tinha

nenhum desejo de aliviar seu coração, jogando seu sofrimento nas costas

dela. Além do mais, nem sequer poderia imaginar o que seu pai seria capaz

de fazer se soubesse o que Feroz faz com ela a portas fechadas, no escuro.

E como às vezes a coisa parecia uma espécie de aperitivo, um beliscão rá-

vido, mas forte, o polegar e o indicador como uma tesoura puxando a car-

ne que ficava doendo dias depois. E parecia, em outras ocasiões, uma re-

feição completa, um banquete que incluía socos, tapas e, por vezes, chutes

— uma refeição que a deixava tão empanturrada que tinha que passar ho-

ras no dia seguinte decidindo que vestido de manga comprida usar e como

explicar os machucados no rosto. O olhar especulativo e triunfante que via

no rosto de Banu no dia seguinte era pior do que as pancadas. De algum

modo, aqueles espancamentos uniam Sera a Banu, permitindo que a velha



tivesse acesso às vias esburacadas e cheias de lixo do coração da nora.

Não. . era impossível prever o que seus pais fariam se algum dia sou-

bessem disso. Violência, crueldade... essas coisas não faziam parte de sua

vivência. E já estavam velhos demais para socorrê-la, para enfrentar aquela

batalha por ela. Além do mais, sua mãe já tinha tentado alertá-la sobre Ba-

nu. Até se ofereceu para investigar, para tentar averiguar os boatos. E Sera

dispensou aquela oferta de um modo displicente e arrogante. Como era

idealista e confiante aquela mulher que saiu da casa de seus pais! O que

restou dela agora? Um tremor na mão direita que às vezes não conseguia

controlar, olheiras escuras em torno dos olhos e um coração que se partiu

como um prato estilhaçado no chão.

— Mamãe, é óbvio que Feroz e eu estamos passando por dificuldades

— disse com muito cuidado. — Sei que estou incomodando você e papai

pelo fato de ficar aqui com Dinaz. Mas se pudermos ficar só mais um pou-

quinho, vou. .

— Assim você me deixa zangada — disse Jehroo. — Meu amor, não fique brincando com as minhas palavras como se elas fossem bolinhas de

gude. Você sabe o quanto eu e seu pai gostamos de tê-las conosco. Mas o

problema não é esse: seu lugar não é aqui conosco, é com o seu marido e

seus sogros. Diga: o que a está incomodando?

— Ela se mete demais na nossa vida — respondeu Sera, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça. — Ela já é uma mulher idosa e é cheia

de manias.

Sera percebeu que estava fazendo Banu parecer apenas uma velha ex-

cêntrica, em vez do monstro maligno que era na verdade.

— Esse sistema de juntar as famílias é uma espécie de maldição na Índia, sabe? — diz Jehroo. — Muitas mulheres já se sacrificaram por essa

causa.

Ela olhou para o lado de fora do restaurante, onde um rapaz branco

de calça larga e florida e camisa estampada conversava com uma moça de

saia de algodão que carregava uma mochila.

— Sabe, nós, indianos, falamos desses ocidentais. Dizemos que eles põem os filhos para fora quando fazem 18 anos, que mandam os idosos

para os asilos, que não amam a família como nós. Mas às vezes me pergun-

to se somos realmente tão superiores como pensamos ser. Para que morar

todo mundo junto se tudo o que acontece são problemas dentro de casa?

Melhor ficar separado do que brigar o tempo todo. Você conhece os nos-

sos vizinhos Freny e Jamshed? Bom, a mãe de Jamshed está morando na

casa deles. Outro dia fui visitar a velha, e o que encontrei? A coitada está

cheia de escaras. Freny disse que não tinha força suficiente para virá-la na

cama com a frequência necessária. Jamshed fica no trabalho o dia todo e

então tudo cai nas costas da Freny. Durante o tempo em que passei lá, tu-

do o que Freny fez foi reclamar da velha, que ela não coopera para se virar

na cama, nem quando tem que levantá-la para botar a comadre. Todo

mundo pode ver que a pobre coitada é só pele e osso. Ela mal consegue

levantar as sobrancelhas, imagina a bunda. Mas Freny está convencida de

que a sogra faz isso de propósito, para implicar com ela. E o que dizer da

própria Freny? Ela parece ter envelhecido cinqüenta anos em dois meses.

Diz que mal pode sair de casa por mais de uma hora e que sente o cheiro

de álcool canforado e de urina o tempo todo, mesmo dormindo. A sua vi-

da inteira ficou tomada por esse problema.

Jehroo ergueu os olhos para Sera.

— *Beta*, tenho certeza de que ela está rezando dia e noite pela morte

da velha, e no entanto criticamos os estrangeiros por mandarem os idosos

para os asilos. Quando chegar a minha hora, rezo para não ser um peso

para ninguém.

Ela sorriu.

— É só botar uns comprimidos no mingau ou no pudim e, um, dois, três, o problema está resolvido.

Sera estendeu o braço e acariciou a mão da mãe, derramando um pouco da água de um dos copos que o garçom tinha trazido, assim que se

sentaram.

— Mamãe, não diga isso. Se alguma coisa acontecesse com você, nem

sei o que eu faria.

A voz de Jehroo era meiga e carinhosa.

— Seu pai e eu não vamos ficar aqui para sempre, querida. Estamos ficando velhos. É por isso que digo que o seu lugar é ao lado do seu mari-

do. Em todos os casamentos há sempre alguma tensão. É uma pena que

você tenha que morar com os seus sogros. Mas foi uma escolha sua. Tente

tolerar a velha da melhor maneira que puder. E, com o seu bom tempera-

mento, você poderia conquistá-la.

Sera sorriu para a mãe, mas seu coração estava frio. Ela se sentiu dis-

tante dessa mulher elegante com olhos grandes e cheios de bondade. Sua

mãe podia ter vivido muito mais do que ela, mas naquele momento Sera se

sentia mais velha, mais cética e mais experiente. Jehroo Sethna foi abenço-

ada com pais carinhosos e ricos que cuidaram muito bem dela, com um

marido culto e gentil que era louco por ela e com uma filha que a amava e

respeitava. Nunca tinha sentido o impacto da mão de um homem golpean-

do sua pele macia. Nunca teve a sensação claustrofóbica de ficar trancada

num quarto na sua própria casa. Nunca ouviu seu marido dizer com des-

prezo que ela estava ficando velha, gorda e feia ou acusá-la de flertar com

todos os homens quando eles saíam juntos. Nunca soube o que era ter a-

queles olhos rápidos como ratos seguindo cada movimento que fazia na

casa onde morava. Sera percebeu que Jehroo Sethna nunca sofreu e, pela

primeira vez na vida, se sentia distante da mãe, incapaz de se conectar com

ela num nível que não fosse o do amor óbvio que tinham uma pela outra.

— Sabe de uma coisa, mamãe? — disse ela. — Vamos comprar aque-

las calcinhas para a Dinaz. Assim, se eu decidir ficar com vocês ainda por

mais algumas semanas, não vamos ter que vir fazer compras de novo.

UMA TARDE, TRÊS SEMANAS DEPOIS, alguém bateu na porta. Sera a abriu e viu Freddy Dubash encostado na parede. Estava com seu chapéu-

coco marrom, e a corrente de ouro do relógio balançava, pendurada em

seu bolso.

— *Pappa* Freddy! — exclamou Sera, toda feliz. — O que o senhor está fazendo aqui?

Seu rosto se anuviou.

— Está tudo. . o Feroz está bem?

— Está tudo bem — disse ele.

Fingiu que estava bravo.

— *Arre, wah!* Puxa vida! Será que preciso de motivo para visitar minha

nora e a minha neta?

O rosto de Sera ficou vermelho.

— Mas é claro que não. Por favor, entre. Papai, olha só quem está aqui!

Os dois homens se abraçaram.

— *Kem*, Freddy, como vai? — disse Jehangir, imperturbável como Freddy viesse visitá-los todos os dias. — Por favor, sente-se.

— Está tudo bem, obrigado — respondeu Freddy, sentando-se numa cadeira. — Li no jornal que o Franz Gutman vai reger neste sábado. Tenho

uma de suas primeiras gravações da Sinfonia nº 94 de Haydn. Você vai ao

concerto?

— Mas é claro, não perderia essa oportunidade por nada desse mundo. E agora que a minha querida Sera está aqui para me acompanhar. .

Olhou de relance para Sera e depois se calou quando se deu conta das

circunstâncias da presença da filha ali. Um silêncio incômodo se abateu

sobre eles. Jehangir olhou ao seu redor procurando ajuda.

— Vou acordar Jehroo — disse ele. — Ela está tirando uma soneca com a Dinu.



— Não, não faça isso — exclamou Freddy. — O que quero dizer é que na verdade gostaria de conversar com Sera em particular por alguns

minutos, se não se importa.

Jehangir olhou para a filha, esperando uma deixa. Quando ela balançou imperceptivelmente a cabeça, ele se levantou, dando um suspiro.

— Até daqui a pouco — disse, meio vagamente.

Sozinha com Freddy, Sera sentiu uma timidez avassaladora se apossar

dela: era difícil até erguer os olhos para fitá-lo. Quando finalmente se for-

çou a isso, notou que Freddy a olhava fixamente. Havia um ar sério em seu

rosto, um olhar de objetividade que ela nunca tinha visto antes.

— Você saiu assim sem mais nem menos — disse ele.

Ela sentiu o tom de mágoa na voz do sogro e imaginou o que deveria

ter sido para ele descobrir que ela não ia voltar, perceber que a sua única

companhia musical o tinha abandonado.

— Nem mesmo um “tchau”, nem mesmo um “*Pappa* Freddy, tudo de

bom para o senhor, vou sentir saudades". *Bas*, assim de repente, você sai

levando embora toda a alegria da minha casa.

A voz dele tinha baixado de tom, e o queixo estava caído no peito.

Ela teve que se esforçar para conseguir ouvi-lo. Era como se ele estivesse

falando sozinho.

— E como vai *mamma* Banu? — perguntou Sera, percebendo naquele

exato momento que realmente queria saber sobre a sogra.

A cabeça dele se ergueu num movimento rápido.

— Banu? Gostaria de poder dizer que a minha querida esposa virou um cordeirinho manso e gentil. Mas a triste verdade é que continua má e

*jabri* como sempre. Está deixando a pobre da Gulab quase louca com os

"faça-isso" e os "faça-aquilo" dela.

— O Feroz.. sabe que o senhor veio aqui?

Freddy olhou para Sera. Seus olhos úmidos investigavam o rosto dela.

— Escute, *deekra* — disse ele num tom serio. — Vim aqui numa missão muito importante. Quero que você preste muita atenção ao que vou

dizer.

De repente, ele pareceu se exaltar e falou como se estivesse se dirigindo à sala inteira.

— Os senhores, por favor, olhem para esta moça com essa cara preo-

cupada! Vim até aqui só para falar com ela e tudo o que quer saber é se o

maridinho sabe que estou aqui.

Ele suspirou dramaticamente.

— Sim, minha querida, Feroz sabe que estou aqui. E o que é mais importante: sabe por que estou aqui. Agora, você vai prestar atenção ao

que tenho a dizer?

Sera fez que sim com a cabeça.

— Ótimo, há dois dias encontrei um dos meus antigos clientes. Divan Shah. Ele agora é um homem muito rico, mas há alguns anos teve uns

problemas jurídicos e.. digamos que o ajudei bastante. De qualquer modo,

isso não interessa a você. O que importa é que ele é dono de uma constru-

tora. Você se lembra do Moti Mahal, o grande bangalô que fica no final da

nossa rua? Bem, acontece que a velha senhora que morou lá durante cin-

qüenta anos vendeu o imóvel e o terreno para a firma do Divan. Vão botar

a casa abaixo e construir um edifício de sete andares lá.

Sera percebeu que sua atenção estava flutuando. Queria ir acordar Dinaz para que ela pudesse passar um tempinho com o vovô Freddy.

“Como Dinaz reagiria à sua presença?”, ficou imaginando.

— Querida, você está me ouvindo? O que estou tentando dizer é que

falei com Divan sobre comprar um apartamento nesse prédio. E ele está

disposto a me vender por um bom preço. Ontem à noite conversei com o

Feroz. Falei com ele de um jeito como nunca tinha feito antes, se é que

you sabe o que estou dizendo. . de homem para homem. Disse que se ele

perdesse você sua própria vida estaria destruída. Que ele ia acabar um dia

como aqueles velhos parses patéticos, falando sozinhos pela rua e se ba-

bando quando comem. Pelo menos uma vez na vida meu filho cabeça-dura

teve bom senso. E concordou.

Freddy parou, olhando para Sera com um ar de triunfo. Notando a expressão de expectativa no rosto do sogro, Sera percebeu que ele estava

esperando que ela dissesse alguma coisa.

— Que bom — disse, num tom vago.

E como Freddy não reagiu, ela perguntou:

— Concordou com o quê?

Freddy deu um leve tapa no próprio joelho.

— Agora, parece que vamos chegar a algum lugar. Vou lhe dizer uma

coisa, *chok ri*, estou começando a ficar preocupado. Você parece uma pes-

soa que toma cinco comprimidos de tranqüilizante todos os dias de manhã.

Se não tomar cuidado, vão surgir teias de aranha no seu rosto.

Sera se recompôs e disse:

— Desculpe, *pappa* Freddy, mas não tenho a menor idéia do que o senhor está falando.

— E como poderia? Ainda não lhe contei.

Ele se inclinou para a frente e prosseguiu:

— O que estou lhe dizendo é que vou comprar um outro apartamento. Para você e Feroz.. e Dinaz, é claro. Separados de mim e de Banu.

Desse modo, Banu não vai poder fazer suas maldades habituais, e você e

Feroz poderão ter alguma privacidade.

Ela olhou para ele, com medo de acreditar no que estava ouvindo.

— E.. Feroz concordou com isso?

— Concordou. *Beta*, conheço o meu filho. Seu orgulho ridículo nunca vai permitir que ele lhe implore para voltar. Mas vou lhe dizer uma coisa:

ele agora é outro homem. Volta para casa tarde e, quando está em casa,

quase não come nada no jantar. Outro dia, estava saindo para trabalhar e

tive que lembrá-lo de fazer a barba. Pode imaginar o nosso Feroz se esque-

cendo de uma coisa dessas? Sem você, ele está irreconhecível. Até Polly

percebeu.

Sera lutou contra a súbita onda de esperança que brotou em seu cora-

ção.

— Mas, mesmo que Feroz concorde, *mamma* Banu nunca vai aceitar isso — disse, desanimada.

Freddy pareceu aborrecido.

— *Arre*, o que é isso? Vocês se esquecem, mas eu é que sou o homem

da casa, o chefe da minha família. Disse a Banu ontem à noite que, a me-

nos que queira ver nosso filho parecer mais velho que ela, esta é a única

solução. Expliquei a situação e não lhe dei nem chance de discutir. *Bas*, dis-

se-lhe que esse era o plano, e ela tinha que aceitá-lo, *chup-chaap*, tranqüila-

mente.

— E o que ela disse?

Freddy se exaltou:

— Mas não acabei de lhe dizer? Ela não tem que dar palpite. Estou comprando esse apartamento com o meu dinheiro, dinheiro que suei para

ganhar. É um presente meu para o meu filho e para a minha querida nora,

se ela concordar.

Sera percebeu então pela primeira vez o olhar suplicante, a falta de

firmeza na voz, o ligeiro tremor nas mãos do sogro. “*Pappa* Freddy está

ficando velho”, disse consigo mesma. “E mesmo assim veio até aqui, engo-

lindo o próprio orgulho.”

— *Beta* — acrescentou ele, antes que ela pudesse responder. — Você

é a jóia da coroa da nossa família. O seu lugar é ao lado do seu marido. A-

credite em mim quando digo que Bombaim não é um bom lugar para uma

mulher criar uma criança sozinha. Nos meus anos como advogado vi mui-

tas coisas horríveis. É claro que você tem os seus pais, e que Deus lhes dê

boa saúde. Mas, mesmo assim, esse não é o seu lugar. O seu lugar é junto

com o Feroz. Agora me responda: você aceitaria um presente de um ve-

lho?

Sera se levantou do sofá e foi até onde ele estava sentado. Viu o topo

de sua cabeça redonda e careca que parecia muito com a de Feroz. Olhan-



do para aquela cabeça, sentiu a dor da perda. Por um momento, sentiu uma

saudade enorme de Feroz, saudade dos contornos rígidos de seu corpo

dormindo a seu lado, saudade das mãos dele pegando em seus seios quan-

do a abraçava por trás, saudade daquele ar de autoconfiança, daquela sen-

sação de proteção e segurança que sentia quando saíam juntos pela cidade.

Além do mais, Dinaz precisava, não, merecia o que só seu pai podia lhe

dar.

— *Pappa Freddy* — exclamou. — Espero não estar cometendo ne-

nhum erro, mas aceito de muito bom grado a sua gentil oferta.

Aceito, sim.

16

A MAREZIA TEM UM CHEIRO BOM, e o mar faz cócegas nos pés de

Bhima e de Maya, que caminham na beira da água, ziguezagueando de vez

em quando para evitar as pessoas que vêm em sua direção. Um vento leve

brinca com o cabelo preso de Bhima, fazendo com que alguns fios fiquem

em pé no alto da cabeça.

Enquanto caminham, Bhima sente que está descarregando um peso na água acolhedora, e seu corpo fica mais leve, mais maleável, perdendo

um pouco daquela rigidez zangada que normalmente carrega. Está gostan-

do de vir sempre com Maya passear na beira da praia à noite. Escuta os

suspiros ritmados do mar escuro e sente que é como um eco dos seus pró-

prios suspiros. A água bate de encontro à praia, arremetendo contra as suas

fronteiras e deixando, quando volta, uma espuma de frustração que se des-

faz num chiado. Bhima sente seus pés cansados afundarem na areia mo-

lhada, procurando um lugar onde possam se acomodar.

Fazia anos que não vinha à praia de Chowpatty.

— Seu avô e eu vínhamos sempre aqui — diz a Maya.

— Com a mãe e o Amit? — pergunta a moça.

— Não, antes disso. Foi logo depois do nosso casamento. Esse lugar era diferente naquela época.

Seu rosto se abrandava com a recordação dela e de Gopal sentados na

areia caramelo, comendo *pakodas*, legumes empanados e fritos em *ghee*, e

chupando toletes de cana-de-açúcar. Depois que o sol se punha e a multi-

dão diminuía, ficavam apenas alguns namorados. Gopal estendia os braços

e a puxava para si. Por toda a faixa de areia, os casais, em diferentes está-

gios da paixão, se sentavam juntos, mas a boa educação mandava que não

se prestasse atenção ao que os outros estavam fazendo. Em certos dias,

Bhima tinha a impressão de que toda Bombaim estava naquela praia —

alguns estavam noivos, outros viviam casos ilícitos, outros ainda, romances

que poderiam resultar em problemas muito sérios se os pais descobrissem.

Contrastando com tudo isso, sentia-se segura e respeitável por estar ali

com seu marido.

— Diferente como? — pergunta Maya, e por um momento Bhima se impacienta ao ser perturbada em sua divagação.

— O governo fez uma limpeza no local. Antigamente, essa praia era

suja e tinha muito lixo. As pessoas faziam *soo-soo* na areia bem na sua fren-

te. E aquela parte de lá — diz, apontando para a parte iluminada da praia

onde estavam os vendedores de comida — tinha bem mais *panipuri* e ou-

tras barraquinhas de comida. Agora está tudo regulamentado pelos *babus*,

os funcionários do governo.

Espera que essa explicação faça Maya se calar. Quer relembrar o pas-

sado, passar outra vez algum tempo com Gopal nas praias douradas de sua

juventude. Mas Maya quer conversar e faz mais perguntas:

— E o seu vendedor de balões? O afegão de quem você estava me fa-

lando. Ele também vinha aqui?

— Não sei — responde Bhima, com uma súbita sensação de repulsa

ao pensar no homem vendendo sua mercadoria no ambiente espalhafatoso

da praia de Chowpatty, em meio ao brilho fácil e barato desse local. Prefere

imaginá-lo nas paisagens mais discretas e escuras do Marine Drive, onde

não havia multidões de adolescentes e universitários em busca do melhor

*bbelpuri*, a salada de arroz com tomate, batata e cebola, coberta com molho

de tamarindo. Um lugar onde alguém poderia apreciar a arte daquele ho-

mem, o modo paciente e cuidadoso com que torcia um pedaço de borra-

cha cheio de ar, fazendo coisas mágicas com aquilo. — Provavelmente

não. Ele não viria a um lugar desses.

— Tenho certeza de que vinha — diz Maya. — Se era aqui que as pessoas vinham, tenho certeza de que aqui tinha fregueses para ele. Sendo

assim, ele deve ter vendido seus balões aqui. Aprendemos isso na aula de

administração de empresas: a oferta tem de ir onde há a demanda.

Bhima sente um súbito frêmito de raiva, e seus dedos ficam coçando de vontade de dar um tapa naquele rosto jovem e convencido de Maya,

que acha que entende de tudo. Não sabe ao certo o motivo de sua raiva —

se foi a referência à universidade ou as palavras impensadas da neta que, de

certa forma, dessacralizaram a memória daquele *pathan* tão digno e banali-

zaram a sua arte.

— Ele não era um homem de negócios — exclama Bhima. — Menina burra, já lhe disse que ele não vinha aqui.

Maya pareceu chocada e depois magoada, mas seu jeito teimoso fez com que não desistisse.

— Então, não é de espantar que fosse pobre. Não me espanto que você sentisse pena dele.

Bhima quer corrigir Maya, quer frisar que não poderia afirmar que sentisse pena dele. Quer dizer: *Beti*, é mais do que isso. Ele não era exata-

mente o tipo de homem de quem se sente pena. Na verdade, olhando seus

olhos tristes e delicados, o que se sentia era uma tristeza profunda, o tipo

de melancolia que sentimos quando estamos num lugar bonito e o sol está

se pondo. E principalmente agora, quando penso nele, sinto pena de mim

mesma. Porque aquele velho *pathan* tinha algo de que preciso agora. Não

sei o que era, não posso sequer dar um nome a isso. Tudo o que sei é que

ele poderia ter me ensinado alguma coisa, se eu não fosse tão jovem e tí-

mida e não tivesse medo de perguntar.

Mas Maya é ainda mais jovem do que ela naquela época, e Bhima sabe

que não adianta explicar aquilo tudo à neta. Além do mais, há uma recor-

dação surgindo do escuro aterra do passado e precisa se concentrar para

ajudá-la a penetrar no presente. Algo que o velho *pathan* tinha dito uma

vez, conversando com Gopal.. O que Gopal tinha lhe perguntado?. . Tal-

vez alguma pergunta sobre a terra dele? É, foi isso. Gopal tinha dito:

— Comparado à nossa Bombaim, com as monções e tudo o mais, o seu Afeganistão deve ser tão ressecado quanto uma velha, não é? É tudo só

montanhas, tudo seco e descarnado, certo? Vi uma vez uma foto de lá.

Ela pensou que o *pathan* fosse ficar ofendido, mas ele riu.

— *Nahi, sahib* — disse com sua voz grave e sonhadora. — O meu

Afeganistão é muito bonito. É verdade que é uma terra difícil, cheia de

montanhas, mas a dureza tem a sua própria beleza.

Fez uma longa pausa. Suas mãos se imobilizaram sobre o balão que ele estava transformando. E Bhima teve a nítida impressão de que ele esta-

va viajando novamente por aquelas acidentadas estradas afegãs.

— Quando eu era rapaz, acordava de manhã e corria lá para fora —

prosseguiu ele com aquela mesma voz profunda que, aos ouvidos de Bhi-

ma, carregava vestígios de tabaco, cânfora e eucalipto. — Respirava o ar

puro da montanha, olhava para aqueles morros que, na luz da manhã, eram

de um rosa-azulado. E achava que era o rapaz mais feliz do mundo.

O *pathan* sorriu daquela tolice do garoto de tanto tempo atrás.

— *Wah*, meu velho, você me faz sentir vontade de conhecer a sua ter-

ra — disse Gopal, com seu jeito habitualmente alegre e bem-humorado. —

Tem certeza de que não é um poeta, em vez de um vendedor de balões?

Bhima estava quase dando um beliscão em Gopal quando viu que o



*pathan* estava sorrindo.

— Todo mundo é poeta na minha terra, *sahib* — disse ele. — O país faz a gente ser assim.

E foi então que seu rosto se anuviou.

— Quer dizer, todo mundo *era* poeta. Agora o país está arrasado.

Tem gente demais lutando naquela terra pobre que está sofrendo do cora-

ção. Ela chora noite e dia e agora não consegue mais cuidar de filhos.

Calou-se. Seus olhos eram negros como tinta, e a pele de seu rosto parecia um pergaminho. Fez menção de voltar a falar, mas Amit o inter-

rompeu.

— O meu balão está pronto? — perguntou, pulando num pé e no ou-

tro e olhando impacientemente para aquele homem que deveria parecer

para ele tão alto quanto um edifício.

O *pathan* se abaixou e deu umas pancadinhas de leve na cabeça de Amit.

— Desculpe, *baba* — disse ele. — Estou ficando lento no serviço.

Terminou o balão com seu jeito metódico habitual e o entregou a

Amit, como se fosse uma flor.

— Desculpe, mas o que fazer? Esse menino é impaciente como o pai

— disse Bhima, sorrindo à guisa de desculpas. — Mas. . o que aconteceu lá

na sua terra para haver tanta guerra?

O *pathan* olhou para ela e lentamente começou a sorrir.

— O meu povo tem um ditado — principiou ele. — Os Deuses da

Inveja percebem quando uma coisa é bonita demais. E aí têm que destruí-

la. Mesmo que seja sua própria criação, essa beleza desperta a sua inveja, e

eles ficam com medo de que aquilo venha a ofuscá-los. E então destroem

os próprios templos que construíram.

“Os Deuses da Inveja”, pensa Bhima agora. “Será que foi isso que

aconteceu entre ela e Gopal? Será que a felicidade deles incomodou algum

deus malvado e perverso? Será que foi por isso que seus dois filhos foram

levados embora? Por que insistiu para que a neta desse um fim à criança

que tinha na barriga? Talvez o *pathan* estivesse certo, talvez felicidade e be-

leza demais não seja bom para os humanos. Talvez a felicidade humana

tenha que ser administrada às colheradas, como o óleo de rícino que Banu-

bai botava numa colher de chá e tomava todos os domingos. Se tomado

direto da garrafa, pode matar.”

— Vó, já perguntei mil vezes e você não responde. Por acaso está zangada comigo?

Bhima abana a cabeça para dissolver a névoa do passado.

— Desculpe, *beti* — diz ela. — Só estava pensando e nem ouvi você falar.

— Perguntei o que aconteceu com o velho *pathan*.

Bhima sente uma onda de gelo em seu coração ao ouvir as palavras de

Maya.

— Não sei — responde abruptamente. — Depois do acidente com seu avô paramos de vir passear na beira da praia.

— Por quê? — insiste Maya. — Não tinha nada de errado com as pernas do vovô Gopal, tinha? Por que vocês não podiam mais vir passear

na praia?

O rosto de Bhima estava impenetrável como um livro fechado.

— Depois do acidente, tudo mudou — diz rispidamente.

Desvia os olhos, piscando para espantar as lágrimas que se formaram

inesperadamente.

Maya encosta a cabeça nos ombros de Bhima.

— Ah, vovó — diz a moça com brandura. — Minha pobre avózinha.

— Ouça, *beti*. Nunca lhe contei o que aconteceu depois do acidente.

Mas vou contar agora para que entenda de uma vez por todas como este

mundo trata as pessoas sem instrução.

ESTAVA GRIPADA NO DIA DO ACIDENTE de Gopal, e foi por isso

que o homem da fábrica a encontrou em casa às três da tarde. Não conhe-

cia aquele homem de pele escura e olhos ansiosos, irrequietos.

— O nome da senhora é..

O homem interrompeu a pergunta e consultou um pedaço de papel.

— Bhima? A mulher de Gopal?

— Isso mesmo.

Ele olhou para baixo.

— Receio estar trazendo más notícias — disse ele. — A senhora tem que vir depressa ao hospital. — Ele pronunciava “hospitar”.

Aconteceu um acidente.

— Acidente? Com o meu Gopal?

Ela ficou meio tonta e se sentia enfraquecida devido à gripe e ao me-

do súbito que apertou seu coração como uma mão gigantesca.

— Ele esta. . muito machucado?

O homem se remexia, pouco à vontade.

— Ele está bem — respondeu. — Só machucou um pouco a mão.

Mas o patrão o mandou para o hospital para que tivesse um bom atendi-

mento. Depois, determinou que eu viesse aqui para informar a senhora.

Nas Indústrias Godav, cuidamos bem dos nossos operários.

Gopal estava nas Indústrias Godav há 14 meses, depois que a fábrica

de tecidos, onde tinha trabalhado durante muitos anos, faliu. Bhima não

conhecia nenhum dos novos colegas de Gopal, inclusive aquele homem

que estava ali parado à sua porta. Mas havia alguma coisa nele de que não

gostava.

— E quem é o senhor? — perguntou ela.

— Sou o supervisor de Gopal. Mas vamos, temos que ir até lá. Ainda preciso voltar para o trabalho.

Bhima reparou que ele não lhe disse como se chamava e era tímida demais para perguntar. Não queria que ele pensasse que Gopal tinha uma mulher impertinente.

Pedi à vizinha que tomasse conta do Amit quando ele chegasse da escola.

— Pooja vai estar de volta do trabalho lá pelas sete horas, *didi* — dis-

se ela. — Peça a ela que faça um pouco de arroz para o Amit se eu ainda

não tiver voltado do hospital a essa hora.

— As crianças podem comer aqui — respondeu a vizinha. — Seus filhos são meus filhos também.

— Muito obrigada.

Na hora de sair, Bhima foi até o pote de aço inoxidável no qual guardava algumas rúpias para as despesas da casa e as apanhou. Gostaria que o

homem desviasse o olhar por um minuto enquanto pegava o dinheiro, mas

ele observava cada movimento seu.

O supervisor fez sinal para um táxi e esperou que Bhima entrasse.

Deu ao motorista o nome do hospital e disse a Bhima:

— Nós o levamos para o hospital público porque era o mais próximo. Ele estava sangrando, então o pusemos num táxi e o levamos. Bara

*seth* pagou o táxi — acrescentou ele com orgulho.

Bhima ficou meio tonta ao pensar em Gopal sangrando tanto a ponto

de terem que lhe chamar um táxi.

— Pode me dizer a verdade — pediu. — Meu marido está muito ferido?

— Ele vai ficar bem — respondeu o homem. — Tudo vai depender do tipo de tratamento que receber. Como a mão direita dele está ferida,

precisamos que a senhora assine alguns documentos que nos permitam

proporcionar-lhe o tratamento adequado.

Enfiou a mão na pasta de plástico, puxou um comprido formulário impresso e uma caneta e disse:

— Assine aqui.

Quando viu aquela página cheia de palavras incompreensíveis,  
Bhima

sentiu aquela vergonha de sempre.

— Não posso assinar — disse, engolindo o soluço que se formou em  
sua garganta. — Não sei ler nem escrever.

— Tudo bem — respondeu prontamente o homem, buscando algu-  
ma coisa na pasta. — A senhora está com sorte hoje — disse, ao  
tirar dali

uma almofada de carimbo. — Pronto — acrescentou, abrindo a  
tampa e

puxando a mão dela em direção à almofada. — E só molhar o  
polegar na

tinta e colocá-lo no papel.

Pela milésima vez Bhima desejou não ser analfabeta. Gostaria de po-  
der ler aquele enorme formulário do modo rápido e displicente como  
Se-

rabai lia o jornal de manhã. Talvez aquele documento lhe dissesse a  
verda-

de sobre a situação de Gopal. Ficou envergonhada ao lembrar como  
tinha

discutido com o marido, que queria botar Pooja na escola. Agora,  
Pooja ia



crescer tão burra e analfabeta quanto a mãe.

— Ela é uma menina — argumentou com Gopal. — Para que precisa de estudo? Logo, logo vai crescer e se casar com um homem que vai que-

rer uma mulher que saiba cozinhar, varrer a casa e lavar Suas roupas. Me-

lhor que saiba como usar uma vassoura do que uma caneta.

— As coisas mudaram — disse Gopal. — Uma menina tem que..

— É, mas não mudaram tanto assim a ponto de um homem querer uma moça que não saiba fazer nada em casa. E nem a ponto de uma renda

extra na família ser alguma coisa dispensável. E assim podemos pagar a

escola do Amit. Se ele estudar, pode ajudar a irmã tarde.

Com o dedo suspenso sobre o formulário branco à sua frente, Bhima sente seu rosto pegar fogo ao se lembrar disso. Queria que Amit estivesse

em casa quando aquele homem, o portador das más notícias, bateu na por-

ta. Seu filho teria sido capaz de entender aquelas palavras negras pousadas

na página como insetos mortos. Sentiu que o homem se remexia a seu la-

do, com impaciência.

— Ande com isso, já estamos quase no hospital — disse ele. — A tinta seca em poucos minutos. Pressione o polegar aqui.

E, antes que Bhima pudesse reagir, ele pressionou sua mão contra o papel e apertou seu polegar na página para deixar uma impressão digital no formulário.

Um estranho pegando em sua mão no banco de trás de um táxi. Bhi-

ma estava mortificada. Sua antipatia por ele era como leite talhado. Movi-

mentou-se no banco do pequeno Fiat até encostar na porta. Mas a atitude

do homem parecia ter mudado.

— Não se apóie tanto na porta, *bhenji* — disse ele, rindo. — Ou vou ter dois pacientes para cuidar em vez de um, mulher.

Bhima continuou olhando para a frente, ignorando as palavras dele.

Mas, no hospital, ficou feliz por ele estar ali. Sem ele, não saberia para

onde ir naquele prédio enorme e caótico. O homem andava na sua frente

de propósito. Ele perguntou a uma enfermeira como fazia para chegar ao

centro cirúrgico e, ao ouvir aquelas palavras, Bhima quase disse em voz

alta: Por que Gopal está no centro cirúrgico? Aquele homem, de quem não

sabia o nome, não tinha dito nada sobre cirurgia. Será que Gopal estava

pior do que ele a fez acreditar? Mas quando tentou pará-lo para perguntar,

ele simplesmente estalou a língua, desconsiderando seu gesto, e foi curto e

grosso:

— Já lhe disse, senhora. Seu marido está ótimo. A senhora só tem que me seguir.

Quando chegaram à porta creme onde se lia “Centro Cirúrgico”, ele apontou para um grande banco de madeira e ordenou:

— Sente-se aqui. Volto já.

Ela o viu se afastar e parar quando encontrou uma enfermeira. Ele enfiou a mão no bolso e retirou uma nota, mas Bhima estava longe demais

para saber o valor. Viu a enfermeira aceitar o dinheiro

e enfiá-lo rapidamente no bolso. Ela se curvou para consultar uma ficha e depois apontou para o final do corredor.

— *Shuk ria*. Obrigado. — Foi o que Bhima conseguiu ouvi-lo dizer.

Ele voltou e sentou-se pesadamente a seu lado.

— Pronto — disse ele, como se estivesse dando continuidade a uma conversa. — Gopal deve sair da sala de operações logo, logo. Parece que

perdeu três dedos.

Se ele ouviu o grito de angústia de Bhima, não levou isso em conside-

ração.

— O doutor *sahib* fez o melhor que pôde. Quando o trouxerem para o leito, alguém vai informá-la. A senhora pode ir visitá-lo Li.

Olhou para o relógio e reclamou em voz baixa.

— *Saala*, estou muito atrasado. Tenho que voltar para o trabalho.

Preciso relatar ao patrão o que ocorreu aqui.

Ele olhou para o rosto apavorado e perplexo de Bhima e franziu a testa.

— Meu patrão já perdeu muito tempo e dinheiro com isso. Esse Gopal sempre foi um sujeito muito descuidado. Muitas e muitas vezes eu lhe

disse para prestar atenção. Afinal, uma máquina grande é como um tigre,

não se pode pôr a mão em sua boca. Mas seu marido nunca me escutou. É

muito *herogiri* no trabalho.

Bhima soluçava em silêncio, querendo defender Gopal, querendo encontrar palavras que pusessem esse homem desagradável no seu lugar, mas

não sabia como. O homem ficou olhando para ela por um momento e de-

pois levantou-se de um salto. Enfiou a mão no bolso e puxou uma nota de

cinquenta rúpias.

— Tome — disse, jogando a nota no colo dela. — Pegue um táxi para casa quando sair daqui.

Olhou fixamente por mais um segundo para o rosto choroso de Bhima, começou a caminhar; depois, voltou alguns passos na direção dela e

acrescentou:

— Volto para ver o Gopal amanhã de manhã. Então cuidamos todo o *hissabkittab*, de toda a papelada, e resolvemos todas as questões contratu-

ais. Entendeu?

Bhima fez que não com a cabeça, mas ele a ignorou.

— Então, está bem. Até amanhã de manhã.

Quando ela finalmente conseguiu ver Gopal naquela noite, ele estava

agindo de modo estranho, olhava para ela com olhos pesados e sonolentos

e murmurava coisas sem nexos. Durante alguns minutos, Bhima teve medo

de que o supervisor tivesse mentido, e que na verdade o cérebro de Gopal

tivesse sido afetado pelo acidente. Mas a mãe do paciente do leito ao lado

disse que aquilo era normal. A medicação para dormir que davam aos paci-

entes antes da cirurgia fazia com que agissem e falassem daquela maneira.

E também havia um curativo com gaze branca envolvendo a mão direita

de Gopal, manchado pelo vermelho-ferrugem de seu sangue e pelo amare-

lo-alaranjado de uma substância desconhecida.

Na manhã seguinte, Amit se recusou a ir à escola.

— Quero ver o *baba* — disse o menino. — Sei que meu pai precisa de

mim.

Bhima apenas esboçou um protesto. Com 12 anos, seu filho já era mais alto do que ela, e Bhima ficou maravilhada com a facilidade e confi-

ança com que ele andava pelos corredores do hospital. “Então é isso o que

acontece com quem sabe ler e escrever?”, pensou, orgulhosa por ter podi-

do proporcionar isso ao filho.

Quando chegaram à enfermaria de Gopal, seu leito estava vazio. Por

um instante, Bhima sentiu um medo pânico. Será que ele tinha morrido

durante a noite?, foi o que passou por sua cabeça. Depois, enfiou a unha

do dedo médio no polegar para se punir por tal pensamento. Virou-se, a

fim de perguntar a alguém sobre o paradeiro do marido, quando a senhora

que a tinha acalmado na noite anterior disse:

— Eles o levaram para fazer uma radiografia lá embaixo.

Bhima balançou a cabeça em agradecimento. A mulher se levantou de

onde estava sentada, ao lado do leito do filho, e se aproximou. Baixando a

voz e posicionando-se de modo a impedir que Amit ouvisse a conversa,

murmurou:

— Seu marido passou mal durante a noite. Teve febre e tudo. E também tossiu muito, uma tosse rouca que fez o meu menino ficar acordado

metade da noite.

A mulher sorriu para mostrar a Bhima que aquilo não era uma reclamação.

Bhima sentiu que o medo a envolvia como a poeira que se depositava

todos os dias nos seus potes e panelas de aço inoxidável.

— Mas por quê? — murmurou. — Ele não está resfriado. Por que teria febre e tosse?

Pensou por um momento.

— Estive doente nesses últimos dias. Será que Gopal pegou o meu resfriado?

A mulher deu de ombros.

— Isso eu não sei, *beti*. Só estou contando o que vi e ouvi.

Amit puxou a mãe pelo cotovelo.

— Mãe, o que está acontecendo? — perguntou ansioso, em voz bai-



xa. — Será que devo ir procurar o *baba*?

— Melhor não — retrucou a mulher, como se o menino tivesse se dirigido a ela. — Os médicos são muito. .

Fez uma careta e completou:

— Melhor que eles não fiquem zangados com você. Espere aqui, que trarão seu pai de volta depois da radiografia.

Eles se sentaram na cama de Gopal, desanimados.

— Será que o *baba* está machucado? — indagou Amit, depois de um tempo, e Bhima respondeu com um gesto evasivo. Ela mesma ainda não se

sentia bem dos sintomas da gripe. Perguntava-se se Murti, a vizinha do

prédio, já tinha dado o recado a Serabai, se já a tinha avisado sobre o aci-

dente de Gopal. Talvez demorasse uns dias até poder voltar ao trabalho. E

como Serabai ia se virar sem ela? E com ela e Gopal sem trabalhar, teriam

que sobreviver com o salário de Pooja. Depois, lembrou-se do que o su-

pervisor tinha dito ontem, alguma coisa sobre resolver uns problemas.

Quem sabe a firma não vai dar um dinheiro para eles sobreviverem en-

quanto Gopal está doente? Que bom o supervisor ter pensado nisso. On-

tem, sua cabeça estava voando como um pássaro que saiu do ninho e não

pensou em dinheiro, ou em qualquer outra coisa. Bhima sentiu um impulso

de gratidão por aquele homem. Talvez o tenha julgado mal. Ele deve Ser

bom, para se preocupar com eles numa ocasião como essa. Ia lhe pedir

desculpas pela frieza do seu comportamento. Tentou se lembrar se o su-

pervisor da fábrica tinha dito a que horas deveria encontrá-lo. Será que dis-

se que viria à tarde?

Meia hora depois, trouxeram Gopal numa maca e o transferiram para o leito. Bhima deixou escapar um grito de apreensão quando viu seu corpo

magro e trêmulo. Menos de 24 horas se passaram desde que o viu forte e

alegre indo para o trabalho, e agora mal reconhecia o homem deitado à sua

frente. Amit também deve ter notado a diferença porque veio para mais

perto da mãe e ficou hipnotizado, olhando para o pai.

— Mãe, o que aconteceu com a mão dele? — perguntou o menino com a voz rouca.

Gopal olhou para Amit e tentou falar, mas um acesso de tosse engoliu suas palavras. Bhima mal podia acreditar que estava ouvindo aqueles

sons guturais. Na noite passada, quando saiu do hospital, a respiração do

marido estava tranqüila e regular. Agora, soava como a daqueles velhos

asmáticos que se reuniam todas as noites para passar o tempo em frente à

loja de cigarros perto de sua casa. Quando tocou na testa de Gopal, Bhima

retirou a mão num movimento brusco, como se tivesse acidentalmente

encostado num bule de água fervendo. Os olhos dele pareciam agitados e

desamparados quando a fitava. Ele tentou falar mais uma vez, mas a tosse

lhe tomou o peito e cortou suas palavras.

— Não diga nada — aconselhou Bhima, pousando a mão em seu  
pei-

to para acalmar aquele movimento arfante. Sob a mão, podia sentir  
os ron-

cos e chiados de seus pulmões congestionados. — Não diga nada,  
meu

Gopal. Estamos aqui com você. Descanse um pouco.

Gopal fechou os olhos, e Bhima pôde observar seu corpo mutilado.

Notou que tinham refeito o curativo na mão machucada, mas havia  
sangue

novo manchando as ataduras. Viu as rugas que tinham aparecido da  
noite

para o dia no rosto de Gopal e viu que seu rosto moreno estava  
averme-

lhado, como se a febre fosse uma lanterna acesa por debaixo da  
pele. Ou-

viu o terrível som da respiração entrecortada e do ar chacoalhando  
dentro

do peito dele. Junto com aquele som, ouvia outra coisa: Amit  
chorando ao

seu lado, embora tenha levado uns segundos para entender o que  
era.

— Mãe, o que aconteceu com o *baba*? — perguntou o menino, solu-  
çando.

Temendo que o choro do filho acordasse Gopal, Bhima o repreendeu, zangada.

— Espere lá fora, no corredor — disse rispidamente. — Se é para ficar agindo desse modo, leve essas lágrimas e essa cara de coitadinho lá para

fora.

Exatamente naquele instante, como se para puni-la da dureza daquelas

palavras, uma enfermeira se aproximou do leito de Gopal. Tinha uma

seringa na mão direita com uma agulha grossa e comprida para a qual Amit

e Bhima ficaram olhando com um fascínio amedrontado.

— Ele é seu parente? — perguntou a enfermeira, impaciente. — Por favor, acordem-no. Ele tem que baixar a calça.

Enquanto falava, a enfermeira pegou no cós da calça de Gopal e tentou

puxá-la para baixo. Bhima ficou tensa, achando que Gopal acordaria,

mas ele continuou dormindo.

— Sono pesado, não é? — constatou a enfermeira, e em seguida enfiou a agulha na coxa de Gopal.

— Ai, ai — gritou Amit sentindo a dor por tabela, mas Gopal continuou dormindo sem o menor sobressalto.

A enfermeira estalou a língua, numa demonstração de solidariedade, e

disse:

— A dor nos dedos deve ser tão grande que o coitado nem sequer percebeu a picada.

Bhima seguiu a enfermeira que se preparava para sair.

— Irmã, a senhora poderia me dizer. . qual o problema dele? Por que está com febre e tossindo?

A enfermeira deu de ombros e respondeu:

— Infecção. Ele está com uma infecção por causa da cirurgia, entendeu?

Não, queria dizer Bhima, não entendi. Pensei que a cirurgia fosse aju-

dar o meu marido, e não deixá-lo com febre. Mas, antes que pudesse dizer

qualquer coisa, a enfermeira fez um cumprimento com a cabeça num mo-

vimento brusco e se foi.

Bhima voltou para perto de Amit.

— Fique aqui com o *baba* — disse ao menino. — Tenho que dar um telefonema.

Numa cabine de telefone público, discou o número de Serabai devagar, cuidadosamente, do modo como a patroa tinha ensinado. Na época

em que Serabai insistiu para que aprendesse a falar ao telefone, Bhima re-

sistiu à idéia. Agora, ficava feliz por saber fazer isso. Embora os números

parecessem todos iguais, tinha memorizado o lugar deles. Colocava o dedo

indicador em cada buraco e girava o disco.

— Alô? — Era a voz de Feroz *seth*, forte e impaciente como sempre.

Bhima se perguntou por que ele ainda estava em casa.

— Feroz *seth*? — berrou ela. — Alô? Aqui é Bhima.

— Bhima? Pare de gritar, pelo amor de Deus. Fale normalmente. Baixe a voz. Melhor assim. Agora diga, como está Gopal? A sua vizinha aca-

bou de passar aqui para dar a notícia.

— Não está nada bem, Feroz *seth* — respondeu Bhima, tentando se lembrar de que não devia falar alto. — A enfermeira disse que ele está com

uma. . — “e agora?. . como era mesmo a palavras. . — “inflexão”.

Feroz praguejou baixinho.

— Isso não é nada bom — disse ele simplesmente.

— E então, estou telefonando por esse motivo — prosseguiu Bhima.

— O que é isso? Uma doença?

Houve uma pequena pausa.

— Espere — disse Feroz. — Sera está aqui e quer falar com você.

— Alô, Bhima? — A voz de Sera veio ao ouvido de Bhima como um alívio. — O que está acontecendo?

— A enfermeira disse que Gopal está com uma “inflexão”.

Alguma coisa na voz conhecida e bondosa de Sera atenuou a rigidez do medo que tinha se abatido sobre Bhima desde o dia anterior. As lágrima-

mas agora vinham facilmente.

— Ele está muito doente, Serabai. Febre alta e tosse como se dez ele-

fantes enlouquecidos estivessem pulando em cima de seu peito. O que é

essa nova doença que ele tem?

— E a mão?

— Ele perdeu três dedos.



Ela ouviu a respiração brusca de Sera.

— Ele foi operado? Você sabe o que eles fizeram?

— Não, ninguém me disse nada. Ninguém aqui fala comigo, *bai* — respondeu ela.

— Entendo.

Sera parecia zangada.

— Tenho certeza de que esses médicos *gadhera* devem ter feito algu-

ma barbeiragem durante a cirurgia.

Fez uma pausa e depois prosseguiu, agora mais lentamente.

— Bhima, uma infecção é uma coisa que entra no sangue. Às vezes acontece depois de uma cirurgia. Mas com a medicação certa podem aca-

bar com ela. Mas a gente tem que tomar cuidado.

— Será que eu deveria fazê-lo beber uma *narial pani*? — indagou

Bhima. — Posso mandar o Amit ir lá fora comprar. Dizem que ela lava

todas as doenças.

— Não, só água-de-coco não vai adiantar, ele vai precisar de um remédio mais forte.

Sera fez uma pausa.

— Você vai ficar aí no hospital o dia inteiro? Vai? Ótimo. Espere aí só um minutinho.

Bhima ouviu Sera falando com Feroz. Pouco depois ela retornou.

— Alô? Bhima, escute só. Feroz e eu vamos dar uma saída hoje. É o nosso aniversário de casamento, sabe? Mas vamos passar no hospital antes.

Aí, então, vemos o que se pode fazer. Em que andar o Gopal está?

Gopal estava acordado quando Bhima voltou. Amit estava sentado perto do pai, acariciando a sua cabeça e cantando uma música de um filme

que ele e Gopal tinham assistido na semana anterior.

— O *baba* me pediu para cantar para ele — disse a Bhima. As lágrimas brilhavam nos olhos do garoto.

Bhima concordou com a cabeça, e Amit recomeçou a cantar. Olhando para os dois, o coração de Bhima chegou a doer de tanto amor. Até a-

contecer esse acidente, nenhuma nuvem escura turvara a vida deles. Apesar

de ter dois filhos, Gopal era brincalhão e despreocupado como um meni-

no. Enquanto o casamento de Sujata com Sushil tinha murchado, o dela

floresceu como as flores cor-de-rosa que sempre apareciam na primavera

na árvore em frente ao edifício em que moravam. E, desde que Pooja nas-

ceu, Gopal tratava os filhos com tanto carinho e amor que eles eram crian-

ças invejadas no *chawl*.

Amit ainda estava cantando, embora Gopal tivesse adormecido. Bhima acariciou as costas ossudas do menino, e seu coração se apertou nova-

mente ao sentir o movimento dos músculos do filho na palma da sua mão.

— O *baba* está dormindo — sussurrou. — Pode parar de cantar agora.

— Ele me pediu — disse o menino. — Sei que estava ajudando ele, mãe.

Ela balançou a cabeça e abraçou o filho.

— Você é o esteio da minha vida. Todo mundo devia ter um filho como você — disse ela, observando Amit espremer uma espinha no rosto

para disfarçar um sentimento de orgulho encabulado.

“Ai, meu Deus, faça a minha família ficar boa de novo”, pediu Bhima.

“Que essa doença que corre feito uma escuridão no sangue de Gopal a-

bandone o seu corpo. Me traga de volta o meu Gopal, sorridente como

sempre.”

ERA QUASE MEIO-DIA QUANDO FERROZ e Sera chegaram ao hospi-

tal. Ela estava deslumbrante em seu sári verde. Para Bhima, os dois, com

suas belas roupas, seus rostos limpos e bem-cuidados, eram um jorro de

cor contra o pano de fundo preto-e-branco da enfermaria lúgubre e escura.

“Parecem artistas de cinema, se comparados às outras pessoas, deuses caí-

dos do céu em meio aos mortais”, pensou. Bhima notou que todas as pes-

soas presentes na enfermaria, pacientes e parentes, olhavam boquiabertos

para o casal Dubash, que caminhava em sua direção.

— Serabai! — exclamou Amit com prazer, ficando de pé diante deles

e sorrindo extasiado, um pouco amedrontado com a presença de Feroz,

mas incapaz de conter a alegria ao ver Sera.

— Amit — disse Feroz secamente, balançando a cabeça ao reconhe-

cer o menino.

Mas o rosto de Sera estava cheio de afeto.

— Como vai, Amit? — perguntou ela, estendendo a mão para cumprimentá-lo. Amit riu com essa demonstração de familiaridade.

— Vou bem, obrigado — respondeu o menino, do jeito que ela lhe havia ensinado.

Foi então que um ar preocupado atravessou seu rosto.

— Meu *baba* está doente — disse ele. — Está com a testa quente co-

mo uma xícara de chá.

Bhima estava sentada com as mãos postas, num gesto de gratidão.

— *Bai*, muito obrigada — disse ela. Virou-se para Feroz e acrescentou:

— Desculpe incomodá-lo, *seth*.

Feroz dispensou o agradecimento com um aceno e disse, perscrutan-

do a enfermaria:

— Onde estão os médicos e as enfermeiras? Quem é o encarregado deste lugar?

— Uma irmã esteve aqui mais cedo — disse Bhima. — E aplicou uma injeção enorme no Gopal. Foi ela que me falou da “inflexão”.

— Infecção — corrigiu Feroz, meio distraidamente.

Seus olhos vararam a enfermaria até pousarem num enfermeiro que ia

botar a comadre num paciente.

— Ei, você — chamou Feroz. — Venha aqui um instante.

Hipnotizado pela autoridade de sua voz, o rapaz soltou a comadre e foi até eles.

— *Mere re.* Meu caro — disse Sera. — Ele podia ter terminado atender aquele pobre homem antes de vir até aqui.

Feroz pegou um cartão e estendeu-o para o rapaz, dizendo:

— Escute aqui. Leve isso para o médico de plantão e diga-lhe que quero falar com ele aqui em alguns minutos. Ande, não temos muito tem-

po. Temos que estar em outro lugar às 13h30.

O enfermeiro pegou o cartão como se fosse um documento importante, mas permanecia parado ali.

— Os médicos só vêm uma vez de manhã e uma vez à noite disse.

Feroz rosnou.

— Escute aqui. Vá e diga ao médico para vir falar comigo daqui dois minutos. Conheço as pessoas que construíram este hospital, entendeu?

O rapaz saiu, rápido como uma barata.

— Sim, senhor — disse ele. — Só um momento.

Bhima observou abismada um homem mais velho de jaleco branco se

aproximar alguns minutos depois.

— Senhor Feroz? Sou o doutor Kapur.

Era um homem de estatura mediana, cabelo grisalho malcuidado e bolsas sob os olhos. Uma das hastes dos seus óculos estava colada com um

esparadrapo sujo.

— Ah, sim, muito bem — disse Feroz, estendendo-lhe a mão. —

Meu nome é Feroz Dubash e sou um dos diretores do Grupo Tata.

— Pois não.

O médico ficou olhando com curiosidade para Feroz e Sera.

— E o que posso fazer pelo senhor?

— Queremos saber sobre a situação deste rapaz aqui — explicou Feroz, olhando para Gopal, que dormia. — Ele foi operado ontem depois de

um acidente de trabalho. Fomos informados de que está com uma infec-

ção. Imagino que o senhor possa me explicar o que aconteceu.

O doutor Kapur parecia pouco à vontade.

— É, ele está com uma infecção. É um problema pós-operatório muito comum aqui — murmurou o médico. — O senhor sabe.. às vezes

as bactérias entram no corpo após a cirurgia. Estamos tentando curá-lo.

— E desde quando ele está tomando antibiótico? — perguntou Sera.

— Antibiótico?

O doutor Kapur parecia nunca ter ouvido aquela palavra.

— Bem, quer dizer, ainda não está recebendo esse tipo de medicação.

Estamos tentando outras coisas primeiro.

Sera sentiu a raiva lhe subir ao rosto.

— O que o senhor está querendo dizer? Está lhe dando *paansopari* primeiro? — disse ela com ironia. — O senhor está economizando o.

Feroz apertou o cotovelo de Sera para fazê-la calar-se.

— Desculpe, doutor, mas é que a minha mulher está um pouco preocupada. Esse rapaz é importante para a nossa família.

Aproximou-se mais do médico com seus olhos negros perscrutando o



rosto do homem, e pronunciando as palavras de modo lento e deliberado.

— De qualquer maneira, o que está feito está feito. Parece que o seu

hospital cometeu um grande erro nesse caso. Mas a questão é: o que po-

demos fazer para ajeitar isso?

A voz de Feroz ficou ainda mais grave quando disse:

— Posso falar com o senhor um minuto, de homem para homem?

Ótimo. Bom, o negócio é o seguinte. Por alguma razão, minha mulher gos-

ta muito da nossa empregada. E, se a minha mulher está feliz, eu estou fe-

liz.

Piscou para o médico e prosseguiu:

— Se o senhor é casado, doutor, então sabe perfeitamente do que es-

tou falando. Por exemplo, hoje é o nosso aniversário de casamento. Tirei o

dia de folga para passá-lo com a minha mulher e, pode ter certeza, a última

coisa que quero fazer é estar aqui, neste.. lugar. Mas a minha mulher insis-

tiu que viéssemos ver como estão as coisas, e aqui estamos.

— O senhor não precisa se preocupar com nada — disse o doutor

Kapur, impaciente. — Esse homem está recebendo o tratamento adequado-

do. .

De repente, Feroz ficou furioso. A veia de sua testa dilatou. Mesmo assim, manteve a voz baixa.

— O senhor chama de tratamento adequado não tratar uma infecção com antibióticos? — exclamou. — O senhor chama de tratamento ade-

quado não explicar à esposa o que há de errado com o seu marido? Existe

alguma explicação para isso?

O doutor Kapur desviou os olhos e respondeu:

— Ele não é o nosso único paciente aqui.

Riu meio sem graça.

— O senhor pode se preocupar apenas com um paciente. Nós temos que nos preocupar com todos.

Feroz produziu um som grave que soou como um rosnado.

— Pois então se preocupe! Ora, que diabos, preocupe-se com ele! Fa-

ça alguma coisa. Se esse homem morrer por falta de cuidados, juro, Kapur,

vou amarrar os seus testículos em volta da sua cabeça tão rápido que..

— Escute aqui, senhor Feroz. Não há necessidade de falar com tanta agressividade. Vim conversar com o senhor porque..

— Se está preocupado com o que digo, melhor nem querer ver o que

posso fazer — interrompeu Feroz. — Trabalho para o Grupo Tata, o se-

nhor entendeu? O senhor sabe a influência que temos na administração

deste hospital? Basta uma palavra minha e estará na rua sem sequer o seu

jaleco branco para vestir. E tem mais: vou me certificar de que nenhum

outro hospital em Bombaim o contrate. Entendeu?

Sera veio rapidamente para perto do marido.

— Escute, Feroz, tenho certeza de que não há necessidade de tudo

isso — interveio ela com suavidade. — Posso ver que o nosso doutor aqui

é um homem bom e vai fazer o melhor que pode por Gopal.

— É exatamente isso que estou tentando dizer ao seu marido, minha senhora — disse o doutor Kapur.

Sua voz tinha mudado e havia nela agora um tom anasalado e falsa-

mente cordial.

— Agora mesmo à tarde vamos administrar antibióticos ao paciente.

Em poucos dias, vai estar novinho em folha.

Bhima percebeu que Sera lançou um olhar de advertência a Feroz, mas ele a ignorou.

— Ok. A idéia é a seguinte — determinou Feroz —, o senhor tem o meu cartão. Quero que um dos médicos de sua equipe telefone para a mi-

nha secretária todos os dias de manhã para nos apresentar um relatório da

situação de Gopal. Diga-lhe que telefone por volta das onze horas.

O doutor Kapur deu um sorriso forçado, mas seus olhos estavam gelados de fúria quando disse:

— Senhor Feroz, seja razoável. Isso aqui é um hospital, não uma estação ferroviária. Não posso escalar um dos meus assistentes para telefonar

diariamente para o senhor. Se quiser, pode telefonar para o escritório cen-

tral e falar com alguém de lá.

— O senhor está certo — respondeu Feroz, pensativo. — Os seus assistentes não têm tempo de me telefonar. Ok, então. Tenho uma idéia

melhor. Quero que o senhor, pessoalmente, me ligue todos os dias de ma-

nhã — acrescentou, cutucando levemente o médico com o dedo indicador.

— Entendeu?

O doutor Kapur ficou olhando para o chão. Seu pomo-de-adão movimentava-se furiosamente.

— Sou um médico formado, meu senhor — principiou ele, e depois se calou.

— Então aja como um médico — disse Feroz. — Não me diga o que não pode fazer. Diga o que *pode* fazer.

Com esse último insulto, o rosto do doutor Kapur desabou. “Parece até uma cabana de palha que cai com as chuvas das monções”, pensou

Bhima.

— Muito bem, meu senhor. Vou lhe telefonar todos os dias pela manhã. E supervisionarei pessoalmente o tratamento dele, eu lhe prometo.

— Muito bem, então — disse Feroz rispidamente.

O doutor Kapur fez menção de se virar e perguntou:

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Não. Isso é tudo. Pode ir agora.

O doutor Kapur ficou vermelho. Evitando olhá-los, fez um cumprimento com a cabeça e se foi.

Bhima ficou admirada com a saída do médico e com a expressão de triunfo de Feroz. Para sua surpresa, Feroz estava rindo e piscando para

Sera, como se o seu ataque de raiva tivesse sido apenas uma encenação.

— Só estava fazendo uma *maaja-masti* com ele, uma brincadeira de

nada.

Ele riu.

— Não se pode deixar esses funcionários públicos se sentirem impor-

tantes demais.

“Então é isso que o estudo faz”, pensou Bhima. “Abre as portas ra você.” Ficou imaginando se um dia Amit seria capaz de fazer com que os

outros o obedecessem exatamente como Feroz. Estava a um só tempo ma-

ravilhada e enojada de pensar que Amit pudesse ser capaz de exercer esse

poder sobre outra pessoa. O jeito como o médico tinha estourado e mur-

chado, como um daqueles balões criados pelo *pathan..* bastaram umas pou-

cas palavras de Feroz *sahib* e ele desmoronou completamente. E agora Go-

pal ia receber o tratamento de que precisava. Serabai já estava lhe explican-

do que logo iam começar a dar novos comprimidos para Gopal.

— Feroz *seth*, mesmo que o senhor viva cem anos, não vou deixar de

agradecê-lo pela ajuda de hoje — disse Bhima, indo em sua direção com as

mãos em concha, pronta para pegar a mão direita dele e levá-la à sua cabe-

ça, em sinal de agradecimento. Mas Feroz recuou e se esquivou quando

aquelas mãos o tocaram.

— Está bem, está bem — apressou-se em dizer. — Não precisa agradecer.

Bhima não se permitiu sentir a fisgada da rejeição.

— Quando Gopal estiver em casa vou fazer um *shrikhand* para o senhor — prometeu ela. Sabia que Feroz muitas vezes trazia para casa o io-

gurte doce da Parsi Dairy Farm.

Feroz sorriu e disse:

— Só gosto do *sbrikhand* da Parsi Dairy Farm.

E, então, vendo o olhar magoado no rosto de Bhima, ele acrescentou:

— Mas vamos ver, vamos ver. Espere ele voltar para casa primeiro.

Depois que eles foram embora, Bhima deu duas rúpias para Amit ir comprar duas *samosas* para o almoço.

— E você, mãe? — perguntou ele.

— Não estou com fome — respondeu Bhima secamente. — Vá, coma e depois volte logo, está bem?

Bhima sorriu ao ver o menino sair correndo pelo corredor. Amit era esperto e rápido como um raio. Amanhã insistiria para que ele voltasse à

escola. Sabia que ele iria reclamar, mas não lhe daria ouvidos. Depois de

observar como Feroz *seth* dominou completamente a conversa com o mé-

dico, sacramentou a sua crença no poder da instrução e do estudo. Algum

dia, o seu Amit também ia falar daquele jeito com os médicos e advogados.



Talvez viesse até a ser médico ou advogado. Bhima, na verdade, não sabia

o que um advogado fazia, mas essa era a profissão de Freddy *seth* e ela gos-

tava dele. Freddy *seth* era uma boa pessoa. Numa ocasião, quando ela a-

companhou

Serabai à casa dos sogros, ele permitiu que ela fizesse uma festinha

em seu papagaio, Polly. E quando ele ia à casa de Sera, sempre perguntava

por Gopal e pelas crianças. Isso mesmo, Amit poderia ser um advogado, e

Freddy *seth* poderia ajudá-lo.

Mas depois outro pensamento a assaltou e ela parou, como se estives-

se num cruzamento movimentado e seus pensamentos fossem os carros:

tinha que prestar atenção neles. O doutor *babu* também era um homem

instruído. E então por que deixou que Feroz *seth* falasse com ele daquela

maneira? Será que só a instrução não era o bastante? E, se não era, o que

estava faltando? Não conseguiu acompanhar a conversa porque Feroz e o

médico falaram em inglês. Mesmo assim, pelo bem do Amit, precisava sa-

ber. Será que Feroz *seth* falava desse jeito porque era parse? Todo mundo

sabe que os parses são instruídos e ricos e que, em sua maioria, suas mu-

lheres usam vestidos em vez de sáris. Em outras palavras, são diferentes.

Diferentes dela e de Gopal e mesmo do doutor *sahib* com suas *chappals* de

borracha gastas e seus óculos emendados com esparadrapo. Então era is-

so? Ou alguma outra coisa? Era porque Feroz *seth* sabia como fazer cara de

zangado mesmo sem estar? Será que o seu Amit seria capaz de fazer isso?

Isso era uma coisa que também se aprendia na escola?

Bhima levantou os olhos e viu outra enfermeira parada na beira da cama, mais jovem e mais bonita do que a que tinha aplicado a injeção em

Gopal mais cedo naquele mesmo dia.

— Vamos iniciar agora a nova medicação. A enfermeira sorriu, estendendo a mão.

— Antibiótico.

GOPAL VOLTOU PARA CASA DEPOIS de dez dias no hospital, e

Bhima retornou ao trabalho. A febre e a tosse tinham cedido, mas ele se

queixava da dor forte que sentia na mão, uma dor que corria como uma

descarga elétrica pelo braço.

— Espere até tirarem os curativos, Gopu. Depois, usamos remédios caseiros — prometeu-lhe Bhima. — Podíamos até pedir ao seu irmão que

nos mande umas ervas lá da terra dele.

— E de que adianta isso? Por acaso vai fazer com que meus dedos cresçam de novo?

Ele tinha adquirido esse jeito ríspido de falar que a magoava e a assus-

tava.

— Não, mas. . pelo menos vai aliviar a dor — disse ela tímida mente.

Gopal fez um muxoxo e se virou para o outro lado.

Bhima não insistiu mais. Outra coisa a incomodava, algo mais premente. Desde o dia do acidente, o supervisor da fábrica tinha desaparecido

e não foi visto novamente. Não apareceu no dia seguinte como havia pro-

metido, nem no outro. E o que teria dito mesmo sobre propor um acordo?

Já era hora de ele entrar em contato, agora que Gopal estava em casa. Afi-

nal, precisavam do dinheiro para pagar o aluguel. E, dentro de algumas

semanas, quando as ataduras fossem removidas, e Gopal estivesse se sen-

tindo mais forte, ia querer voltar para o serviço. Mesmo que não possa

mais operar as máquinas, certamente haveria outra função que pudesse

desempenhar nas Indústrias Godav.

Bhima queria conversar sobre isso com Gopal, queria lhe contar sobre o estranho que a acompanhou ao hospital naquele dia terrível, mas o

rosto do marido ficava carregado toda vez que ela mencionava o hospital

ou o acidente. "Ele vai se sentir melhor dentro de alguns dias", dizia para si

mesma. "Aí então converso com ele."

Como se tivesse lido os pensamentos de Bhima, o supervisor bateu

na sua porta na noite seguinte. Ela tinha acabado de chegar do trabalho e

estava fazendo a massa dos *chappatis*. Olhou pela janela e viu o céu escure-

cendo. Pooja já devia estar chegando. Ouvia os gritos dos meninos do bair-

ro com quem Amit estava jogando críquete no pátio do edifício.

— Seis — gritou com entusiasmo uma voz jovem, e Bhima rezou para que Amit fosse o autor dessa jogada. Tentou olhar pela janela, mas o

ângulo não permitia uma boa visão do pátio.

Quando a campainha tocou, Bhima notou que, apesar de estar mais próximo da porta, Gopal ficou sentado, olhando para ela. Então, limpou a

farinha das mãos para ir atender. “O velho Gopal nunca teria feito uma

coisa dessas”, pensou ela, mas logo afastou tal pensamento. “Coitado”,

disse a si mesma. “Está sentindo muita dor! Se precisa descansar, que des-

canse. Não vai me arrancar nenhum pedaço ir abrir a porta.”

Bhima levou uns segundos até reconhecer o supervisor. Depois, sorriu entusiasmada, pois o alívio de tê-lo reconhecido fez com que esqueces-

se de que não gostava dele.

— Bem-vindo, *bhaisahib* — disse ela. — Pensei que o senhor tinha esquecido da gente.

Afastando-se para que ele entrasse, Bhima se virou para o marido e disse:

— Gopal, você tem visita. É o supervisor da fábrica.

O homem atrás dela pigarreou.

— Bem.. na verdade, o que eu disse outro dia não era exatamente verdade. Eu. . só achei que seria mais fácil assim, já havia tanta *tamasha* na-

quele dia, tanta catástrofe... Na verdade, sou o contador da companhia.

Gopal ficou parado de pé, na frente do homem, olhando para ele, confuso.

— O senhor é o contador? — perguntou.

— *Namaste, ji* — disse o homem, juntando as mãos num comprimen-

to.

Instintivamente Gopal esboçou fazer também aquele gesto, mas ao ver a mão mutilada, deixou os braços caírem ao lado do corpo. Fez um

cumprimento com a cabeça, dizendo:

— *Namaste.*

— Por favor, permita que me apresente — prosseguiu o homem. — Meu nome é Devdas. Cuido da contabilidade das Indústrias Godav. Gopal olhou de relance para Bhima como que para se certificar de que ela estava na sala.

— O senhor não precisava ter todo esse trabalho de vir até aqui — disse educadamente. — Afinal, estou pensando em voltar ao trabalho da-

qui a algumas semanas. Assim que tirar isso — acrescentou, com um sorri-

so pesaroso, mostrando os curativos.

— Bem.. é sobre isso mesmo que precisamos conversar — disse o homem.

Ele se acomodou numa cadeira e abriu uma pasta de plástico.

— O senhor quer beber alguma coisa? — perguntou Gopal gentilmente. — Um chá? Ou uma bebida gelada?

— Não, nada — respondeu Devdas, balançando a cabeça vigorosamente. — Só vou tomar alguns minutinhos do seu tempo — disse incluin-

do Bhima no movimento do seu olhar. — Afinal, você ainda deve estar de

repouso, não é?

Gopal deu de ombros.

— E o que mais um homem pode fazer?

O contador riu, como se Gopal tivesse contado uma boa piada.

— É verdade, é verdade. — Fez uma pausa e olhou para uma enorme

folha de papel que tirou da pasta. Quando falou novamente, sua voz tinha

mudado de tom. — *Achcha*. Ok — disse com energia.

— É sobre este contrato. De acordo com ele, as Indústrias Godav

vão lhe pagar um total de mil rúpias numa única parcela. Depois disso, o

senhor não tem mais qualquer direito a reclamar. Estará livre para procurar

emprego onde quiser nesta cidade.

Ignorando as expressões estarecidas dos dois, ele se recostou na cadeira e deu um sorriso benevolente.

— Vim preparado para lhes pagar o montante integral esta noite

mesmo — acrescentou, dando ênfase a cada palavra. — Por isso vim logo



que vocês voltaram para casa. Afinal, o patrão sabe que vocês vão precisar

de dinheiro numa hora como essa.

Gopal falou, em meio a uma nuvem de confusão.

— O senhor me desculpe, mas não estou entendendo. Tenho a inten-

ção de voltar ao trabalho assim que puder.

O rosto do homem expressava ao mesmo tempo pena e desprezo.

— Pense um pouco, Gopal *babu* — disse ele com uma voz cheia de malícia. — O que faria na fábrica? Poderia levantar as chapas de plástico?

Poderia manejá-las para que a máquina possa cortá-las? Um operário de

fábrica com três dedos faltando. . não sei, não, *baba*, é como uma mulher

sem seios.

Gopal se levantou de um salto.

— Ei, veja lá como fala nesta casa. O senhor entrou numa casa de respeito, isso aqui não é zona, seu. .

— Calma, calma, Gopalji — disse o homem, com a voz macia e arrastada. — Por que está assim tão agitado, sem a menor necessidade? Você

tem que se preservar, não é mesmo? Não quis absolutamente ofender a sua

digníssima esposa aqui presente. Mas a questão principal é que não há ne-

nhum emprego para você na nossa empresa. Entendeu?

O homem procurou alguma coisa dentro da pasta, mantendo os olhos

em Gopal o tempo todo. Num gesto floreado, puxou um gordo envelope

de papel pardo e depois procurou lá dentro mais um pouco até encontrar o

talão de recibos.

— E então aqui estão as mil rúpias — disse, acariciando o envelope.

— Não é pouco numa época tão difícil.

Ele se virou para Bhima, ofereceu-lhe o envelope e disse:

— Aqui está, *didi*. A senhora é a dona da casa. Faça o favor de contar

o dinheiro para ter a certeza de que não cometi nenhum erro. Afinal, em

Bombaim, atualmente, não se pode confiar em ninguém.

— Não toque nesse dinheiro.

A ordem de Gopal cruzou o ar como o som de um taco de críquete batendo na bola.

— Quero um emprego, e não o pagamento pelos meus três dedos. E a minha indenização? Só isso já seria bem mais do que essa quantia miserá-

vel!

— Ah, *babu*, é isso que estou tentando lhe dizer — explicou o contador com uma voz suave. — Enquanto o senhor estava no hospital, a sua

esposa assinou os termos do acordo. Segundo este documento, isso é tudo

a que você tem direito.

Gopal empalideceu. Virou-se para Bhima e havia tanta mágoa, confu-

ção e uma sensação de traição em seus olhos que ela se sentiu hipnotizada,

como se os olhos dele fossem flechas que a imobilizassem contra a parede.

Aquelas flechas trespassavam seu coração, matando as palavras de explica-

ção, antes mesmo que pudessem surgir. Estava como que pregada no chão

e não conseguia dar um passo em direção ao marido e transpor aquele ter-

rível abismo que havia surgido entre eles. Queria explicar a Gopal o trajeto

que fez, em pânico, até o hospital, o estado de espírito perturbado em que

se encontrava e as mentiras de Devdas sobre o pedaço de papel que a con-

venceu a assinar, mas, sob o peso do olhar de Gopal, não conseguia dizer

nada em sua defesa.

— Mentiroso — exclamou finalmente Gopal, dirigindo-se a Devdas, que olhava para ambos com uma expressão de estranha satisfação no ros-

to. — Minha mulher não sabe ler nem escrever. Como poderia assinar al-

guma coisa?

Em resposta, Devdas mostrou o pedaço de papel.

— Impressão digital. — Seu tom era de triunfo, quase eufórico, como

se estivesse tentando conter o riso.

Virou-se para Bhima, que ainda estava pregada no chão, e perguntou:

— Diga-me. Esta é a sua impressão digital ou não?

Mas ela estava olhando para Gopal, observando um fio de saliva que pendia de sua boca aberta. Notou que ele lambia os lábios de nervoso. Viu

também as rugas que apareceram em seu rosto e as lágrimas que brilhavam

como estrelas mortas em seus olhos escuros.

— Mulher — disse com a voz embargada. — O que você fez?

Devdas remexeu-se na cadeira, com impaciência.

— O que está feito está feito — disse. — Agora, se me permitem, minha mulher está me esperando para jantar. Por favor, assine este recibo

em cima do selo, dizendo que aceitou o dinheiro. Ou você também precisa

de uma almofada de carimbo?

— Sei assinar o meu nome — disse Gopal, com os olhos ainda em Bhima.

Pegou a caneta de Devdas e escreveu com a mão esquerda sobre o se-

lo oficial cor-de-rosa.

— Aqui está — disse, devolvendo o talão a Devdas. — Acabei de abrir mão da minha vida.

Devdas deixou cair o bloco de recibos na pasta e se levantou.

— Obrigado — disse ele. — E agora, com sua permissão, vou me retirar.

Pôs o envelope sobre a mesa e olhou para Gopal como se estivesse esperando alguma coisa. . Xingamentos, violência, ameaças, uma manifestação de raiva, qualquer coisa. Mas Gopal o fitava fixamente com a expressão-

são vaga, com o rosto inexpressivo, como se estivesse morto. O contador

estalou a língua dando mostras de insatisfação.

— Quer saber, Gopal *babu*, foi você mesmo que causou essa infelicidade. Deveria ter sido mais cuidadoso no trabalho. Afinal, aquelas máqui-

nas são grandes e perigosas, aquilo não é uma casa de bonecas. Da próxima

vez, vai se lembrar de ter mais cuidado.

Finalmente ele teve a reação que estava esperando. Gopal se levantou

da cadeira com um rugido de raiva e berrou:

— Saia da minha casa. Leve as suas mentiras maléficas para longe da

minha vista. Vir me dizer que eu deveria ter tido mais cuidado quando to-

do mundo sabe que há apenas três dias reclamei com o patrão sobre aquela

máquina.. . E nenhum de vocês, seus filhos-da-puta, fez nada. Sai mais ba-

rato dispensar um operário como eu do que parar o trabalho por um dia

para consertar a máquina. Não pense que não sei o que está dentro deste

envelope: é dinheiro sujo, manchado de sangue. São os meus três dedos

que vocês estão me devolvendo neste envelope, nada mais do que isso.

*Saala maadarchot*, seu asquerosos quem o senhor pensa que está enganando?

O senhor pode enganar a sua mãe, a sua irmã e o seu filho, que ainda ma-

ma nas tetas da sua mulher, mas não vai me enganar, entendeu?

Devdas emitiu um ruído que era um misto de bufo de raiva e riso descontrolado.

— Olhe, *babu*, não há necessidade de agir assim. Afinal, sou visita na

sua casa.

Percebendo o brilho nos olhos de Gopal, rapidamente concluiu:

— Já vou indo. Até logo.

A casa ficou estranhamente silenciosa depois que Devdas saiu. Bhima

voltou a preparar os *chappatis*, e Gopal se sentou na cadeira onde Devdas

estava há apenas alguns minutos e ficou olhando fixamente para a parede à

sua frente, como se ela fosse lhe revelar os mistérios da vida. O envelope



permanecia intocado em cima da mesa. De vez em quando, Bhima arrisca-

va um olhar para Gopal, mas o rosto do marido estava tão inexpressivo

quanto a parede para a qual ele olhava. Finalmente, ela não conseguiu a-

güentar mais o silêncio. Limpando a farinha das mãos, foi até Gopal e

murmurou:

— Meu marido, encontre no seu coração um jeito de me perdoar.

Sou uma mulher burra e ignorante. Aquele *badmaash* mentiu para mim.

Disse que eu estava assinando uma carta para que você tivesse o tratamen-

to adequado no hospital.

Gopal balançou a cabeça lentamente.

— Mulher, você não percebe? Isso não importa. De um modo ou de outro teriam nos passado a perna. Eles são os donos do mundo, sabe?

Têm as máquinas, o dinheiro, as fábricas e o estudo. Somos apenas as fer-

ramentas que usam para conseguir todas essas coisas. Sabe como se usa um

martelo para pregar um prego? Pois bem, eles me usaram como um marte-

lo para conseguir o que queriam. É isso o que sou para eles, um martelo. E

o que acontece com o martelo quando não serve mais? É jogados fora e

substituído por um novo. Só a usaram para comprar um martelo novo.

Bhima ficou olhando para ele, sem entender. Não reconhecia este

Gopal de agora e também não gostava muito dele. Este Gopal não tinha

apenas uma aparência diferente, também cheirava diferente. Seu Gopal era

feito de sol, música, risos e brincadeiras e tinha cheiro de hortelã, coentro e

chuva fresca. Este novo Gopal era duro como um martelo, grosso como

couro e tinha cheiro de suor, cinzas e leite estragado.

— Gopi, ouça só — disse ela em desespero. — Esqueça as Indústrias

Godav. Com a minha burrice, fiz você perder esse emprego, mas vou en-

contrar outro, prometo. E, a partir de amanhã, vou lhe dar todos os dias

um pedaço de frango para que se recupere logo. Vou pagar a Pandav para

escrever uma carta a seu irmão, pedindo que mande umas ervas para curar

a sua dor. Gopal, meu marido, enquanto você estava no hospital, batalhei

para mantê-lo vivo. E, agora que você voltou para casa, vou cuidar de você

direitinho, prometo.

Ele sorriu para Bhima e então ela percebeu que os deuses lhe haviam

pregado uma peça: mantiveram Gopal vivo, mas levaram sua essência, a-

quilo que faz com que um homem deseje continuar vivendo. Gopal parecia

a caixa vazia de um relógio cujo interior tivesse sido removido. Não havia

mais nada para manter o mecanismo funcionando. Queria que ele gritasse,

chorasse, xingasse o mundo inteiro, batesse nela, quebrasse alguma coisa,

rasgasse em pedacinhos o envelope que estava em cima da mesa, se enfu-

recesse contra Devdas, fizesse alguma coisa que mostrasse que ainda estava

vivo. Mas, em vez disso, ele lhe deu um sorriso lento, triste e fatalista que o

fazia parecer mais morto do que quando estava no hospital.

— Quer que eu ligue o rádio? — perguntou Bhima, com esperança de que as músicas dos filmes indianos o fizessem ficar mais alegre. Mas ele simplesmente deu de ombros.

— Estou cansado — disse, e virou-se para encarar a parede novamente. Após um momento, Bhima voltou para o fogão na cozinha. Ouviu Amit e Pooja subirem correndo as escadas e, um segundo depois, entrarem voando na sala. Bhima percebeu o olhar preocupado que

Pooja lançou ao seu pai, um olhar tão adulto, e tão cauteloso, que lhe par-

tiu o coração. “Essa menina é muito nova para se preocupar tanto”, pen-

sou ela. Bhima viu Pooja ir até Gopal e fazer-lhe um cafuné enquanto fala-

va baixinho com o pai. O coração de Bhima doía de amor pela sua Pooja

— calma, firme e sensível. Amit, ao contrário, parecia não ter consciência

da tensão que havia na sala. Seu rosto ainda estava afogueado pela energia

despendida no jogo de críquete. Havia alguma coisa em Amit que lhe lem-

brava um cachorrinho esperto, animado, cheio de vontade de agradar. “Se

esse menino tivesse rabo, o abanaria o dia inteiro”, pensou. E, desde que

Gopal voltou para casa, o rabo de Amit não parou de balançar. Bhima se

espantava de ver como ele estava contente de ter o seu *baba* de volta em

casa; nem parecia notar a mudança em Gopal. Agora, Amit estava se van-

gloriando, contando ao pai como tinha sido o jogo.

— Marquei dois *sixers*, *baba* — disse ele. — Aquele tal de Vaso tentou

pegar um dos meus lançamentos, mas, como é um balofo, não conseguia

nem correr atrás da bola. E depois teve aquele garoto novo que tentou. .

Os olhos de Amit pousaram no envelope.

— O que é isso? — perguntou, pegando-o.

Gopal se virou ligeiramente e seus olhos se encontraram com os de Bhima, por sobre a cabeça do menino.

— É um presente antecipado de Diwali — respondeu Gopal de propósito, sem deixar de olhar para o rosto estupefato de Bhima.

— Abra.

Os dedos ávidos de Amit rasgaram o envelope, e o maço de notas de

cem rúpias caiu no chão.

— Puxa! — exclamou o menino quase engasgando.

Nunca tinha visto tanto dinheiro junto. Confuso, virou-se para o pai e

perguntou:

— O que é isso, *baba*? Esse dinheiro todo?

— Você sabe o que é isso, *beta*? — retrucou Gopal.

Seu rosto estava tão febril quanto naquele dia em que ele o viu no hospital.

— Isso aí dentro desse envelope é o seu *baba*. Isso é quanto vale o seu *baba*. Esse é o preço por. .

— Cale a boca.

Bhima entrou voando na sala e tentou deter Gopal com um olhar. Fitou o rosto atônito do filho e alguma coisa na sua inocência confusa a irri-

tiu.

— Garoto burro — exclamou, dando-lhe um tapa no ombro. —

Pegue logo esse dinheiro do chão. E pare de fazer perguntas idiotas e de

aborrecer todo mundo!

Deu outro tapa em Amit, dessa vez na nuca.

— Mãe — reclamou ele. — Pare com isso, O que foi que eu fiz?

— Não desconte no menino os seus pecados, mulher — murmurou Gopal tão baixinho que só ela conseguiu ouvir.

Isso a enfureceu ainda mais.

— O que você fez? — gritava Bhima enquanto o menino esfregava a cabeça. — Passou a tarde toda jogando críquete como um *mawali*, um mu-

çulmano, junto com aqueles seus amigos que também não servem para

nada. Eu volto para casa cansada do trabalho e ainda. .

Bhima engasgou com as próprias palavras como se fossem pedaços de carvão em brasa, mas a raiva e o medo ainda borbulhavam dentro do

seu peito.

— Nós aqui gastando o nosso dinheiro suado para mandar você para a escola, enquanto Pooja e eu trabalhamos como duas escravas o dia intei-

ro. E o que você faz, seu moleque sem-vergonha? Fica jogando críquete

com os *goondas* do bairro.

O rosto de Amít faiscou, ofendido e desafiador.

— Mas, mãe, você disse ainda há pouco que eu podia ir jogar com os meninos. E, de qualquer maneira, eles são meus amigos, não são malan-

dros nem pivetes, como você disse.

Subitamente, sua raiva arrefeceu e se apagou como a chama azul do fogão Primus. Fitou o filho com pena e tristeza e resmungou:

— Vá lavar o rosto, O jantar já está quase pronto.

Virou-se para Pooja. Bhima tinha a sensação de que, apesar da calma

aparente, a filha estava encolhida de medo por dentro. Suspirou Pensando

consigo mesma que essa era uma maldição especificamente dos pais: co-

nhecerem bem demais o interior de seus filhos.

— E você, *chokri* — disse com a voz grave pelo misto de emoções que sentia —, é melhor ir lavar o rosto também. Você deve estar exausta

depois de trabalhar o dia inteiro. Essa sua patroa devia ser chefe de polí-



cia. . só mandando você fazer uma coisa atrás da outra.

— Na verdade, ela foi boazinha comigo hoje. Até me deu um pedaço de chocolate para comer de sobremesa — disse Pooja.

Por força do hábito, Bhima olhou para Gopal e, por um breve instante, aconteceu aquela velha comunicação cúmplice ao trocarem olhares.

Ambos sabiam que Pooja era naturalmente conciliadora e que muitas vezes

exagerava ou mentia para fazer seus pais se sentirem melhor.

— Chocolate é bom, mas da próxima vez diga a ela que lhe dê mais dinheiro — resmungou Bhima.

Pelo tom de voz, Pooja sabia que a mãe estava brincando. Sorriu e foi

rapidamente para a cozinha usar a pia.

Quando Bhima pegou o envelope e procurou um local seguro para esconder o dinheiro, sentiu os olhos de Gopal acompanhando cada movi-

mento que fazia. Mesmo com o suor lhe escorrendo pelas costas, ela gelou

com aquele olhar irônico. Com esse dinheiro, poderia pagar alguns meses

de aluguel e também comprar comida. Só Deus sabe quanto tempo ia levar

até Gopal encontrar outro emprego. Agora, sem contar com seu salário,

precisavam poupar cada *paisa* que pudessem.

NO DIA SEGUINTE, BHIMA SENTIU a esperança palpitar em seu peito enquanto se dirigia para o trabalho. Tinha decidido que contaria a arma-

ção do contador a Serabai. Com uma ou duas palavras bem escolhidas, ela

poderia dar um jeito nele.

Mas Sera estava séria quando entrou na cozinha, algumas horas depois.

— Acabei de falar com o Feroz no telefone — contou. — Ele disse que o caso está encerrado. Depois que você botou a impressão digital no

documento. . receio que nada possa ser feito, Bhima. . — acrescentou cari-

nhosamente.

De repente, Bhima começou a dar tapas na própria testa. Golpeava repetidamente a testa larga com a base da mão, gritando:

— Mulher burra, imbecil! Você botou a corda no pescoço do seu ma-

rido. Você destruiu a vida dele. Maldito seja o dia em que nasceu.  
Maldita

seja minha mãe por não ter me mandado para a escola. Serabai,  
quando eu

era criança, tinha tanta vontade de ler livros! .

Enquanto Sera observava estarecida, Bhima retomou sua auto-  
flagelação.

— Que você tenha que repetir ciclos intermináveis de sofrimento  
neste mundo cruel para pagar por esse pecado! Que os filhos dos  
seus fi-

lhos nunca a perdoem por este crime!

— Bhima, pare, Bhima! — gritou Sera. — Não é hora de ficar histéri-  
ca!

Sera aguardou até que a empregada parasse de bater em si mesma.

— De que adianta você ficar se culpando, Bhima? — indagou ela. —

Como é que você poderia saber do engodo daquele sujeito? O que  
minha

mãe costumava dizer é uma verdade: às vezes as cobras andam  
disfarçadas

de gente.

Naquela noite, a caminho de casa, Bhima parou no pequeno altar  
que

alguém tinha construído para Krishna dentro do tronco de uma árvore,

que ficava entre a padaria e uma loja de roupas. Pôs algumas moedas aos

pés da estátua azul e ficou olhando para o rosto feliz e tranqüilo de Krish-

na. Desde que conheceu Gopal, desenvolveu a maior simpatia por Krish-

na, porque alguma coisa no jeito brincalhão e moleque da divindade fazia

com que se lembrasse de Gopal. Agora, olhava para o rosto bem-aventurado do deus com inveja.

— Traga o meu velho Gopal de volta à vida — murmurou fervorosamente. — Traga o meu Gopal de volta e prometo que vou distribuir três

quilos de *pedas* para todos os meninos de rua daqui dessa região. Vou ado-

çar a boca desses meninos.

GOPAL FEZ AMOR COM ELA pela primeira vez, desde que o acidente ocorreu, no dia em que tiraram os curativos. Durante a noite toda, Bhima

não tirou os olhos dos tocos onde antes havia os dedos do marido. Perto

das extremidades, a pele era rosada, mais clara que o marrom-escuro do

resto de sua mão. Quando bateu acidentalmente na mão mutilada no pra-

to de metal enquanto a família jantava, a dor foi tão aguda que Gopal deu

um grito. Depois do acidente, ele aprendeu a comer com a mão esquerda,

mas levava tanto tempo para colher o arroz e o *daal* com os dedos que

Bhima muitas vezes se perguntava se era por isso que o marido estava per-

dendo tanto peso. Agora, sentindo as ondas de dor subindo pela mão alei-

jada, Gopal largou a comida e se levantou do chão.

— Não consigo comer mais — disse abruptamente.

— Mas, *baba*, você não comeu nada — observou Amit.

Gopal olhou para ele com um ar tão severo que o menino ficou mudo. Então, foi se deitar enquanto os três comiam rápida e silenciosamente.

Mas, naquela noite, Bhima sentiu os tocos dos dedos do marido percorrendo suas costas. Ela se enrijeceu ao sentir aquela aspereza pouco fa-

miliar e lutou contra a repulsa que lhe embrulhou o estômago. Como se

tivesse percebido seu desconforto, Gopal disse baixinho:

— Minha mão sem dedos desagrada a você, mulher?

— É claro que não — disse ela rapidamente, virando-se para encará-lo.

Ela acariciou seu rosto bonito e fino com a mão, traçando seus contornos com o dedo indicador.

— Tanta dor num rosto tão jovem! — sussurrou. — E tão magro e tão frágil!

Ele enfiou a cabeça no peito dela e, desabotoando a blusa do san com

a mão esquerda, chupou-lhe os seios. Sentiu aquele misto de fogo e gelo

correndo pelo seu corpo, que ao mesmo tempo queimava e derretia.

Mas alguma coisa estava errada. Eles pareciam não se encaixar tão bem quanto antes. Em todos os movimentos que faziam, a cada impulso e

a cada vez que seus corpos se curvavam, pareciam o tempo todo conscien-

tes da falta dos três dedos. Quando tentou afrouxar o nó do cadarço da

calça, a mão mutilada roçou sem querer no tecido e ele trincou os dentes

de dor. Enquanto segurava o rosto de Bhima com a mão esquerda, a outra

mão de Gopal flutuou no ar e caiu ao lado do corpo, inútil como uma asa

quebrada. Quando Bhima arqueou os quadris em sua direção, Gopal não

pôde finalizar aquele movimento de intimidade segurando as nádegas dela,

como normalmente fazia. Eles tentaram. Suaram, gemeram e se esfregaram

um no outro. Mas não se acertavam, como dançarmos que erram os pas-

sos. Finalmente, Gopal parou no meio do ato e desistiu. Antes de se virar

para o lado, porém, disse com amargura:

— Parece que você se esqueceu de como acolher o seu próprio mari-

do.

Essas palavras a feriram como um tapa, mas Bhima estava cansada e

desapontada demais para reagir. À diferença da maioria de seus amigos ca-

sados, ela e Gopal sempre tiveram muita compatibilidade na cama. Desde a

noite de núpcias, quando caíram nos braços um do outro, rindo e suando e

se roçando e se aconchegando, havia uma facilidade nas relações sexuais

deles que Bhima sabia que muitas de suas amigas não tinham. Gopal nunca

teve que conquistá-la como se ela fosse uma montanha. Nadava nela como

se ela fosse um rio. Como um rio e seu peixe, tinham existido lado a lado,

fluindo juntos pela mesma corrente, precisando um do outro, mas sem ten-

tar dominar um ao outro.

Mas, de repente, Gopal tinha algo a provar. De repente, ela era um rio

a ser represado, seu poder precisava ser controlado e verificado. Agora que

lhe faltavam três dedos, Gopal tinha que convencer a si mesmo de que a-

quele outro "membro" importante estava intacto. E assim, noite após noi-

te, ele empreendia uma espécie de embate com ela até que o sexo passou a



ficar mecânico, sem humor e sem inspiração. Consciente da dor que ele

sentia e sabendo instintivamente como isso era importante para o marido,

Bhima teve paciência. Mas, com o tempo, a paciência se transformou em

passividade, e Gopal, que por muitos anos esteve tão afinado com os esta-

dos de espírito e pensamentos dela, percebeu isso. Querendo que ela rea-

gisse, seu desempenho sexual tornou-se mais desesperado, frenético e vio-

lento. Ele enfiava seus dedos amputados na barriga dela, e ficava eletrizado

Com a dor que lhe percorria todo o corpo como uma droga. Beijava os

seios dela e depois os mordida como se fossem rodelas de limão. Metia seu

pênis tão fundo dentro dela que parecia até uma espada. Ela tentava se en-

ganar, interpretando esse desespero sexual como fruto da paixão, mas o

olhar sombrio e atemorizado de Gopal a impedia de embarcar nesse auto-

engano.

E então as relações pararam de acontecer. Quando ela veio para cama

naquela noite, Gopal já estava dormindo. Bhima se esgueirou para dentro

do catre estreito com receio de acordá-lo, mas a respiração de Gopal se

manteve constante e ritmada. Ficou acordada durante algumas horas, divi-

dida entre querer mergulhar num sono bem-aventurado e o medo de que

ele a tocasse, se baixasse a guarda. Finalmente, exausta, adormeceu.

Na noite seguinte, Bhima voltou do trabalho e imediatamente percebeu um cheiro estranho e diferente.

— Aqui está com cheiro de loja de *darú*, cheiro de álcool — brincou ela.

Porém, o sorriso em seus lábios morreu subitamente ao dar alguns passos em direção a Gopal.

— Você andou bebendo — exclamou ela num tom de voz que era tanto de surpresa quanto de acusação.

O rosto de Gopal se enrijeceu, como se alguém tivesse fechado abruptamente uma janela.

— E daí? — perguntou desafiador.

Havia uma grosseria na sua postura, uma arrogância que ela nunca ti-

nha visto antes.

— Se eu quiser tomar um ou dois tragos, isso é problema de quem?

Ela olhou em volta e perguntou:

— Onde está Amit?

— Está jogando lá embaixo com os meninos.

E depois, como se tivesse lido os pensamentos dela, Gopal concluiu:

— Não se preocupe, ele não me viu subindo. Nosso queridinho Amit não tem nenhum motivo para se envergonhar do pai.

— Você está bêbado — disse ela, como se estivesse falando consigo mesma. — *Baap re*, Gopal, você está bêbado. Logo você, que quase nunca

tocou em bebida desde que nos casamos.

Ele abriu os braços.

— Isso foi antes de eu me libertar — disse, com a voz pastosa. —

Quando eu não era importunado pela minha mulher.

Na manhã seguinte, Bhima falou com Feroz antes de ele sair para o trabalho e pediu que arrumasse um emprego para Gopal.

Feroz mordeu o lábio inferior e disse:

— Assim de imediato não me vem nada à mente. Mas me deixe pensar um pouco no assunto.

Gopal começou a beber todos os dias. Dizia que aliviava a dor.

— Você não tem idéia de como é essa dor desgraçada — disse a

Bhima um dia. — E como se alguém estivesse enfiando facas na minha

mão. E aí vem o médico e me diz que não existe tratamento para isso. A

única coisa que me dá umas horinhas de paz é a bebida.

Seu rosto desmoronou como uma parede construída com material ba-

rato.

— Tudo o mais já foi tirado de mim, Bhima. Minhas mãos, meu em-

prego, meu orgulho. Por favor, não tire mais isso. Não sou como aqueles

bêbados idiotas. Sei a hora de parar.

Quando Feroz finalmente disse a ela que havia encontrado um em-

prego para Gopal, Bhima voltou para casa alegre, mas apreensiva. Para sua

grande surpresa, porém, Gopal pareceu gostar da idéia. Três dias depois,

começou no novo emprego. Bhima acordou cedo naquele dia e preparou

as coisas de que ele mais gostava para o café da manhã. Também botou

alguns pedaços de quiabo frito entre dois *chappatis* e lhe entregou para que

comesse no almoço.

Gopal voltou para casa naquela noite tão pálido e tão cansado que,

por um momento, Bhima pensou que ele estivesse bêbado. Mas percebeu

que era o cansaço, e não o álcool, que o estava fazendo falar daquele jeito,

com a voz arrastada. Naquela noite, depois que as crianças foram para a

cama, massageou as costas dele, desfazendo os nós de tensão que desciam

pelo pescoço e pelos ombros. Enquanto desfazia os nós, também o fez

soltar a língua.

— Eu estava lento, muito lento — disse ele suavemente. — E tão de-

sajeitado. . Todos os outros carregadores ficavam olhando para o aleijado

que tentava fazer o serviço deles. Tive vontade de lhes dizer: Vocês deviam

ter me visto alguns meses atrás, seus *chootias*. Eu trabalhava tão rápido que

vocês estariam apenas ligando as máquinas enquanto eu já estaria no final

do processo. Mas é claro que não havia nada a fazer ou a dizer a não ser

continuar aprendendo como carregar o material de encontro ao peito u-

sando apenas a mão esquerda. O patrão, Deshpande, é um homem bom e

muito paciente, mas fiquei tão envergonhado, Bhima.

O amor e a indignação deram um nó na garganta de Bhima.

— Não há do que se envergonhar, Gopu — disse com firmeza. — A

única vergonha é ficar em casa e não cuidar da sua família. Tentar ganhar a

vida honestamente não é vergonha para ninguém.

— Eu sei — disse ele. — Foram exatamente essas palavras que fiquei

me dizendo. Mas, Bhima, tinha também a dor. Às vezes ela era tão forte

que eu pensava que ia desmaiar. É engraçado, não estava usando a mão

direita para nada, e, se alguma das mãos podia ter direito de reclamar, seria

a esquerda, porque estava trabalhando demais. Mas era a mão inútil que

doía muito. Constantemente me lembrando da sua presença com os seus

mensageiros da dor.

Apesar de tudo, quando trouxe o pagamento para casa naquela sexta-

feira, Gopal parecia feliz, mas encabulado.

— Isso não é nada comparado ao que eu ganhava antes, não é? Mas,

devagarinho, à medida que eu for conseguindo trabalhar mais rápido, vou

ganhar mais, Bhima.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Vamos dar um jeito com o que conseguir ganhar. Só o fato de ter você em casa comigo e ver você feliz no trabalho já é suficiente para mim.

Ele lhe lançou um olhar estranho e repetiu brandamente:

— Feliz no meu trabalho?

Gopal passou a parar no botequim para beber um ou dois tragos depois do trabalho, mas Bhima se forçou a não se incomodar com isso.

— Seu *baba* está sentindo muita dor — explicava às crianças. — A bebida é como um remédio para ele.

Mas na terça-feira seguinte Gopal se recusou a sair da cama, dizendo:

— Decreto que hoje é feriado para todos os trabalhadores de Bomba-

im.

Bhima sentia o bafo de álcool em seu hálito.

— Você também devia ficar em casa hoje. Acabaram de lançar um novo filme do Rajesh Khanna. Podíamos ir ao cinema de tarde.

— E depois fazer dois *paisa* renderem até o fim da semana? — disse

Bhima com amargura. — Mesmo que você não se importe comigo, pense

nas crianças, O que vou lhes dar para comer? Já estou devendo ao quitan-

deiro. Outro dia mesmo, Pooja estava falando em arranjar um segundo

emprego. A juventude inteira da minha filha vai se esvaír para sustentar o

vício do pai. É isso o que você quer?

— Tem o dinheiro do acordo — disse ele com ironia. — Você se es-

quece, minha querida esposa, de que você conseguiu esse dinheiro com a

sua inteligência brilhante?

Ela enrubesceu ao ouvir aquele insulto, mas isso não a tirou dos tri-



lhos.

— Gopal, aquele dinheiro é para pagar o aluguel durante alguns meses. Sem o seu salário, meu marido, como vamos manter este local? Pense

um pouco no futuro.

Gopal virou-se para o outro lado e dormiu.

Uma semana depois, quando Bhima chegou do trabalho, Amit a espe-

rava na esquina.

— Mãe — disse o menino assim que a viu. — Venha para casa, depressa. O *baba* enlouqueceu.

— O que aconteceu? — indagou Bhima apressando o passo para acompanhar o filho.

— Não sei. Mas quando voltei da escola ele já estava em casa, andan-

do para lá e para cá como um touro bravo, procurando alguma coisa. Fi-

quei com tanto medo que saí. Há um tempão estou esperando você voltar

para casa, mãe.

Assim que Bhima entrou pela porta, Gopal se voltou para ela, ofegan-

te.

— Onde está o meu dinheiro?

Estava com o cabelo desgrenhado, seu rosto suado parecia machuca-

do, e a expressão atordoada era a de quem andou brigando.

— Cadê o dinheiro que você ganhou com os meus dedos cortados, sua puta?

— Você quer dinheiro para quê?

Bhima olhou em volta e viu que ele tinha tirado os lençóis da cama, aberto e esmiuçado o armário e revirado todas as panelas da cozinha de

cabeça para baixo.

— Tenho que pagar a conta do botequim — disse ele. — Meu crédito já se esgotou, e se eu não pagar até hoje à noite, ele não me dá mais be-

bida. Preciso do meu dinheiro — exclamou ele, enfurecido.

— O dinheiro não está aqui — informou Bhima, secamente. — Está guardado com Serabai. De qualquer modo, só restam algumas centenas de

rúpias. Como você pensa que tenho conseguido administrar essa casa des-

de que..

Ele soltou um uivo e avançou para ela, furioso. Bhima fechou os olhos, se preparando para sentir as mãos dele em volta do pescoço. “Será

que Gopal teria força suficiente para esganá-la com uma só mão?”, pensou.

— *Baba!* — A voz de Amit impediu Gopal em sua investida. — *Baba,* o que está fazendo?

O menino chorava copiosamente, e a visão das lágrimas nos olhos do

filho interrompeu o movimento de Gopal. Amit estava remexendo nos

bolsos da calça e disse, estendendo uma nota amassada de cinco rúpias:

— Veja, ganhei uma aposta na escola hoje. Pegue esse dinheiro, *baba,*

e vá tomar a sua *darú.*

Ficaram todos imóveis na sala durante um segundo infinito. “Gopal, não pegue o dinheiro”, implorava Bhima silenciosamente. “Se pegar o di-

nheiro do seu filho, saberei que você vai abandonar a gente para sempre,

meu marido. Deixe-me sentir ainda algum orgulho em você. Não tire da

nossa família esse último motivo de orgulho.”

A calma continuava, mas de algum modo a sala parecia vibrar e lu-

zir com uma tensão não expressa. Era como se todos os participantes sou-

bessem que aquele era um momento de decisão, que esse era o teste que

tinham que enfrentar juntos ou estariam para sempre afastados uns dos

outros, cada um em seu mundo separado e silencioso. Juntos, formavam

os três vértices do triângulo em que cada um tocava os outros dois e o me-

nor movimento de cada uma das partes destruiria aquele equilíbrio incerto.

Gopal arrancou a nota da mão de Amit e murmurou, sem ousar olhar

para Bhima:

— Você é um bom garoto. Logo, logo devolvo esse dinheiro, meu filho.

Na porta da frente, ele parou. Olhou para a expressão desapontada do filho e viu o olhar cansado e gasto de sua mulher. Deixou escapar uma

espécie de grito, como se tivesse notado pela primeira vez que Bhima tinha

perdido aquele ar roliço do qual gostava tanto, como se tivesse  
ficado sur-

preso com seu rosto pálido e encovado, com bochechas caídas,  
puxadas

para baixo pelas gigantescas mãos do destino. Bhima o encarou,  
esperando

ver a mágoa e a culpa no rosto do marido. Ficou horrorizada ao  
perceber

que, em vez disso, o que ele sentia era uma excitação sombria e  
cruel, tão

excitante e estimulante como a língua de uma prostituta.

Um olhar de malícia prazerosa surgiu no rosto de Gopal.

— Por falar nisso, tenho uma boa notícia, mulher — anunciou ele. —

Fui demitido hoje. A partir de amanhã, você vai me ter em casa o  
dia todo.

Sem os dedos, sem trabalho, improdutivo, Gopal encontrou a sua á-  
rea de criatividade. Podia produzir infelicidade — montanhas e  
montanhas

de infelicidade.

QUANDO AMIT TROUXE PARA CASA um boletim com péssimas

notas, Gopal disse que talvez fosse hora de o garoto sair da escola e  
arru-

mar um emprego. Pooja fez pé firme. Em vez disso, decidiu pegar  
um se-

gundo emprego lavando a louça para a vizinha da senhora Sodabottleope-

nerwalla. Gopal ficou com um ar sonhador quando escutou a notícia, mas,

logo depois, deu um bocejo, virou-se para o lado e adormeceu.

— Mãe, o *baniya* da venda me parou no caminho de casa hoje — anunciou Pooja. — Disse que não vai mais nos dar crédito.

O rosto de Bhima ficou tenso de preocupação.

— Talvez eu possa pagar a metade do que devemos — disse.

Bhima abaixou a voz.

— Você e eu vamos ter que comer menos pelo resto da semana para inteirar o dinheiro do aluguel.

Gopal, deitado no catre, fez uma careta para a mulher.

— Sempre falando em dinheiro, dinheiro, dinheiro. Você me dá nojo, mulher.

Ele se levantou e prosseguiu:

— Bem, já que tocou nesse assunto, preciso de dez rúpias.

De algum modo, ele sempre arrumava dinheiro para a bebida. Às vezes, roubava de Bhima. Outras, simplesmente a ameaçava até que ela lhe

desse qualquer trocado que tivesse guardado para as despesas domésticas.

Esse dinheiro vinha envolto de xingamentos, como o tabaco enrolado em

folhas de *betel* que ele às vezes mascava. Quando ela não tinha nada para

lhe dar, quando Gopal já tinha lhe tirado tudo, ele fazia uns biscates para o

dono do botequim que pagavam o seu vício.

— Ele é o meu único amigo — disse certa vez Gopal para Bhima. —

É o único que entende o que acontece com um homem que foi castrado

pela própria mulher.

Bhima teve que morder os lábios para impedir que sua boca cuspiesse

em cima dele o ódio que sentia. Tampouco lhe disse o que sabia. . que

Munnu, o filho do proprietário, tinha vindo ameaçá-los de despejo ontem

se não pagassem o aluguel.

A senhora que morava ao lado ficou sabendo das dificuldades deles e

disse a Bhima, quando estavam na fila do banheiro que dividiam com uma

outra família:

— *Beti*, não se ofenda com o que vou dizer, mas o Munnu, filho do nosso senhorio, esteve aqui ontem e me falou da sua situação. Munnu quer

se livrar de vocês, isso é certo. Disse até que já tem outra família pronta

para se mudar para o apartamento, e que eles se prontificaram a pagar adi-

antado seis meses de aluguel. É o que digo, minha filha: essa gente não tem

coração. Então, se estiver procurando um lugar mais barato para morar,

me avise, posso ajudá-la.

Bhima virou-se para ela, ansiosa.

— Onde fica, *didi*? Quanto é o aluguel?

— Na verdade, é bem mais perto do seu emprego, *beti*. Você não vai ter que andar tanto para voltar para casa depois de um dia inteiro de traba-

lho. Na Comunidade Bhaleshwar tem um lugarzinho que..

— Bhaleshwar? Mas essa favela é um horror, não é? Não posso levar meus filhos para um lugar desses.

A velha senhora bateu na porta do banheiro.



— *Arre, bhaisahib*, o senhor está construindo uma casa aí no banheiro?

— berrou ela. — Sou uma senhora idosa. Por favor, tenha consideração e

acabe logo com esse negócio ai.

Ela se aproximou de Bhima e olhou bem nos olhos dela.

— *Beti*, a favela de Bhaleshwar não é um bom lugar para criar as crianças, concordo. Mas a rua também não é, certo? Você não vai querer vol-

tar para casa um dia e encontrar todas as suas coisa na rua, vai? Para onde

você vai, então? Mesmo que não seja por você mesma, pense em Pooja.

Uma moça na rua não está mais segura do que uma moça na floresta. Exis-

tem animais selvagens nos dois locais.

— E como é que a senhora soube desse lugar, *didí*?

A velha senhora pareceu embaraçada.

— Meu genro é dono de alguns barracos na favela — disse ela. —

Teve uma época em que ele mesmo morou lá. Agora, é claro, ele tem sua

própria casa. Mas, como um favor especial a mim, pode fazer para vocês

um preço bem camarada no aluguel.

A porta do banheiro se abriu e seu ocupante, um homem careca de *lungi*, o pano estampado envolvendo o corpo, e camiseta sem mangas, saiu.

— Desculpe, *mausi* — murmurou o homem. — O que eu podia fazer? Diarréia. .

A velha senhora entrou no banheiro tapando o nariz num gesto teatral.

Bhima ficou do lado de fora, sentindo a pressão na bexiga e se reme-

xendo de um pé para o outro discretamente. Em todos esses anos, sempre

sonhou com um apartamento como o de Serabai, com banheiro privativo.

Em vez disso, agora teria que encarar uma mudança para um local pior do

que o que ocupava atualmente. Todos os dias passava pela Comunidade

Bhaleshwar voltando do trabalho, tapando o nariz por causa de seus odo-

res fétidos. Lembrava-se agora de como o local, visto da rua, parecia escu-

ro e sem fim, com as vielas laterais correndo como túneis tortos para den-

tro do próprio coração das trevas. As mulheres sentadas dentro de seus

casebres amamentando seus filhos, com os seios pendurados, saindo da

blusa tão aberta e exposta quanto suas casas. Os homens, acocorados na

calçada com aquelas caras de bêbados, eram insolentes com mulheres res-

peitáveis como ela, que passavam correndo a caminho de seus empregos.

Imaginou Gopal juntando-se às hordas de desempregados e decaídos que

passavam os dias sentados, sem fazer nada, sob o sol causticante. Imaginou

Amit e Pooja naquele inferno: Amit voltando correndo para casa da escola,

defendendo-se das provocações dos meninos vadios e analfabetos que

queriam arrastá-lo para a delinqüência; Pooja desviando o rosto dos olha-

res cobiçosos e excitados dos malandros da área.

Não, quando a senhora saísse do banheiro diria que não estava interessada. Pegaria mais dois serviços, se fosse necessário. Talvez Amit pudes-

se conseguir ganhar um dinheirinho também. Dariam um jeito, ela e os

filhos. Nada mais importava, a não ser Pooja e Amit. Não precisavam mais

de Gopal. Assumiria o papel de mãe e pai deles. Ela é que tinha carregado

os dois na barriga durante nove meses, não Gopal. As crianças eram sua

responsabilidade, não dele.

Mas como os protegeria se estivessem na rua? Mesmo que conseguis-

se outro emprego na semana seguinte, ainda teria de esperar um mês inte-

ro até receber o pagamento. E se Munnu quisesse que ela pagasse toda a

quantia que devia de uma só vez?

A porta do banheiro se abriu. Bhima viu a expressão indiferente no

rosto da mulher e percebeu que ela tinha esquecido aquela conversa. "Veja

como o mundo nos esquece depressa", pensou Bhima com seus botões.

Sentiu sua boca se abrir, mas não sabia ao certo o que iria dizer. E en-

ção, quando falou, ouviu as próprias palavras ao mesmo tempo em que sua

vizinha as ouvia.

— Gostaria de ver esse local em Bhaleshwar. A senhora poderia marcar uma hora para mim?

Bhima teve um sobressalto de surpresa ao ouvir essas palavras. Esta-

va certa de que recusaria a oferta da velha senhora.

18

BHIMA ENTROU NA FAVELA ESCURA e ficou imaginando onde tinham ido parar os dois últimos anos. Seus pés já conheciam de cor as cur-

vas sinistras das ruelas sombrias e estreitas que conduziam ao seu casebre.

Não se engasgava mais involuntariamente quando o cheiro pútrido da fa-

vela entrava nas suas narinas. E, outro dia mesmo, Amit perguntou algo

sobre seu antigo apartamento que a fez perceber que já estava começando

a esquecer os detalhes dele.

Pensar em Amit fez com que ela apressasse o passo. O menino tinha ficado em casa naquele dia, lutando contra uma febre alta.

— Fique de olho nele, ouviu? — pediu a Gopal pela manhã. — Se a

tosse ou a febre piorarem, leve o menino ao dispensário do doutor Roy.

Hesitou antes de dar algumas rúpias a Gopal.

— Esse dinheiro é para pagar o médico, se você tiver que levar Amit lá, entendeu? Não gaste com o seu vício.

Gopal fez que sim com a cabeça, com um ar sério.

— Juro por Deus, mulher. Você deve achar que sou um animal e não um homem. Que tipo de pai gastaria o dinheiro do remédio do filho com

*daru?*

Quando Bhima voltou para casa naquela noite, encontrou Amit deitado no chão, sozinho, coberto com um lençol fino.

— Como está se sentindo, *beta?* — perguntou ela. — Cadê o seu *baba?*

A voz do menino estava rouca e seu rosto, lustroso e vermelho.

— Estou um pouco melhor, mãe — respondeu ele, sentando-se. —

Hoje à tarde pedi ao *baba* que fosse buscar remédio para mim lá na clínica

do doutor, e ele disse que eu não estava precisando. Mas acho que a febre

baixou um pouco.

Bhima percebeu que o filho estava tremendo.

— Você está com frio? — exclamou ela, e, sem esperar resposta, cobriu-o com um segundo lençol.

— Onde está o seu *baba*?

Amit olhou para ela de relance e revirou os olhos.

— Onde mais?

Uma fúria fria se abateu sobre Bhima como chuva forte.

— Está no botequim? Hoje? Ele deixou você em casa sozinho, assim?

Mas, na verdade, ela não precisava de confirmação. Olhou o pequeno

cômodo até que seus olhos se depararam com a vassoura encostada num

canto.

— Fique aqui, Amit — ordenou ela, pegando a vassoura. — Não vou demorar, *beta*.

Quando chegou ao botequim, a fúria tinha se transformado numa tempestade. Bhima viu Gopal assim que entrou naquela estrutura precária,

uma mistura de restaurante, casa de jogos e botequim aonde iam os ho-

mens que moravam naquela área. Era a única mulher no local.

— Minha senhora — gritou alguém. — Não é permitida a entrada de mulheres aqui.

Ignorando o homem, Bhima foi direto até Gopal, que estava sentado junto com outros cinco homens. Ele estava rindo de alguma coisa com

seus dentes brancos brilhando no rosto escuro. Quando a viu, seu riso

morreu na boca.

— O que você. . — principiou ele.

No momento seguinte teve a resposta, quando Bhima pegou a vassoura que trazia atrás de si e começou a bater nele.

— *Saa la, besharam, matvali* — xingava ela, ofegante, golpeando repeti-

damente o corpo de Gopal com a vassoura. — Seu cachorro. Sem-vergonha. Cobra nascida da barriga da sua mãe, O pior dos piores. Cobra,

porco. Filho-da-puta. A máquina devia ter cortado o seu pau junto com os

dedos. *Hijda*, é isso o que você é, um *hijda*. Você é um capado, não um

homem. Um homem de verdade não deixa o filho doente em casa e sai



para beber com os outros vagabundos.

Ela tinha posto a raiva toda para fora, gastando muita energia para a-

certar golpes precisos em Gopal, que não protestava e pouco fez para se

proteger do ataque. Bhima parou de bater, mas ficou de olho no marido.

Ele pôs os braços na frente do corpo para se defender de novos golpes e

foi em sua direção com um jeito apaziguador. Foi então que alguém riu na

mesa ao lado, e o riso fez Gopal parar no meio do caminho. Olhou ao seu

redor e viu todos os homens ali, seus vizinhos e companheiros de copo

que estavam esperando para ver o que faria agora, como restabeleceria sua

masculinidade desmoralizada. Tentou alertar Bhima quanto a isso.

— Ande, vamos para casa — disse ele duramente, segurando-a pelo pulso. Mas ela se desvencilhou e disse:

— Não me toque, seu *kutta*, seu cachorro.

Há 15 anos que Gopal não se metia em uma briga. Mas agora seu

corpo se movimentava por vontade própria, enquanto ele estapeava as bo-

chechas murchas de Bhima com a mão esquerda. A cabeça dela era jogada

para trás em solavancos e, por um momento, alguma coisa como um sen-

timento de piedade veio aos olhos de Gopal. E foi então que ele bateu nela

de novo. Dessa vez, um filete de sangue escorreu do nariz dela. Os olhos

de Gopal se arregalaram diante do sangue. Bhima viu o marido olhando

seu rosto como que fascinado. Percebeu que a visão do sangue o excitava,

e ele parecia pronto para lambê-lo, para torná-lo também parte do seu

sangue. Antes que ela pudesse reagir, Gopal recomeçou a bater, usando o

dorso da mão, o pulso funcionando como uma dobradiça que lhe permitia

fazer um movimento de vaivém como o de uma porta. Por fim, dois ho-

mens o agarraram por trás.

— *Bas yaar*, Gopal — exclamou um deles arrastadamente. — Você quer que sobre alguma coisa da sua mulher para amanhã, não é? *Ghalo*, le-

ve-a daqui e volte para casa.

Bhima voltou para casa andando atrás de Gopal e tentando parar o sangramento com o pano do sári, lutando contra o impulso de puxar a

roupa por cima de seu rosto cheio de vergonha. Sentiu os olhos da *basti*

pregados neles. "Essas pessoas são como urubus", pensou. "Metendo o

bico na vida dos outros, refestelando-se com a infelicidade dos outros, so-

brevoando os casamentos mortos das outras pessoas." Viu Gopal andando

à sua frente, magro e perdido e, por um momento aterrorizante, pensou

estar vendo uma sombra em vez de um homem. "Ae, Bhagwan, se eu não

tivesse um menino doente em casa", pensou, "juro pelo seu nome que

nunca mais voltaria para lá".

Naquele momento, achou que Gopal tinha satisfeito a sua vingança pela humilhação passada no bar. Mas a sua verdadeira traição aconteceu

cinco dias depois.

19

PARANDO NA *BANIYA* PARA COMPRAR CEBOLAS para o jantar,

Bhima se perguntou se Maya ia querer passear na beira da praia hoje à noi-

te. Ela se dá conta de que está gostando daqueles passeios depois do jantar

com a neta. Agora, já ficava na expectativa do ar fresco e salgado, do alon-

gamento dos músculos doloridos e tensos enquanto caminhavam, mistura-

das anonimamente às outras pessoas que vinham ver o mar. Acima de tu-

do, gostava de sentir que os passeios noturnos pareciam estar fazendo Ma-

ya voltar a ser como era; via que a neta ia lentamente perdendo aquele jeito

apreensivo e cauteloso e voltava a ser a garota alegre e cheia de energia que

era antes da gravidez. "Logo, logo ela vai tocar no assunto de voltar para a

faculdade", pensa Bhima. Agora que Maya já sabe da experiência com o

contador trambiqueiro, certamente vai compreender ainda mais como a

vida trata aqueles que não têm instrução. Faria isso pela felicidade de Maya,

embora soasse estranho pedir a Serabai que ajudasse a menina a se matri-

cular numa outra faculdade.

Bhima aperta o passo quando vai se aproximando da entrada da fave-

la e começa a descer a ruela que vai dar no seu casebre. O saco de papel

com as cebolas ficou úmido pelo contato com seus dedos suados, e agora

só o que faltava era uma cebola cair e rolar pela sarjeta. Está pensando em

fazer para o jantar batata e cebola temperada com *chappatis* quentes.

Bhima escancara a porta da frente e a primeira coisa que vê é a longa

sombra de Maya. A sombra sobe pela parede de zinco ate o teto, fazendo

com que Maya pareça uma criança pequena debaixo dela. A menina está

sentada no canto do casebre com um lampião de querosene ao lado.

Quando os olhos de Bhima se acostumam a nova luminosidade, vê o papel

azul-claro na mão de Maya e sabe imediatamente o que a neta está lendo.

Olha rapidamente para a arca e percebe, é claro, que a tampa está aberta.

Maya parece assustada e depois encabulada, mas, quando Bhima começa a

franzir a testa e seus olhos se apertam, a garota se antecipa e diz antes da

avó:

— Estava procurando outra coisa, vovó. . juro! A minha certidão de nascimento, na verdade. E, quando vi esse papel, comecei a ler antes de

saber o que era.

— Por que você precisa de sua certidão de nascimento? pergunta Bhima, achando aquilo suspeito.

Maya morde o lábio inferior e dá de ombros ligeiramente.

— Não sei. . só. . e que às vezes gosto de olhar para a minha certidão

de nascimento. É só para. . sabe. . ler o nome da minha mãe e do meu pai.

Isso. . isso faz com que me sinta bem. . não sei por quê. É como se eu não

fosse órfã.

Bhima acha que essa menina não vai descansar enquanto não conse-

guir destruir o pouco que sobrou do seu coração com aquela maldita ino-

cência e com palavras que matam e trespassam o seu coração como agu-

lhas.

— Quem disse que você é órfã? — resmungava Bhima. — Sua avó por acaso morreu, para você se sentir órfã?

Maya sorri. Depois, seu rosto se anuvia e rugas de preocupação pou-  
sam como pássaros perdidos em sua frente.

— Vó, nunca soube dessa carta — diz ela calmamente.

A carta. A carta que virou sua vida de cabeça para baixo. A carta que

Gopal redigiu em forma de adaga e enfiou em seu coração. A carta com as

palavras destruidoras que Jaiprakash — um morador da favela que por

uma pequena quantia escrevia cartas para pessoas que não sabiam ler nem

escrever — tinha lido em voz alta, com seus olhinhos miúdos, observando

a reação de Bhima a cada instante, exercitando o orgulho profissional de

seu ofício com seus floreios retóricos que suplantavam sua solidariedade

pela mulher cuja vida estava destruindo com aquelas palavras. Ela guardou

a carta durante anos e anos, mas só a tinha ouvido uma única vez.  
E, no

entanto, tal era o seu poder que ela lembrava da maior parte do  
conteúdo

e, em sonhos, ouvia a voz calma e envolvente de Jaiprakash.

— Leia a carta — ordena a Maya. — Quero ouvir novamente. Só ouvi  
essa carta uma vez.

Sua voz é firme, mas o efeito que produz em Maya é o de um  
choque

elétrico.

— Não, vovó — protesta a menina. — Para que reviver desnecessa-  
riamente o passado?

Bhima sorri.

— *Beti*, o passado está sempre presente — diz ela. — Não existe  
isso

de reviver o passado. O passado é como a pele da mão. Estava lá  
ontem e

está aqui hoje. Não vai embora. Talvez, quando você for mais velha,  
en-

tenda isso melhor.

— Mas, vovó, tem um ditado em inglês que diz: Não acorde as  
lebres

que estão dormindo. Não faz sentido acordar essa lebre.



Bhima leva isso em consideração, mas pergunta:

— E se você for uma dessas lebres infelizes que nunca dormem? E, sentindo que tinha emudecido a neta por um momento, aproveita para insistir.

— *Beti*, leia a carta para mim.

“Para a rainha-dos-meus-sonhos”, foi como Gopal ditou para Jaiprakash

*Tenho sido um peso para você e para a minha família já por muitos anos. Peço o*

*seu perdão por esse e por outros crimes. Vi a minha Bhima, linda e rechonchuda, a noi-*

*va que trouxe para casa com tantas esperanças e desejos, ser consumida pela preocupação*

*e pelo sofrimento. A minha bebida a transformou numa criatura magra e enrugada, e*

*por esse crime serei condenado a repetir muitas vezes esse ciclo infeliz de vida. Não pense*

*que minha embriaguez me impediu de ver o quanto eu a tornei infeliz. A bebida é o*

*beijo dos anjos, mas é também a praga do diabo. Pode esconder, mas também pode reve-*

*lar e, até cinco dias atrás, minha mulher, eu não sabia que tinha caído tanto na vida e*

*nem como tinha arrastado você comigo. Para mim, ser humilhado em público, no bar,*

*daquela maneira, foi insuportável. Depois disso, seria difícil manter a cabeça erguida*

*nesta basti sem ouvir os comentários das mulheres, das crianças e até dos vira-latas.*

*Você matou a minha virilidade na frente de todo mundo, e agora todos riem na minha*

*cara. E por isso, minha Bhima, estou indo embora. Estou levando Amit junto comigo.*

*Ele vai ser a minha muleta, o meu apoio, a mão que me falta. Estou pensando em vol-*

*tar para a minha aldeia, onde tenho família, um pedaço de terra e ar limpo e fresco.*

*Talvez até consiga um emprego, uma nova oportunidade para um homem com três dedos*

*faltando. Houve uma época, quando eu era rapaz, em que cheguei a acreditar que tinha*

*me apaixonado por Bombaim e que tinha me casado com a cidade, que ela era minha*

*noiva, minha mulher. Mas agora sei:*

*Bombaim é a amante de muitos homens, não é esposa de ninguém. A minha vida*

*real está na aldeia da minha juventude, para a qual devo retornar com humildade e na*

*esperança de ser perdoado.*

*Sem mim e Amit em casa, a sua carga vai diminuir. Com Pooja e você traba-*

*lhando, vai haver dinheiro suficiente para sobreviver. Essa é a última vez que vou rou-*

*bar dinheiro de você. Apenas o dinheiro para as passagens de trem para chegarmos à*

*minha aldeia. Disse ao menino que estamos viajando para visitar o tio dele e que vamos*

*voltar dentro de algumas semanas. Espero que a vida seja boa para ele lá na aldeia —*

*a comida simples e forte, o trabalho difícil, mas honesto, na lavoura, longe das distrações*

*dessa cidade prostituta. Sei que você nunca vai conseguir me perdoar por levar Amit*

*comigo, mas, Bhima, assim como você, também preciso de uma razão para continuar*

*vivendo. Meu filho tem que ficar ao meu lado: ele vai ser o apoio da minha velhice e o*

*motivo para eu continuar caminhando. Você, por sua vez, vai ficar com Pooja. Ela será*

*o motivo para você continuar respirando.*

*Minha mulher, acredite quando digo que, quando a trouxe para a minha casa, a*

*minha intenção era tratá-la como uma rainha. Às vezes, quando  
você está no trabalho,*

*fico sentado sozinho nesse lugar miserável e discuto com os deuses  
para saber quem ou o*

*quê roubou a nossa vida. Procuro a resposta na garrafa. Olho para o  
céu. Procuro no*

*meu próprio coração. E não encontro respostas. Há apenas um  
silêncio branco que sobe*

*até o meu coração como as ondas em Chowpatty. Você se lembra  
daquelas noites na*

*beira da praia, quando eu ainda era o seu marido e sustentava os  
nossos filhos? E seria*

*correto eu achar que éramos felizes? Minha Bhima, após todos esses  
anos Juntos, anos*

*de risos e lágrimas, de tristeza e felicidade, isso foi tudo o que me  
restou, como conchas*

*na areia depois que as ondas se vão. Amei você e, embora saiba que  
nunca vou convencê-*

*la dessa verdade, ainda a amo. Apesar de tudo, apesar do horror  
dessa semana que pas-*

*sou, ainda a amo. Agora que tudo o mais desapareceu — trabalho,  
dinheiro, casa, or-*

*gulho, dignidade —, apenas o amor permanece.*

*Você nunca vai acreditar em mim — eu sei —, mas onde quer que  
esteja serei*

*sempre*

*Seu marido, Gopal.*

Maya está chorando baixinho ao acabar de ler. Mas Bhima não percebe-

be. Está se lembrando da primeira e fatal leitura da carta anos atrás, e de

como Jaiprakash tinha lambido nervosamente os lábios depois de levantar

os olhos da última linha e ver o ar demoníaco no rosto de Bhima, e ouvir

seus xingamentos quando ele informou que Gopal e o menino tinham pe-

gado o trem das três e meia. Lembrava-se ainda de como tinha vagueado

nervosamente pela favela esperando que Pooja voltasse para casa, como

tinha passado a noite sem conseguir dormir e nem ficar acordada e que

tinha amanhecido com uma febre de 40 graus. E, nos dias que se seguiram,

Serabai, balançando a cabeça com gravidade, informou-lhe que, já que foi o

próprio pai que levou o menino, não havia nada que Bhima pudesse fazer

para pegar Amit de volta contra a vontade de Gopal. Bhima ficou esperan-

do ansiosa uma carta ou um bilhete sobre o paradeiro dos dois. As mulhe-

res na favela faziam tsk-tsk e desviavam o olhar quando viam o rosto en-

louquecido e assombrado de Bhima. Jaiprakash a evitou durante semanas e

depois, um dia, esbarrando com ela e afastando a culpa, resolveu acusá-la:

— A culpa é sua, Bhima *devi*. Humilhar seu marido em público daque-

le jeito. . O que você esperava? Sabe que um homem tem orgulho?

Bhima deu meia-volta, vencida pelas palavras de Jaiprakash e conven-

cida de que ele estava certo.

Ela balança a cabeça pensando no seu próprio destino infeliz e se concentra em ouvir o que Maya está dizendo.

— Vovó — pergunta a moça com cuidado. — Você alguma vez teve notícias do meu tio Amit?

“As perguntas da menina são afiadas como as unhas que tiram casca de ferida”, pensou Bhima.

— Amit nunca me escreveu — respondeu finalmente, removendo a

mágoa de suas palavras, antes de falar. — Mas o irmão mais velho de Go-

pal me escrevia de vez em quando. Dizia que sentia muito prazer de ter o

Amit trabalhando lá com eles na fazenda da família.

— Se eu fosse o tio Amit, teria voltado correndo para Bombaim, com toda a certeza — disse Maya, tentando consolá-la.

— E deixaria o seu *baba* sozinho para trás? Só os filhos ingratos abandonam os pais.

— Talvez ele volte para Bombaim um dia desses. O que faríamos, vovó, se o tio Amit batesse na nossa porta um dia?

“O que eu faria? Iria de joelhos até o templo mais distante para agra-

decer”, pensou Bhima. “Jejuaria por uma semana para agradecer aos deu-

ses. Distribuiria *pedas* para todas as crianças da favela. Voaria até a Lua e a

traria para alimentar meu filho. Cortaria fora um pedaço do meu fígado

para ver meu filho mais uma vez.”

Maya estava falando novamente.

— Será que o vovô sabia sobre... Você informou a ele sobre meu pai

e minha mãe?

A boca de Bhima fica subitamente seca de medo, e ela estende a mão

para pegar a lata de tabaco. Enrola um chumaço e enfia na boca, antes de

começar a falar:

— Na época, não pude. Não em Delhi. Não havia. . tempo. Mas, depois que voltamos, você e eu, mandei-lhe uma carta contando o que acon-

teceu. Serahai escreveu para mim.

— E o que ele disse?

A voz de Maya estava ofegante.

— Seu irmão mais velho escreveu uma resposta. Eles me culparam por não ter avisado Gopal a tempo. Acusaram-me de mantê-lo afastado da

filha. Disseram que a alma da minha Pooja não iria. .

Vendo os olhos arregalados de Maya, Bhima não concluiu a frase.

— De qualquer maneira, depois dessa carta, nunca mais tive notícias deles.

— Você acha que o vovô teria vindo a Delhi se soubesse?

Bhima consegue perceber o medo e a esperança embutidos nessa



pergunta.

Fecha os olhos e os abre novamente, olhando diretamente para a ne-

ta.

— Ele teria vindo. Mesmo que os céus e a terra tivessem tentado impedir, teria vindo. Teria arrumado um jeito, sei disso. Seu avô amava a sua

mãe, Maya.

— Então, por que ele escolheu o Amit e deixou ela com você?

Bhima engole em seco, antes de responder.

— Porque ele sabia que eu precisava mais da Pooja do que do Amit

— respondeu com suavidade. — Amit era meu filho. Mas Pooja era minha

primogênita. Era meu filho e minha filha numa só pessoa.

Subitamente, Maya começou a chorar.

— Minha mãe amava você também, vovó — disse ela, soluçando. —

Acredite ou não, mas eu me lembro. Ela sempre falava de Bombaim, do

antigo apartamento e de você.

Bhima se abaixa e abraça a neta, que está aos prantos.

— Menina boba — diz de brincadeira. — Por que está chorando por

coisas tão antigas? Tudo isso aconteceu há centenas de vidas passadas.

— Mas o passado está sempre presente, vovó. Você mesma acabou de dizer isso.

Bhima dá um tapinha na mão de Maya e diz:

— Você está ficando esperta demais.

Bhima está com um ar cansado. Ela olha para o saco das cebolas no chão e reclama:

— Eu já teria acabado de cozinhar se você não tivesse me atrasado com esse monte de perguntas.

Ela suspira, fica pensando durante um minuto e depois se levanta.

— Ande, vá lavar o rosto. Hoje vamos jantar em Chowpatty. Já está tarde demais para eu começar a cozinhar.

20

*BHELPURI.*

São quinze para as oito, e Dinaz quer comer *bhelpuri*. Tinham acabado

de se sentar para saborear o belo jantar que Bhima havia preparado mais

cedo com galinha caipira e costeletas de carneiro, quando Dinaz empurrou

o prato. Ela diz “custeleta”, com aquela mesma pronúncia parse antiquada

de Banu, deixando Sera preocupada com o poder cego da genética.

— Essas “custeletas” estão me enjoando. Tirem isso da mesa, por fa-

vor.

Viraf faz uma careta.

— Pensei que os enjôos terminassem no primeiro trimestre — comentou. As duas sabiam bem que o que ele estava pensando era: Acho que

não conseguiria reviver os horrores do primeiro trimestre quando os hor-

mônios, o cansaço e o enjôo transformaram a minha mulher numa louca.

Dinaz ri e diz:

— Não fique tão preocupado, *yaar*. Olhe para ele, mamãe, só porque não quero comer “custeleta”. Quer saber de uma coisa? É uma pena que

os homens não possam ter filhos, assim acabaríamos com o problema da

superpopulação na Índia em um dia, porque nenhum deles jamais quereria

engravidar.

— Bom, mas você tem que comer alguma coisa, querida — diz, Sera.

— O neném precisa de uma boa alimentação e...

— Sabe o que estou com desejo de comer? — diz Dinaz. — *Bhelpuri*.

Em Chowpatty.

Viraf resmunga.

— Dinu, escute só: acabei de chegar do trabalho e não estou com vontade de sair novamente. E aquela comida de lá é imunda. Acho que eles

usam a água da privada para lavar a louça.

Dinaz permanece inabalável.

— Pelo menos não estou com vontade de comer barata nem reboco de parede, ou sabe-se lá que outras esquisitices algumas grávidas sentem

desejo de comer.

Ela dá um tapinha no braço de Viraf.

— *Gadhera*, a culpa é sua se estou andando por aí gorda como uma vaca. O mínimo que você pode fazer por mim é me arrumar um pouco de

*bhelpuri*.

— Está bem, está bem — diz Viraf. — Suponho que esta seja uma

das obrigações da paternidade iminente.

Sera olha para a mesa. Ficou o dia inteiro na expectativa desse jantar.

— Mas e essa comida toda? Bhima vai ficar tão desapontada!

— Ah, dane-se a Bhima! — retruca Viraf. Na verdade, ela vai gostar.

É menos trabalho para fazer amanhã.

Ele empurra a cadeira para trás.

— Ok, então, vamos nessa. Mamãe, vá pegar um xale ou um casaco.

Está um pouquinho frio para novembro este ano.

No carro, Sera solta um suspiro.

— Faz tanto tempo que não vou a Chowpatty! Ouvi dizer que a prefeitura fez uma limpeza na área. A última vez que estive lá foi poucos dias

antes da morte do seu pai. Era muito sujo naquela época.

Dinaz ri.

— O papai era tão engraçado! Tinha umas manias e uns cuidados bo-

bos com higiene pessoal! Lembro uma vez que fomos juntos à fonte Flora

e tinha um sujeito parado no meio do caminho que cuspiu suco de *paan* no

meio da rua. Papai achou que um pouco do suco vermelho tinha pingado

na minha calça, mas não consegui ver nenhum sinal disso. Achei que ele ia

matar o pobre sujeito com as próprias mãos. E, no entanto, não havia ne-

nhum problema em comer comida na rua.

Ela se vira para Viraf e prossegue:

— Quando ele ia ao colégio assistir a alguma peça de teatro ou a algum evento, sempre parava num vendedor que ficava na porta da escola e

que fazia um ótimo *pyali*, aquela comida feita com batata. Papai comia duas

tigelas. Você se lembra, mamãe? Você sempre reclamava quando ele comia

aquilo. As lágrimas escorriam pelo rosto dele por causa da pimenta.

Sera sorri.

— Ele me disse uma vez, logo que voltou de Londres, que ficava enjoado quando comia *bhelpuri* em Chowpatty. Por isso, passou a ir lá todos

os dias até que seu estômago finalmente se acostumasse de novo.

Viraf ri.

— Isso é bem a cara do *pappa* Feroz. Ele era duro na queda.

Os três ficam em silêncio por um minuto, cada um lembrando Feroz a seu modo.

— No mês que vem faz três anos — diz Sera suavemente. — Vocês podem imaginar isso?

— É, não parece que passou tanto tempo — responde Dinaz. Há outro momento de silêncio no carro. Então, Dinaz diz:

— Não sabia que você e o papai tinham ido a Chowpatty poucos dias antes de ele morrer.

— É. Tínhamos ido ao grande templo de fogo que fica ali na Fonte.

A sua avó tinha sofrido derrame alguns meses antes, e o seu pai estava tão

abalado de ver a mãe naquele estado que fez uma *manta*, uma promessa, de

que iria ao templo de fogo todos os dias durante um mês para rezar pelo

completo restabelecimento dela. De vez em quando, eu ia com ele. Muitas

vezes, íamos jantar no *Paradise*. Mas, naquele dia, decidimos ir a Chowpatty.

Seu pai estava sempre disposto a comer *bhelpuri* e *panipuri*. Na realidade,

antes do casamento, sempre íamos lá.

Subitamente, Viraf deixa escapar uma gargalhada.

— O que foi? O que foi? — indaga Dinaz e, mesmo no escuro do carro, Sera consegue ouvir o sorriso afetuoso na voz da filha.

— Nada — responde ele. Só estava me lembrando do conselho que seu pai me deu quando fui à sua casa pela primeira vez. Era seu aniversário,

lembra? Havia muita gente. Mas, de algum modo, ele percebeu que eu. .

que gostávamos um do outro. Então, ele me puxou num canto e disse que

tinha uma coisa para me falar. Era um conselho do tipo de-homem-para-

homem, pode-se dizer. Basicamente, me disse que achava que eu era um

bom rapaz parse com potencial para fazer sua filha feliz. Mas me disse que

eu deveria ser persistente, se não quisesse perdê-la para outros pretendentes.

“Um homem deve investir como um touro indomável quando está

atrás de uma mulher.” Acho que foram exatamente essas as suas palavras.

Fiquei com tanto medo que tudo o que pude dizer foi “Sim, tio” e “Não,



tio”.

Dinaz ri.

— Acho que papai ficou aliviado ao saber que você era parse, foi isso.

Ele sempre teve medo de que eu trouxesse para casa um católico de Goa

ou um hindu, ou, pior ainda, um muçulmano. E também tinha uma mania

esquisita de achar que eu sentiria pena de um homem aleijado ou em cadei-

ra de rodas e que me casaria com ele por piedade. Você pode imaginar uma

coisa dessas? Acho que foi essa a razão principal de ele se opor tanto a que

eu fosse assistente social. Ele sempre me dizia: —Não se case com ninguém

por pena. E eu lhe assegurava que esse pensamento nunca tinha passado

pela minha cabeça.

Ela dá um beliscão na coxa de Viraf.

— O que eu não disse para o papai foi que estava esperando que apa-

recesse um bonitão com pinta de artista de cinema. E, em vez disso, você

se casou comigo — diz Viraf, fazendo um movimento para baixo com a

boca. — Foi ótimo o *pappa* Feroz ter se concentrado tanto em mantê-la

afastada dos deficientes físicos, pois assim não notou que você tinha se

casado com um deficiente mental, bem?

— *Ovaru, ovaru* — diz Sera aborrecida, estalando os dedos. — Quanta

maluquice vocês dizem, crianças!

— Ah, mamãe, não caia nas gracinhas dele. Ele só está esperando que

a gente diga como ele é bonito e inteligente.

Assobiando desafinadamente, Viraf procura uma vaga para estacionar. Sera sorri consigo mesma, pensando em como o seu genro é diferente

do seu marido. A essa altura, Feroz estaria xingando e procurando por um

guarda para lhe passar uma nota de dez rúpias e estacionar ilegalmente.

Mas Viraf é um *thanda pani ka matla*, não esquenta a cabeça com nada.

— A-ha! — exclamou ele triunfante ao descobrir uma pequena vaga.

— Aposto que consigo me espremer ali.

— Impossível — diz Dinaz automaticamente, embora tanto ela quanto Sera soubessem que Viraf era um ótimo motorista.

E quando seu marido consegue estacionar o carro na vaga na primeira

tentativa, Dinaz resmunga:

— Imagino que você tenha esquecido que a sua mulher está com uma

barriga do tamanho do deserto do Saara. Só Deus sabe como vou ter que

me espremer para sair do carro nessa vaga apertada.

— Poxa, como esse lugar mudou! — observa Sera, ao se aproximarem da praia. — Está parecendo tão mais limpo! Ouvi dizer que estão mul-

tando as pessoas que jogam lixo e fazem suas necessidades na praia.

— Isso é totalmente inconstitucional, se quer saber — diz Viraf sorrindo. — Jogar lixo e fazer *soo-soo* em público são direitos de nascença de

todos os nativos de Bombaim.

SERA TENTA SE LEMBRAR DE COMO era a praia da última vez que esteve ali com Feroz. Mas o pensamento lhe foge e tudo o que consegue se

lembrar é de como Feroz estava carinhoso e atencioso naquela noite. Ele a

levou ao seu vendedor de comida predileto e insistiu para que ela comesse

o primeiro prato preparado por Ramdas, e Sera sabia que ele não havia

comido o dia todo. Depois de dois pratos de *bhelpuri*, ele quis sorvete, *kulfi*

de leite.

— Meu bem, tome cuidado — aconselhou Sera. — Você sabe que não é bom para o seu colesterol.

— *Arre*, que se dane o colesterol! respondeu ele. — Faz tanto tempo que a gente não vem a Chowpatty. E você sabe o que sempre digo. Pode-

se gastar duzentas rúpias num sorvete no Taj ou em outro hotel cinco-

estrelas, mas nada se compara ao *kulfi* de Chowpatty. Vamos lá, é só hoje.

Tenho feito minha dieta, você sabe disso.

Sera concordou, como ele sabia que ela faria. Quando Feroz fazia aquele olhar de súplica, ela não conseguia lhe dizer não. E Feroz tinha mu-

gado muito depois do derrame de *nzarnrna* Banu. Era como se o fato de

ver a mãe dominadora em estado vegetativo o tivesse feito perceber algu-

ma coisa sobre a imprevisibilidade brutal da vida. Ele visitava a mãe todas

as noites quando vinha do trabalho e, quando voltava para casa, parecia

mais suave e comunicativo do que jamais tinha sido.

— Aconteceu tanta coisa nesses últimos anos — disse ele, com um suspiro, naquela noite, depois que voltaram para casa.

À luz do abajur, Sera notou as rugas no rosto de Feroz e como a pele de sua cabeça calva se enrugava toda quando ele ficava preocupado. Não

foi a primeira vez que percebeu a diferença de 13 anos que a separava do

marido que estava envelhecendo.

— Mal havia me recuperado da morte do papai e agora tenho que ver

minha mãe nesse estado — disse Feroz. — E insuportável vê-la sofrendo.

Sabe, a única coisa boa que aconteceu nos últimos anos foi o casamento de

Dinaz. Se não fosse pela felicidade dela e de Viraf, não sei qual seria a ra-

zão de viver.

Sera se levantou e foi até onde Feroz estava sentado, todo encurvado.

Sentou-se no braço da poltrona e fez um carinho na cabeça dele.

— Podíamos passar uns dias em algum lugar, *jantí*. Vamos fazer uma viagem. Podíamos ir a Goa, por exemplo.

Ele concordou com a cabeça.

— Sei disso. Mas ainda não está na hora. Vamos esperar a situação da

mamãe se estabilizar. Não posso suportar a idéia de deixá-la assim nesse

estado.

Feroz levantou a cabeça para Sera, que ficou surpresa de ver lágrimas

em seus olhos. “Ele ama tanto aquela mulher”, pensava admirada. “Será

que tem alguma noção de como a interferência dela arruinou a chance de

felicidade do nosso casamento? Será que alguma vez pensou nisso?

E, como se estivesse lendo os pensamentos dela, Feroz prosseguiu:

— Sei que você também está precisando dar uma parada, Sera. Agra-

deço a você por cuidar tão bem da minha mãe numa hora em que ela pre-

cisa. Eu sei que ela. .. que vocês. . que ela não foi a pessoa mais fácil do

mundo. Em breve vamos passar uns dias fora de Bombaim, prometo. Tal-

vez até levando os dois junto conosco. É só que. . não é bem o momento

agora.

No entanto, três dias depois, ele estava morto, e aquela promessa.

junto com muitas outras, ficou na gaveta das Promessas Não Cumpridas,

junto com a promessa não cumprida do seu próprio casamento que tinha

começado com tantas esperanças e expectativas e acabou se queimando

como aqueles fogos e morteiros que Dinaz e suas amigas soltavam na épo-

ca do Diwali e que voltavam do céu com um chiado meio encabulado, co-

mo se tivessem sido jogados para baixo por um deus hostil.

No dia de sua morte, Feroz voltou para casa cedo, queixando-se de uma sensação de mal-estar.

— Isso é trabalho demais — disse Sera. — Você está muito tenso, *ianu*. Talvez devesse fazer uma aula de ioga ou alguma coisa assim, para a-

prender como acalmar a mente.

Ele sorriu, meio sem vontade.

— Talvez.

Depois, seu rosto despencou.

— Nem fui ver a mamãe hoje — disse ele puxando a colcha e deitan-

do-se na cama. — Ela vai ficar tão chateada!

“Sua mãe não reconhece ninguém”, era o que gostaria de dizer.  
“Pro-

vavelmente ela não saberia distinguir um dia do outro.” Mas Sera guardou

aqueles pensamentos para si mesma.

— Venha deitar aqui perto de mim — pediu ele baixinho, e pela primeira vez passou pela cabeça de Sera que Feroz poderia estar realmente

doente.

Nunca o tinha visto assim tão fraco, tão vulnerável. Sera teve que lutar contra um pânico súbito e irracional.

— Meu amor — disse ela, tentando manter a voz calma. — O que es-

tá acontecendo com você? Será que devo chamar o médico?

— Não, nada de médico, por favor. Deve ser só uma gripe ou alguma



coisa assim. Não sei. . não sei explicar exatamente o que estou sentindo.

Parece que tem uma palpitação dentro do meu peito. Acho que é tensão.

Só preciso dormir um pouco.

Sera foi até a cozinha para dizer a Bhima que não fizesse barulho en-

quanto Feroz *seth* estava dormindo.

— Ele está muito cansado — disse em resposta ao olhar curioso de Bhima. — Está precisando de um pouco de paz e de calma.

Enquanto Feroz dormia, ela preparou a sopa chinesa de galinha com milho de que ele gostava. Às seis da tarde, disse a Bhima para botar a sopa

na mesa. Acordaria Feroz, que precisava comer. Ele devia estar fraco por

causa da dieta que estava fazendo.

Ela foi pé ante pé até Feroz e sentou-se na beira da cama.

— Meu amor — disse baixinho. — Acorde. Fiz uma sopa quentinha para você.

Não houve resposta. Ela falou novamente e já estava a ponto de sacudi-lo para que acordasse quando ouviu alguma coisa, e o que ouviu foi a

ausência de som no quarto. Feroz não estava respirando.

— Feroz — gritou ela, estendendo a mão para alcançar o interruptor.

Assim que a luz se acendeu no quarto, ela iluminou o rosto do marido. A boca estava aberta e os olhos também, mas, mesmo no auge do me-

do e do susto, Sera sabia que finalmente agora Feroz tinha conquistado a

paz que procurou a vida inteira.

— Feroz! — gritou. — Não, não, não! Por favor, Feroz, por favor!

Bhima. Bhima, venha aqui! Ai, meu Deus, não!

Bhima entrou correndo no quarto.

— Serabai — gaguejou ela, sem saber o que fazer. — *Arre*, Bhagwan,

o que significa mais essa tragédia que se abateu sobre nós?

Estava acabado. Seu casamento estava acabado. Assim, sem mais nem

menos, num piscar de olhos, Feroz tinha ido embora. Feroz, marido e o-

pressor, amante e algoz, vítima e torturador. Nenhum homem a tinha feito

mais feliz nem mais infeliz. Nenhum homem a tinha amado assim tão a-

paixonadamente. Nenhum homem tinha feito mais para asfixiar o amor

que sentia por ele. Feroz tinha lhe mostrado à chave da felicidade, mas essa

chave abriu também as portas do inferno. Ele era um homem muito ativo,

agressivo, brilhante, violento e ciumento, mas era também amoroso, gene-

roso e capaz de desprendimentos. Talvez tenha sido culpa sua nunca ter

aprendido a lidar com aquele homem, a conduzir o barco pelas águas re-

voltas que ele deixava no seu rastro. Será que outra mulher, mais experien-

te e mais sábia, teria feito diferente? Será que outra mulher teria tratado

Banu apenas como um incômodo, uma irritação, nada mais do que isso?

— Feroz — disse, chorando. — Feroz, meu marido. Desculpe-me, desculpe-me por tudo. Desculpe-me por ter sido uma esposa tão incompe-

tente. Eu estava tão perdida na minha própria infelicidade que nunca parei

para considerar a sua.

Devia estar falando em voz alta, porque Bhima agora estava de pé ao

seu lado, levantando sua cabeça e afastando o cabelo de seu rosto, que es-

tava quente e coberto de lágrimas.

— Vamos, Serabai — disse Bhima baixinho. — Essa é a hora de ter coragem, *bai*. E a senhora não tem por que pedir perdão. Todas as vezes

que os homens vão embora, as mulheres pedem perdão. A senhora foi

uma boa esposa, *bai*. Vi isso com os meus próprios olhos, dia após dia.

Agora venha, temos que avisar Dinaz.

Dinaz. O coração de Sera ficou congelado ao pensar em dar a notícia à filha. Mesmo assim, forçou-se a pensar no assunto.

— Eles devem estar a caminho de casa. É melhor tentar encontra-los pelo celular. Me dê o caderninho de telefones, Bhima. Tenho o número do

celular do Viraf anotado lá.

Ela parou no meio do caminho quando um outro pensamento lhe ocorreu.

— Ai, meu Deus. Alguém vai ter que dizer à velha que o . . que o filho

dela morreu.

Sera começou a soluçar novamente.

— Viraf *baba* pode fazer isso — sugeriu Bhima do outro aposento. —

A senhora não precisa ir lá, *bai*. E sabe-se lá se a pobre mulher vai ser ca-

paz de entender. Ela fica lá deitada como um vegetal o dia inteiro.

A campainha da porta tocou meia hora depois. Viraf e Dinaz entraram com os olhos e o nariz vermelhos.

— Saltamos do metrô — disse Viraf, sem fôlego. — Pegamos um tá-

xi. Dinaz ficou impaciente no sinal e ai então saltamos do táxi e viemos

correndo o resto do percurso.

O som dos soluços de Dinaz cortou o coração de Sera. Não ouvia sua

filha soluçar assim desde que ela tinha 12 anos. E claro que Dinaz tinha

chorado no enterro de *pappa* Freddy, e a própria Sera sentiu como se tives-

se perdido seu braço direito quando Freddy morreu, mas esse sofrimento

pelo pai morto era diferente — cortante, ácido e quente como ferro em

brasa.

— Não pude nem dizer adeus a ele — disse Dinaz soluçando. — E ainda por cima, com Viraf e eu morando no subúrbio, quase não estive

com ele nesses últimos meses.

Sera procura por moedas de ouro no saco da memória.

— Eu sei, *deekra*, eu sei — murmurou, enquanto fazia isso.

De repente, encontrou o que estava procurando.

— Sabe o que seu pai me disse dois ou três dias atrás? Que o seu ca-

samento era a única grande fonte de alegria na vida dele.

Mas a sua oferenda teve uma reação contrária, porque agora havia um

novo som de sofrimento no ambiente, o corpo esguio de Viraf estava do-

brado pela dor e seu nariz comprido estava vermelho como uma beterraba.

— Ele era um rei — balbuciou Viraf. — *Pappa Feroz* era um verdadeiro príncipe.

Repentinamente, Sera se viu envolvida numa bolha onde o pensamento era claro e objetivo, flutuando intocado no mar revolto do sofri-

mento impensado e tumultuado que rolava em volta dela. “Então é assim

que a história se reescreve”, pensou. “Começa assim, com os ânimos exal-

tados. Agora, não é mais suficiente para um homem ter sido apenas um

homem. Agora, o protocolo do sofrimento exige que o transformemos

num príncipe, num rei. Agora, os defeitos de um homem devem ser passa-

dos a ferro como as pregas de um terno, até ele aparecer diante de nós tão

impecável e sem defeitos como no dia em que nasceu. Como se a terra fos-

se se recusar a recebê-lo, como se os abutres da Torre do Silêncio se recu-

assem a bicá-lo se não fosse restaurada a sua glória original. Na morte,

todos os homens viram santos.” Ao mesmo tempo, aceitava e se rebelava

contra esse pensamento. “Talvez fosse melhor assim, esse apagar das mas

recordações, substituindo-as por outras mais felizes, como se troca uma

toalha de mesa suja. Mas, se fosse verdade, o que fazer com esse seu corpo

pesado e desajeitado, esse corpo que exibia sua verdadeira história, esse

corpo que queria declarar e testemunhar o que foi feito dele? Esse corpo

maltratado e machucado que foi punido pelos crimes de outras pessoas,

pelas iras ciumentas de Feroz e pelo jeito conivente e supersticioso de Ba-

nu. Será que esse seu corpo, esse suéter feito de músculos, ossos e nervos,

será que esse corpo teria que morrer, será que o seu sangue deveria conge-

lar na imobilidade antes que alguém fizesse sua louvação e dissesse que

aquele era o corpo de uma princesa ou de uma rainha?"

— Mamãe, diga alguma coisa, por favor. Estou me sentindo tão sozinha! . .

A voz de Dinaz furou a bolha de Sera e ela se sentiu outra vez mergu-

lhar nas águas quentes e borbulhantes do sofrimento.

— Venha cá, minha querida — disse Sera, acariciando a cabeça da fi-

lha. — Você nunca vai estar sozinha, nunca enquanto eu viver.

PARA ESPANTO DE SERA, TRÊS ANOS SE PASSARAM desde aque-

le dia. "Como pode, se a memória do sofrimento daquele dia é ainda tão



pungente, como se alguém tivesse salpicado pimenta em pó nos meus o-

lhos?" No entanto, admite para si mesma que nunca se sentiu tão feliz co-

mo nesses três últimos anos, com a filha e o genro morando com ela e um

novo ser a caminho. Sente uma ponta de tristeza quando pensa que Feroz

não vai estar aqui para curtir o neném prestes a chegar. Acha que ele ado-

raria o neto, tanto quanto amava Dinaz. "Ainda assim", pensa, "será ótimo

ter o bebê só para mim enquanto Dinaz e Viraf estão no trabalho". Vai

curtir o netinho como nunca pôde curtir a Dinaz. Afinal, Dinaz nasceu

numa casa sempre ensombrecida pelo comportamento irracional de Banu e

pelos temidas explosões de raiva de Feroz. Mesmo depois que se mudaram

da casa de Banu, Sera nunca se sentiu completamente livre da presença da

velha, ficava apreensiva a cada toque inesperado na campainha. E, contra-

riando suas esperanças, os punhos de Feroz não pararam de atacar depois

que se mudaram. De certa forma, tinha lhe dado outra desculpa mais per-

manente para seus ataques de raiva — a separação forçada da mãe.

“Mas isso tudo já terminou”, diz a si mesma. “O lar que você nunca teve com o seu marido tem agora com a sua filha e o seu genro. Viraf e

Dinaz lhe deram aquilo com que você sonhava. E então, sua boba, por que

viver tanto no passado quando o presente esta tão cheio de esperança?”

Viraf dá uma cotovelada de brincadeira nas costelas de Sera.

— *Su, che*, mamãe?

Ele sorri.

— Por que todos esses sorrisos secretos e sedutores? Pensando num novo namorado? Como é o nome dele, Pestonji Pipyadas? Cuidado, por-

que todos esses *bhaiyas* vão pensar que você os está paquerando.

Sera cai na gargalhada.

— Que bobo! — diz em tom de deboche. — Eu deveria contar a sua mãe as coisas ridículas que saem da sua boca.

— Tenho certeza de que minha mãe nem sabe o que quer dizer paquerar — responde ele prontamente.

Pisca para Dinaz e se volta para Sera.

— Afinal, ela não é tão glamourosa quanto a senhora. Quer saber, Dinaz, se a sua mãe fosse vinte anos mais nova. .

— Ignore-o, mamãe — diz Dinaz, pegando no braço de Sera.

Ela se vira para o marido com a voz exaltada.

— Seu *saparchand*, seu cabeça-oca! Vai dar de comer a sua esposa grá-

vida ou vai apenas alimentar a sua boca com essas maluquices? Vamos,

estou morrendo de fome.

— Vamos ver se a barraca do Ramdas ainda está por aqui — sugere Sera. — Ele era o *bhaiya* favorito do seu pai aqui em Chowpatty.

Procuram a barraca, mas as coisas mudaram.

— Esqueçam — diz Sera. — Vamos comer em outro lugar qualquer.

Estão começando o segundo prato de *bhelpuri* quando Dinaz deixa es-

capar um grito de surpresa.

— Vejam só quem está aqui — exclama a moça com a boca cheia.

— Não estou entendendo nada — diz Viraf. — Engula primeiro e depois fale.

Dinaz engole a comida. Seus olhos brilham de animação.

— Vejam, Bhima e Maya, na barraca ali em frente. Meu Deus, faz séculos que não vejo a menina. Bhima! — grita ela.

— Talvez não devêssemos incomodá-las — diz Viraf. — Afinal, depois que Maya perdeu a criança, ela pode estar. .

Dinaz o ignora.

— Bhima! Maya! Aqui! — grita Dinaz, acenando freneticamente.

21

BHIMA SE VIRA. SEU ROSTO SE ILUMINA com um prazer genuíno ao ver quem a chamou. Dinaz está acenando para elas e, mesmo àquela

distância, Bhima consegue ver o sorriso entusiasmado no rosto dela.

— É a menina Dinaz — diz a Maya, puxando-a pelo pulso. — Vamos, vamos lá falar com eles.

— Vá você, vovó — retruca Maya. — Fico esperando aqui.

— *Arre, wah.*

Bhima parece chocada.

— O que foi? Ficou tão importante que não pode andar um pouquinho para falar com as pessoas que a cumprimentaram?

Aperta o braço de Maya.

— Vamos, menina preguiçosa.

— Oi — diz Dinaz, quando elas se aproximam. — Ei, Maya, há quanto tempo. Como vai você?

— Vou bem — balbucia Maya, olhando para a barriga crescida de Dinaz.

Dinaz capta o olhar dela e ri.

— É, provavelmente engordei como uma porca desde a última vez que você me viu, não é? — comenta, dando palmadinhas na barriga.

Um olhar de súbito desprezo atravessa o rosto de Maya.

— Eu estava assim também. Quer dizer, até sua mãe dar um jeito em

mim — diz e encara desafiadoramente Serabai, que empalidece diante da

inexplicável indelicadeza da garota.

Bhima fica mortificada. “Mas o que deu nessa menina?”, pergunta-se.

Olha para o chão, tentando encontrar uma desculpa para o comportamen-

to de Maya, quando Serabai vem em seu socorro.

— Mas isso faz mais de um mês, Maya — diz no seu tom de voz comedido de sempre. E o que passou passou. Mas você tem que vir conver-

sar comigo sobre o que vamos fazer com relação a sua faculdade.

Maya resmunga alguma coisa e olha para o outro lado. Debaixo das luzes douradas das barraquinhas de comida, os olhos da moça parecem

artificialmente brilhantes, e seu rosto está tão vermelho que Bhima se per-

gunta se Maya não está ficando doente. "Isso explicaria seu comportamen-

to estranho", pensa.

Ainda olhando para a neta, Bhima percebe um movimento com o canto do olho e o segue até o rosto de Viraf, que, por trás de Sera e Dinaz,

está fitando Maya. Como a moça, ele também está com uma expressão per-

turbada e alterada, que nada tem a ver com sua auto-confiança habitual.

Bhima olha para ele como que fascinada. Viraf morde o lábio superior, e

seus dedos longos e finos brincam nervosamente com os fios de barba de

seu rosto. O rapaz parece doente... não, parece amedrontado. . ou melhor,

culpado. Bhima percebe isso e repara que Viraf está, na verdade, tentando

se esconder atrás da mulher e da sogra. Lembra-se de um incidente ocorri-

do na *basti* há alguns meses, quando uma das moradoras acusou o filho

adolescente de uma vizinha de roubar dinheiro de seu barraco. O rapaz

balançou a cabeça negando veementemente, mas a expressão afogueada e

culpada em seu rosto, sua dificuldade para engolir e a freqüência com que

passava a língua nos lábios secos contavam uma história diferente. Viraf

está igualzinho, nota Bhima espantada, como se fosse um ladrão ou culpa-

do de alguma coisa, mas de quê?

Dinaz também deve ter sentido alguma coisa, porque vira-se para trás

e pega a mão do marido.

— Poxa, querido, você nem disse um “oi” para Maya e Bhima.

Viraf faz um gesto de concordância.

— Oi — diz ele em voz baixa, deixando que seus olhos pousem sobre a cabeça curvada de Maya antes de pousarem em Bhima. Tem um pe-

queno sobressalto quando nota o jeito atento com o qual ela está olhando

para ele.

Dinaz ri alegremente.

— Já está passando da hora de esse aqui ir dormir — diz, cutucando

Viraf. — Ele nem queria sair hoje à noite. Mas eu estava com desejo de

comer *bhelpuri*. Acho que já vamos indo.

— Vou na frente para pegar o carro — diz Viraf imediatamente. —

Vocês podem me esperar no sinal.

Dinaz se vira para Maya e diz:

— Foi tão bom ver você, Maya! Sinto sua falta na casa de *mamma* Ba-

nu.

Estende os braços para dar um rápido abraço na moça e lhe diz baixinho:

— Sei que você vai retomar a faculdade assim que puder. E sinto muito por sua perda.

Quando as duas vão embora, Bhima se sente enraizada naquele lugar,

como se fosse uma daquelas esculturas de deuses hindus feitas de areia em

Chowpatty às quais os passantes atiravam moedas. Na verdade, estava se



sentindo como se fosse de areia e bastasse um balde de água para destruí-

la. O mundo a seu redor também parecia feito de areia; um mundo instá-

vel, ambíguo e impermanente. Um mundo onde nenhuma das antigas re-

gras e dos velhos tabus se aplicava mais. Um mundo no qual uma garota da

favela, de família pobre, pode seduzir um rapaz limpo e bonito de classe

média alta, cuja mulher está prestes a ter o seu primeiro filho. Um mundo

no qual Maya e Viraf. .

Foi estranho o modo como descobriu. Num momento não sabia de

nada, no momento seguinte, sabia de tudo. Num momento, sua cabeça

ficou vazia como um deserto. No seguinte, a serpente da suspeita tinha se

esgueirado para dentro de seus pensamentos e levantado sua cabeça vene-

nosa. E agora tinha que conviver com a consciência arrasadora de saber

que Viraf Davar era o pai da criança morta de Maya, enquanto ela, Bhima,

suspeitou de todos os jovens e homens da favela, enquanto tinha se humi-

lhado diante daqueles rapazes debocha-dos na faculdade de Maya, enquan-

to tinha ingenuamente imaginado sua neta numa cozinha com pratos e pa-

nelas brilhando. Nunca lhe passou pela cabeça procurar a serpente debaixo

do próprio nariz.

“Mas talvez eu esteja errada”, pensa. “Talvez essas suspeitas também

sejam de areia e uma boa onda haste para derrubá-las.” Se assim for, espera

que as águas do esquecimento venham lavar as dúvidas que estão roendo o

seu coração. Mas, mesmo rezando por isto, sua certeza se endurece como

cimento.

Ao lado dela, Maya está inquieta.

— Ande, vovó — diz ela. — Quero ir para casa.

— Não há nenhuma casa em nosso futuro retruca Bhima enigmáticamente. — Não há lugar de descanso para os pecadores nesse mundo.

Por culpa dos seus pecados, vou ter que cumprir ciclos intermináveis de

vida nesse mundo infeliz. Então, é melhor começar a praticar desde já.

Não, venha comigo, preciso caminhar um pouco mais.

O rosto de Maya fica afogueado e ela arregala os olhos ao fitar o ros-

to ossudo da avó. Abre a boca como se fosse protestar, mas Bhima come-

ça a andar em direção à praia e, depois de um segundo, a moça a segue.

Caminham em silêncio total. Mas esse silêncio está gritando, um silêncio estridente e repleto de sons: as batidas do coração de Bhima, o me-

do dilacerante como uma garra rasgando a garganta de Maya, o rangido

que os pés de Bhima fazem ao se enfiarem na areia com raiva. As duas ca-

minham dentro desse silêncio, com medo de tocar em seus limites, porque

romper o dique do silêncio significaria liberar a torrente das águas da raiva,

da ira e da fúria que se precipitariam, fazendo com que o *tsunami* do passa-

do recente — o passado que ignoraram, abortaram e mataram — viesse

rugindo destruir seu ténue presente.

Mas a tranquilidade, como o amor, não dura para sempre.

E então Bhima começa a falar, se é que o som engasgado como de um animal que ela emite pode ser chamado de fala.

— Por quê? — pergunta com um gemido. — Por que ele?

Maya olha para a avó com um olhar de incerteza, como se não soubesse ao certo se Bhima estava falando com ela ou com alguma divindade

invisível, flutuando acima das águas do mar da Arábia, rindo delas. Ela fita

as águas vastas e infinitas.

A falta de reação de Maya deixa Bhima enfurecida. Dá uma pancada forte nas costas da neta, que quase cai para a frente.

— Eu lhe fiz uma pergunta, sua sem-vergonha — exclama ela, mas Maya continua calada.

— Ashok Malhotra, não é? provoca Bhima. — Primeiro voce seduz

um homem casado e decente, depois mente para me afastar do seu rastro

de vergonha. Você cuspiu no prato em que comeu. Traiu a confiança que

toda a família Dubash depositou em você. A esposa daquele rapaz, a Di-

naz, é como uma filha para mim. Como é que vou encará-los agora?  
Na-

*mak-haram*, traidora, cada letra que você sabe ler, cada ponto de linha da

roupa que você usa, cada grão de sal que você come, tudo isso vem da ge-

nerosidade de Serabai.

O rosto de Maya é um campo de batalha onde emoções conflitantes se entrechocam. Bhima está contando que a garota vá continuar negando a

identidade do pai de seu filho morto, fingindo não saber do que ela está

falando. Mas a hora do fingimento acabou, e a resignação cansada no rosto

de Maya é a confirmação final de que precisava.

Mas antes que ela possa falar, Maya o faz.

— Isso não é verdade, vovó — exclama. Eu já estava aprendendo a ler e a escrever antes de vir para Bombaim. Meus pais me mandaram para a

escola em Delhi. Serabai quis acreditar que eu era uma menina burra que

ela poderia salvar da ignorância. Quanto às minhas roupas e minha comida,

sou grata a você, não a ela. É o seu suor e o seu trabalho duro que produ-

zem essas coisas, não a generosidade de Serabai. Se você parasse de traba-

lhar durante um mês, ela não mandaria o seu salário pelo correio.

Bhima fica olhando boquiaberta para a neta.

— Olhe só para ela — diz mansamente, como se estivesse falando consigo mesma. — Ouça as palavras pecadoras que saem da boca dessa

desgraçada ingrata. Está cuspiendo na mulher que construiu sua vida. E tu-

do porque fez as suas safadezas com o genro de Serabai e agora precisa

encobrir a mancha da sua culpa. A minha Pooja, que Deus a tenha, deve

estar chorando lágrimas amargas de vergonha por esse monstro a quem

deu à luz.

Param de caminhar e ficam a poucos centímetros uma da outra, igno-

rando a água morna que batia em seus pés e os olhares nitidamente curio-

sos dos passantes.

— Por que é tão fácil para você decidir que a culpa é minha, vovó?

—

pergunta Maya, com o peito arfando de emoção. Por que essa  
pressa em

fazer da sua neta a única pecadora aqui? E o que será que ele fez?  
Ou será

que todos os membros dessa família vão continuar sendo santos na  
sua

cabeça? Você só consegue xingar e culpar sua própria família por  
cada ato

mau ou vergonhoso?

Agora, Bhima consegue ouvir o ódio na voz de Maya e se lembra de  
como a menina ficou tensa quando ouviu Dinaz chamando por elas.  
Na-

quele momento, achou que a vergonha fosse o motivo da tensão de  
Maya e

de sua recusa em ir cumprimentar Dinaz. Afinal, a neta tinha agido  
de mo-

do estranho com Serabai até no próprio dia do aborto e vinha se  
recusando

a visitar a casa da família Dubash desde então. Bhima examina a  
neta com

cuidado.

— Ele.. Viraf *baba*. . machucou você?

Ela engole em seco a raiva assassina que acompanha seus pensamen-

tos.

Maya balança a cabeça com impaciência, corno se a pergunta de Bhi-

ma fosse uma mosca zumbindo em seus ouvidos.

— Você acha que fui eu que fiz a coisa errada. Por quê, vovó? Por que você ama mais aquela família que a sua própria?

Bhima engole a culpa que queima como lava derretida descendo por sua garganta.

— Nunca diga isso — diz ela baixinho. — Como pode dizer isso quando você é o mundo todo para mim? Poxa, por você eu poderia.

.

Ela balança a cabeça emocionada, incapaz de completar a frase, e vol-

ta para a areia seca, procurando um local afastado das outras pessoas. Sen-

ta-se na areia, puxando Maya consigo.

Durante alguns minutos, elas escutam em silêncio as ondas batendo na praia. Bhima se vira para Maya. Seu rosto está cheio de bondade, livre



da raiva e de qualquer julgamento.

— Conte-me o que aconteceu, *beti* — pede delicadamente. — Conte-me a história toda.

E Maya conta a sua história.

22

MAYA ESTAVA NA COZINHA DE BANUBAI preparando o chá para a velha quando a campainha tocou. Ela levantou os olhos, surpresa. Eram

quatro e meia da tarde e não estava esperando ninguém. Gita, a enfermeira

da noite, só chegaria às oito.

Abriu a porta. Era Viraf.

— Ah, Viraf *baba* — exclamou. — Veio mais cedo hoje?

Sabia que Viraf geralmente passava lá a caminho de casa, quando vol-

tava do trabalho, para dar uma olhada na velha. Depois, notando o olhar

agitado no rosto dele, sentiu um aperto no estômago.

— Estão todos bem? Dinaz não está doente ou coisa que o valha, não

é?

— Não, está tudo bem, todo mundo está bem — respondeu ele, des-

cartando a idéia, ao passar por ela a caminho da sala de jantar.

Depois, vendo o olhar de apreensão no rosto de Maya, Vira disse:

— Não se preocupe. Dinaz está ótima. A única coisa errada é aquele seu temperamento desgraçado. Menina mimada. Parece até que ela é a

primeira pessoa no mundo a ficar grávida.

Maya empalideceu. Não conseguia suportar que ninguém, nem mes-

mo Viraf, falasse de Dinaz daquela maneira. Vendo o olhar estupefato em

seu rosto, ele sorriu maliciosamente.

— Ah, me desculpe por criticar a sua tão preciosa Dinaz disse ele. —

Esqueci a adoração que vocês têm uma pela outra. Devia ter pedido a sua

ajuda para tentar levá-la ao cinema hoje á noite. Sai mais cedo do trabalho

por essa razão. Mas é claro que ela estava tendo uma de suas crises de mau

humor, parecia até a deusa Durga. Em vez de sairmos, ela me passou um

sermão dizendo que preferia ficar em casa fazendo algum trabalho doméstico

e que eu era um irresponsável de vir para casa e esperar que a minha

esposa passasse algumas horas comigo. Então, é claro, eu é que sou o *choo-*

*tia* aqui.

Maya se encolheu ao ouvir aquela expressão grosseira. Nunca tinha

ouvido Viraf falar daquele jeito, como um dos vagabundos da favela onde

morava. Algo de seu desapontamento chocado deve ter aparecido em seu

rosto porque os modos de Viraf mudaram e ele parecia arrependido.

— Desculpe — disse suavemente. — Acho que me deixei levar pela emoção.

Displícitemente, ele puxou Maya para perto e lhe deu uns tapinhas suaves nas costas.

— Maya, minha querida — murmurou ele. — Esqueci que você era leal como um cachorrinho.

Maya ficou surpresa, envaidecida, confusa. Depois da menina Dinaz,

Viraf *baba* sempre foi a pessoa de quem mais gostava naquela família. Fe-

roz *seth* a deixava aterrorizada, e mesmo que Serabai fosse sempre muito

gentil havia alguma coisa naquela mulher alta e cheia de dignidade que a

intimidava. Mas, desde que conheceu Viraf, ele sempre a tratou de modo

brincalhão e gozador, sem a distância que Serabai impunha. E ele também

era capaz de rasgos de generosidade para com ela e sua avó. Na semana

passada, Bhima chegou em casa com uma caixa de doces tão grande que

tiveram que dividir com os outros moradores da favela.

— Viraf *baba* nos deu isso — disse Bhima com um largo sorriso. —

Um cliente lhe deu três caixas de *mithai*, e ele nos deu uma delas.

Mas, mesmo assim, ele nunca tinha tocado nela ou falado com ela de

modo tão afetuoso e informal. Na verdade, nunca o viu assim tão irreque-

to, tão agitado, tão extrovertido e, obviamente, necessitando de apoio. Al-

guma coisa se abrandou dentro dela, um sentimento úmido e terno surgiu

em seu peito. Ficou tímida e muda, lutando contra o impulso de ficar o-

lhando para os próprios pés descalços. Em vez disso, forçou-se a olhar pa-

ra o rosto corado de Viraf, tentando encontrar um modo de confortá-lo,

para que ele recuperasse aquele seu bom humor habitual.

— Chá — disse ela. — Estou preparando uma bela xícara de chá para

Banubai. Vou fazer para você também, Viraf *baba*.

Ele sorriu e voltou a se parecer com o velho Viraf.

— Ok. Vou cumprimentá-la e depois vou para o outro quarto verificar as contas dela. Afinal, vim aqui para isso.

Seu rosto se entristeceu novamente.

— Esta casa é muito deprimente, mas pelo menos tem um pouco de paz e tranqüilidade para se trabalhar, sem uma mulher resmungona, com

os hormônios enlouquecidos, despejando tudo em cima de nós, pobres

machos.

Ele deu um sorriso repentino para Maya.

— Aqui não tem mulher chata me incomodando. Em vez disso, temos uma velha malvada e entrevada que fica mandando em você.

Ela nunca o tinha visto daquele jeito, tão agitado. O antigo Viraf, aquele ao qual estava acostumada, ficava aparecendo e sumindo, como o sol

por trás das nuvens. Ela o fitou boquiaberta, sem saber direito se ele estava

brincando ou se estava falando sério ou como deveria reagir às coisas que

ele estava dizendo sobre sua família. Sentiu-se jovem demais, pequena de-

mais e também crucialmente consciente do seu estranho *status* naquela fa-

mília, condenada a ouvir sem falar, sem poder aceitar sua provocação ou

dizer o que realmente sentia por Banubai, sem poder dizer que concordava

com ele sobre ela ser uma velha malvada que tornava infeliz a vida de todo

mundo.

Exatamente naquele momento, os sons engolfados de Banu chegaram

até eles.

— Urgghh, urgghh, urgghh — balbuciou.

Viraf voltou as costas para Maya piscando.

— Ela não perde uma, não é mesmo? — disse ele. — Bem, está na hora de pagar minha promessa para Kali *devi*, a deusa.

Dessa vez, Maya quase engasgou, escandalizada com esse desrespeito

flagrante.

— Viraf *baba* — protestou, mas ele já tinha saído.

— *Kern*, Banubai. Olá — Ela o ouviu dizer. — Como a senhora está se sentindo hoje? Está com boa aparência, as bochechas estão vermelhas

como as maçãs da Caxemira. Mantendo todos os empregados sob contro-

le, imagino.

Na cozinha, Maya ouviu Banu emitir um som engasgado que sabia ser

uma gargalhada. Esse Viraf *baba* era demais. Maya sorriu consigo mesma.

Quando ele jogava seu charme, conseguia fazer até com que os mortos

rissesem.

Quando foi lhe levar a xícara de chá, ele estava sentado, encurvado

sobre urna pilha de contas e o talão de cheques de Banu. Tinha tirado a

gravata, ajeitando-a sobre a cama, e arregaçado as mangas da camisa.

— Obrigado — disse ele com um sorriso e depois voltou para as contas. — Urna boa xícara de chá. É exatamente disso que eu preciso.

A imagem do sorriso de Viraf a aqueceu enquanto ela servia a xícara de chá de Banubai, segurando um guardanapo de pano debaixo de seu

queixo para aparar o filete de líquido que escorria da boca flácida e sem

controle da velha. Como de hábito, também mergulhou dois biscoitos no

chá com leite e pôs na boca de Banu. Às vezes, quando estava zangada



com Maya, Banu cuspiu o chá e os pedaços amolecidos de biscoito, e a ga-

rota tinha que limpar o rosto e as roupas com o guardanapo. Mas hoje Ba-

nu estava de bom humor, alegre pela atenção de Viraf e por suas palavras

sedutoras.

— Ok, *inanmia* — disse Maya bruscamente depois que Banu terminou

o seu chá. — Agora vamos dormir um pouco, como urna boa menina. O

jantar vem mais tarde. A senhora vai dormir o sono da beleza.

Os olhos acinzentados e leitosos de Banu acompanhavam-na enquan-

to ela arrumava o quarto. Mas quando Maya olhou para ela novamente, a

velha já estava dormindo, com a boca aberta.

Ao entrar no quarto onde Viraf estava trabalhando, Maya o encontrou estendido na cama. Ele se espreguiçou quando a viu e disse:

— Aquele chá estava tão bom que me fez ficar meio sonolento. Pensei em tirar um cochilo rápido. Dinaz fica tão irrequieta à noite por causa

da gravidez que nunca mais tive uma boa noite de sono.

Ela estava prestes a sair do quarto com a xícara vazia quando ele pe-

diu:

— Maya, veja no armário de remédios se tem um vidro de Iodex, por favor. Estou com torcicolo. São muitas horas sentado à minha mesa de trabalho.

Ela retornou com o pote pequeno e escuro e o estendeu para ele, mas

ele deu um sorriso pidão e disse:

— É difícil alcançar o local. Você pode passar em mim?

Ela hesitou por um segundo e depois mergulhou dois dedos na po-mada negra. Viraf desabotoou os dois primeiros botões da camisa e se vi-

rou de bruços. Quando os dedos de Maya tocaram na sua pele, ele soltou

um pequeno grito.

— Suas mãos estão frias — reclamou, mas ela pôde ouvir o sorriso em sua voz.

Os dedos de Maya encontraram o nó no músculo e o massagearam para desfazê-lo.

— Aperte mais fundo — pediu Viraf.

Ele se virou ligeiramente de lado e desabotoou mais alguns botões para lhe dar mais espaço para trabalhar.

— Ai, Deus a abençoe — disse ele com um suspiro, quando o músculo se soltou sob a pressão da mão dela. — Eu mal conseguia mover o

pescoço antes. Esse é talvez outro motivo de eu estar de mau humor.

Algo se mexeu dentro dela.

— Minha avó também tem esses torcicolos. Mas sempre consigo dar um jeito — disse com orgulho. — Minha avó diz que eu faço nela a me-

lhor *charnpi-malish* que tem, a melhor das massagens.

Ela sentiu Viraf sorrir.

— Aposto que você não é tão boa quanto aqueles massagistas da praia de Chowpatty — provocou ele.

— Isso não é justo.

Ela riu.

— Aqueles *bhaiyas* usam óleo de amêndoas com *masa/a*, erva, e sei lá

mais o que dentro.

— Então pegue o óleo Johnson — retrucou Viraf, ainda com o sorri-

so na voz. — Aí veremos se você é boa mesmo.

Ela fez urna pausa, sem saber se ele estava brincando ou nao.  
Perce-

bendo sua hesitação, Viraf se virou e lhe deu um pequeno  
empurrãozinho.

— Vá — pediu ele. — Seria ótimo se você fizesse uma massagem  
nas

minhas costas.

Quando ela voltou ao quarto, ele tinha tirado a camisa. Ficou  
surpresa

ao ver como as costas dele eram macias e sem pêlos. E a pele era  
clara, tão

clara. . A cor e a textura do trigo atta que a vovó amassava para  
fazer *chap-*

*patis*. Em comparação com aqueles vagabundos que perambulavam  
pela

favela com seus *lungis* de xadrez e as costas peludas como a dos  
ursos no

circo, as costas de Viraf pareciam tão pouco ameaçadoras quanto  
uma

forma de pão.

Verteu o óleo, tentando olhar para a parede e não para as costas  
lisas

de Viraf. Nunca tinha tocado nas costas de um homem antes e ficou  
enca-

bulada e sem palavras. Mas seus olhos continuavam a fitar a marca de suas

mãos morenas naquela pele cor de manteiga.

— Hum, hum, hum — gemia Viraf. — Poxa, você não estava mentindo! Urna massagem sua e aqueles massagistas de Chowpatty teriam que

passar a vender *narial pani*.

Era bom poder lhe dar esse prazer. À medida que suas mãos amassa-

vam e acariciavam as costas de Viraf, à medida que conseguia pôr para fora

a tensão de seus músculos contraídos, Maya foi se sentindo forte, impor-

tante, poderosa. Aquele Viraf de mau humor, provocador e gozador de

antes tinha ido embora, vencido por suas mãos rápidas, sábias e capazes.

Podia movê-lo, moldá-lo e renová-lo com as suas mãos. Talvez relaxado

assim fosse mais compreensivo com Dinaz quando voltasse para casa. Ma-

ya suspeitava de que as coisas não iam muito bem entre o casal. Ouviu al-

gumas vezes os murmúrios zangados que vinham do quarto deles quando

ia lá buscar sua avó, mas até então não tinha a menor noção de que havia

alguma coisa que pudesse fazer com relação àquilo. Agora, observando os

músculos agradecidos de Viraf se desenroscando como cobras no cesto do

encantador de serpentes, percebeu que estava enganada. Maya ficou espan-

tada ao olhar para baixo e ver suas mãos morenas se movendo como som-

bras nas águas plácidas das costas dele.

— Mais para baixo — sussurrou ele. — A região lombar dói como o diabo.

Ela trabalhou naquela região, tomando cuidado para manter as mãos acima das nádegas, mas deixando que seus olhos passeassem por ali. Esta-

va hipnotizada pelos movimentos rítmicos e circulares de suas próprias

mãos. Viraf ficou tão quieto por alguns momentos que ela se perguntou se

ele tinha pegado no sono.

Foi então que ele se virou e, durante um momento confuso, suas

mãos tocaram o ar, e logo depois ela estava massageando os pêlos escuros

do peito dele, sentindo a delicadeza enternecedora dos ossos de suas claví-

culas, a cavidade triste de suas costelas, sentindo a tensão nos músculos do

peito dele e reconhecendo, de algum modo, com uma sabedoria antiga e

primal, que ela era a causa daquela tensão, daquela respiração entrecortada.

E seu espanto se transformou em orgulho, e o orgulho se transformou em

pânico quando Viraf se ergueu e, com suavidade e firmeza, empurrou suas

costas em direção a cama, segurando seus ombros para baixo, de modo

que por um momento absurdo a parte superior do corpo dela estava no

colchão firme enquanto suas pernas ainda estavam balançando acima do

chão. Sentiu um aperto no estômago, quando Viraf baixou os lábios em

direção ao seu seio, foi tomada por uma onda de outros sentimentos, uma

onda que percorreu as suas coxas, rompendo o dique da resistência, fazen-

do com que suas pernas ficassem pesadas e fracas ao mesmo tempo.

Protestou; não protestou. Não importava, porque o que estava para acontecer era inevitável, já estava acontecendo, e os dois sabiam disso. E-

ram como nadadores apanhados na mesma correnteza. Olhavam um para

o outro sérios, e sem dizer uma palavra. O quarto — o mundo todo —

ficou silencioso ao seu redor. Eram as duas únicas pessoas nele, as duas

últimas pessoas que ainda permaneciam nele, e não havia mais ninguém,

nenhum pensamento em mais ninguém. Não havia nenhuma mulher en-

trevada no quarto ao lado, não havia nenhuma enfermeira que chegaria

logo para render Maya, não havia Bhima para desaprovar o que estava a-

contecendo ali e, acima de tudo, não havia Dinaz com uma criança cres-

cendo em sua barriga.

— Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus! — dizia Viraf quando se a-

jeitou em cima dela. Maya mordeu o lábio inferior para evitar se render à

dor aguda que transpassou seu corpo quando ele a penetrou; tentou agarrar



as costas dele ao arquear o corpo em sua direção, mas suas mãos  
escorre-

garam por causa do óleo. E depois era tudo só fricção e movimento,  
tudo

úmido e escorregadio: o óleo nas costas de Viraf, o sangue por ter  
mordido

a boca com muita força, e um sangue diferente, mais cerimonial,  
que escor-

ria de um outro lugar; as lágrimas que surgiam nos seus olhos  
apertados de

prazer e dor, o suor que fundia seus corpos como uma cola e,  
finalmente, a

explosão do membro intumescido e quente de Viraf dentro dela.

Maya recobrou os sentidos antes dele. Enquanto estava ali,  
congelada

e rígida de terror e vergonha, ele ainda estava afogueado e mole por  
causa

do calor e do gozo.

— Faz tanto tempo. . — ela o ouviu dizer. — A gravidez de Dinaz..

está tão frígida. . não me deixa nem chegar perto dela..

Mas os sinos clamorosos do seu próprio medo mal deixavam Maya  
ouvir o que ele estava dizendo.

O telefone tocou. Eles se olharam por um segundo, com os olhos ar-

regalados de incerteza. E então ele ordenou:

— Vá atender.

Ela pulou da cama e vestiu seu *salwar-khamez*, envergonhada de estar

nua na frente dele. Mas não havia desejo em seus olhos, apenas um rosto

inexpressivo que ela não conseguiu decifrar. O toque do telefone acabou

com o sonho de Viraf e o trouxe de volta à realidade.

Era Dinaz, perguntando por ele.

— Oi, minha Maya. Por que demorou tanto a atender?

Maya poderia ter chorado com o carinho e a inocência que havia na voz de Dinaz.

— O Viraf está aí?

Ele estava de pé, atrás dela, pronto para atender o telefone.

— Peguei no sono durante alguns minutos, querida — ela o ouviu dizer a Dinaz. — Você sabe como é chato fazer a contabilidade da sua avó.

Não, estou bem. Não precisa pedir desculpas. Não estou magoado, pode

ter certeza. Podemos ver aquele filme bobo a qualquer hora. Volto para

casa assim que terminar essas contas. Tchau, querida.

Maya estava na cozinha quando ele desligou o telefone e teve que se

esforçar para olhá-lo. Estava sem palavras, envergonhada, humilhada. Que-

ria dizer alguma coisa, explicar-lhe que era uma moça direita, que não fazia

com outro homem o que tinha feito com ele e que, na verdade, nunca ti-

nha feito aquilo antes. Mas o Viraf que a olhava de cima parecia tão remo-

to e distante quanto uma montanha.

— Tem alguma toalha limpa por aqui? — perguntou ele. — Gostaria de tomar um banho antes de sair.

Se ele notou o olhar magoado e amedrontado no rosto de Maya, fingiu que não percebeu.

— E você devia lavar o lençol antes de a enfermeira da noite chegar

— prosseguiu. — Tem.. sangue no lençol. Pode parecer suspeito.

Ela se acorou num canto, chorando baixinho enquanto ele tomava

banho. Sentia-se suja, contaminada, seu corpo tinha agora um cheiro que

não reconhecia. Rezava para que ele ficasse no chuveiro para sempre, que

nunca tivesse que encará-lo novamente. Mas, depois de algum tempo, ou-

viu a torneira ser fechada e logo ele estava diante dela com um cheiro sua-

ve de sabonete Yardley de alfazema.

— Escute, Maya — disse ele suavemente. — Estava no chuveiro pensando. . Pensando sobre.. sobre o que aconteceu agora há pouco, so-

bre o que você fez. É, foi muito feio o que você fez, me tentando daquele

jeito, se aproveitando de mim quando eu estava mais fragilizado.

Ela tentou protestar, mas ele a silenciou.

— Shhh. Espere eu terminar. O que quero dizer é que perdôo você pelo que aconteceu, desde que isso não se repita e também desde que você

não diga a ninguém o que fez. Porque a pobre da Dinaz, se algum dia vies-

se a saber, meu Deus, ela morreria. Nunca perdoaria você. Entendeu? Ela

ia sentir isso como a pior das traições, ela que confia tanto em você. E,

com a gravidez e tudo o mais, não posso correr o risco de que aconteça

alguma coisa a ela. Lembre-se de que a família Dubash sempre foi boa com

você e sua avó. Eles tratam vocês como se fossem da família e mandaram

você para uma boa faculdade. Você tem um futuro brilhante pela frente.

Não deixe que esse incidente arruine a sua vida. Entendeu o que estou di-

zendo?

A raiva fez sua voz soar como aço.

— Mas não fiz nada — disse alto. — Quer dizer. . o senhor é que pulou em cima de mim como um cachorro louco.

Pensou que ele a atacaria novamente, mas Viraf apenas a observou tristemente, abanando a cabeça.

— Maya, Maya — disse, com um suspiro. — Não fique assim. Se contar a alguém o que aconteceu, em quem acha que acreditariam? Em

você ou em mim? Antes de mais nada, saiba que vou negar tudo. Tenha

bom senso e não faça nada para prejudicar os seus estudos ou o emprego

de Bhima. Por favor. Você me promete que vai deixar isso tudo para trás?

Maya fez que sim com a cabeça. Seu corpo doía, e tudo o que queria era que ele fosse embora. Antes, sentiu remorso, sentiu que tinha agido

como uma depravada, mas esses eram sentimentos dela mesma, Maya. A-

gora, as palavras dele a faziam se sentir uma prostituta. Esperou em silên-

cio, como um animal acuado, enquanto ele juntava os papéis e os guardava

no armário Godrej do quarto de Banu. Ele ficou na beira da cama da velha

por um momento, como se estivesse indeciso sobre se devia acordá-la para

se despedir, mas quando Banu soltou um ronco particularmente gutural ele

recuou, saindo do quarto na ponta dos pés.

Na porta da frente, Viraf parou e olhou para Maya, e ela notou que os

olhos dele estavam úmidos e carregados de emoção. Involuntariamente,

seu coração pulou de esperança, na expectativa de uma palavra carinhosa,

de um pequeno gesto que destruísse esse sentimento sub que se enroscava

em suas pernas. Mordendo o lábio inferior, Viraf estava parado à sua fren-

te, examinando seu rosto.

— Você está bem? — perguntou ele, e, quando ela não respondeu, uma sombra de aborrecimento passou pelo seu rosto. — Vamos, Maya,

controle-se — disse ele. — O que aconteceu foi.. Bem, aconteceu. Nin-

guém tem culpa, está bem? Certo. De qualquer modo, a enfermeira da noi-

te já deve estar chegando. Então, se você precisar, sabe como é, se limpar

ou alguma coisa assim, melhor fazer isso antes que Banu acorde. E lembre-

se: nem uma palavra para ninguém! É melhor você esquecer tudo isso.

Ele já estava do lado de fora quando se virou e disse:

— Ah, e mais uma coisa. Não se esqueça de lavar o lençol, ok?

23

BHIMA NUNCA SOUBE QUE O ÓDIO podia ter uma lâmina tão afiada. Que podia ser tão desconfortável, constante e insistente, como uma

pedra num sapato ou uma peça de roupa apertada demais. Tampouco sabia

o poder que o ódio tem de subjugar: como se apodera de cada antigo insul-

to, de cada antiga traição, reunindo tudo isso em nosso estomago num úni-

co ponto que queima. Como azeda tudo, parecendo um limão espremido

em cima do mundo inteiro.

O jovem médico do hospital dos aidéticos que disse com desprezo:

“Gente como vocês”; o contador que praticamente se cumprimentou por

ter se aproveitado de uma mulher analfabeta; o velho médico que ignorou

Gopal quando ele estava doente no hospital, até sentir o cheiro do poder e

do dinheiro. E Gopal, que foi embora levando Amit consigo, como se o

garoto fosse uma trouxa de roupa velha que se carrega de um lugar para o

outro. Gopal, que lhe escreveu uma carta que era ao mesmo tempo um

beijo e um assassinato.

E agora Viraf. Mas aqui o barulho das ondas no ouvido de Bhima é

ensurdecador, como o ronco daqueles aviões que ouviu uma vez no aero-



porto Sahar, quando esteve lá acompanhando Serabai. Há um gosto amar-

go em sua boca que não desaparece, mesmo mascando tabaco. O ódio é

como alfinetadas, como pequenas agulhas enfiadas no corpo inteiro. O

ódio que sente por Viraf é um sentimento novo, tão cortante e afiado que

manteve Bhima acordada a noite toda, o que a deixou se sentindo hoje de

manhã em carne viva, machucada e sangrando. As coisas que antes gostava

em Viraf, sua beleza, seu rosto saudável e bonito, agora despertam seu

desprezo, porque as vê como uma máscara que esconde a sua natureza cí-

nica e corrompida.

“Como será que ele se sente”, pensa, quando se levanta do colchão,

“ao saber que um filho seu foi aniquilado, ao mesmo tempo que sua mu-

lher está prestes a dar à luz outra criança? Será que considera isso um sinal

de mau agouro, a sombra de seu filho morto se projetando sobre a felici-

dade de sua mulher? Ou será que se importa tão pouco com esse filho ile-

gítimo, que dorme despreocupado, vendo em seus sonhos apenas o filho

que vai herdar a aparência do pai, seu charme, sua riqueza, seu poder?”. Ao

pensar isso, o rosto de Bhima se anuviou de fúria. E depois das cinzas da-

quele último pensamento surge uma recordação: uma carona até o merca-

do, quando Viraf lhe disse calmamente como era importante não se perder

mais tempo e conseguir um aborto para Maya, o mais rápido possível. “As-

sassino de crianças”, pensa Bhima enfurecida. “Que espécie de pai planeja

a morte do próprio filho?”

Com certeza, foi por isso que Maya insistiu que Sera a acompanhasse

à clínica de abortos. Serabai, sem saber, supervisionou o assassinato da cri-

ança que era a sombra escura, o irmão que poderia um dia desafiar a felici-

dade da família Dubash, a sua posição na sociedade e seu desejo de respei-

tabilidade. E Maya tinha arranjado a coisa de tal modo que Sera estivesse lá

no momento da destruição, quando o agente desafiador seria silenciado

para sempre. Bhima olha para Maya dormindo e, a despeito de sua repulsa,

sente uma ponta de admiração pela moça. Maya fez tudo para que a família

Dubash estivesse implicada na morte do seu filho, e que um pouco daquele

sangue escuro manchasse suas mãos para sempre. Com certeza, Serabai foi

para casa naquele dia e fez uma descrição dos horrores da clínica. Certa-

mente Viraf tinha escutado a história do assassinato de seu filho com fria

fascinação. Talvez tenha acordado no meio da noite com a culpa cobrindo-

o como uma mortalha; talvez na escuridão da noite tenha reconhecido a

maldita escuridão do seu próprio coração.

Mas talvez não fosse assim. De repente, Bhima se sentiu velha e can-

sada. Uma sensação de lentidão muito conhecida se abateu sobre ela. Exis-

tem tantas coisas que não conhece e não entende.. Viraf *baba* é um homem

bonito, formado, rico e viajado. Ele é tudo o que ela, Bhima, não é. Como

poderia saber o que ele pensa? Não havia notado que, quando se dirigia a

ela, Viraf falava devagar como se achasse que ela não entenderia as coisas

que estava dizendo? E se ela não conseguia ler os pensamentos de seu

próprio marido, se não pôde adivinhar a traição no coração dele, como

poderia pretender saber que ervas daninhas nascem no fundo do coração

negro de Viraf?

Mas vai dizer a ele que sabe de tudo. A idéia vem tão clara e abrupta-

mente como um palito de fósforo que se acende no escuro. Vai dizer a ele

que, por mais que seja pobre, por mais que seja mulher, não é uma pessoa

com quem seja necessário falar pausadamente; não é mais uma pessoa que

pode ser enganada por contadores e maridos, nem ser tratada com despre-

zo por médicos e homens que estupram a sua neta. Na verdade, ela  
o co-

nhece melhor do que sua própria mãe porque, mesmo sendo  
analfabeta,

consegue ler a corrupção de seu coração. Vai lhe dizer que sabe de  
tudo e

que ele agora deve temê-la, porque tem o poder de destruir sua  
felicidade

tão rapidamente quanto o vento pode derrubar uma casa. Vai dizer a  
ele

que sabe de tudo e que ele deve manter as suas mãos quietas,  
porque ela

não vai deixar que aquelas mãos sujas e pervertidas contaminem a  
vida de

outra moça. Vai lembrar a ele que seu prazer impensado tirou a vida  
de sua

Maya dos trilhos e bloqueou o caminho que teria tirado a menina da  
favela.

Viraf tinha destruído o que ela e Serabai tinham construído juntas.  
"As

mulheres criam e os homens destroem", pensou Bhima. "O mundo é  
as-

sim."

Hoje é sábado, dia em que pega uma carona com Viraf para ir ao

mercado. No carro, dirá a ele que sabe, que Maya não carrega mais esse

segredo, assim como não carrega mais o símbolo da vergonha dele. Ele vai

tremer e pedir perdão, mas ela não vai se demover. Alguns pecados são

muito graves para serem perdoados. Até ela sabe disso.

Essa nova decisão traz energia para Bhima. Levanta-se do colchão e

ouve o conhecido estalo na articulação do quadril, mas hoje não espera

para ver se ele vai ser seguido daquela onda de dor. Não tem tempo de

prestar atenção nos estalos e nas mazelas de seu próprio corpo. Está pre-

parada para fazer com que Viraf sofra.

— Vamos, *beti*, acorde — diz para Maya, tocando com os dedos do pé a garota adormecida. — Vá buscar água enquanto preparo o chá. Vá

agora mesmo, que hoje preciso chegar cedo ao trabalho.

Será que é a sua imaginação ou Viraf a sondou com os olhos quando

ela entrou na casa? Não tem tempo de pensar nisso, porque Sera a puxa

pela mão.

— Ai, Bhima, graças a Deus você chegou! Esqueceu o jantar de hoje à noite? Ande, tenho que revisar a lista das coisas de que preciso do mercado.

— E.. na verdade estou indo para o clube um pouco mais cedo hoje

— informa Viraf, que está parado na porta da cozinha. — Bhima pode

tomar um táxi para ir ao mercado quando estiver pronta.

Antes que Sera pudesse responder, Bhima retruca.

— É difícil encontrar táxi no sábado de manhã. Posso sair agora, se o

senhor quiser.

— É. . afinal vocês estão indo na mesma direção — diz Sera. — Não há necessidade de gastar dinheiro com um táxi.

Ela sorri.

— É o que vivo dizendo a vocês, crianças. Dinheiro não cresce em árvore.

O rosto de Viraf está impassível.

— Ok, tudo bem.

Ele se dirige a Sera, embora Bhima esteja parada bem ali na sua fren-

te.

— Ela só tem que se aprontar para sair daqui a uns cinco minutos. Sera se volta para Bhima, que está pegando as sacolas de pano que costuma levar para o mercado e pergunta:

— *Ae, Bhima, Maya está se sentindo bem? Ela não estava com uma aparência muito boa ontem. Será que a comida de Chowpatty não lhe fez bem?*

Bhima mantém-se de costas para Serabai.

— Não é isso, *bai*. Depois do que ela passou recentemente, ainda está muito. .

— Entendo — diz Sera com um suspiro. — Coitada. É uma situação tão difícil. Bem, se ela pelo menos aprender com o erro, talvez alguma coi-

sa boa possa advir disso. Nessa idade as moças são tão. . Lembro que Fe-

roz e eu ficávamos de olho quando Dinaz era adolescente. Afinal, o maior

bem de uma moça é a sua virtude. E você sabe como são as coisas na nos-

sa Índia, não é Bhima? Todo homem quer se casar com uma virgem. Não



importa se são hindus, cristãos ou parses, os homens são todos iguais, não

é?

Bhima morde o lábio inferior até sentir o cheiro do sangue.

Sera percebe a rigidez nas costas da empregada.

— Isto é, não estou pretendendo dizer que. . Maya é uma moça tão boa, estou certa de que vamos acabar encontrando um companheiro ade-

quado para ela. E, na realidade, ninguém da sua comunidade precisa saber

sobre esse incidente. Existe um ditado que diz: "O que os olhos não vêem

o coração não sente." Mas, durante muitos anos, nada de pensar em casa-

mento para Maya, espero. *Bas*, a melhor coisa para ela é terminar os estu-

dos primeiro. Depois, podemos pensar em lhe arranjar um marido.

Bhima ainda não se sente confiante para falar. Se abrir a boca, sabe

bem disso, suas palavras vão deslizar como serpentes cheias de veneno que

poderiam causar um ferimento em Serabai do qual ela nunca conseguiria se

recuperar.

Sera se aproxima por trás e diz, fingindo impaciência:

— Ande logo, Bhima. Quanto tempo vai levar para decidir qual a melhor sacola? Desse jeito, quando voltar do mercado já serei uma velha.

Viraf mete a cabeça na cozinha e pergunta:

— Pronta?

Bhima faz que sim com a cabeça, esforçando-se para que seus olhos focalizem um ponto acima da orelha direita de Viraf. Acha que não vai

conseguir olhar diretamente para aquele rosto bonito sem sentir vontade

de arranhá-lo com as unhas.

Esperam pelo elevador e descem sem dizer uma palavra. Em vez disso, Viraf conversa com o ascensorista, que timidamente estende a mão pa-

ra alisar o caro e reluzente taco de críquete de Viraf.

— O que o senhor acha desse novo time das Índias Ocidentais, seth?

— pergunta o ascensorista olhando fixamente o taco. Ele é um rapaz alto,

desengonçado e dentuço, que parece estar sempre rindo de uma piada se-

creta.

Viraf dá de ombros.

— Esses caras das Índias Ocidentais são sempre ótimos.

A boca do rapaz se abre num sorriso, e ele balança a cabeça.

— Ah, mas o nosso time da Índia não está ruim dessa vez — diz prontamente, como se estivesse esperando pela resposta de Viraf.

— Vamos dar uma lição naqueles macacos pretos durante o jogo em Bombaim.

Ele se inclina, e confidencia:

— Estão dizendo para todo mundo aparecer no estádio com um monte de cascas de banana. Esses macacos africanos gostam de banana.

Vamos jogá-las no campo cada vez que eles forem dar uma tacada.

Viraf aperta os lábios com desprazer.

— Isso não é uma atitude muito esportiva, não é mesmo? — diz ele.

— São coisas como essas que dão má fama ao país.

O elevador chega ao térreo e o rapaz salta de sua banqueta para abrir

a porta.

— É verdade, é verdade, senhor. Não é uma boa idéia.

Seus olhos piscam velozmente na expectativa de uma gorjeta, mas Vi-

raf o ignora e vai em direção ao carro, com Bhima seguindo-o poucos pas-

sos atrás. "Garoto burro", pensa Bhima. "Tem cara de rato pelado, com

aqueles dentes que parecem uma tesoura, e fica chamando os outros de

macacos."

Viraf liga imediatamente o ar-condicionado, assim que entra no carro,

mas hoje, apesar do calor que faz lá fora, Bhima sente frio. Ela se inclina

para o outro lado, tentando impedir que seus dentes batam visivelmente.

Suas mãos estão frias e pegajosas e há uma sensação de gelo em seu estô-

mago que ela reconhece como nervosismo. Tenta se lembrar da sensação

de coragem e de não ter nada a perder que experimentou hoje de manhã,

tenta evocar o ódio e a agressividade que sentiu por Viraf há apenas algu-

mas horas, mas não consegue. Tudo o que consegue fazer é conter o tre-

mor humilhante de seu corpo para que Viraf não o perceba. Precisa de to-

da a sua força de vontade para controlar seus intestinos, que de repente

parecem querer traí-la.

Contrastando com a sua solícitude habitual, Viraf a ignora. Passa por diversas estações de rádio e, quando ele encontra uma que lhe agrada, co-

meça a assobiar desafinadamente junto com a música. Bhima olha de rabo

de olho para ele, que, diferentemente dela, parece estar completamente re-

laxado e confortável consigo mesmo. Embora saiba que essa postura rela-

xada é uma pose, um casaco que ele veste na sua presença, ela o admira

por ser capaz de fingir. Decide tentar imitá-lo e força a sua voz a não tre-

mer quando lhe diz:

— Viraf *seth*, tenho uma coisa para lhe dizer.

Viraf continua olhando para a frente, com os olhos na rua. Depois do que pareceu a Bhima um longo intervalo, ele pergunta, meio sem interesse:

— O quê?

Ela abre a boca para dizer que sabe de tudo, que nunca vai conseguir

perdoá-lo pelo que fez, que ele roubou a inocência e a juventude de Maya,

e que ela não tem certeza se vai contar para Sera e para Dinaz a história

desse infeliz incidente.

Abre a boca e nada acontece. Sua boca está ressecada pelo medo. Seu

corpo está visivelmente tremendo agora, como se ela fosse uma folha de

papel jogada ao vento numa rua. E, apesar do frio que está entrando em

seus ossos, sente o suor escorrer pelo rosto. Abre a boca para ameaçá-lo,

xingá-lo, fazê-lo entender como se sente imensamente ofendida, mas o que

sai é:

— Viraf *baba*, por quê-ê-ê-ê-ê-ê-ê-ê-ê-êêê, ai, meu Deus, por que-e-ê-

ê-ê-e-e-ê-ê-ê-êêêêêêê??

Não são exatamente as palavras que fazem Viraf pisar o freio, mas o som delas. É o grito ferido e lamentoso da dor que soa estranho e anima-

lesco mesmo aos seus próprios ouvidos, de modo que, por uma fração de

segundo, ela parece tão chocada quanto ele.

Viraf empalidece e pisa de leve o freio. Suas mãos ficam brancas ao apertarem o volante. Um músculo no seu maxilar se movimenta convulsi-

vamente para cima e para baixo durante alguns segundos, e nada mais além

disso. Ele continua a dirigir, mantendo os olhos no trânsito sem sequer ter

a condescendência de olhar na direção dela. Depois de alguns segundos,

seus dedos batucam silenciosamente no volante, e então Bhima percebe

que Viraf está esperando que ela continue, ele quer saber o que vai se se-

guir à explosão inicial.

Mas Bhima já terminou. Está quebrada, desgastada, exausta. O urro animal soou fraco e digno de pena aos seus próprios ouvidos, e ela se sente

como um passarinho que se chocou contra uma montanha. Viraf continua

impassível e tão impenetrável quanto essa montanha. Ela percebe que não

pode atingi-lo. E mesmo o seu ódio de hoje de manhã parecia agora insig-

nificante e ridículo, como o de uma criança fazendo birra para os pais ou

de um suicida cortando os pulsos, reproduzindo o que as mulheres têm

feito durante séculos: virando a raiva contra si mesmas.

Porque sabe agora que não vai usar a única arma que tem para lutar com ele. O único modo que tem de feri-lo é dividir a sua desgraça com

Serabai e Dinaz e assistir à mancha da vergonha se espalhar no rosto delas.

E não pode fazer isso, pois significaria destruir as duas únicas pessoas que

a trataram como um ser humano, que foram sempre sinceras e constantes

com ela, que nunca a desprezaram por ser uma mulher fraca, ignorante e

analfabeta. Lembra de Dinaz com cinco, seis, doze e quatorze anos, e cada

recordação é salpicada de água-de-rosas, cada lembrança é doce como açúcar-

car e pura como cristal: Dinaz se recusando a comer um chocolate, a não

ser que pudesse dividi-lo com Bhima; Dinaz implorando a Bhima para se



sentar nos sofás e poltronas do apartamento junto com ela quando esta-

vam sozinhas em casa; Dinaz pegando o dinheiro da própria mesada e de-

positando nas mãos envergonhadas de Bhima. Antes de haver Maya, havia

Dinaz, e ela a tinha amado com tal entrega como talvez só uma criança

possa fazer. Lembra de Feroz *seth* rindo e lhe dizendo uma vez:

— *Arre*, Bhima, você é alguma espécie de *jadoogar*, de feiticeira, ou al-

go assim? Como conseguiu enfeitiçar totalmente a minha menina? *Saala*,

desse jeito você vai ter que supervisionar os deveres de casa e ir encontrar

com os professores dela nas reuniões de pais e mestres.

E Serabai, alta e clara, uma sentinela dos portões do inferno, tentando

evitar que Bhima fosse levada pelo fogo infernal. Sera, que salvou a vida de

Gopal, que tentou proporcionar a Maya uma vida diferente, mandando-a

para a universidade, e que planejou o aniquilamento de uma vida ainda não

formada por acreditar que aquilo seria o melhor para Maya.

E agora seu destino está nas mãos de Bhima. Essas mãos calejadas e

cheias de cicatrizes que pentearam o cabelo de Pooja, que lavaram centenas

de pratos, que cortaram milhares de cebolas; essas mãos agora seguram as

rédeas da felicidade de Sera e Dinaz. Basta um movimento, e a felicidade

sairá galopando de suas vidas para sempre.

Então, Viraf olha para ela com cuidado, cauteloso, e finalmente diz:

— Bhima. Nós todos temos que encontrar forças para continuar vivendo.

Não tem certeza do que ele quer dizer com isso, mas sabe que não vai

perguntar. Acha que as coisas entre eles vão ficar assim mesmo: insatisfató-

rias e não resolvidas, um longo silêncio, vazio e árido, que vai substituir o

jeito brincalhão e gozador do antigo e imaculado Viraf. Ela tem uma súbita

imagem do futuro no qual vê Viraf como um homem de rosto enrugado e

cabelos brancos, velho e gordo antes do tempo, com uma antiga culpa lhe

fazendo cair as pálpebras e crescer a pele debaixo do queixo. “Esse aí não

vai envelhecer bem”, pensa ela. “Vai ficar mais parecido com o sogro do

que possa imaginar.”

Como se pudesse ler seus pensamentos, Viraf segura com força o vo-

lante e pisa o acelerador. Uma mulher jovem com duas crianças pequenas

atravessa a rua, evitando o carro que passa a centímetros dela, do mesmo

jeito descuidado e displicente de todos os moradores de Bombaim. Mas

hoje Viraf não está com paciência para esse comportamento irresponsável.

— Sua burra! — grita ele, baixando o vidro da janela. — Como quer criar essas crianças se não sabe nem cuidar de si mesma? — resmungando con-

sigo mesmo, levantando o vidro. — Está ficando impossível viver nesta

cidade, simplesmente impossível. Um bando de imbecis fodidos em tudo

que é lugar. Dirigir aqui não é um prazer, é uma tremenda chateação.

Instintivamente, Bhima se afasta da raiva dele. Já viu Viraf zangado

antes, já tinha ouvido suas brigas com Dinaz, mas essas discussões vinham

envoltas no amor bem-humorado que ele sentia pela esposa. Agora havia

um tom de vingança em sua raiva que a tornava perigosa. Ela tinha des-

mascarado Viraf, forçando-o a encarar a sua própria sombra, tinha tirado a

pele do rosto bonito e suave para revelar a confusão cheia de sangue e in-

festada de vermes, de contradições e corrupções que ficavam por baixo

dela. Bhima tenta imaginar o medo viscoso que Viraf deve estar sentindo

com relação ao que ela poderia fazer, deve estar temendo que ela o expo-

nha e o faça ficar nu diante de sua esposa e de sua sogra. "Ele deve se sen-

tir como um homem sentado em cima de um barril de pólvora", pensa ela.

E a terrível verdade é que a mulher que poderia botar fogo naquela pólvoro-

ra, que poderia detonar a explosão que faria sua vida e de sua família em

pedacinhos, é uma simples empregada, uma mulher velha e analfabeta, ma-

gra como um graveto, feia como um osso de galinha mastigado. De repen-

te, Bhima sente uma necessidade irracional e irreprimível de rir, mas, antes

que o faça, Viraf pergunta com a voz engasgada que soa como se ele tives-

se respirado um litro da fumaça de óleo *diesel* que os rodeava:

— Como vai Maya?

Como responder a tal pergunta? Para responder de verdade, teria que

voltar pelo menos à época de sua avó e explicar que todas as mulheres da

família tinham trabalhado como empregadas domésticas na casa de alguém;

teria que contar como ficava sentida quando via a própria mãe ir trabalhar,

mesmo estando doente, para cuidar da casa e das crianças de outras pesso-

as. Como fazê-lo entender que, quando Maya saía para a faculdade de ma-

nhã, sentia que tudo o que tinha passado na vida, todas as necessidades,

todos os insultos e todas as traições valiam a pena se pudesse proporcionar

à neta uma vida melhor do que a que ela, a mãe e a avó tinham tido? E,

acima de tudo, como dizer a ele que o simples ato do aborto não apagava o

passado, não fazia o relógio voltar atrás, não permitia que Maya recolhesse

os cacos de sua vida e voltasse para a faculdade? É verdade, aquilo tinha

sido culpa sua. Bloqueou aquela estrada de Maya na pressa de confrontar e

persuadir Ashok Malhotra a se casar com a menina, mas o que poderia ter

feito? Tinha ficado enfeitiçada pela visão de uma cozinha com pratos e pa-

nelas brilhando e um menino limpo e arrumado correndo pela casa.

Por isso, não diz nada e fica olhando para o tapete do chão do carro

debaixo de seus pés. Depois de um segundo, Viraf estala a língua em sinal

de frustração. Estão quase chegando ao mercado. Ele diminui a velocidade,

procurando um local para parar, onde Bhima possa descer.

— Já estamos quase chegando — avisa o rapaz, e ela sente um tom de alívio em sua voz.

Está mexendo na maçaneta da porta quando ouve Viraf dizer:

— Ouça, quer dizer.. Vocês estão precisando de alguma coisa?

Bhima sente seu rosto se endurecer como uma pedra e responde secamente:

— Estamos bem. Somos pobres, mas trabalhamos para ganhar cada grão de arroz que comemos.

Viraf exala sonoramente.

— Tudo bem. Ok. Meu Deus, por que todo mundo nessa cidade é tão dramático e tão nobre? Tudo o que eu estava querendo dizer era..

Ela agora já está fora do carro e dentro da bendita confusão do calor da rua. “É aqui o meu lugar”, pensa. “No meio dos vendedores, dos carre-

gadores, dos peixeiros e dos catadores de papel. Não em carros com ar-

condicionado.”

— Obrigada pela carona, Viraf *seth* — diz ela.

Ela vê a mágoa no rosto de Viraf. Ele notou que ela o chamou de “senhor”, e não do habitual e afetuoso “*baba*” que, do jeito que usa, signifi-

ca “rapaz”.

Bhima sente uma ponta de satisfação ao ver o desapontamento dele.

— Não há de quê — responde ele secamente. — E ouça: diga a Dinaz e a *mamma* Sera para almoçarem sem mim. Vou voltar para casa um pouco mais tarde hoje.

24

FOI UM LONGO DIA HOJE, e a casa está em silêncio porque Viraf e Dinaz saíram. Bhima está quase indo embora, mas Serabai pede uma xícara

de chá e ela se sente na obrigação de prepará-lo. Percebe que Serabai fica

diferente quando o casal sai à noite, mais pensativa e solitária. Bhima acha

que ela precisa ter a filha e o genro por perto para que a casa tenha vivaci-

dade, e sente uma pontada de pena de sua patroa. Lembra que, meses após

Feroz *seth* ter falecido, Serabai às vezes se esquecia de almoçar, e Bhima

tinha que insistir para que ela comesse; lembra ainda como, um dia ou ou-

tro, Sera também se esquecia de tomar banho. Uma vez, entrou na sala e

encontrou Serabai sentada no escuro, resmungando consigo mesma, en-



quanto esfregava furiosamente o braço. Bhima não sabe ao certo quem

ficou mais surpresa, embora Serabai tenha, é claro, soltado os cachorros

em cima dela e reclamado da falta de privacidade, dizendo que as pessoas

não deviam ficar espionando as outras. Mas a visão de Sera, sempre tão

elegante e digna, sentada no escuro como um animal enjaulado, parecendo

uma daquelas velhas parses loucas, como Banubai, por exemplo, deixou

Bhima chocada e consternada. Quando a menina Dinaz e Viraf *baba vie-*

ram para o almoço de sábado, fez questão de contar uma coisa ou outra

para Dinaz.

— A sua mãe está muito solitária — disse Bhima baixinho quando

Dinaz trouxe a louça suja para a cozinha. — Ela às vezes se esquece de

comer e beber e fica sentada sozinha dentro de casa sem acender as luzes.

Depois de anos protegendo Serabai, guardando seus segredos e res-

peitando seus silêncios, era estranho fazer esse tipo de fofoca. Mas o olhar

preocupado no rosto de Dinaz era a confirmação de que precisava.

— Tenho pensado nesse assunto — disse Dinaz suavemente. —

Muito obrigada por me contar, Bhima.

“Foi uma boa coisa a menina Dinaz ter se oferecido para vir morar com a mãe”, pensa. “Ter o jovem casal aqui tem sido bom para Serabai.”

Bhima conheceu muitas parses que envelheceram antes do tempo, que não

saíam da cama sem nenhuma necessidade aparente e usavam uma cadeiri-

nha com penico em vez de andar até o banheiro, que se recusavam a sair

de casa, a não ser de vez em quando para ir a uma cerimônia fúnebre de

algum conhecido. A senhora Motorcyclewalla, que morava no quinto an-

dar, três edifícios adiante, era uma dessas pessoas. Mas aquela mulher já

tinha uns parafusos faltando há muitos anos. Depois do acidente de Gopal,

Bhima foi lavar louça para a senhora Motorcyclewalla para complementar a

renda. Todas as tardes, a mulher ficava parada, observando atentamente

Bhima trabalhar na pia da cozinha, sem dizer uma palavra, mas às vezes

imitava o som dos pombos que pousavam no parapeito do lado de fora.

Aquele som fazia Bhima ficar arrepiada.

— Por que ela própria não lava a louça, se tem tempo de ficar aqui me observando com essa cara de coruja? — resmungava Bhima consigo

mesma.

De qualquer maneira, precisava do dinheiro, e a senhora Motorcyclewalla sempre pagava em dia. Mas, depois de uns meses, Bhima notou que a

mulher estava arrulhando para os pombos, mesmo quando não havia ne-

nhum deles pousado no parapeito. E, um dia, quando estava se aprontando

para sair, a mulher se virou para ela com um ar ensandecido e disse:

— *Você pege paro o bati* antes de sair da cozinha?

Bhima olhou para ela, estarrecida. E finalmente disse:

— Não estou entendendo, *bai*. — A voz da senhora Motorcyclewalla ficou estridente.

— Estou perguntando se você fez a saudação para a lamparina que

queima na cozinha debaixo do retrato do Senhor Zoroastro. Ninguém de-

ve sair da cozinha sem tocar a luz.

— Mas, *bai*, não sou parse — disse Bhima com cuidado. — Sou hindu *jaat* e nem ao menos sou *brahmin*.

Na maioria das casas parses em que tinha estado, as regras eram exa-

tamente o contrário. Banubai, por exemplo, fazia tudo para se certificar de

que a sombra de Bhima não cobrisse a *bati* que queimava dia e noite na

cozinha. Mas, seja lá por que razão, não devia ter dito aquilo. A mulher a

repreendeu:

— Ninguém tem a autorização de sair daqui sem fazer a saudação — exclamou ela, apertando o pulso de Bhima com a mão. — Senão cem anos

de trevas vão se abater sobre esta casa.

Ela praticamente foi arrastada para a cozinha, onde teve que executar

mecanicamente os movimentos que a mulher queria que ela fizesse, tocan-

do a lamparina com a ponta dos dedos e depois com a testa, em sinal de

respeito.

— Ok, *bai*, preciso ir — disse Bhima. — Serabai deve estar esperando

por mim.

Viu uma nova chama de loucura saltar nos olhos da mulher ao ouvir o nome de Sera.

— Você diga a Sera para vir com você amanhã, trazendo incenso de sândalo. Temos que purificar esta casa Os pombos estão me dizendo há

várias semanas que há alguma coisa errada, e agora percebo que você era a

culpada. De agora em diante, lembre-se de beijar o retrato do Senhor Zo-

roastro antes de sair, entendeu?

— É claro, *bai* — disse Bhima, saindo pela porta da frente e andando de costas. — Vou falar com Serabai.

Foi por causa da senhora Motorcyclewalla, que há vários anos não sa-

ía da cama e se recusava a mudar aquela situação, mesmo que os médicos

não encontrassem nada de errado com ela, que Bhima falou com Dinaz

sobre sua mãe.

E agora, pela primeira vez, desejaria não ter interferido. Se o casal a-

inda estivesse morando no subúrbio, Viraf provavelmente não estaria no

apartamento de Banubai no dia em que Maya estava lá. Sera teria passado

muito mais noites como esta, andando pela casa como se estivesse vendo

fantasmas, mas pelo menos Maya teria sido poupada, pelo menos sua neta

iria. .

Sera entra na cozinha.

— Não se esqueça de botar as folhas de hortelã — recomendou. —

E faça uma xícara para você também.

Bhima vai até o canto onde guarda suas coisas e pega o seu copo. Sera

pega uma caneca do armário. Enquanto Bhima serve o chá, o vapor cria

uma barreira ondulante entre elas. Cada uma pega o seu e vão para a sala

de jantar, assumindo suas posições habituais. Sera se empoleira numa ca-

deira e Bhima se acocora no chão. Bebem o chá em silêncio. Depois Sera

solta um suspiro e diz:

— O chá está bom. Você faz o melhor chá de Bombaim.

— A casa fica muito quieta sem os dois aqui — comenta Bhima. Ainda não consegue dizer o nome de Viraf em voz alta.

— É verdade — diz Sera. — Mas é bom que Dinaz saia com seus amigos. Coitadinha, tem passado tão mal nesses últimos dias com a gravi-

dez que, hoje de manhã, quase cancelou um compromisso. Disse que mal

conseguiu dormir a noite passada. Mas Viraf a convenceu a ir. Só Deus é

que sabe, mas depois que o neném nasceu ela não vai ter mais tempo para

os amigos e para as noitadas. E as meninas do escritório estavam querendo

muito sair com ela.

— Ele não foi também? — pergunta Bhima, como quem não quer nada, esperando que Sera não note sua relutância em pronunciar o nome

de Viraf.

— Não, é uma festa só para mulheres. Mas é bom assim. Esse rapaz está trabalhando demais e precisa de descanso.

Ela faz uma careta e acrescenta:

— Não estou querendo dizer com isso que estar na casa de *mamma*

Banu seja propriamente um descanso. Mas ele deve estar de volta logo. Só

foi lá acertar o pagamento do mês com as enfermeiras e organizar as con-

tas de Banu. Ontem, ficou lá até as onze da noite fazendo a contabilidade

dela. Quantos genros iriam fazer isso? E, mesmo que tivesse consciência

disso, aquela. . minha sogra. . nunca ficaria agradecida.

Bhima sente um momento de pânico ao pensar em Viraf lá no apartamento, sozinho com a enfermeira Edna. E se ele tentasse alguma das su-

as safadezas com a pobre mulher? Ela balança a cabeça para expulsar as

imagens indesejadas que se formaram. Edna é adulta, casada e com filhos.

Saberia como lidar com Viraf, se ele tentasse fazer qualquer *badmaashi* com

ela. E, além do mais, homens como ele provavelmente só gostavam de

carne fresca, como Maya. Que interesse teria numa mulher com o olhar



cansado, e ainda por cima casada e com filhos? Não, Viraf e gente da sua

laia tinham necessidade de manchar as coisas puras, como uma gota de

tinta num copo de leite.

— Bhima, que cara é essa? — indaga Sera sorrindo. — Meu Deus,

ocê parece que viu um fantasma ou coisa parecida! Que pensamentos

sombrios estão passando por sua cabeça?

“Ah, Serabai, se ao menos eu pudesse lhe dizer. .”, pensa Bhima. Mas

seria mais misericordioso apunhalá-la com uma faca do que matá-la com o

veneno dos meus pensamentos. Então, diz em voz alta:

— Minha vida inteira é um pensamento sombrio.

Sera suspira.

— Sei o que você quer dizer — responde ela, lutando visivelmente contra as emoções e forçando-se a permanecer ereta na cadeira.

— Mas, Bhima, não podemos desistir. Nós, mulheres, vivemos para muito mais do que apenas nós mesmas. Você por Maya, eu por Dinaz, e

agora pelo neném. Sabe, pensei muitas vezes como os homens podem se

dar ao luxo de se arriscar mais, de voar mais alto e de cair mais baixo, por-

que têm sempre o suicídio como saída. Se as coisas não estão funcionando,

*bas*, eles têm essa opção final. Quando eu era jovem, tinha muita inveja dos

homens por causa disso. Tenho dois primos que acabaram com as próprias

vidas. Dois rapazes, é claro! Mas as mulheres não vivem só para elas mes-

mas. E depois de ter filhos. . esqueça! Nem sei como ainda temos um cor-

po para andar por aí depois que tivemos filho. Depois disso, vive-se total-

mente para outra pessoa. *Arre*, vamos até mesmo esquecer as crianças. Até

me preocupo com *mamma Banu*, você pode imaginar uma coisa dessas?

Agora, depois que o Feroz se foi, fico me perguntando o que vai acontecer

com ela se eu morrer antes?

— E por que isso aconteceria? — pergunta Bhima, com veemência.

— Ainda não está na sua hora, Serabai, e vou rezar para que ainda falte

muito tempo até ela chegar.

Sera sorri.

— Rezo para que também não seja — diz timidamente. — Com o neném agora para nascer.. Você pode imaginar, Bhima? Pela primeira vez

na minha vida, realmente tenho vontade de viver. Antes, poderia sincera-

mente dizer que não me importava se fosse assim ou assado. Mesmo

quando moça, não sei bem o que havia de errado comigo, mas não dava

tanto valor à vida. Para mim, todas as coisas que se tem que fazer só para

continuar vivendo pareciam complicadas demais e mal valiam o esforço.

Mas agora estou com muita vontade de ver como é que o filho da minha

Dinu vai crescer. E quero estar aqui para. .

A campainha da porta toca, e Bhima começa a se levantar, mas Sera-

bai a impede, dizendo:

— Eu vou. Deve ser Viraf. Já quase acabei o meu chá. — Sera dá um longo gole final, antes de deixar a caneca em cima da mesa para Bhima la-

var depois.

Bhima continua de cócoras, bebericando seu chá, imaginando o que fazer com Maya naquela noite. Desde que esbarrou com Viraf em Chow-

patty, Maya tem se recusado a ir passear na praia. As noites em casa agora

parecem compridas e opressivas. Bhima sente falta do ar suave da noite, do

cheiro da água e da proximidade que tinham quando caminhavam pela

praia. Sente falta do desfile de cores e pessoas à beira-mar, dos homens e

mulheres vestidos com cores vivas andando em seus carrões, dos mendi-

gos sem pernas se movimentando em seus *skates*, dos corpulentos *sikhs*, os

religiosos com seus turbantes vermelhos, das muçulmanas com suas bur-

cas, dos velhos casais parses sentados de braços dados nos bancos de pe-

dra, das prostitutas de salto alto esperando serem escolhidas pelos hóspe-

des dos hotéis próximos, dos grandes grupos de adolescentes barulhentos

dos colégios do bairro. Bhima gostava de deixar para trás o isolamento so-

turno de seu casebre na *basti* e se misturar com essa multidão amorfa e

fluida. Às vezes, parecia que não precisava mover um músculo sequer; era

como se não tivesse que pôr uma perna na frente da outra. Se ficasse para-

da, o movimento da multidão a empurraria para a frente, como o vento,

como as ondas. .

Percebe, com um sobressalto, que Viraf está dizendo o seu nome, e

sua testa começa a se franzir de raiva. É hora de ir para casa, e o estúpido

do rapaz talvez ainda queira alguma coisa. Fica imaginando o que ele pode-

ria querer dela, quando sua cabeça pára de seguir por esse caminho, detida

pelo tom de voz peculiar de Serabai.

— Impossível — está dizendo Sera. — Você deve estar enganado, *de-*

*ekra*. — A voz dela soa enfática, preocupada, magoada e defendida, tudo

ao mesmo tempo.

Há um silêncio, e depois ouve-se a voz grave e profunda de Viraf

preenchendo o silêncio como o som dos camundongos que passam apres-

sados pelo seu barraco à noite.

— Estou lhe dizendo, eu vi com os meus próprios olhos — exclama ele, com a voz ainda mais alta e mais forte que antes.

— Bhima!

A voz de Sera, ainda com aquela qualidade que lhe era peculiar, a chama e ela se levanta do chão com um grunhido, esperando um momento

para que seus ossos que estalam se acomodem em suas posições.

Viraf e Sera estão na sala de estar, sentados no sofá, próximos um do

outro. O rosto de Sera está corado, e seu olhar é de expectativa, contras-

tando nitidamente com a expressão pensativa e reflexiva de alguns minutos

atrás, O que quer que esse rapaz tenha dito ou feito a tinha aborrecido e-

normemente. Durante um rápido instante, Bhima se perguntou se Viraf

havia falado sobre Maya, mas rapidamente afasta esse pensamento da ca-

beça.

— Ah, Bhima, que bom que você está aqui! — gagueja Sera. — Pare-

ce que Viraf *baba* tem um problema. Aparentemente... tem.. um dinheiro

faltando no armário de Banubai. — Bhima olha para Serabai sem nenhuma

expressão no rosto, sem saber se aquilo tem a ver com ela.

— Foi muito dinheiro? — pergunta finalmente.

E depois quando ninguém responde prontamente:

— Já está faltando há muito tempo?

— Olhe só, aí é que está o problema. De acordo com o Viraf, isto é..

— O dinheiro estava lá anteontem — diz Viraf interrompendo Sera.

Seu rosto está molhado de suor, e um pequeno músculo se move em seu maxilar.

— Fui eu mesmo que pus o dinheiro lá. Ontem, pedi que você fosse pegar os talões de cheques para mim. Eu lhe disse para pegar um envelope

e deixar o outro, lembra?

— Ele estava lá naquela hora — diz Bhima com ar de triunfo, contente em poder ajudar. — Vi com os meus próprios olhos.

— Você o abriu?

— Não fiz isso, não, senhor! Não havia necessidade. Dava para saber qual deles continha os talões de cheques, só de apalpá-los.

Bhima se pergunta se teria feito algo de errado por não ter conferido cada envelope.

Instala-se um silêncio estranho no ar, e Sera, na expectativa, olha para

Viraf, sem saber o que fazer.

— Bom, então isso é um mistério — diz suavemente. — E, graças a Deus, não era uma *rakam* muito grande. Apenas umas setecentas rúpias.

— Mas a questão não é essa.

As palavras de Viraf são pontiagudas como dardos. Ele direciona seus

olhos escuros para Bhima.

— Você disse que trouxe as chaves do armário direto para mim, certo? Não as deu para Edna ou para outra pessoa?

“Será que esse rapaz acha que sou uma besta total?”, pensa Bhima.

Durante anos foi à casa de Banubai antes que esse tal de Viraf viesse tomar

conta do dinheiro dela com um talão de cheques aqui, um recibo de depó-



sito ali.. Transportou grandes quantias de dinheiro de uma casa para outra,

depositou cheques ao portador de Feroz na conta bancária dele, manipulou

os molhos de chaves de ambos os apartamentos.

— Ninguém tinha as chaves a não ser eu, *seth* — responde seriamente.

te.

— Bem, então, só há uma explicação lógica: entre a hora em que co-

loquei o dinheiro anteontem e quando fui lá hoje, você foi a única que me-

xeu no armário. Então, você pegou o dinheiro.

Sera deixa escapar um grito de... afronta? Raiva? Recusa? Ouvindo o grito, Bhima olha em silêncio para ela. Queria que Sera desse um tapa nele,

que pusesse a mão sobre a boca de Viraf e o forçasse a engolir aquelas pa-

lavras mentirosas. Sera percebe a expressão de Bhima, e isso parece tirá-la

do estupor.

— Viraf, isso é bobagem — diz debilmente.

— Bobagem? Por que bobagem? Com todo o respeito, *mamma* Sera, a

senhora vai deixar Bhima negar isso ou vai negar por ela? Veja bem, ela

está aqui com cara de culpada, parecendo uma ladra, enquanto que a se-

nhora corre em sua defesa.

O mundo fica todo escuro por um instante, e depois, surpreendentemente branco, de cegar. Bhima ri dentro desse vazio branco. No meio do

branco, que agora tem uma borda vermelha como sangue, vermelha como

a fúria, vê o rosto inquiridor de Sera voltado para cima e a expressão per-

vertida e maldosa de Viraf. O rapaz lhe preparou uma armadilha, agora

percebe. Deve ter planejado isso durante semanas. Estava preparando a

armadilha mesmo quando se recusava a olhá-la nos olhos a cada vez que

ela o encarava; mesmo quando agia com humildade a cada vez que ela lhe

fazia uma grosseria; mesmo quando comia os ovos fritos onde ela cuspiu

uma vez antes de lhe servir. Durante todo esse tempo, sua cabeça estava

trabalhando, planejando a vingança, arrumando as peças, assentando os

tijolos na parede que a iria encerrar.

Bhima riu novamente. Riu da sua inocência estúpida que acabou sen-

do tão perigosa quanto a de Maya. Riu da própria arrogância que a levou a

acreditar que poderia tratar mal um homem formado e poderoso como

Viraf sem ter que pagar um preço por isso. Acima de tudo, da idéia ridícula

de que Viraf tinha se arrependido do que havia feito a Maya e de que esta-

va verdadeiramente envergonhado de seu momento de fraqueza. Apesar

do fato de este rapaz ter agido como um animal selvagem, nunca o tinha

visto assim. Preferiu acreditar que ele não atingiria sua família novamente,

e que o conhecimento que tinha de sua culpa seria o suficiente para desar-

má-lo.

E agora ele a fez chegar a esse ponto. Mesmo Feroz *seth*, com seu

temperamento explosivo e seus modos arrogantes, nunca havia duvidado

de sua honestidade, nem da lealdade canina com que serviu àquela família.

Lembra-se das palavras amargas de Maya, dizendo que ela tratava melhor a

família Dubash que a sua própria. A moça estava certa. Trabalhou e se es-

falfou, protegeu e defendeu essa família como se fosse a sua. E agora a

serpente, esse demônio com rosto bonito, a está acusando de ter roubado

dinheiro de Serabai.

— Está vendo só que descarada ela é? Dá para imaginar isso, alguém

rindo quando é acusado de ter cometido um crime grave? Daqui a pouco,

juro que vou chamar a polícia.

A palavra “polícia” traz Bhima de volta aos seus sentidos. Sente o

sangue latejar em sua cabeça, e as palavras são despejadas de sua boca, tão

espessas e salgadas como sangue.

— Pode chamar a polícia — exclamou ela. — O senhor conta a sua

história e eu conto a história do mal que o senhor praticou, como arruinou

a reputação da minha família, como manchou a honra da minha família.

Abra a sua boca para a polícia que eu mostro do que o senhor é feito, seu

cachorro imundo. .

— Bhima — esbraveja Sera, com o rosto lívido de fúria. — Controle-se. Você ficou maluca para falar desse jeito? Não esqueça com quem está

falando.

Bhima se vira para Sera com o rosto deformado pela raiva. Sabe que tem que falar rápido agora, antes que as lágrimas comecem a cair e sufo-

quem suas palavras.

— Sei exatamente com quem estou falando, *bai*. A senhora é que não

sabe quem é esse homem. Durante meses, fiquei de bico calado por respei-

to à senhora. Mas agora tenho que mostrar como é negro o coração dele...

— A senhora está vendo o que criou, *mamma* Sera? — berra Viraf.  
—

Essa é a sua recompensa por tratar uma empregada como uma pessoa da

família. Essa mulher sem-vergonha é capaz de fazer qualquer coisa para

ocultar o fato de que é uma ladra. Só Deus sabe há quanto tempo vem

roubando, e a senhora nem..

— Que Deus me mate nesse exato instante se eu tiver roubado um

*paisa* desta família — diz Bhima, com a voz trêmula pelas lágrimas não der-

ramadas —, e que Deus acabe com o senhor se estiver acusando injusta-

mente uma pobre mulher como eu apenas para cobrir a sua sujeira com a

minha desonra.

— Sua ingrata! — diz Viraf. — Você comeu a comida dessa família

durante todos esses anos e agora vem nos xingar.

Ele se vira para Sera.

— *Mamma*, a senhora deveria ter escutado o que todo mundo sempre

disse. Acho até que foi culpa minha ter deixado essa mulher mandar em

ocê. Isso é o que acontece quando se tenta transformar um vira-lata num

animal de estimação. Mais cedo ou mais tarde, ele avança em você.

Sera está sentada no sofá, chocada. Bhima sente que Sera está se afas-

tando dela, assim como a lua que sobe cada vez mais alto no céu noturno.

— Sera, *maaf karo*, me desculpe. Desculpe as minhas palavras duras,

*bai*. Mas a senhora não sabe o que esse homem mau está escondendo. Ele é

que é o cachorro louco, *bai*, não eu. Imploro que a senhora. .

Viraf levanta a mão de uma maneira ameaçadora sobre a cabeça de Bhima.

— Escute aqui, sua filha-da-puta! Se disser mais uma coisa contra essa

família, vou arrastá-la nua até a delegacia, entendeu? Agora, pegue as suas

coisas e dê o fora daqui!

Quando Viraf corta o ar com a mão, Sera se encolhe.

— Temos que nos controlar diz ela em voz alta. — Está tudo saindo do controle rápido demais.

Ela olha para Bhima com lágrimas nos olhos.

— Bhima, diga a verdade. Se precisava do dinheiro, posso entender, mas diga a verdade!

O pedido de Sera flutua no ar por um instante, como uma gota d'água

num telhado com goteiras. E então Bhima, enlouquecida de fúria pela o-

fensa, decide fazer o teto vir abaixo de uma só vez.

— A verdade? Pergunte a ele o que fez com a minha Maya, se a senhora quiser saber a verdade — responde com amargura. — Pergunte a ele

que culpa está tentando esconder. Ele acha que pode comprar o meu silên-

cio com setecentas rúpias? Mesmo que me construísse uma casa de ouro,

nunca o perdoaria pelo que fez com a minha. .

Sera deixa escapar um grito estrangulado. Atordoada por um momen-

to, vira-se para Viraf, num gesto questionador, com os olhos arregalados e

apreensivos perscrutando seu rosto de pedra. Mas, no instante seguinte, a

negação cai sobre seu rosto como um véu.

— Chega — disse ela, tapando os ouvidos com as mãos, do jeito que Pooja fazia sempre que Bhima e Gopal discutiam. — Já ouvi demais essa



sua conversa, Bhima. Graças a Deus, a minha Dinu não está em casa para

ouvir toda essa sujeira que sai da sua boca. É melhor que vá embora antes

que eu diga alguma coisa da qual vou me arrepender depois. Posso descul-

pá-la por ter me roubado, mas questionar a honra do meu genro, isso não

vou perdoar nunca.

— Escute-me, Serabai — diz Bhima chorando. — Estou tentando lhe dizer que..

— O que a sua Maya fez é problema dela — grita Sera. — Ela pode ser uma puta e dar para cinqüenta homens, que não me importo. Apenas

não envolva minha família na sujeira dela. Fiz tudo o que pude por essa

moça. Agora lavo minhas mãos pela família toda. Saia! — diz ela novamen-

te, com os dentes mordendo nervosamente o lábio superior. — Suma da

minha frente!

Bhima sente o tijolo final se encaixar no lugar. Percebe a camada de suor no rosto de Viraf e seu leve e quase imperceptível olhar de satisfação.

Seus olhos estão brilhantes e penetrantes. “Está vendo?” Eles parecem

provocá-la. “Eu sabia que acabaria pegando você.”

Os soluços são como bolhas dentro da garganta de Bhima, fazendo seu corpo frágil balançar.

— Serabai, não me mande embora — implora ela. — Depois de todos esses anos, para onde vou agora?

Mas o rosto de Sera está duro como uma parede. Ela olha para Bhima

como se estivessem se conhecendo agora.

— Pegue as suas coisas e vá embora — diz suavemente. — Por favor,

não diga mais nada. Apenas vá embora. Se lhe devo algum dinheiro, man-

do levar na sua casa.

Bhima atravessa o longo corredor que vai para a cozinha. Suas pernas

pareciam incapazes de mantê-la de pé. Viraf e Sera a seguem. “Parecem

carcereiros conduzindo um condenado à cela”, pensa Bhima. Olha meio

desanimada para os poucos pertences guardados numa caixa de papelão no

canto da cozinha: uma saboneteira, o talco Pond,,s, um pente azul faltando

um dente, a sua caneca de metal e sua lata de tabaco. Ao pegar a caixa, as

lágrimas caem, quentes e velozes. Bhima dá uma olhada geral na cozinha,

cozinha que varreu e limpou muitas vezes. Quantas vezes entrou aqui à

noite sem precisar acender as luzes. Mesmo com as luzes apagadas, sabia

onde encontrar cada garfo, cada prato, cada panela. Bhima percebe a teia

de aranha que esta começando a se formar no canto perto da janela. On-

tem mesmo pensou em limpar aquela teia. Sente uma ponta de orgulho

quando vê a panela de pressão que lavou mais cedo brilhando. Suspira ao

olhar para o pé-direito alto, uma diferença tão agradável quando compara-

da com o peso opressivo do teto baixo de seu casebre, no qual tem que se

curvar para entrar.

Bhima está saindo da cozinha quando um pensamento lhe ocorre e

ela se vira para Sera, que está pálida e assustada como uma sonâmbula.

— A menina Dinaz — diz Bhima, com a voz falhando. — Não vou poder me despedir dela.

Os olhos de Sera brilham de ternura por um segundo, antes de se transformarem em pedras de gelo.

—Isso agora não tem importância— retruca, com a voz cada vez mais dura. — Depois das coisas feias que você disse, fico muito contente

que você nunca mais veja a minha filha.

O nó na garganta de Bhima tem um gosto de sangue.

— Serabai, nunca foi meu desejo magoar a senhora ou a sua filha — diz. — Essa menina é como minha própria. .

— *Achcha, bas*, já chega desse melodrama — retruca Viraf. — Ande, vá embora daqui.

Viraf abre a porta da frente e fica segurando-a para Bhima passar. “O

demônio nos portões do inferno”, pensou Bhima. Mas, depois, um outro

pensamento a assalta: “O inferno está do outro lado dessa porta. O inferno

vai ser tentar conseguir outro emprego na minha idade, aprender os hábi-

tos de outra família, varrer, limpar e cozinhar para gente estranha. O infer-

no vai ser trabalhar por menos dinheiro para outra família e ver Maya jogar

seu destino fora como uma fruta podre. O inferno vai ser saber que nunca

vou encontrar outra Serabai, que ninguém mais vai se interessar pela for-

mação universitária de Maya, e que ninguém mais vai se incomodar se es-

tou viva ou morta.”

A gratidão lhe corta a garganta e faz com que pegue a mão enrijecida

de Sera e a segure na altura de seus olhos.

— Serabai, se eu estiver condenada a passar por um milhão de reen-

carnações neste mundo, nunca vou conseguir retribuir o que a senhora. .

Mesmo na tênue luz da noite, Bhima nota a lágrima que brilha na pele

clara da mão de Sera.

Viraf bate a porta na cara dela antes que consiga terminar a frase.

Bhima se encosta na parede por um momento com os olhos fechados e

depois caminha lentamente até o elevador. Mas, com vergonha de que o

ascensorista a veja assim como uma exilada, decide ir pelas escadas. Bhima

inicia sua lenta e torturante descida em direção aos andares mais baixos.

25

O SOL JÁ ESTÁ SE PONDO quando Bhima sai do edifício. O céu está com um tom laranja-escuro, o tipo de céu que, refletindo no rosto das pes-

soas que andam debaixo dele, faz com que cada rosto, moreno ou pálido,

brilhe como se estivesse iluminado pela luz de um milhão de sóis. As pes-

soas na rua têm um ar dourado, como se tivessem sido beijadas por um

deus bondoso e benevolente, O vento da noite desmancha o cabelo de

Bhima, puxando os fios de seu coque. Segurando a caixa de papelão na

mão direita, tenta puxar o cabelo para trás com a esquerda, mas desiste de-

pois de algumas tentativas frustradas. Em vez disso, usa a mão livre para

abaixar o sári, que está levantando com o vento. Normalmente teria ficado

irritada com essa brisa incessante, mas hoje fica feliz com isso, O ar fresco

da noite dança em seu rosto, congelando as lágrimas nas trilhas que fize-

ram ali. De algum modo, o vento a faz se sentir livre e anônima, como se a

protegesse dos olhos inquisidores das centenas de outras pessoas que ca-

minham pela mesma rua.

Seus pés se arrastam sobre o calçamento de pedra e conhecem o ca-

minho tão bem quanto um cachorro cego. Não precisa prestar atenção pa-

ra onde está indo. Seus pés a conduzirão até sua casa. Portanto, pode usar

a cabeça para separar os corpos, identificar os restos mortais carbonizados

e juntar os membros faltantes depois que essa bomba explodiu na sua vida.

Isso afetou mais do que apenas a vida dela e a de Maya, tem certeza.

A expressão no rosto de Serabai quando disse a verdade.. Será que algum dia Serabai poderá não lembrar mais daquelas palavras, enterrando-

as debaixo das camadas protetoras de esquecimento e negação? Ou será

que aquelas palavras vão soar como corvos negros em seus ouvidos, vão

bicar a sua pele clara como abutres, vão atormentá-la no meio das noites

em claro, banhadas de suor? Será que ela vai conseguir olhar de novo o

rosto inocente e sorridente de Dinaz sem pensar na traição do genro? Será

que as palavras inoportunas de Bhima vão erguer uma parede de vidro en-

tre Serabai e Viraf, uma parede que ninguém, a não ser os dois, será capaz

de ver, uma parede que nenhum dos dois será capaz de ultrapassar e que os

manterá confinados em seus próprios mundos, congelados e defendidos?

E o neném que vai nascer e que ela, Bhima, nunca vai chegar a ver. O ne-

ném vai ser lindo, sabe disso, com os olhos intensos e escuros de Viraf e a



boca suave e gentil de Dinaz. Mas será que algum dia Serabai vai ser capaz

de olhar para o rosto claro e imaculado do neném sem se lembrar do meio-

irmão mais escuro, e de cuja morte foi testemunha?

“Será que os ricos pensam assim?”, fica imaginando Bhima. “Ou será

que, junto com o á-bê-cê e o 1, 2, 3, também aprendem a não ser persegui-

dos e atormentados pela verdade?” Não sabe. Em alguns aspectos, conhece-

ce Serabai melhor do que os parentes dela, mas, ainda assim, até que ponto

conhece essa mulher cheia de orgulho e dignidade e que foi uma presença

tão poderosa quanto Deus na sua vida durante todos esses anos? Passou a

conhecer Serabai principalmente por seus atos e seus hábitos, percebe algo-

ra Bhima. Sabe que ela gosta do chá fraco e com um pouco de leite, que

não gosta de goma nas roupas passadas, que é generosa e acredita no valor

do estudo. Também conhece Serabai por seus silêncios, o silêncio súbito e

fechado quando não está de acordo com alguma coisa, o silêncio de pedra

e cheio de dignidade quando não quer expor suas feridas para o mundo, o

silêncio tímido e sem jeito quando está num grupo de mulheres batendo

papo e não tem nada a dizer.

Mas, após todos esses anos de trabalho na casa de Serabai, Bhima

percebe que não tem idéia do que ela pensa. "E por que deveria?", pergun-

ta-se. "Você é uma mulher ignorante e desinformada, Serabai é uma mu-

lher instruída e viajada. Uma mulher que lê o jornal todos os dias, enquan-

to você fica catando os pedaços de informação que caem ao seu redor co-

mo migalhas de pão. Que assunto ela teria para conversar com você?"

Bhima fica ruborizada ao se lembrar das tantas vezes que Serabai teve que

abrir sua cabeça para explicar certas coisas. Como o medo que tinha dos

muçulmanos, por exemplo. Cresceu, como muitos outros, acreditando que

os muçulmanos estavam prestes a dominar a Índia, e que a intenção deles

era adquirir ouro e prata até que fossem os donos do país e mandassem

todos os hindus embora. Era por isso que tinham tantos filhos, e o gover-

no estava do lado muçulmano, pois só os hindus eram visados pelo seu

discurso de planejamento familiar. Serabai riu da primeira vez que Bhima

disse isso tudo. Depois, seu rosto se fechou e seus olhos ficaram apreensi-

vos. Ela foi ao outro quarto e voltou com um livro grosso. A princípio,

Bhima não pôde acreditar no que Serabai tinha acabado de ler, que a maio-

ria dos muçulmanos da Índia era miserável e que existiam em número infi-

nitamente menor do que os hindus.

— Bhima, mesmo que alguns deles tenham a intenção de. . como foi que você disse?. . dominar a Índia. . nesse ritmo levaria mais de cem anos

— disse Serabai.

Ainda assim, Bhima não se convenceu. Serabai, porém, fez questão de

traduzir trechos do jornal para ela, e Bhima ficou sabendo dos incêndios

das aldeias muçulmanas pelas multidões de hindus e de como os políticos

ficavam jogando um grupo contra o outro. Mais importante do que isso,

Serabai lhe contou como as duas comunidades tinham vivido lado a lado e

em paz durante centenas de anos até os *sahibs* brancos virem semear a *bad-*

*maashi*, fazendo com que um grupo temesse o outro. Depois disso, Bhima

parou de odiar os muçulmanos e começou a odiar os políticos.

Mas agora desejava que, em vez de compartilhar a história com ela,

Serabai tivesse compartilhado alguns de seus pensamentos, que manteve

trancados em sua cabeça como remédios numa gaveta, como dinheiro num

armário. Dinheiro no armário. Setecentas rupias. Bhima sabia que, quando

oferecia uma festa para os amigos, Viraf gastava aquilo só em cerveja e re-

frigerantes. Em outro momento, ele jamais teria se preocupado com uma

quantia tão pequena assim.

“Mas quem foi que disse que o dinheiro sumiu?”, pensa febrilmente.

“Decerto está no bolso da calça dele nesse momento. Veja bem, o envelope-

pe pardo foi o último tijolo que ele usou para encurralá-la. Você pensou

que aquele contador do trabalho de Gopal a tinha enganado. Mas ele ape-

nas a tratou como uma boba ignorante, o que não é mentira. Mas esse ra-

paz a chamou de ladra na sua cara e não havia nada que você pudesse fa-

zer. Como um caçador querendo apanhar um animal selvagem, ele prepara-

rou essa armadilha para você. Talvez tenha escolhido exatamente um dia

em que soubesse que a menina Dinaz não ia estar em casa. Deve ter plane-

jado isso durante dias, meses. Cada vez que você fechava a cara para ele,

cada vez que não aparecia assim que ele a chamava, cada vez que o humi-

lhava na frente de sua mulher, ele estava pensando, calculando, planejando.

Será que precisou planejar tanto assim? Quão amedrontado poderia ficar,

sabendo que uma velha sem instrução era o seu oponente?  
Provavelmente

não estava apenas deixando o tempo passar. Estava apenas  
brincando com

você, apenas jogando você para lá e para cá, deixando você achar  
que tinha

mais poder do que verdadeiramente tinha. E depois, com um  
peteleco, fez

com que caísse do seu pedestal. Foi por esta quantia que ele a  
comprou e a

vendeu: setecentas rupias. É o que você vale, menos do que a  
quantidade

de cerveja de uma festa.”

A garganta de Bhima queima com o sal da injustiça. Ela engole o nó  
na garganta, mas ele queima, descendo em seu peito até finalmente  
pousar

como fogo, derretendo o seu estômago. “Será que eu deveria entrar  
em

contato com Serabai enquanto Viraf estiver no trabalho?”, pensa. E  
excla-

ma em voz alta, quando a resposta se forma em sua cabeça: Não  
posso! Se

fosse apenas a questão do dinheiro roubado, poderia ter se  
aproximado de

Serabai, poderia tê-la convencido do equívoco daquela acusação. Na ver-

dade, não precisaria dizer uma palavra. . A própria Serabai a tinha defendi-

do, não foi? Viraf tinha calculado mal o senso de justiça de sua sogra. Se

aquele rapaz pensou que Serabai a despediria só por causa do seu dedo a-

pontado e da sua vil acusação, estava enganado. Mas se Viraf tinha sido

incapaz de acender a sua pira funerária, ela mesma o tinha feito. Tinha su-

bido ao topo da pilha de madeira, deitado sobre ela e acendido o fósforo

que fez nascer as chamas que a devoraram. Com suas palavras, fez nascer

um fogo que queimou todos eles. O fogo a tinha consumido, transforman-

do seu futuro e seus sonhos em cinzas. Nunca saberia como aquilo tudo

afetou os outros dois, se as chamas tinham apenas lambido seus corpos e

depois se apagado pelas rajadas de suas negações, ou se tinham causado

cicatrizes permanentes.

E, apesar de seu sofrimento, de sentir-se ofendida, Bhima reza para que Serabai negue tudo. Não quer magoar essa mulher que já passou por muitos sofrimentos.

— *Ae, Bhagwan*, me perdoe. O senhor deveria ter cortado fora a minha língua antes que eu pudesse dizer aquelas palavras horríveis.

Fecha os olhos por um segundo para bloquear a visão do rosto chocado e surpreendido de Sera e esbarra num rapaz de bicicleta, na contra-mão.

— *Ae, mausi*, olhe por onde anda! — grita ele, ziguezagueando por entre a multidão. — Quase me derrubou da bicicleta, *yaar!*

Envergonhada, Bhima resmunga uma desculpa e apressa o passo. Su-

bitamente, lembra-se da noite em que Feroz *seth* morreu. Algo no céu de

hoje, inflamado de laranja e roxo, a fez lembrar aquela noite. Lembra-se de

ter ficado parada na porta, olhando para o corpo rígido e imóvel de Feroz

*seth*. Como era estranho, pensou, depois que o pessoal da ambulância vies-



se para levá-lo, nunca mais voltaria a vê-lo. Só os parses podiam entrar na

Torre do Silêncio, sabia disso. Parada na porta, tentou estudar os traços do

rosto de Feroz, tentou recordar o som da sua voz, o seu riso curto e abrupto.

E descobriu que não podia. Ele estava morto há apenas alguns minutos

e já tinha ido embora.

“Era assim que parecia a ruptura com Serabai”, pensava ela. Uma ruptura tão repentina quanto a morte. Mas era pior, porque ia ter que con-

viver com a consciência de que Serabai está viva na cidade, como ela, e que

dentro de algumas semanas estará se inclinando no berço do neném e can-

tando para ele, enquanto outra mulher estará lavando suas roupas, suas

panelas e seus pratos.

A idéia de outra mulher trabalhando na casa de Sera provoca uma

descarga de raiva que percorre todo seu corpo e, como a eletricidade, a rai-

va muda de trajeto e se volta para dentro dela. “Ah, que mulher burra!”

recrimina-se Bhima. "E o que importa quem vai trabalhar na casa deles?

Mesmo quando o seu marido a deixou, você não sofreu tanto quanto está

sofrendo agora. O que essas pessoas significam para você, afinal? Na hora

H, eles a jogaram fora como um pedaço de pão velho e mofado, não foi?

Serabai não preferiu a óbvia mentira de seu genro à sua óbvia verdade?

Não se escondeu no seio da família quando teve que escolher? E bateu na

cara dele quando ele a chamou de ladra? Botou o genro para fora de casa

quando você contou o que ele tinha feito? Não, em vez disso, mandou vo-

cê embora, O que a minha mãe sempre dizia é verdade: o sangue é mais

espesso que a água. E daí que Serabai não tenha realmente parido Viraf? É

a mesma coisa, ele é filho dela. A mesma pele clara, a mesma confiança

quando fala com estranhos, o mesmo jeito educado de falar."

Bhima não se surpreende ao descobrir que, nesse dia de enganos e

trapaças, até seus pés a enganaram. Em vez de levarem-na para casa, como

pensou que fossem fazer, viraram a esquina e agora ela está na avenida em

frente à praia. O céu acima da água estava ainda mais violento e machuca-

do, cortado de vermelho e roxo pela navalha de um louco. Subitamente,

sente vontade de ir para perto da água, de ouvir em suas batidas selvagens,

mas controladas, o violento turbilhão de sua alma, O vento a impulsiona

para a frente, pelas seis pistas de trânsito que tem de atravessar para chegar

ao outro lado. Sente, por um momento, um aperto no coração ao pensar

em Maya, que deve estar preocupada esperando por ela em casa, mas o

vento colhe aquele sentimento de culpa e o leva embora.

Bhima põe a caixa de papelão na mureta de cimento construída ao

longo da praia e se senta ao lado dela. Decide que não vai levar aquilo para

casa quando sair dali. A caixa é apenas um lembrete falso dos dias que não

vão mais voltar. Outra pessoa pode ficar com seu conteúdo. Imagina  
o

prazer de um menino ao encontrar o seu pente azul, de uma pobre  
mendi-

ga ao ficar com a sua saboneteira, de uma adolescente usando o  
seu talco

Pond"s depois do banho, no dia seguinte. Senta-se com várias  
outras pes-

soas que vieram ver o mar e olha para a água cinzenta que bate  
contra as

grandes pedras que o separam da mureta. Deseja que o mar mande  
uma

onda enorme em sua direção, uma onda que se eleve  
majestosamente por

cima da mureta protetora varrendo tudo, as senhoras ricas que  
passeiam

com seus cães, os estrangeiros louros com seus passos largos e suas  
mochi-

las, os casais que se sentam olhando o mar com as mãos no colo  
um do

outro, o vendedor com seu lamento anasalado tentando vender o  
seu a-

mendoim. Acima de tudo, quer que a onda se eleve e carregue seu  
corpo

magro e cansado, que o leve de volta para o mar, como se ele fosse  
um

graveto. Quer boiar na água como um coco seco jogado ao mar para apla-

car os deuses. Reza para que a água lave os seus pecados, limpe os pensa-

mentos que queimam em sua cabeça e apague o fogo em sua garganta.

— *Bai, bai* — chama o vendedor ao seu lado, importunando-a para que comprasse a mercadoria dele.

Bhima faz que não com a cabeça, mas esse sinal de reconhecimento só o deixa mais animado.

— Por favor, *bai* — pede ele com um sorriso sedutor. — Os negócios estão indo muito mal hoje. Tenho mulher e cinco crianças em casa.

Ela o olha com desprezo, lembrando-se do velho *pathan* vendedor de

balões e de sua calma dignidade. Bhima acha que ele nunca imploraria para

que um cliente comprasse a sua mercadoria. Teria ficado com fome, teria

voltado de mãos vazias ao fim do dia para o seu canto solitário do mundo,

mas não teria se rebaixado a mendigar. O vendedor observa o desprezo se

formar no rosto dela, como espuma do mar, e desiste. Vai embora apres-

sadamente, resmungando alguma coisa para si mesmo sobre a falta de co-

ração da gente da cidade.

Lembrar-se do rosto bonito e calmamente pensativo do vendedor de

balões afegão é algo que acalma Bhima tanto que, por um momento, acha

que o mar na verdade ouviu o seu pedido. "É estranho", pensa ela, "como

mal consegue se lembrar do rosto de Feroz *seth*. E que Deus a perdoe, mas

também está começando a esquecer o rosto de Amit. Isto é, consegue se

lembrar de partes dele, os pontos brancos nas unhas das mãos, o catarro

verde que às vezes escorria do nariz, a textura do cabelo escuro e grosso, a

covinha no queixo. Mas, atualmente, tem dificuldade de ver o rosto como

um todo. A recordação mais clara que tem é de mais ou menos dois anos

antes de ele a deixar. E isso só por causa de uma fotografia daquela época,

uma fotografia que amarelou com o tempo e ficou gasta de tanto que ela a

pegou, beijou e acariciou.”

E, no entanto, consegue se lembrar muito bem do rosto do *pathan*, como se tivesse esbarrado com ele ontem. Consegue ver o cinza-leitoso de

seus olhos tristes, que ela sempre imaginava que refletiam os céus de sua

terra natal. Consegue se lembrar da pele morena encarquilhada naquele

rosto tão rústico quanto o país de onde ele veio. Consegue ver o nariz

comprido e reto como uma cadeia de montanhas e os lábios finos que fazi-

am meandros como as curvas de um rio, quando ele estava se concentran-

do no seu trabalho. Mais do que tudo, lembra-se das belas mãos morenas

que criavam poesia a partir do nada, que transformavam pedaços de borra-

cha sem vida em objetos mágicos que traziam alegria aos olhos das crian-

ças.

Bhima sente alguma coisa se aliviar em seu coração. O céu está fican-

do mais escuro agora, com o fim daquele espetáculo estonteante de luz,

mas o vento e o barulho do mar batendo continuam a confortá-la.

Em

meio aos gritos, berros e conversas intermináveis das pessoas à sua volta,

imagina que está ouvindo a voz grave e baixa do *pathan* confortando-a, en-

corajando-a, dando força para que vá em frente. A voz dele veio até ela

através das montanhas e, ao longo dos anos, usou o vento como seu men-

sageiro. O arrependimento que sempre sentiu por nunca ter falado com

ele, por nunca ter perguntado sobre sua vida, agora a abandonou. Talvez

porque, de algum modo, mesmo sem que tenha perguntado, o *pathan* falou

com ela. Lembra-se de como suas bochechas encovadas ficavam inchadas

com o ar que ele soprava dentro do tubo de borracha dos balões vazios, de

como seus dedos longos e morenos deslizavam suavemente pelos tubos

delgados dos balões inflados, como os dedos fluidos de Krishna tocando



sua flauta. Bhima fica admirada com o paradoxo: um homem solitário, um

exilado, um homem sem país e sem família e que ainda assim conseguiu

criar mundos de sonho para centenas de crianças, entrando nas casas de

estranhos com suas criações cheias de cores, mágica e fantasia. Um homem

que nunca mais iria tocar ou beijar os rostos amados de seus filhos e que

fazia sorrir os filhos de outras pessoas. Como um músico, o *pathan* tinha

aprendido a compor uma canção a partir de sua solidão. Como um mágico,

tinha aprendido a usar apenas o ar para contorcer e transformar pedaços

inexpressivos de borracha em objetos de felicidade. De mãos vazias, tinha

construído um mundo.

Tudo em torno de Bhima ficou silencioso. Os *poodles* brancos pararam

de latir, as buzinas dos carros pararam de tocar, os vendedores pararam de

apregoar a superioridade de suas mercadorias. Tudo o que Bhima consegue

ouvir é o barulho das ondas que batem e as palavras suaves do *pathan*

murmurando para ela, tecendo uma melodia que é, ao mesmo tempo, a

solidão e a receita para superá-la, uma melodia que fala tanto da amargura

do exílio quanto do encanto da solidão, do medo de estar sozinho no mundo e da liberdade que bate suas asas por baixo daquele medo. Bhima

está sentada, imóvel, ouvindo a música. E logo o *shenai*, uma espécie de

flauta, interrompe o seu lamento trágico e estridente e, após alguns minu-

tos, a cítara pára de emitir o seu som que entorpece o coração, e então tu-

do o que resta é a batida da tabla — incessante, crescente e poderosa. Lo-

go, a solidão interrompe o seu lamento, o medo faz cessar o seu ruído en-

torpecente e tudo o que resta é a liberdade — incessante, crescente e pode-

rosa.

Bhima ri bem alto. O casal a seu lado se espanta ao ver uma velha

sentada com as pernas cruzadas na mureta de cimento e rindo sozinha.

— Ela deve achar que é o Buda sorridente — sussurra o homem para

a namorada.

— Ela é magra demais para isso — responde a moça, também sussur-

rando.

Bhima não os ouve. Está recebendo ordens de uma autoridade diferente agora, seguindo o som que se alvoroça em seus ouvidos, o som de

asas batendo, o som de aprender a voar: liberdade.

Agora chega quase a sentir gratidão por Viraf *baba*, pois sua traição foi

a faca que cortou o cordão que a tinha mantido presa por tanto tempo.

Desce da mureta, sabendo o que tem de fazer. Na pressa, não espera

que a junta oscilante do quadril encontre o seu lugar antes de começar a

andar, e o castigo é uma dor que corre, descendo pelo galho escuro de sua

perna esquerda. Mas hoje não está se importando e antes mesmo que o

fogo da dor desapareça, já está mexendo no sári, procurando pelas vinte

rúpias que sabe ter guardado ali. Por um momento pensa em Maya  
diante

do fogão, esperando que a avó chegue em casa, e sente um aperto  
de culpa

por privar a moça da comida que as vinte rúpias poderiam comprar.  
Mas

depois pensa:

“O que essa pequena quantia vale na Bombaim de hoje? O que isso  
compraria? Alguns torrões de açúcar? Posso muito bem tomar meu  
chá

sem açúcar durante as próximas semanas.” Mas, antes de seguir em  
frente,

antes que consiga decidir que desculpa vai dar a Maya quando  
chegar em

casa, e também de que família iria se aproximar para procurar um  
novo

serviço, antes que tenha que enfrentar a terrível realidade do  
desemprego e

de ter que procurar trabalho, e todas as humilhações que isso  
acarreta, an-

tes que se decida se vai acreditar ou se vai ignorar o som do bater  
das asas

da liberdade, tem que fazer uma determinada coisa: tem que honrar  
a me-

mória do *pathan babu*.

Em sua ânsia, quase passa por cima do rapaz que está acocorado na calçada com o rosto sombreado pelos balões que está segurando. Dá al-

guns passos para trás e pára diante dele, examinando os balões amarrados

em gravetos finos que faziam com que parecessem grandes pirulitos.

— Esses são todos os balões que você tem? — pergunta ela.

O homem fica de pé num pulo, com um sorriso solícito no rosto.

— *Arre, mausi*, tenho muitos balões. Todos de cores diferentes: ama-

relho, vermelho, laranja. O que mais a senhora quer?

Ela balança a cabeça, impaciente.

— Queria de um outro tipo. Tem outros vendedores de balão por aqui?

Ele olha para ela ressentido, dividido entre querer faturar uma venda e um leve sentido de lealdade com relação aos seus colegas vendedores de

balões.

— Bom — diz ele finalmente. — Mais para baixo, se a senhora continuar andando, tem um outro cara vendendo balões de gás. Mas ele está

bem lá embaixo — acrescenta, como um aviso.

— Obrigada — diz Bhima.

Ela anda agora a passos rápidos, evitando as pessoas que vinham no

sentido contrário. Houve um momento em que se admirou de ver como

conseguia andar mais rápido sozinha do que quando estava com Maya. E,

de novo, ouve o som das asas batendo. Liberdade. Faz muitos anos que

não se sente sozinha desse jeito.

Bhima está quase sem fôlego quando finalmente chega ao segundo vendedor de balões. Tem menos gente ali, e ela se pergunta por que esse

homem trabalha naquele local. E então lembra-se de que Serabai lhe dizia

sempre que a polícia e os chefes das quadrilhas trabalham lado a lado a fim

de tirar dinheiro dos vendedores para lhes ceder um ponto. Provavelmente

ele paga menos para trabalhar ali, conclui.

Seu coração pula de alegria quando ela vê o cilindro de gás. Esse ven-

dedor tem exatamente o que ela quer. Bhima aguarda com impaciência ele

encher um balão para uma menina que está segurando a mão do pai, o-

lhando maravilhada para o balão que se enche.

— E se ele estourar? — pergunta ela, chorosa.

O vendedor sorri.

— Não vai estourar, não! Isso aqui é um trabalho bem-feito, menina

— garante ele.

Quando chega a vez de Bhima, o homem olha a sua volta, procurando uma criança, e depois olha para ela, com uma expressão intrigada.

— Quanto custa o balão? — pergunta Bhima, mas antes que ele pos-

sa responder, ela lhe mostra a nota de vinte rúpias. — Quero quantos ba-

lões eu puder comprar com esse dinheiro — acrescenta.

O homem olha para ela como se estivesse com receio de acreditar na

sua boa sorte.

— É para uma festa na casa da sua patroa? — pergunta ele, puxando

conversa, ao começar a encher os balões.

— Não tenho patroa — responde Bhima secamente.

E em vez de serem amargas como aspirina, em vez de lhe rasgarem a

boca como cacos de vidro afiados, as palavras são doces como uma bomba

de chocolate Cadbury derretendo em sua boca.

— Não tenho patroa — repetiu ela.

Quando o vendedor terminou de encher os balões, Bhima os pega

todos juntos como um buquê de flores, segurando-os pelos compridos

cordões. Eles voam e ondulam por cima de sua cabeça. O céu agora está

negro, sem nenhum vestígio do fogo de mais cedo, e os balões dançam ao

vento como cabeças roxas, vermelhas e azuis contra a escuridão do céu.

Debaixo da luminosidade dos postes de luz, vê os olhares curiosos das

peessoas que passam por ela. Ocasionalmente, uma criança, arrebatada pela

inveja, solta-se do braço da mãe e corre em direção a um dos balões. Bhi-

ma finge não perceber. Por sobre a água escura, vê o brilhante Colar da

Rainha, nome carinhoso dado a reluzente fileira de postes de luz que faz



uma curva ao longo do litoral, desde Malabar Hill até Nariman Point.

O vento tenta arrancar os cordões de sua mão, mas ela aperta os de-

dos, lutando contra o seu poder. Olha ao seu redor, sem saber o que fazer

em seguida, quando avista um ponto onde a mureta de cimento tinha des-

moronado, criando uma abertura por onde se podia descer até as pedras

banhadas pelo mar. Bhima se põe de cócoras perto da mureta desabada e

tira os chinelos. Vai descendo sentada até ficar na beira do precipício, em

seguida deixa pender um pé desajeitadamente até sentir que tocou as pe-

dras. Equilibrando-se nesse pé, e ainda segurando os cordões dos balões

que dançam como fantasmas alegres sobre sua cabeça, põe o outro pé nas

pedras, escorando-se rapidamente com uma das mãos na mureta, antes de

se soltar completamente. Fica parada por um segundo, vasculhando a água

ao seu redor, confiando mais na audição do que na visão.

Bhima sente necessidade de chegar mais perto da água, de sentir a

umidade fresca nos pés. Meio agachada, usando as pontas dos dedos para

se apoiar, vai se aproximando da água, pisando de pedra em pedra. À me-

dida que se adianta, as rochas vão se tornando úmidas e escorregadias. O

vento a está fustigando como um patrão cruel, tentando arrancar os balões

de suas mãos. Apesar do solo escorregadio, ela se movimenta agora com

mais segurança, com seus pés se adaptando aos contornos das pedras. Sen-

te a água borbulhando em volta dos seus pés, e os sons da água e do vento

encobrem os sussurros das palavras do *pathan* e os ruídos da cidade. Bom-

baim agora parece distante, e ela acha que não se surpreenderia se olhasse

para trás e descobrisse que a cidade tinha sido arrasada. Os táxis tinham

desaparecido, os enormes edifícios tinham desmoronado, as pessoas ti-

nham sumido. Na presença da imortalidade — o mar eternamente revolto,

os campos arados do céu, o vento livre e cigano —, o que restava de sua

vida lhe parecia absurda e ridiculamente mortal, transitório como o  
dinhei-

ro, frágil como o amor, tão etéreo e pronto a estourar como os  
balões que

estão dançando ao vento.

Agora, Bhima finalmente entende uma coisa que sempre observou  
no

rosto das pessoas quando estão á beira-mar. Anos atrás, quando ela  
e Go-

pal vinham aqui, observou como o rosto das pessoas se voltava  
ligeiramen-

te para o alto quando elas estavam olhando para o mar, como se  
estives-

sem tentando ver um sinal divino, ou ouvindo o som silencioso do  
univer-

so. Notou como, na praia, o rosto das pessoas se tornava suave e  
melancó-

lico, lembrando-lhe das expressões daqueles cães velhos e afetuosos  
que

perambulavam pelas ruas de Bombaim. Como se estivessem todos  
farejan-

do o ar salgado para poderem transcender, buscando algo que lhes  
permi-

tisse escapar das prisões familiares de seu próprio corpo. Nos  
templos e

altares, as cabeças se curvavam e os rostos se tornavam pequenos, temero-

sos e respeitosos, reduzidos à insignificância pelo canto ritualizado dos sa-

cerdotes. Mas quando as pessoas olhavam para o mar, levantavam a cabeça

e seus rostos se tornavam curiosos e abertos, como se estivessem procu-

rando por alguma coisa que os ligasse ao Sol e às estrelas, alguma coisa que

sabiam que iria permanecer muito tempo depois que o vento tivesse apa-

gado as suas pegadas na areia. A terra pode ser comprada, vendida, possuí-

da, dividida, reivindicada, maltratada e transformada em campo de batalha.

A terra sempre esteve manchada por poças de sangue. A terra inchou e

cresceu sobre os incontáveis milhões de corpos nela enterrados. Mas o mar

era intocado e eterno, e estava aparentemente além das pretensões huma-

nas. Suas águas subiam e engoliam a rubra vergonha do sangue derramado.

Os balões ainda estão nas mãos de Bhima e, subitamente, ela imagina

que os cordões são a única coisa que a mantém atada a esta terra triste e

arruinada, e se soltasse os cordões subiria e flutuaria para além dessas pe-

dras, até a estreita faixa onde o mar se encontra com o céu. E, no exato

momento em que essa idéia lhe veio à cabeça, ela afrouxou a mão que se-

gurava os balões, e o vento dançarino embalou-os e os levou embora. Por

um rápido segundo, diante dos olhos de Bhima, flutua uma imagem do

rosto do velho *pathan* — triste e pensativo, mas também cheio de coragem

e dignidade —, e depois a imagem se vai, carregada pelo vento. E tudo o

que Bhima consegue ver são os balões, subindo e flutuando por cima da

água escura, parecendo cabeças cortadas, subindo cada vez mais alto, as-

cendendo aos céus como o carro de Arjuna, rumando para as estrelas.

Bhima aperta os olhos e observa seu vôo durante muito tempo, até que o

último balão desaparecesse de vista. Ela fica de pé nas pedras. Escorrega

de vez em quando, mas consegue se aprumar e olha para o mar como se

estivesse esperando por uma resposta. Um siri sai correndo de uma pedra

próxima aos pés dela, mas Bhima não percebe. Está muito empenhada em

falar com o mar, em entregar-lhe sua carga, como uma menina voltando

para casa da escola entrega seus livros pesados ao irmão mais velho.

“Poderia ficar aqui para sempre”, pensa ela. “Poderia ocupar este lo-

cal que não é nem terra, nem água, esperar aqui até que o céu e o mar de-

sengatem seus membros escuros e interligados e os separem novamente,

na luz de um novo dia.”

Um novo dia. Vai encará-lo amanhã, pelo bem de Maya. Junto com o

mar que desperta, junto com o restante de Bombaim — os pivetes de rua,

os cachorros sem dono, os pobres vendedores de nozes e a mulher que só

consegue vender seis couves-flores por dia, os habitantes da favela de o-

lhos encovados, os rechonchudos moradores dos edifícios próximos, os

trabalhadores que transbordam dos trens na estação de Churchgate,  
as cri-

anças que embarcam nos ônibus escolares cheios de rangidos, os  
velhos

que gemem em seus leitos de morte e as crianças que saem dos  
ventres

escuros de suas mães junto com toda a metrópole gigantesca e  
todos os

seus habitantes se arrastando em seus destinos individuais, como  
um exér-

cito de formigas fingindo ser um exército de gigantes, junto com  
Banubai

em sua cama úmida, com Serabai em seu mundo despedaçado, com  
Viraf

*baba* e sua culpa sufocante, com Maya e seus sonhos incertos e  
hesitantes, e

também junto com Gopal e Amit acordando numa aldeia distante  
para

sentir o cheiro de terra. Como todos eles, como os milhões de  
pessoas que

não conhece e as poucas pessoas que conheceu, também vai  
enfrentar um

novo dia amanhã.

Amanhã. A palavra flutua no ar por um momento, ao mesmo tempo

promessa e ameaça. Depois vai embora como um barquinho de papel le-

vado pela água que lambe seus tornozelos.

Está escuro, mas dentro do coração de Bhima, o dia nasce.